UM DOS MELHORES *THRILLERS* DE SEMPRE

O FENÓMENO INTERNACIONAL



DA MESMA AUTORA DO *BESTSELLER* A CRIADA

A PORTA TRANCADA



Há sempre uma razão para uma porta estar fechada...

FREIDA McFADDEN

alma dos livros

FREIDA McFADDEN

A PORTA TRANCADA

Tradução de
Carla Ribeiro

alma livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2023 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
Copyright © Freida McFadden, 2021
Primeiramente publicado na Grã-Bretanha em 2021 por Storyfire Ltd,
comercializado como Bookouture
Título: *A Porta Trancada*
Título original: *The Locked Door*
Autora: Freida McFadden
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: André Carvalho
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas
Depósito legal: 520431/23
1.ª edição: Outubro de 2023
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.
Este livro é uma obra de ficção.
Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Para Libby e Melanie (como sempre)

Prólogo

Faz hoje vinte e seis anos que um homem chamado Aaron Nierling foi preso em sua casa no Oregon.

A maioria das pessoas conhecia Nierling como um cidadão íntegro. Tinha um emprego estável e era um marido e pai dedicado – um homem de família. Nunca tinha sequer recebido uma multa de estacionamento na vida. Nunca estivera certamente em apuros com a lei.

No entanto, após uma denúncia anónima, a polícia descobriu os restos mortais de Mandy Johansson, de vinte e cinco anos, atrás da porta trancada da oficina na cave de Aaron Nierling.

Ossos preservados de dezassete outras vítimas que tinham sido dadas como desaparecidas ao longo da última década foram também encontrados numa arca na cave. Durante a investigação policial, Nierling foi associado a pelo menos dez outros homicídios, ocorridos num período de mais de vinte anos, mas não foram encontradas quaisquer provas forenses que o confirmassem.

Nierling aceitou declarar-se culpado para escapar à pena de morte e encontra-se, atualmente, a cumprir dezoito penas perpétuas consecutivas num estabelecimento prisional de segurança máxima. A sua esposa foi também acusada de cumplicidade nos homicídios, mas suicidou-se na prisão antes de ir a julgamento.

A imprensa proclamou Aaron Nierling como um génio, que conseguiu esquivar-se eficazmente à polícia e ao FBI durante duas décadas até ser finalmente capturado. É excecionalmente carismático e encantador – quando o quer ser. É um narcisista e um psicopata, que provavelmente matou pelo menos trinta mulheres sem qualquer sinal de remorsos. É um louco. É um monstro.

É também o meu pai.

1

Está alguém a observar-me.

Consigo senti-lo. Logicamente, não faz sentido alguém ser capaz de sentir o olhar de outra pessoa na nuca, mas, de alguma forma, consigo fazê-lo neste momento. É uma sensação de formigueiro que começa no meu couro cabeludo e se arrasta até à base do meu pescoço, descendo depois pela minha coluna.

Vim para este bar sozinha. Gosto de estar sozinha – sempre gostei. Sempre que tive opção, escolhi a minha própria companhia. Mesmo quando vou a um restaurante, mesmo quando estou rodeada pelo zumbido grave de outras pessoas a conversar entre si, prefiro sentar-me sozinha.

Diante de mim está a minha bebida preferida – um *Old Fashioned*. Nas noites em que não me apetece ir diretamente para casa, venho sempre ao Christopher's. É escuro e anónimo, com fumo de cigarro entranhado nos balcões do bar. Está também geralmente bastante vazio e os empregados não são propriamente desagradáveis à vista. Às vezes, ocupo uma cabine, mas esta noite estou sentada ao balcão, de olhos fixos na minha bebida, a ver o único cubo de gelo desintegrar-se lentamente enquanto o formigueiro na minha nuca se intensifica.

Oiço vagamente a gritaria vinda da televisão em pano de fundo. Na maior parte das vezes, está a ser transmitido um jogo. Mas esta noite está a dar um concurso. O rosto do apresentador enche o ecrã enquanto lê uma pergunta do cartão à sua frente.

Que amigo de Charles de Gaulle foi primeiro-ministro de França durante grande parte dos anos 1960?

Viro-me, tentando apanhar em flagrante seja quem for que tem estado a observar-me. Não tenho sorte. Há pessoas nas minhas costas, mas ninguém a olhar para mim. Ou, pelo menos, ninguém a olhar para mim *neste momento*.

Provavelmente é algo inocente. Talvez um homem a pensar em oferecer-me uma bebida. Ou alguém que me reconhece do trabalho.

Não quer dizer que seja alguém que sabe quem eu realmente sou. Nunca é. Devo apenas estar paranoica esta noite por ser o vigésimo sexto aniversário do dia em que toda a minha vida mudou.

O dia em que descobriram o que havia na nossa cave.

– Tudo bem, doutora?

O *barman* está inclinado para mim, os antebraços musculados apoiados no balcão ligeiramente pegajoso. É um empregado novo – só o vi um par de vezes. É ligeiramente mais velho do que o último, talvez trinta e muitos anos, como eu.

Puxo a gola do meu pijama cirúrgico verde. Foi por causa dele que me começou a tratar por «doutora». Na verdade, foi um palpite certeiro – sou cirurgiã geral. Por ser mulher, a maioria das pessoas vê o pijama cirúrgico e pensa que sou enfermeira, mas ele apostou em médica.

O meu pai deve estar orgulhoso, se souber. Sejam quais forem os sentimentos ou emoções que é capaz de sentir, o orgulho é certamente um deles – isso ficou claro no seu julgamento. Sempre quis ser cirurgião, mas não teve notas para isso. Talvez se o tivesse conseguido, isso o tivesse impedido de fazer as coisas que acabou por fazer.

– Estou ótima – passo o dedo pela orla do meu copo. – Simplesmente ótima.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Como está a bebida? Como me saí?

– Bem.

É um eufemismo. Preparou-a na perfeição. Vi-o colocar o cubo de açúcar no fundo do copo – não se limitou a verter uma saqueta na bebida, como vi outros empregados de bar fazer. Pôs exatamente a quantidade certa de licor amargo. E não tive de lhe dizer para não usar água com gás.

– Tenho de lhe admitir – começou ele –, não esperava que pedisse um *Old Fashioned*. Não parece o seu género.

– Hum – tento manter qualquer interesse longe da minha voz, para que se afaste e me deixe em paz. Nunca me devia ter sentado ao balcão. Mas, para ser justa, os empregados aqui raramente são assim tão conversadores.

Ele abre um sorriso desarmante.

– Pensei que ia pedir um *Cosmopolitan* ou um vinho com limonada ou algo assim.

Mordo a bochecha para me impedir de responder. Adoro um bom *Old Fashioned*. É a minha bebida desde que tinha vinte e um anos, talvez até um pouco antes, para ser sincera. São escuros e inebriantes, um pouco doces e um pouco amargos. Enquanto bebo um trago da minha bebida, a minha irritação com o *barman* conversador evapora-se.

– Enfim – lança-me um último longo olhar. – Grite se precisar de mais alguma coisa.

Vejo-o afastar-se. Por uma fração de segundo, permito-me apreciar os músculos enxutos que sobressaem sob a sua *T-shirt*. É atraente de uma forma não ameaçadora, com o cabelo castanho-claro e uns suaves olhos castanhos. A penugem no seu rosto não é suficiente para ser considerada uma barba. É muito genérico – o tipo de sujeito que não se escolheria numa fila de suspeitos. Um pouco como o meu pai era.

Começo a contar pelos dedos o número de meses desde que tive um homem em minha casa. Depois, começo a contar os anos. Na verdade, podemos estar a entrar no território das décadas. Perdi a conta, o que é, por si só, perturbador.

Mas não estou interessada num encontro, nem com o *barman* atraente nem com ninguém. Há muito que decidi que os relacionamentos deixariam de fazer parte da minha vida. Houve um tempo em que isso me deixava triste, mas agora aceitei que é melhor assim.

Ergo novamente a minha bebida e faço rodopiar o líquido. Ainda tenho aquela sensação arrepiante na nuca, como se alguém me estivesse a observar. Mas talvez não seja real. Talvez esteja tudo na minha cabeça.

Vinte e seis anos. Mal consigo acreditar que foi há tanto tempo.

O apresentador do concurso no ecrã interrompe os meus pensamentos, arrancando-me o olhar da bebida.

Que assassino em série era geralmente conhecido como o Mãozinhas?

O *barman* olha para o ecrã e responde espontaneamente:

– Aaron Nierling.

O meu pai é uma resposta de concurso esta noite. Pode ser devido ao aniversário do seu encarceramento, mas é mais provável que seja uma coincidência. Por mais anos que passem, o que ele fez nunca será esquecido. Pergunto-me se estará a ver. Costumava gostar de concursos. Ser-lhe-á permitido ver televisão lá dentro? Não sei bem o que o deixam fazer na prisão. Não falo com ele desde que a polícia o levou.

Apesar de me escrever uma carta todas as semanas.

Afasto da cabeça quaisquer pensamentos sobre o meu pai enquanto bebo um trago da minha bebida, deixando que a agradável sensação de calor me invada. O *barman* está a limpar o balcão do outro lado do bar, os músculos fletidos debaixo da sua *T-shirt.* Olha fugazmente para mim – e pisca-me o olho.

Hum. Talvez a minha autoimposta abstinência não seja assim tão boa ideia. Matar-me-ia divertir-me por uma noite? Vestir outra coisa além de pijamas cirúrgicos? Ou deixar o meu cabelo preto solto, em vez de o prender num puxo apertado que faz os meus folículos pilosos gritar de agonia?

– Doutora Davis? É a senhora?

Ao ouvir a voz nas minhas costas, a agradável sensação de calor do uísque desaparece instantaneamente. Tinha razão. Estava *mesmo* alguém a observar-me. Quem me dera ter estado enganada só desta vez. Tudo o que queria era um pouco de sossego esta noite.

Durante dois segundos, pondero não me virar. Fingir que não sou realmente a Dra. Nora Davis. Que sou *outra* senhora de pijama cirúrgico verde que, por casualidade, é parecida com a Dra. Nora Davis.

Mas ao menos não me chamou Nora Nierling. Ninguém me chama isso há muito, muito tempo. E pretendo manter as coisas dessa forma.

O homem atrás de mim ronda os cinquenta anos e é baixo e corpulento. É quase de certeza um paciente. Não me lembro do nome, mas lembro-me de tudo o resto a seu respeito. Deu entrada no hospital com febre e dores abdominais. Foi diagnosticado com uma colecistite – uma infeção na vesícula. Tentámos removê-la laparoscopicamente com câmaras, mas, a meio do processo, tive de passar para uma cirurgia aberta. É assim que sei que, se erguesse a camisa sobre a barriga saliente, haveria uma cicatriz diagonal a atravessar-lhe a parte superior do abdómen do lado direito. Bem sarada, por esta altura, estou certa.

– Doutora Davis! – o homem sorri, exibindo uma fila de dentes amarelos e ligeiramente apodrecidos. – Estava a olhar para aqui e não tinha a certeza, mas… É *mesmo* a doutora. Oh, céus, não esperaria encontrá-la num sítio destes.

O que faz uma rapariga simpática como a senhora num sítio destes? Ao menos, não comentou o meu *Old Fashioned*.

– Sim, bem – murmuro.

Quem me dera que me dissesse como se chama. Sinto-me em clara desvantagem. Tenho uma excelente memória para muitas coisas – podia desenhar todos os vasos sanguíneos que abastecem o intestino de olhos fechados –, mas não é o caso com o nome das pessoas. Vasculho as profundezas do meu cérebro, mas não encontro nada.

– Ei, companheiro! – grita o homem ao *barman*. – A bebida da doutora Davis é por minha conta! Esta senhora aqui salvou-me a vida!

– Deixe estar – murmuro. No entanto, é demasiado tarde. Este paciente anónimo está já a pôr-se à vontade no banco ao lado do meu, apesar de eu sentir que a falta de maquilhagem e o pijama cirúrgico a apenas um tamanho de distância de parecer um saco de batatas não convidam à companhia.

– Foi ela que me fez isto! – anuncia, erguendo a orla da camisa. Tem a barriga coberta por um emaranhado de pelo escuro, mas ainda é possível ver a ténue cicatriz no sítio onde o cortei. Tal como me recordo. – Um bom trabalho, certo?

Esboço um sorriso.

– É uma verdadeira heroína, doutora Davis – diz. – Quer dizer, estava tão doente…

E começa então a contar orgulhosamente a história a todos os que conseguem ouvir. De como eu lhe salvei a vida. Eu diria que é discutível. Sim, fui eu quem lhe removeu a vesícula infetada. Mas poder-se-ia argumentar que ele podia ter-se saído igualmente bem com antibióticos intravenosos e um dreno colocado por radiologia interventiva. Não lhe salvei necessariamente a vida.

Ainda assim, este homem não está disposto a deixar-se dissuadir. E é certo que realizei a cirurgia com sucesso, e que recuperou por completo e parece bastante

saudável, exceto na dentição.

– Muito impressionante – observa o *barman*, enquanto o paciente mistério termina o relato alargado dos meus feitos. Um sorriso divertido brinca-lhe nos lábios. – É uma verdadeira heroína, doutora.

– Sim, bem – acabo o resto do meu *Old Fashioned*. – É o meu trabalho.

Levanto-me tropegamente do meu banco. Se alguém me estivesse a observar, poderia interrogar-se sobre se eu não estaria demasiado bêbeda para conduzir. Mas a razão por que estou trémula não tem nada a ver com o álcool.

Faz hoje vinte e seis anos. Às vezes, parece que foi ontem.

– Vou andando – sorrio educadamente ao meu antigo paciente. – Obrigada pela bebida.

– Oh – o rosto do homem esmorece, como se esperasse que eu ficasse ali mais uma hora a falar sobre a sua vesícula infetada. – Vai mesmo embora?

– Temo que sim.

– Mas… – olha para o meu copo vazio e bate com os dedos atarracados no balcão. – Pensei que podia pagar-lhe outra bebida. Talvez um jantar. Como agradecimento, sabe?

E, então, lembro-me de outro pormenor sobre este homem. Ao agradecer-me, na sua consulta de seguimento, pôs a mão no meu joelho. Deu-lhe um apertão antes de se afastar. *Fez um excelente trabalho, doutora Davis.* Claro que continuo a não me conseguir lembrar do seu maldito nome.

– Não é necessário – respondo. – A sua companhia de seguros já me pagou.

Ele coça o pescoço, uma pequena mancha vermelha inflamada devido ao barbear. Tenta ressuscitar o seu sorriso.

– Vá lá, doutora Davis… *Nora*. Uma mulher bonita como a senhora não devia estar sozinha num bar.

O sorriso educado desaparece dos meus lábios.

– Estou bem, muito obrigada.

– Vá lá – pisca-me o olho. Vejo agora que um dos seus incisivos podres está castanho-escuro, quase preto. – Vai ser divertido. Merece uma noite agradável.

– Mereço, sim – ponho a bolsa ao ombro. – E é por isso que vou para casa.

– Acho que devia reconsiderar – tenta agarrar o meu braço, mas eu sacudo-o. – Podíamos passar um bom bocado, Nora.

– Tenho sérias dúvidas disso.

Toda a simpatia desaparece do seu rosto. Semicerra os olhos ao olhar para mim.

– Oh, estou a ver. É demasiado boa para passar cinco minutos num bar a ter uma conversa com um dos seus pacientes.

Os meus dedos apertam-se sobre a alça da minha bolsa. Bem, isto agravou-se

depressa. Terei de dizer à Harper para se certificar de que este homem é banido do consultório. Oh, esperem, não posso. Continuo a não saber como se chama.

– Com licença – a voz severa do *barman* interrompe a nossa conversa. – Doutora, este homem está a incomodá-la?

Henry Callahan. É esse o seu nome – surge como um pontapé nos dentes. Solto um suspiro de alívio.

Callahan olha para o *barman*, vendo a sua altura, bem como os músculos dos seus antebraços e os bíceps. Franze o sobrolho.

– Não, estou mesmo de saída.

– Ótimo.

Consegue acertar-me no ombro ao cambalear porta fora. Pergunto-me quantas bebidas terá tomado antes de me abordar. Provavelmente demasiadas – sabe-se lá se se lembrará sequer disto na manhã seguinte.

Henry Callahan. Amanhã bem cedo, tenho de dizer à Harper. Não é mais bem-vindo no meu consultório.

Olho para o meu copo vazio. Parece que o velho Henry nunca me chegou a pagar a tal bebida, afinal. Levo a mão à bolsa para a pagar eu mesma, mas o *barman* abana a cabeça.

– É por conta da casa – diz.

– Gostaria de pagar – protesto, espetando o queixo.

– Bem, eu gostaria de pagar uma bebida a uma mulher que salvou a vida a um homem.

Os suaves olhos castanhos do *barman* mantêm-se fixos nos meus. A expressão no seu rosto é estranhamente familiar. Já terei visto este homem antes?

Olho-o fixamente, perscrutando as suas feições genericamente atraentes, tentando situá-lo. Não pode ter sido um paciente. É muito mais novo do que a maioria das pessoas que vejo e eu lembro-me de todos aqueles que levo à faca – como Henry Callahan – ainda que não consiga recordar os seus nomes de imediato.

Conhecemo-nos? Tenho a pergunta na ponta da língua, mas não a faço. Provavelmente estou enganada. Foi uma noite estranha, no mínimo. E não há nada que eu deseje mais do que ir para casa.

– Está bem – acabo por concordar. – Obrigada pela bebida.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Vai ficar bem? Quer que a acompanhe ao carro?

– Vou ficar ótima – respondo.

Olho para o parque de estacionamento do bar. O meu carro está estacionado mesmo por baixo de um candeeiro de rua, a poucos passos de distância. Vejo Henry Callahan entrar no seu próprio carro – um pequeno *Dodge* azul com uma grande amolgadela

no para-choques traseiro. Os meus ombros relaxam ao vê-lo arrancar.

A insidiosa sensação na minha nuca desapareceu, mas foi substituída por uma ligeira sensação de náusea. Faço os possíveis para a afastar. Não estou preocupada com Henry Callahan. Depois das coisas que vi na vida, não há muito que me possa abalar.

Mas, mesmo assim, deixo-me ficar no bar por mais alguns minutos, para ter a certeza de que partiu.

2

Conduzo um *Toyota Camry* verde-escuro. É um carro bom e sensato, numa cor prática, sem qualquer risco ou amolgadela. O meu colega de trabalho, o Dr. Philip Corey, comprou um *Tesla* vermelho no ano passado. Quando me referi a ele como o seu «carro da crise de meia-idade», o Philip limitou-se a piscar-me o olho. Adora sair com aquele *Tesla* para a autoestrada e carregar no acelerador. Entrar num carro com o Philip é tomar a vida nas próprias mãos.

Eu não estou a ter uma crise de meia-idade. Precisava apenas de um veículo seguro para me levar do ponto A ao ponto B com o mínimo alarido possível.

O parque de estacionamento do Christopher's está quase em silêncio quando entro para o lugar do condutor do meu *Camry*. Ligo o motor e música clássica enche o carro. O *Noturno em Dó,* de Chopin. Costumava tocar piano, e aprendi esta peça para um concerto no secundário. Parece que foi há uma eternidade. Há pelo menos uma década que não toco num piano.

Regresso à estrada. Está tranquila, como sempre nas noites de semana. Ponho o pé no acelerador, seguindo pelas ruas secundárias como geralmente faço para chegar a casa.

Ao fim de cerca de dois minutos a conduzir, vejo o par de faróis atrás de mim.

Não quer necessariamente dizer nada. Há um carro a conduzir atrás de mim. E então? Mas, por outro lado, geralmente sou a única a conduzir por estas estradas secundárias a esta hora. Só eu e as estrelas. E talvez a Lua, dependendo da altura do mês.

Além disso, o carro está a seguir-me muito de perto. Vou pelo menos quinze quilómetros acima do limite de velocidade nesta pequena estrada, e os faróis estão provavelmente a menos de dois carros de distância de mim. Se eu travasse bruscamente, é quase certo que colidiriam com a traseira do meu carro.

Suspeito que pode estar a seguir-me intencionalmente. Mas só há uma forma de saber ao certo.

Aproximo-me de uma bifurcação na estrada. Sinalizo que vou virar à esquerda. Ao chegar à encruzilhada, é o que faço. Mas, no último segundo, guino o volante para a direita.

Mantenho o olhar fixo no retrovisor durante o tempo todo. Vejo que os faróis atrás de mim começam a deslocar-se para a esquerda, guinando depois para o lado esquerdo da bifurcação no momento em que eu viro para o direito. E então o carro trava bruscamente. Recua e depois vira à direita na encruzilhada.

Inspiro bruscamente, cerrando as mãos no volante. O outro carro está definitivamente a seguir-me. Aquele sacana está a seguir-me.

Enquanto contemplo o meu próximo passo, passa-me um pensamento pela cabeça. Um que tenho muitas vezes quando estou em situações difíceis:

O que faria o meu pai?

Tenho sempre este pensamento, por mais que o tente evitar. Não quero saber o que o meu pai faria. E não quero certamente fazer o mesmo que ele. Afinal, está neste momento a cumprir dezoito penas perpétuas na prisão. O que não é propriamente algo a que eu queira aspirar.

Tenho o meu telemóvel no bolso, ligado ao meu sistema *Bluetooth*. Podia ligar para a polícia. Podia dizer-lhes a minha localização e que tenho um carro a seguir-me. Mas também não faço isso.

A próxima esquina é onde geralmente viro à direita em direção a casa. Mas, em vez disso, viro à esquerda. O carro atrás de mim faz o mesmo. A luz dos faróis inunda o interior do meu carro à medida que o outro veículo se aproxima cada vez mais. Nem sequer tenta disfarçar que me está a seguir. A distância de dois carros tornou-se agora a de apenas um. Está colado ao meu para-choques traseiro.

Vejo o meu destino mais à frente. A esquadra de polícia local.

Entro no parque de estacionamento da esquadra. Mantenho o olhar fixo no espelho, para ver se o condutor terá o descaramento de me seguir até ao parque de estacionamento da polícia. Mas, em vez disso, os faróis desaparecem do meu retrovisor, tal como eu suspeitava que aconteceria. Ao ocupar um lugar de estacionamento, vejo passar o carro que me tinha vindo a seguir.

É um *Dodge* azul com uma amolgadela no para-choques traseiro.

Passo os dez minutos seguintes no parque de estacionamento da esquadra, a olhar para a estrada, para me certificar de que o carro que me seguia partiu há muito. Não é o meu local preferido para estar. Lembro-me da primeira vez que visitei a esquadra. Tinha dez anos. O meu pai acabara de ser detido. A polícia tinha tantas perguntas para mim.

Nora, há quanto tempo mantinha o teu pai uma oficina na cave?

Nora, a tua mãe alguma vez lá ia?

Nora, há mais algum esconderijo secreto em tua casa?

Outra mulher poderia ter marchado para a esquadra. Pedido uma escolta para casa. Feito queixa de Henry Callahan. Mas não me serviria de nada. E a ideia de entrar

numa esquadra de polícia deixa-me fisicamente doente. Depois do que passei há todos aqueles anos, nunca mais quero voltar a entrar numa.

Afinal, uma simples verificação de antecedentes revelaria exatamente quem eu sou. Não preciso disso.

Ao fim de dez minutos, sinto-me convencida de que Callahan partiu por fim. E é certo que, quando regresso à estrada, está tão tranquila e vazia como habitualmente. Demoro outros quinze minutos a chegar à minha acolhedora casa de dois andares em Mountain View. O agente imobiliário disse que a casa era perfeita para uma pequena família, mas sou só eu. Tempos houve em que pensei que poderia nem sempre ser assim, mas, em retrospetiva, isso foi um erro.

Há dois quartos no andar de cima, e uso o segundo como escritório e quarto de hóspedes. As máquinas de lavar e secar estão na cave. Quando me veio visitar, pouco depois de eu ter comprado a casa, o Philip franziu o nariz e observou que eu conseguiria arranjar melhor. Podia, sim, mas sou feliz aqui. O que raio faria eu a vaguear sozinha por uma casa de cinco quartos? Não é como se alguma vez fosse ter filhos para os ocupar.

Entro pela garagem. A porta ecoa ao fechar e, depois de o som esmorecer, a casa mergulha num silêncio mortal. Fico ali por um momento, as chaves apertadas na minha mão direita.

– Querido, cheguei! – grito então.

É engraçado porque, claro, vivo sozinha.

Por um momento fico parada, a ouvir o eco das minhas palavras. Às vezes, preocupa-me viver sozinha. Se alguém entrasse em minha casa e estivesse ali à minha espera, quem saberia?

Mas é um bairro seguro. Geralmente, não me preocupo com esse tipo de coisas.

Estou esfomeada. Se não tivera de lidar com Henry Callahan a tentar assustar-me, teria passado pelo *In-N-Out Burger* a caminho de casa – parte da minha campanha para cair morta de um ataque cardíaco antes de chegar aos cinquenta. Mas perdi a oportunidade, por isso vou à cozinha ver o que há no congelador. Preciso de comida para absorver o uísque. E depois, talvez, de outro uísque para absorver a comida.

Não, na verdade, não devia. Está a fazer-se tarde e tenho de me levantar ao romper da aurora para uma operação durante a manhã. Regra geral, não preciso de dormir muito, mas começo a sentir as pálpebras pesadas.

Quando abro o armário da cozinha, oiço um baque. Seguido de um segundo baque.

Está alguém a tentar entrar pela porta das traseiras.

Truz.

Estive pelo menos dez minutos à espera na esquadra. Henry Callahan tinha partido. Não me seguiu até casa – tenho a certeza. Fiz toda a viagem a olhar pelo espelho retrovisor e não vi nenhum carro atrás de mim. Teria reparado, mesmo que tivesse os

faróis desligados. Sou muito observadora.

Olho pela janela, mas vejo apenas escuridão. Não está ali ninguém.

Como disse, vivo num bairro muito seguro. Todos os meus vizinhos são profissionais talentosos, a maioria com jovens famílias. Ainda que não saiba ao certo, pois nunca arranjei oportunidade para conhecer nenhum deles. Não poderia identificar uma só pessoa a viver num raio de quilómetro e meio de mim, embora imagine que reconheceria algumas se as visse.

Imagino o que diriam se alguma vez me acontecesse algo. *Parecia simpática. Discreta. Mantinha-se sempre reservada.* É o que dizem sempre.

Truz.

Regresso ao armário por cima do lava-loiça. Abro-o e retiro o objeto que procuro antes de voltar à porta das traseiras. Lanço um último olhar pela janela para confirmar que não está lá ninguém. Em seguida, rodo a fechadura da porta das traseiras e abro-a.

Os miados começam imediatamente. Está uma gata preta aos meus pés, a encostar a cabecinha peluda à perna das minhas calças. Em seguida, ergue o olhar para mim, esperançosa.

– Sim, sim, sim – digo.

Abro a lata de comida para gato que tirei do armário e despejo-a na pequena tigela que pus junto à minha porta das traseiras. Esta gata *não* é minha. É uma gata vadia. Provavelmente, devia ligar para um abrigo para animais ou assim, mas, em vez disso, comprei uma caixa de comida para gato. E agora, aparentemente, estou a dar de comer à gata.

Vejo-a despachar sessenta cêntimos de puré de frango. Fica tão ridiculamente agradecida de cada vez que a alimento. Talvez ainda mais do que Callahan por lhe ter salvado a vida.

O meu pai não teria feito isto. Não teria alimentado um gato vadio. Nunca salvou a vida a ninguém.

Fico mais alguns segundos a vê-la comer; depois, fecho a porta das traseiras. E tranco-a.

Dez minutos depois, sento-me à mesa da cozinha com uma refeição pré-preparada e o meu portátil. Entro no sistema eletrónico de registos médicos da nossa clínica. Vejo algumas análises laboratoriais, mas depois dou por mim a perscrutar o historial médico de Henry Callahan.

É tal como me recordava. Colecistite. Necessária remoção da vesícula biliar. Cirurgia laparoscópica convertida em colecistectomia aberta. Sem complicações no pós-operatório, recuperação de rotina.

Depois abro o separador dos dados demográficos. Indica o seguro de saúde de

Callahan. O seu principal contacto é o irmão, o que significa que não é casado. Provavelmente vive sozinho. E, por baixo de todos os números de telefone, está o seu endereço.

Vive em San José, num bairro duvidoso. Parece ser uma casa. Não muito longe daqui.

Poderia lá estar em vinte minutos.

Hum.

Abano a cabeça e fecho o portátil com força. Agarro a minha água e bebo um longo trago. Quem me dera poder beber outro *Old Fashioned*, mas a água terá de servir.

A pilha de correio que recolhi junto à porta da frente está agora cuidadosamente depositada no meio da mesa. Empurro o portátil para o lado e começo a analisar as cartas. As primeiras duas são contas – acho desconcertante que as continue a receber, pois pago-as todas *online*. A seguinte pede um donativo político. Sim, certo. Segue-se um catálogo de uma pastelaria, a oferecer uma panóplia de bolos.

E a última carta é do meu pai.

Sustenho a respiração enquanto olho fixamente para as fluidas letras negras na parte de trás do envelope. Sempre teve uma caligrafia muito bonita. Estreita e compacta, todas as letras da mesma exata altura, como se as tivesse medido com uma régua, as marcas da caneta cravadas no papel ao ponto de ficar sempre um sulco na folha de baixo. Pergunto-me se o carteiro reparou no nome incluído no endereço de retorno. Se sim, provavelmente achou que era uma piada. Ao menos a carta vem dirigida a Nora Davis. Há quase vinte e seis anos que não sou Nora Nierling.

Todas as semanas me escreve estas cartas, desde o dia em que foi preso. Durante muito tempo, não soube da sua existência.

A minha avó costumava deitá-las fora. Mas, quando parti para a universidade, comecei a recebê-las diretamente.

O que tem ele para me dizer? O que poderia possivelmente ter para me dizer?

Pergunto-me se pensa em mim. Se se preocupa comigo. Quando eu era pequena, a minha mãe costumava preocupar-se comigo, mas há muito que partiu. Já ninguém pensa em mim ou se preocupa. Não de verdade. Talvez o Philip se preocupe um pouco, porque, se algo me acontecesse, quem cuidaria dos seus pacientes quando fosse de férias? Mas não se preocupa de uma forma real.

Fico a olhar fixamente para a carta durante muito tempo. Como todas as semanas.

E, como todas as semanas, rasgo-a ao meio, e novamente ao meio, e deito os pedaços no caixote do lixo.

Feliz aniversário, pai.

3

26 ANOS ANTES

O bolo cheira mesmo bem ao sair do forno. É de baunilha – o meu preferido. E a minha mãe fê-lo de raiz, usando farinha, açúcar, fermento em pó, baunilha e ovos. Ensinou-me a misturar separadamente os ingredientes húmidos e os secos, e só depois a combiná-los. Ajudei-a porque me pediu para o fazer, mas não gosto de cozinhar com a minha mãe. Não me importaria nada de usar o bolo de baunilha de pacote. Ou simplesmente algo comprado na secção de pastelaria do supermercado.

A minha mãe baixa a forma do bolo para a bancada da cozinha e tira as suas luvas de forno cor-de-rosa. Há duas formas, pois vai fazer um bolo em camadas. Foi o que eu pedi. Um bolo de baunilha em camadas com cobertura de queijo creme.

– Podemos pôr a cobertura agora? – pergunto.

A minha mãe apoia uma mão em cada anca. É tão *mãe*. Se estivessem a ler um livro sobre uma mãe, seria provavelmente como a minha. Todas as noites, prepara-nos o jantar, certifica-se de que eu faço todos os meus trabalhos de casa e limpa a casa sozinha, de cima a baixo. (*Tecnicamente*, sou responsável pelo meu quarto, mas, se me der a preguiça e não o fizer, ela acaba geralmente por o fazer por mim.) Quando os nossos vizinhos estão doentes, vai ver como estão e leva-lhes uma canja de galinha ou talvez um guisado.

– Nora – diz. – Sabes que temos de deixar o bolo arrefecer antes de pormos a cobertura. Caso contrário, irá simplesmente derreter.

– Bem – respondo pensativamente. – Então podemos pôr uma *segunda* camada.

A minha mãe sorri ao ouvir isso. Sorri muito. Quando sorri, forma covinhas, o que faz com que o seu duplo queixo pareça maior. Quando casou com o meu pai, era magra – quase esquelética – mas agora já não é. Gosto mais dela assim. Quem quer abraçar um saco de ossos? Mas o meu pai está sempre a dizer-lhe que devia tentar perder algum peso. Di-lo muitas vezes.

– Tens de ser paciente – diz.

Geralmente, sou bastante paciente. Mesmo quando os outros miúdos estão a fazer parvoíces nas aulas, fico sempre quieta e faço o que a professora pede. Mas hoje é o meu aniversário, e o bolo cheira realmente bem. Por isso, tiro a tampa do recipiente

de plástico com a cobertura de queijo creme e passo um dedo pela deliciosa cremosidade branca. A minha mãe lança-me um olhar, mas não me impede. Afinal, seremos só nós a comer a cobertura.

Hum. Cobertura de queijo creme.

– Tens a certeza de que não queres convidar alguns dos teus amigos esta noite? – pergunta-me. – Ainda vais a tempo.

– Não, deixa estar.

– Mas é o teu *aniversário*, querida.

Não tem de me lembrar que é o meu aniversário. Eu *sei* que é o meu aniversário. Faço hoje onze anos. No próximo ano, irei para o terceiro ciclo. Mal posso esperar.

A minha mãe franze as sobrancelhas.

– Tens amigos, não tens, Nora?

– Sim.

Não é mentira. Tenho amigos. Há as raparigas com quem brinco no recreio todos os dias. Mas nunca tive uma amiga chegada. Algumas das raparigas ligam umas às outras todas as noites e ficam a conversar até à meia-noite. Eu não tenho amigas assim. Nem tenho amigos que queira convidar para a minha festa de décimo primeiro aniversário.

Qual é o problema disso?

Recolho mais um pouco de cobertura com o dedo e a minha mãe lança-me outro olhar. Sabia que era apenas uma questão de tempo até me mandar parar.

– Vai lá acima mudar de roupa – diz. – Quando voltares a descer, os bolos já estarão frios.

Solto um gemido.

– Por que tenho de mudar de roupa? Somos só nós.

– É o teu aniversário. Uma ocasião especial. Não queres estar bonita?

Encolho um ombro.

– Quando vem o pai para casa?

– Daqui a uma hora. Vai comprar-te um presente no caminho.

Cruzo os dedos das mãos e dos pés, na esperança de que seja outro *hamster*, mas provavelmente não será, porque a mãe diz que temos azar com os *hamsters*. Ainda assim, sei que vai ser algo bom. O meu pai oferece os melhores presentes.

A minha mãe cruza os braços sobre o peito.

– *Vai*, Nora. Não vamos tratar da cobertura do bolo enquanto não estiveres pronta.

Está bem. Largo o frasco de cobertura na bancada da cozinha para poder subir e mudar de roupa. A caminho das escadas, passo pela porta da cave. Alguns dos meus amigos da escola têm caves acabadas, onde jogam videojogos ou dão festas, mas a nossa cave é a oficina do meu pai.

Há alguns anos, desenvolveu um grande interesse por marcenaria e decidiu transformar a cave na sua oficina. Por isso, agora passa horas lá em baixo, a fazer cadeiras e mesas e coisas do género. Mas não tem lá muito jeito. No mês passado, saiu da cave com uma cadeira que tinha feito, e era bastante má. Tipo, as pernas eram todas de tamanhos diferentes. Não era o tipo de cadeira em que alguém se quisesse sentar – parecia que ia simplesmente colapsar. Mas a minha mãe disse que devíamos apoiá-lo, por isso eu disse que gostava.

Pensei que seria divertido ajudar o meu pai na oficina. Não que goste assim tanto de marcenaria, mas gosto de estar com o meu pai. Mas ele disse que a marcenaria era o seu tempo a sós e que o ajudava a relaxar. Não sei por que não pode relaxar comigo por perto, mas pronto.

Há um cheiro junto à porta da cave. Inicialmente, não sabia o que era, mas então o meu pai ofereceu-me um frasco de névoa corporal de lavanda no Natal, e eu percebi que era esse o aroma. Lavanda. Sinto a sua fragrância intensa de cada vez que passo pela porta da cave, como se todo o fundo da nossa casa estivesse embebido nela.

Levo a mão ao puxador da cave. Nunca vi a oficina do meu pai. Mantém sempre a porta trancada porque diz que é perigoso lá em baixo. Que há muitas brocas e serras e eu poderia magoar-me. Disse-lhe que teria cuidado, mas ele insistiu.

Tento rodar o puxador. Não vira. *Trancado*. Como sempre.

– Aaron! – a voz da minha mãe surge da cozinha. Fala muito alto. – Chegaste cedo!

O meu coração salta-me do peito e esqueço-me completamente de ir mudar de roupa – *que está ótima, de qualquer modo*. Corro de regresso à cozinha. O meu pai está no meio da divisão, com o seu grande casaco acolchoado, o cabelo todo desgrenhado devido ao chapéu. É mais bonito do que os pais de todos os meus amigos. É alto, com um denso cabelo castanho-escuro quase preto e uns belos dentes brancos, e todas as professoras desatam aos risinhos quando está por perto.

Trabalha como flebotomista. Sei tudo sobre isso porque uma vez tivemos de fazer um trabalho sobre a profissão dos nossos pais. A minha mãe é doméstica, por isso escrevi sobre o meu pai. Basicamente, tem de extrair sangue às pessoas para poderem fazer análises. É um trabalho muito importante. E também muito difícil de soletrar. FLEBOTOMISTA. Parece que tem menos sílabas do que as que tem.

Seja como for, é muito bom naquilo que faz. Diz que, às vezes, tem de bajular as pessoas para que o deixem tirar sangue, mas consegue sempre convencê-las a fazê-lo. Mas, entre o trabalho e todo o tempo que passa na estúpida cave, quase nunca o vejo.

– Feliz aniversário! – diz o meu pai.

Sorri, mas não estende os braços para me abraçar. O meu pai não é muito dado a abraços. O que é bom, porque eu também não gosto de os receber. A minha mãe quer sempre abraçar-me, e eu a modos que odeio isso.

– O que me trouxeste? – pergunto avidamente.

– Nora! – repreende-me a minha mãe.

Mas o meu pai limita-se a rir.

– São os anos dela. Tem todo o direito – e estende a mão para trás para puxar uma gaiola. Há um ratinho branco no seu interior. – Tcharan!

Dou um gritinho.

– Um rato!

O rosto da minha mãe fica muito branco.

– Aaron, pensava que tínhamos decidido…

– Está tudo bem – põe a gaiola em cima da mesa da cozinha. – Ela vai ter mais cuidado desta vez. Não vais, Nora?

Baixo-me, sorrindo para o rato que corre de um lado para o outro na pequena gaiola. Choca contra as grades, mas não tem mais nenhum sítio para onde ir.

Parabéns a mim.

4

PRESENTE

O meu primeiro paciente da tarde está marcado para a uma e meia. É um pouco à justa para regressar à nossa clínica desde o hospital, onde passei a manhã inteira a operar. O meu almoço é um *burrito* da rulote que está sempre estacionada junto à entrada das Urgências. Tenho de o comer enquanto conduzo.

Mas não há nada de invulgar nisso. Faço a maior parte das minhas refeições a conduzir. Não creio que pudesse percorrer a estrada entre o hospital e o meu consultório sem um *burrito* numa mão e o volante na outra. Bebo da minha garrafa de água nos sinais vermelhos.

Estaciono o carro no parque à entrada do nosso prédio de escritórios à uma e trinta e cinco. Passo o elevador e subo a correr os dois lanços de escadas até ao consultório que partilho com o Philip. A placa dourada na porta diz «Corey e Davis Cirurgiões Associados». Ele aparece em primeiro. Os seus principais argumentos foram por exercer a profissão há mais tempo e por ser também o primeiro pela ordem alfabética. Deixei-o vencer essa batalha.

Quando chego ao terceiro andar, estou ofegante. Ao longo da última década, descurei perigosamente a minha forma física. Tenho de me lembrar de que já não tenho vinte anos. Se comer muitos mais *burritos* enquanto conduzo, posso acabar com uma doença coronária precoce.

Por outro lado, as doenças cardíacas não são comuns na minha família.

Quase consegui recuperar o fôlego quando entro de rompante no consultório. A sala de espera está vazia e a Harper está à sua secretária, a martelar nas teclas do seu computador. Ergue o olhar ao ouvir-me entrar e esboça-me um sorriso amigável.

– Boa tarde, doutora Davis! – chilreia. Já lhe disse pelo menos mil vezes para me tratar por Nora, mas continua a chamar-me Dra. Davis. Suponho que seja um sinal de respeito. – O seu primeiro paciente já está à espera na sala de exame.

– Oh – sorvo algum ar. Tenho de recuperar a forma. – Quem é?

– Arnold Kellogg.

Retraio-me. É a primeira consulta de pós-operatório do Sr. Kellogg após a reparação da sua hérnia, e sei que vai estar rabugento por ter sido deixado à espera.

Olho para o meu relógio. Sete minutos de atraso. Oh, bem.

– Disse-lhe que teve uma urgência no hospital – diz a Harper. – Por isso, ele vai entender.

Solto um suspiro.

– Obrigada, Harper. É a melhor.

As suas maçãs do rosto coram ligeiramente, como sempre acontece quando a elogio. Tem vinte e poucos anos, e fiquei tão zangada quando o Philip a contratou. Tínhamos uma lista de quase cinquenta candidatos ao emprego, e é claro que foi escolher a mais nova e mais bonita. A culpa foi minha por o deixar tratar do assunto – não sei em que estava a pensar. Quando vi a Harper entrar, com as suas longas pernas, reluzentes cabelos negros e grandes olhos azuis, tive vontade de lhe bater.

Mas, na generalidade, o Philip tem-se portado bem. Pode ter algo a ver com o sermão de vinte minutos que lhe dei sobre assédio sexual, apesar de o ter feito em intervalos de dois minutos entre pacientes.

E, afinal, veio a revelar-se que a Harper é fabulosa. Gostava da nossa antiga secretária, Bridget, que se despediu depois de ter um bebé, mas a Harper é ainda melhor. Muito organizada, incrivelmente social e esperta como um alho. Terminou recentemente a faculdade, com uma licenciatura em inglês, e ainda não conseguiu decidir ao certo o que fazer com ela, pelo que temos passado algumas noites longas no consultório e no restaurante mexicano a cinco minutos de distância a discutir o seu futuro enquanto bebemos *margaritas*.

– Outra vez atrasada para as consultas, *doutora Davis*?

Ergo bruscamente a cabeça e vejo o Philip à minha frente, de braços cruzados sobre o peito. Tem um sorriso divertido plasmado nas feições atraentes. O Philip é o tipo de médico por que todas as pacientes se apaixonam. Jamais teria o que quer que fosse a ver com ele, se não fosse um cirurgião dos diabos. Conheceu-me por ser o meu residente sénior quando eu era estudante de medicina e, depois de me formar, abordou-me para que me juntasse ao seu consultório privado. Estava a ser cortejada por uma grande clínica cirúrgica, mas o Philip fez-me uma oferta muito boa e agradava-me a autonomia. Por isso, aqui estou.

– A minha última cirurgia prolongou-se – respondo.

– Nora – diz o Philip, estalando a língua. – Quando vais aprender a trabalhar mais depressa, como eu?

Reviro os olhos.

– Depressa ou *imprudentemente*?

Ele sorri.

– Diz o que quiseres, mas eu nunca deixo os pacientes à espera – pisca o olho à Harper. – Nem as senhoras.

Lanço um olhar ao Philip enquanto a Harper se atarefa à sua secretária. Diga-se em sua honra que nunca correspondeu aos galanteios. Tem um namorado sério e, da última vez que falámos, disse-me que lhe andava a dar pistas de que ia comprar um anel. Pelo que é muito inteligente da sua parte manter-se longe do Philip.

Já fiz Arnold Kellogg esperar demasiado, por isso despeço-me e dirijo-me à sala de exame. A nossa auxiliar de ação médica, Sheila, já mediu os sinais vitais do Sr. Kellogg e está a pendurar a sua ficha na porta no momento em que me aproximo da sala. Toda a informação é introduzida no computador, mas gosto de a ter em papel à minha frente. Não há nada que odeie mais do que ir ao médico e que não tire o olhar do ecrã enquanto eu lhe falo.

– Tem uma tarefa difícil pela frente, Nora – diz-me a Sheila. Ronda os sessenta anos e tem a pele morena, o cabelo grisalho e os braços como troncos de árvore. É incrível: quem me dera ter cinco como ela. – Não está nada satisfeito por o terem deixado à espera.

– Obrigada, Sheila – tiro a ficha da porta e vejo os sinais vitais de Kellogg. Todos bem. – Vou ter de ligar o charme.

A Sheila resfolega.

– Oh, eu sei que o fará.

Respiro fundo, com a mão no puxador. Sinto já o sorriso falso a alastrar-se pelo rosto, mas não parece falso. Parece *real*. É o mesmo sorriso que Aaron Nierling utilizava para atrair raparigas até ao seu carro. O meu pai tinha muito carisma, e podia realmente ligar o charme quando queria. Tal como eu.

Quando abro a porta, o Sr. Kellogg, de setenta e três anos, está sentado com a sua esposa na sala de exame. Está carrancudo. E não me refiro apenas ao seu rosto. Todo o seu corpo está carrancudo. O parco cabelo grisalho está carrancudo, a barriga descaída está carrancuda e os seus ombros curvados estão carrancudos. Não achava que tal fosse possível até o ver com os meus próprios olhos.

– Senhor Kellog! – exclamo, como se do meu melhor amigo há muito perdido se tratasse. – Está com um aspeto fantástico. Como se sente?

Ele olha para o meu rosto sorridente. Agora está em apuros. Quer zangar-se comigo por o ter feito esperar, mas estou a dificultar-lhe a tarefa.

Antes que possa dizer uma palavra, puxo o banco que tenho na sala e sento-me. Sento-me sempre com os meus pacientes. Não creio que o Philip se tenha sentado uma única vez nos últimos quinze anos (nem mesmo, possivelmente, para as refeições), mas eu tenho sempre o cuidado de o fazer nas salas de exame. E, ao sentar-me com o Sr. Kellogg, inclino-me para a frente, como se o que tem para me dizer fosse intensamente importante.

– Sente-se bem? – pergunto.

Finalmente, vejo-o ceder.

– Estou bem, doutora.

Esboço um sorriso ainda mais amplo, que retribui com relutância. Suponho que tenho a agradecer ao meu pai por este dom. Pela capacidade de ligar o charme. E posso desligá-lo com a mesma facilidade.

– Soubemos que teve uma urgência – intervém a Sra. Kellogg. – Espero que esteja tudo bem.

Inclino a cabeça para me dirigir à mulher do meu paciente. Considero-me muito observadora no que diz respeito ao corpo humano, e é muito difícil não reparar no laivo de púrpura a esmaecer em amarelo sob o olho esquerdo da Sra. Kellogg. Fico tão surpreendida que o sorriso me foge do rosto e não consigo responder à sua observação.

– Ela não te pode dizer isso! – atira-lhe o Sr. Kellogg. – É uma violação de privacidade, Diane. Qual é o teu problema?

– Oh – a Sra. Kellogg baixa o olhar. – Desculpa.

– Não me peças desculpa a mim. Pede desculpa à doutora Davis.

Ela não ergue o olhar.

– Desculpe, doutora Davis.

Continuo a olhar para a nódoa negra sob o seu olho esquerdo. Lembro-me, pela sua ficha, de que o Sr. Kellogg é destro. Pelo que um gancho com a mão direita acabaria por a atingir no olho esquerdo. Lembro-me de ela estar na consulta de pré-operatório, e de ele lhe ter respondido torto. Não me agradou, mas achei que não me dizia respeito.

No entanto, agora tem um olho negro.

O Sr. Kellogg não é um homem grande. Mas a sua mulher é uma coisinha frágil, e mesmo em estado debilitado devido à cirurgia, acredito que ele poderia ter-lhe feito aquilo. Correção. Acredito que é *provável* que o tenha feito.

Quem me dera ter sabido antes da cirurgia. Quem me dera ter sabido quando a sua barriga estava aberta e ele estava sob anestesia. Um deslize do bisturi e poderia ter-lhe perfurado os intestinos. Se o tivesse feito, não andaria a bater na mulher. Estaria neste momento a viver um mundo de sofrimento.

Mas não. Eu não faria isso. *Nunca*.

Não sou o meu pai. Dou de comer a gatos vadios. Salvo vidas.

Respiro fundo e peço ao senhor Kellogg para subir para a marquesa de exame. Ele puxa a bata para cima, revelando a fila de agrafos verticais que lhe cravei na barriga. A incisão está com ótimo aspeto. Pego num *kit* de remoção de agrafos e começo a retirá-los um a um. Demora menos de dois minutos, mas então o último agrafo prende.

– Calma aí, doutora – pede o Sr. Kellogg.

Olho para a Sra. Kellogg, que está a torcer as mãos. Puxo o agrafo, que se solta. Uma gota de sangue escorre da pele.

– Jesus, doutora Davis! – exclama. – Isso doeu mais do que a cirurgia!

– Lamento – digo. Não lamento nada.

Enquanto o Sr. Kellogg resmunga em surdina sobre a minha incompetência, vasculho uma gaveta em busca de uma ligadura. Abro a embalagem para retirar a gaze, mas, no invólucro descartado, rabisco uma frase com a caneta que trago no bolso do peito do meu pijama cirúrgico:

Ele magoa-a?

Ao dirigir-me de novo à marquesa de exame, passo pela Sra. Kellogg e entrego-lhe o papel o mais discretamente possível. Ela agarra-o e olha para a minha pergunta. Então, ergue na minha direção os seus aquosos olhos castanhos e hesita.

Depois, abana a cabeça em negação.

Acredito nela? Não sei se acredito. No mínimo dos mínimos, vi-o tratá-la de forma emocionalmente abusiva no decorrer desta breve consulta, por isso só Deus sabe o que acontece em casa de ambos. Mas ela nega, e a mulher nem sequer é minha paciente. Faz-me ferver o sangue, mas não há mais nada que eu possa fazer.

5

O meu último paciente sai quase às seis horas, mas não estou nem perto de ter terminado. Ainda tenho montes de papelada para pôr em dia e chamadas para devolver. E, às vezes, volto ao hospital para fazer uma rápida ronda pelos meus pacientes cirúrgicos ao anoitecer, mas é possível que esta noite esteja demasiado cansada. Vou simplesmente ligar às enfermeiras a pedir um apanhado.

O meu gabinete fica ao fundo da nossa clínica. O Philip ficou com o maior, mas o meu é suficientemente grande. E, ao contrário do dele, com o sofá de cabedal e a secretária de mogno, o meu tem uma simples secretária de madeira que comprei online, com uma pequena estante a abarrotar de todos os manuais que adquiri desde a faculdade de medicina. Há duas cadeiras de madeira em frente à secretária, para o caso de decidir trazer cá um paciente – algo que ainda não ocorreu.

O Philip espreita para o meu gabinete e arqueia as sobrancelhas. Tem sempre o aspeto de quem está à beira de precisar de um corte de cabelo, mas de alguma forma fica-lhe bem.

– Vais sair em breve, Nora?

– Não.

Ele sorri.

– Trabalhas demasiado. Devias sair e divertir-te um pouco, às vezes. Como eu.

Vejo agora que trocou o pijama cirúrgico por uma camisa e umas calças castanho-escuras.

– Vais a algum lado?

– Encontro escaldante – responde, piscando-me o olho.

– Desde que não seja com a Harper.

O Philip projeta a cabeça para trás e ri.

– Não depois da maneira como passaste quase duas semanas a pregar-me sermões sobre não me aproximar dela. E, seja como for, ela não se cala com esse tal Sonny.

– Quem é a sortuda, então? Algo sério?

– Oh, claro – sorri. – Estou sempre à procura da próxima ex-senhora Corey.

O Philip divorciou-se há alguns anos, e *não* foi amigável. E o que quero dizer com isso é que houve uma vez em que ela lhe cortou os pneus do carro no nosso parque de

estacionamento. Não faço ideia de como conseguem colaborar na educação do filho. Já mal fala no assunto, exceto para dizer que ela o levou basicamente à falência no divórcio. Teve o que merecia, depois do que lhe fez.

– Enfim – diz. – Devias sair mais. Ver uns tipos.

– Não, obrigada.

– Falo a sério – arqueia as sobrancelhas. – Acho que nunca te vi ter um encontro desde que te conheço.

Pode ser verdade, mas não estou prestes a admiti-lo.

– Não fazia ideia de que eras tão versado na minha vida pessoal.

– É só estranho. Não é como se não fosses atraente.

– Caramba, obrigadinha – respondo, tossindo.

– Devíamos sair este fim de semana – sugere. – Tu e eu. Vá lá, vai ser divertido. Vamos a um bar e eu serei o teu ajudante.

Resfolego.

– Acho que não é assim que funciona.

– Não, vai ser ótimo. Sou bom a identificar os imbecis.

– Porque és um?

– Exato – confirma, tocando no nariz.

– Lamento, não estou interessada.

– Porquê? – semicerra-me os olhos. – A sério, Nora, qual é o problema? Como é possível que nunca faças mais nada além de trabalhar?

– Gosto de trabalhar – encolho os ombros. – E, na verdade, Philip, diria que a minha vida pessoal não te diz respeito. Não te parece?

– Está bem, pronto – bate na lateral da porta com o punho. – Seja como for, só queria que soubesses que, mesmo depois de todo esse trabalho árduo, continuo a ganhar.

Recosto-me na minha cadeira ergonómica em cabedal.

– O quê? Nem pensar.

– É verdade. Verifiquei.

Cerro os dentes.

– Verifica outra vez. Estou certa de que estou à frente.

Tanto o Philip como eu adoramos operar. E também adoramos ambos competir. Por isso, temos uma competição anual sobre quem regista mais casos cirúrgicos. O vencedor ganha o direito a gabar-se e uma caixa de muito bom vinho. O ano passado foi o primeiro ano em que ganhei, e tenciono fazê-lo também este ano.

Na verdade, tenciono *esmagá-lo*. Já cortei muito mais pessoas este ano do que ele. É *impossível* que vá à frente.

Estendo a mão para a minha caneca preta para obter uma dose de cafeína, de que

vou precisar, atendendo à hora a que me levantei esta manhã. A caneca mal chega aos meus lábios antes de perceber que está vazia. Há borras de café secas ao longo do rebordo.

– Sabes – observa o Philip –, não devias beber café a estas horas. Vais ficar a noite inteira acordada. O que não tem mal nenhum se tiveres vida social, mas provavelmente vais ficar apenas deitada na cama, sem dormir.

– Obrigada pelo conselho – pouso novamente a caneca na minha secretária. – Imagino que não vás pôr outra cápsula na máquina por mim e trazer-me outra caneca?

– Acho que me estás a confundir com a Harper – responde, resfolegando. – Mas vou salvar-te levando esta caneca para o lava-loiça, para que te esqueças dela. Se há algo de que não precisas, é de mais cafeína.

Começo a protestar, mas o Philip já agarrou na minha caneca de café e levou-ma. Enquanto deixa o gabinete, admito que pode ter razão. Provavelmente, já consumi cafeína suficiente por hoje. Passo demasiadas noites acordada.

Há algo mais em que o Philip tem razão – nunca namoro. Se fizesse um esforço, podia ser extremamente atraente. Herdei a aparência do meu pai, que era suficientemente bem-parecido para fazer com que jovens mulheres baixassem a guarda, mas não atraente ao ponto de granjear atenções indevidas. É exatamente esse o meu grau de atratividade. Mas, com o cabelo preto apanhado atrás da cabeça e o meu pijama cirúrgico do estilo saco de batatas, as pessoas geralmente não olham duas vezes para mim. É premeditado.

Seria má ideia ter uma relação. Sempre tive dificuldades em aproximar-me dos homens. E, mesmo que me aproximasse de alguém, o que se seguiria? Casamento? Filhos? E depois…

Bem, toda a gente sabe o que se seguiu para o meu pai.

Não. É melhor assim. Como disse, prefiro estar sozinha.

Tenho estado à espera dos resultados de uma TAC abdominal a um dos meus pacientes. Era suposto o hospital enviá-la por *fax* para a nossa clínica, mas ainda não a vejo digitalizada no computador. Vou às traseiras ver se a Sheila está por perto, mas já saiu por hoje. Dirijo-me à receção, para ver se o fax está na máquina, e fico surpreendida ao ver a Harper a arrumar as suas coisas.

Pestanejo.

– Ainda está aqui?

– Oh – num gesto protetor, põe a mão esquerda sobre o livro na secretária à sua frente. – Estava só a ler…

Olho para o livro na secretária. É um grosso manual de biologia. O meu coração dá um salto.

– Harper! Inscreveu-se num curso de biologia?

Pequenos círculos rosados surgem-lhe nas maçãs do rosto.

– Sim. Vou experimentar. Não vou fazer uma pós-graduação completa, por enquanto, mas achei que podia tentar…

– Harper! – não consigo resistir: envolvo-a nos meus braços. Não sou muito dada a abraços. Na verdade, não suporto a afeição física casual e tive de ter uma conversa com o Philip quando comecei a trabalhar aqui. Mas estou *tão* feliz por ela. A Harper foi *feita* para uma carreira em medicina. Tem tentado descobrir o que fazer da vida, e eu tenho vindo a empurrá-la suavemente nessa direção. Estou encantada por ter seguido o meu conselho.

– Não é nada de especial – murmura, apesar de estar a sorrir. – Não dê demasiada importância a isto, está bem?

– Não darei – prometo, embora continue muito entusiasmada por ela. – O que está a aprender agora em biologia?

– Estamos a aprender sobre a reprodução sexuada das *plantas* – responde. – Sabia que as plantas fazem sexo? E, acredite ou não, é muito aborrecido. Não é nada divertido. Ninguém leria livros eróticos sobre plantas.

– Espere até chegar à reprodução dos vermes – digo a rir. – Depois disso, é sempre a descer.

As covinhas da Harper surgem ao mesmo tempo que enfia uma madeixa de cabelo negro atrás da orelha. Ao contrário de mim, usa geralmente o cabelo solto, e a cor escura realça os seus olhos azuis. Olhos azuis e cabelo negro. Não consigo deixar de pensar que é a mesma combinação que o meu pai achava particularmente tentadora. A rapariga que encontraram em nossa casa, Mandy Johansson, tinha olhos azuis e cabelo negro. Tal como quase todas as suas vítimas.

De vez em quando, olho para a Harper e vejo Mandy Johansson. E acho que vou vomitar.

Mas não há motivos para preocupação. O meu pai está na prisão.

– Enfim – diz a Harper. – É melhor ir andando. Vou jantar com o Sonny esta noite. Vamos a um restaurante incrível. Acho que talvez ele vá… sabe…

Tem os olhos a brilhar. Pensa que a vai pedir em casamento.

– Oh, Harper! – quero abraçá-la outra vez, mas isso seria um comportamento muito estranho da minha parte. Ainda assim, esta rapariga desperta-o em mim. Jamais terei filhos, mas sinto algo quase maternal em relação a ela. – Isso é incrível! Mal posso esperar para ver o anel amanhã!

– Não agoire – pede, com um risinho.

Pondo a bolsa ao ombro, a Harper segue para sua casa para mudar de roupa antes do seu jantar sofisticado com o Sonny. Estou feliz por ela.

No entanto, há uma minúscula parte de mim que sente uma pontada de inveja. A

Harper merece toda a felicidade do mundo, mas sinto sempre essa pontada quando alguém que conheço encontra a sua cara-metade e dá o nó. Tal nunca acontecerá comigo. Tenho uma carreira inacreditável – tudo o que alguma vez desejei – e há muito que tomei a decisão de que seria apenas isso que alguma vez teria.

Não quero ser gananciosa. Veja-se o que aconteceu ao meu pai.

6

26 ANOS ANTES

Ninguém na escola gosta da Marjorie Baker.

Consigo entender porquê. Há simplesmente algo nela que é *tão irritante*. Tipo, em tudo o que diz, parece que está a queixar-se. Sempre que põe a mão no ar e faz uma pergunta, só dá vontade de dizer: «Cala-te, Marjorie!»

Eu não o diria. Mas há quem o faça.

Parece sempre confusa nas aulas. A Sra. McGinley põe-se a explicar qualquer coisa que *nem é assim tão difícil* e a Marjorie simplesmente não entende. Consigo vê-la a franzir o rosto, a tentar. E então temos todos de esperar e não podemos seguir em frente, porque a *Marjorie* não compreende.

Além disso, a Marjorie não é bonita. Se fosse bonita, poderia safar-se com tudo isso. Mas não é. Em primeiro lugar, tem os dentes da frente demasiado grandes para a boca. Precisam de ser reduzidos em cerca de trinta por cento. O rosto é demasiado longo e a testa é gigante. Além disso, é como que grumosa. Como o sofá que se poderia encontrar na berma de uma estrada.

– Alguma vez repararam – pergunta hoje a Tiffany Kirk durante o intervalo – em como a Marjorie *bamboleia* ao andar?

Olhamos todas para o outro lado do recreio, onde a Marjorie vai a caminho dos degraus mais afastados para se sentar com o seu livro, como faz todos os dias. E a Tiffany está certa. A Marjorie a modos que bamboleia.

– Oh, meu Deus – exclama a Kari Smith. – Tens razão! Parece um pato!

E, então, as outras raparigas começam todas a grasnar. Sufi-cientemente alto para fazer com que a Marjorie se vire e olhe para nós e irrompamos todas em risadinhas histéricas. Bem, eu não. Mas as outras raparigas, sim.

Por esta altura, a Marjorie já está habituada. Fica corada, mas não diz nada. Às vezes, gostaria que ripostasse. A Marjorie nunca reage. Se a Tiffany ou a Kari tentassem fazer algo assim comigo… bem, não tentariam. Sabem melhor do que isso.

As raparigas deixam-se ficar por mais alguns minutos a falar mal da Marjorie, mas depois avançamos para outros temas mais interessantes. Estranhamente, porém,

continuo a pensar nela. Vejo a Marjorie do outro lado do recreio, a ler o seu livro sozinha porque ninguém quer brincar com ela. Não consigo tirar-lhe os olhos de cima.

Habitualmente, todos os dias vou a pé para casa sozinha depois das aulas. Mas, hoje, dou por mim a seguir a Marjorie, apesar de ser na direção errada. Mantenho-me atrás dela, suficientemente perto para não a perder de vista, mas suficientemente longe para não saber que a estou a seguir. Está totalmente no seu próprio universo. Nunca vi ninguém tão alheado do mundo em seu redor. É *perigoso*. Tipo, alguém poderia atacá-la, e ela nem sequer perceberia até estar a dez centímetros do seu rosto. E então seria demasiado tarde.

Após cerca de cinco minutos a andar, chegamos a um pequeno retalho de bosque onde sei que algumas pessoas vão caminhar. A Marjorie segue imediatamente em frente, mas eu abrando e depois paro. Olho para o trilho irregular, que está completamente vazio. As pessoas não caminham assim tanto por ali, e não certamente a meio de uma tarde de semana.

É interessante, só isso.

Ao fim de outros dez minutos, a Marjorie chega à porta da frente de uma pequena casa branca com uma portada partida no segundo andar. O relvado da frente está totalmente descontrolado. Os meus pais jamais deixariam o nosso relvado ficar assim – o meu pai passar-se-ia. É muito exigente no que diz respeito a tudo estar limpo e bem tratado. *A limpeza está próxima da santidade*, diz sempre. Mas é óbvio que os pais da Marjorie não são da mesma opinião.

Assim que desaparece no interior, aproximo-me e esgueiro-me para a lateral da casa. Além da Marjorie, não creio que esteja lá mais ninguém. Não há nenhum carro estacionado no caminho de acesso.

Há um monte de dentes-de-leão a crescer junto à lateral da casa. O meu pai explicou-me uma vez que, apesar de serem amarelos e bonitos, os dentes-de-leão são, na realidade, ervas daninhas e podem destruir um jardim inteiro. Mas, mesmo assim, tenho o cuidado de não os pisar ao espreitar pela janela. A Marjorie está sentada a meio da sala de estar, no sofá. Tem um saco de batatas fritas na mão, e está a enfiá-las na boca. Come de forma quase rítmica.

Batata frita. Mastigar, mastigar, mastigar. Batata frita. Mastigar, mastigar, mastigar.

Depois de a observar durante cerca de dez minutos, tenho a certeza de que não está mais ninguém em casa. Todas as tardes a Marjorie regressa a uma casa vazia.

Saio dali antes que alguém me veja. Se alguém me apanhasse a vigiar a casa, seria mau. O meu pai diz sempre que, se formos fazer algo errado, devemos pelo menos ser suficientemente espertos para não deixar que alguém nos veja. Disse-o depois de eu ter roubado algumas bolachas da despensa. *Sabias que íamos dar pela falta delas e*

perceber que as tinhas roubado. Foi um crime estúpido, Nora. Da próxima vez, não sejas estúpida.

Parto em sentido oposto, de regresso a minha casa. Ao contrário do que vi na da Marjorie, a minha mãe está ansiosamente à espera junto à porta quando chego.

– Nora! – planta as mãos roliças nas ancas. – Por que demoraste tanto? Estava preocupada!

– Fiquei a trabalhar num projeto com uns amigos da escola – sei por experiência própria que a minha mãe não consegue perceber quando estou a mentir. Já não.

Ela solta um suspiro exasperado.

– Bem, da próxima vez podes avisar-me com antecedência de que te vais atrasar?

– Talvez volte a chegar tarde mais para o fim desta semana – digo-lhe. – Depois aviso-te.

– Está bem – baixa-se para me abraçar e deposita-me um beijo no topo da cabeça. Solto-me do seu aperto. – Queres lanchar, querida? Posso cortar-te umas maçãs. Com manteiga de amendoim.

A minha mãe está sempre a oferecer-me comida. A única coisa em que parece pensar é em cozinhar e fazer bolos e petiscos. É como se estivesse *obcecada*.

– Deixa estar. Vou para o meu quarto fazer os trabalhos de casa.

– Está bem, querida.

Tenta dar-me outro beijo no topo da cabeça, mas consigo esquivar-me. Enquanto regressa à cozinha, desço o corredor até às escadas, mas, como sempre, passo pela porta da cave. Esta semana, o meu pai passou muito tempo lá em baixo. Esteve o fim de semana todo fora, numa viagem de pesca, e agora tem estado sempre na cave. Mal o vi.

Paro junto à porta da cave, inspirando o aroma familiar a lavanda. E então, enquanto estou ali parada, oiço algo.

Franzo o sobrolho à porta. O meu pai ainda não está em casa, porque é que se ouvem barulhos vindos da cave? Parece algo a bater. É suave, mas consigo decididamente ouvi-lo.

E depois algo mais. Quase como um grito abafado.

O que se passa ali em baixo?

Ponho a mão no puxador. Dou-lhe um bom puxão, mas, como é evidente, não abre. A porta da cave está sempre trancada.

– Nora, o que estás a fazer?

A voz da minha mãe é brusca. Salto para longe da porta, escondendo a mão direita atrás das costas. Esforço-me ao máximo por não parecer culpada.

– Pareceu… pareceu-me ouvir um barulho vindo lá de baixo – murmuro.

Ela aponta-me o dedo.

– Sabes que esse é o espaço privado do teu pai para trabalhar. Não quero que tentes ir lá abaixo.

– Mas eu ouvi…

– Talvez algo tenha caído – diz. Por um momento, ficamos as duas paradas, à escuta. Mas fez-se silêncio. – Seja como for, não é nada que te diga respeito. Pensava que tinhas trabalhos para fazer.

– E tenho.

– Então vai lá para cima fazê-los, está bem?

– Mas… – olho para a porta da cave e inspiro fundo, as moléculas de lavanda a encherem-me os pulmões. – Se algo caiu, talvez devêssemos verificar. Talvez algo se tenha partido.

– Se algo se tiver partido, o teu pai tratará disso quando regressar do trabalho.

– O que está ele sequer a fazer, afinal? – resmungo.

A minha mãe hesita.

– Diz que está a construir uma estante. Seja como for, não precisa da tua ajuda.

Batendo o pé, viro costas à porta da cave e subo as escadas. Não compreendo por que tem a cave de ser tão privada. Não tenciono ir lá abaixo remexer nas coisas do meu pai. Por que não posso sequer ver em que está a trabalhar?

E que barulho era aquele? Parecia mesmo um grito.

Mas não pode ser.

Quando chego ao meu quarto, deixo-me cair na cama com a mochila ao lado. Vasculho o interior, procurando o meu caderno. Procuro também um lápis no bolso mais pequeno da frente. Tenho um milhão de lápis e canetas nesse bolso. Tenho também uma outra coisa. Um canivete – outro presente do meu pai no Natal do ano passado. Disse-me que o devia trazer sempre comigo. Para proteção. Não que esta seja uma zona perigosa. Vivemos basicamente no bairro mais seguro e aborrecido do planeta.

Assim que tiro o meu caderno e um lápis, tenho de começar. Os meus únicos trabalhos de casa são escrever uma redação sobre o livro que nos foi atribuído. Não deve demorar muito. Já o acabei há alguns dias – sou uma leitora rápida.

Olho para a gaiola em cima da minha estante, do outro lado do quarto. Até há uma semana, estava ocupada pelo rato que o meu pai me ofereceu no meu aniversário. Mas, durante o fim de semana, o rato morreu. De forma muito repentina. Agora, está enterrado no jardim das traseiras, dentro de uma caixa de sapatos. Fizemos-lhe um funeral, e a minha mãe não parava de falar em como era triste que o rato tivesse morrido, apesar de não ser assim tão triste. Quer dizer, era um *rato*.

Abro o caderno e folheio-o até à primeira página em branco. É suposto escrever sobre *A Teia de Carlota*. Mas não consigo pensar em nada para dizer. Quer dizer, foi uma boa leitura, suponho. O que se pode dizer de um livro sobre uma aranha e um

porco?

Olho para a página em branco. Encosto a ponta do lápis à folha. E escrevo o nome de Marjorie Baker.

E sublinho-o.

7

PRESENTE

Está a chover quando finalmente termino o meu trabalho e desço. Paro no átrio por um momento, a ver as gordas gotas de chuva cair do céu. Não trouxe guarda-chuva. Nem sequer tenho a certeza de *ter* um. Bem, provavelmente haverá um algures no fundo do meu roupeiro, mas não me serve de muito neste momento.

Puxo o capuz do meu casaco para cima e atravesso a correr o pequeno parque de estacionamento até ao meu *Camry*. Abro a porta e salto para o interior, parando depois para avaliar os estragos. As calças do meu pijama cirúrgico estão completamente ensopadas, mas ao menos o meu cabelo parece ter sido poupado. Tenho gotas de água nas pestanas.

Tendo em conta que estou molhada e desconfortável, seria uma boa altura para ir para casa. Preparar, talvez, uma bebida quente e ver um pouco de televisão antes de me ir deitar.

Mas não vou para casa. Em vez disso, introduzo uma morada no meu GPS, uma que não fica muito longe da autoestrada. Quando chego ao quarteirão do meu destino, desligo os faróis. Estaciono do outro lado da rua e olho fixamente pela janela.

– Chegou ao seu destino, à esquerda – diz-me a Siri.

– Obrigada – murmuro.

Pelo meu para-brisas, olho para a porta da frente dos Kellogg, enquanto as escovas deslizam da esquerda para a direita.

Não sei muito bem por que vim aqui. Anotei a morada no formulário de faturação e ficou-me na cabeça. Planeava ir direta a casa, mas em vez disso pus-me a pensar no olho negro da Sra. Kellogg. E, quando dei por mim, estava a introduzir a morada no meu GPS. E agora aqui estou.

Olho para o outro lado da rua, para as janelas iluminadas no primeiro andar da casa. Não vejo nenhuma silhueta à janela. Provavelmente estão na sala de jantar, a comer. Ou talvez a ver televisão juntos no sofá.

Os meus dedos, de tanto apertar o volante, têm os nós brancos.

Sorvo um fôlego entrecortado. E outro.

Volto a pôr o carro em andamento e saio dali para fora.

Agora, não quero ir para casa. A ideia de regressar à minha casa vazia faz-me sentir ligeiramente doente. Assim, em vez disso, dou por mim a percorrer as estradas molhadas e a dirigir-me novamente ao Christopher's. Apetece-me outro *Old Fashioned* esta noite. Só um.

Quando estou a entrar no parque de estacionamento, ocorre-me que Henry Callahan pode lá estar de novo esta noite. O meu coração falha uma batida ao pensar nisso.

Meu Deus, preciso dessa bebida.

A chuva continua a cair, por isso puxo o capuz novamente para cima e corro pelo parque de estacionamento até chegar à entrada. Felizmente, não vejo nenhum rosto familiar ao entrar no Christopher's. Bem, exceto o *barman*. É o mesmo tipo de ontem. O dos olhos e cabelo castanhos banais, com a eterna sombra de uma barba, que me defendeu quando Callahan estava a importunar-me. O que me parece estranhamente familiar – a sensação de que já o vi antes é ainda mais forte desta vez.

Observo-o enquanto utiliza o saca-rolhas para abrir uma garrafa de cerveja. Fá-la deslizar sobre a mesa em direção a um cliente, recolhendo depois o pagamento e a gorjeta. Estou convencida de que conheço este homem. Mas de onde?

Sento-me ao balcão e espero que repare em mim. Talvez seja imaginação minha, mas os seus olhos iluminam-se ligeiramente ao ver-me.

– Outro *Old Fashioned*, doutora? – pergunta.

Aquela voz. Também a sua voz é familiar. Está a dar comigo em doida.

– Sim, obrigada.

Prepara a bebida à minha frente. Talvez seja imaginação minha, mas parece estar a dar-me mais uísque do que ontem. Depois de terminar, faz o líquido âmbar deslizar sobre o balcão na minha direção.

– Bom proveito.

Fecho os dedos sobre o vidro frio.

– Espere – peço-lhe.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Eu conheço-o? – pergunto, depois de pigarrear.

Ele paralisa. A julgar pela expressão no seu rosto, é óbvio que sabia exatamente quem eu era desde o momento em que me pôs a vista em cima. E não me disse.

– Sim – responde finalmente. – Eu… o meu nome é Brady Mitchell.

E então… oh, meu Deus, lembro-me de tudo.

– Saímos juntos!

Um dos cantos dos seus lábios curva-se para cima.

– Poder-se-ia dizer isso, sim.

Só que é um eufemismo. E ele sabe. Não tivemos apenas alguns encontros. Foi meu namorado… mais ou menos. Mas isso foi há séculos. Na universidade. Na realidade, ele era o auxiliar de ensino num curso de ciências de computação que eu estava a frequentar. Depois de terminado o curso e atribuída a minha nota, convidou-me para sair, e eu achei-o tão adoravelmente pateta que aceitei.

No entanto, já não tem ar de pateta. Está muito diferente – não é de admirar que eu não o tenha reconhecido de imediato. Cresceu. Costumava andar barbeado, e era magro e desengonçado, mas o seu rosto encheu e… Bem, é difícil não ver que o seu peito também.

E por que está ele a trabalhar num *bar*? O homem tem um bacharelato em ciências da computação. Era um génio – podia fazer *tudo* com um computador.

– Por que não disseste que eras tu? – pergunto-lhe.

Olha-me nos olhos e não precisa de responder à pergunta. Obviamente, não se sente lá muito bem com o ponto em que a sua vida está neste momento. Não sei como acabou desta maneira. Não que ser *barman* seja algo terrível, mas, por esta altura, esperava que fosse o próximo Bill Gates. Algo correu mal. Foi apanhado na pirataria? Nas drogas? Não faço ideia.

– Enfim – diz. – Parabéns pela tua carreira. Lembro-me de sempre quereres ser cirurgiã. Não que houvesse alguma dúvida. Nunca vi ninguém tão dedicado. Fazias tudo exceto oferecer sacrifícios aos deuses da medicina.

– Obrigada – acho eu.

Bebo um trago da minha bebida, saboreando a sensação de calor que me invade. Brady Mitchell. Meu Deus. Namorámos durante cerca de três meses, se bem me lembro. Era simpático. Fui eu que acabei com tudo, mas não creio que tenha sido demasiado traumático. Acabámos de forma amigável.

A parte que tenho dificuldade em recordar é o *porquê* de ter acabado. Devo ter tido uma razão, além de três meses ser o limite superior de quanto tempo estou disposta a namorar com um tipo (o que é verdade). De certeza que tive um bom motivo para acabar com o Brady.

Mas qual?

Bem, não posso propriamente perguntar-lhe. Mesmo que lhe tenha dito a verdade na altura, o que suspeito que não fiz.

– Perguntas-te por que estou a trabalhar aqui – diz.

Pestanejo.

– Não…

Ele faz-me uma careta.

– Oh, vá *lá*. Olha, não te culpo. Eu também me interrogaria.

Encolho os ombros.

– Não propriamente.

– Oh? Bem, nesse caso, não te vou dizer.

– Está bem – admito. – Interrogo-me. Um *pouco*.

Ele assente, satisfeito.

– Então, vim para cá porque consegui um ótimo emprego em Silicon Valley – diz. – Mas, idiota como sou, despedi-me do meu emprego fantástico para me juntar ao que julgava ser uma *start-up* incrível. Que falhou espetacularmente. Portanto, agora ando a distribuir o meu currículo, e não está a correr lá muito bem – olha para o bar. – Isto é para não acabar a viver numa caixa de cartão, sabes? Essas caixas não são muito confortáveis para se dormir.

– Certo – penso por um minuto, perguntando-me se há alguns cordelinhos que possa mexer no hospital para lhe conseguir um emprego no departamento informático. Mas não estou certa de que isso lhe fosse agradar. – De certeza que vais encontrar outra coisa.

– Pois… O mercado de trabalho não esta lá muito bom neste momento. Claro, a culpa é toda minha – esfrega o queixo, onde a barba incipiente é ainda mais visível do que na última noite. Na universidade, mal conseguia deixá-la crescer. Agora, parece acontecer contra a sua vontade, à medida que a noite avança. – Mas a verdade é que gosto de trabalhar aqui. É uma boa pausa. Estava a ficar vesgo de passar o dia inteiro sentado à frente do computador nos últimos quinze anos. E a síndrome do túnel cárpico é uma *porcaria*.

Sorri outra vez. Caramba, é giro. Por que raios acabei com ele? Está a dar comigo em doida não me conseguir lembrar.

– Sempre pensei que por esta altura já serias casado – observo.

Ele olha para o bar para se certificar de que ninguém está a tentar chamar-lhe a atenção. Mas está uma noite tranquila.

– Fui. Já não sou.

– Oh. Lamento.

– Não digas que lamentas – e abana a cabeça. – Quando era casado é que seria altura para lamentar. Agora, devias dizer *parabéns*, porque estou livre.

– Oh. Bem, parabéns.

– *Gracias* – olha diretamente para a minha mão esquerda. Sem anel. – Então e tu?

– Não, nunca segui por esse caminho.

– Não me surpreende – diz, resfolegando.

Inspiro bruscamente.

– Porquê?

Ele ri.

– Era o teu *mantra* na universidade, não era? *Nunca me casarei, Brady. Não quero ter filhos.*

– Oh, certo. Suponho que soube o que queria desde cedo.

Bebo outro trago da minha bebida. Não sei se é do álcool, mas não me lembro de me sentir assim tão atraída pelo Brady na universidade. *Gostava* dele, mas agora está noutro nível de sensualidade. Mas e então? Não vai acontecer nada. Passou demasiado tempo. E, além disso, acabo de reparar que tenho um respingo de sangue na perna das calças do meu pijama cirúrgico, no espaço entre o fim da minha bata e o início das minhas botas, resultante de um dos meus casos de hoje. O que é basicamente o oposto de sensual.

Bem, a menos que se seja o meu pai.

– Aquele tipo de ontem… – diz. – Não te incomodou depois de saíres, pois não?

Decido não mencionar que o Callahan começou a seguir-me enquanto ia para casa ontem à noite. Só o iria preocupar.

– Não.

Debruça-se sobre o balcão, suficientemente perto para eu poder sentir um laivo do seu *aftershave*.

– Fiquei preocupado, sabes? Estava prestes a ir à porta para me certificar de que chegavas bem ao teu carro, mas então juntou-se uma grande multidão de clientes e tive de os atender.

– Não faz mal. Eu teria sabido lidar com ele.

Um sorriso brinca-lhe nos lábios.

– Pois. Aposto que sim.

Por que não me consigo lembrar do motivo pelo qual acabei contigo?

Alguém chama o Brady para pedir uma bebida, por isso ele deixa-me sozinha. Bebo o meu *Old Fashioned*, observando-o. Há uma mulher do outro lado do bar, a pedir uma bebida, e está a namoriscar com ele. Pôs-lhe a mão no antebraço e está a rir de alguma piada que ele disse. Ou talvez esteja apenas a rir. Ele corresponde, mas algumas vezes apanho-o a olhar na minha direção.

Não o quero encorajar, ainda assim, por isso volto a minha atenção para o ecrã de televisão por cima do bar. Desta vez, está no noticiário da noite. O atraente jornalista fala sobre uma jovem chamada Amber Swanson que foi dada como desaparecida. A polícia está à procura, mas desapareceu sem deixar rasto.

É um mundo perigoso lá fora.

Acabo a minha bebida e agarro na bolsa para lhe pagar. Mas, antes de poder sequer tirar a carteira, o Brady está subitamente de novo à minha frente. Fita-me do outro lado do balcão com os seus simpáticos olhos castanhos.

– Ei – diz. – Estás de saída?

– Sim – aquiesço.

– Tens guarda-chuva?

Olho pela janela. A chuva parece ter-se intensificado desde que cheguei. Gotas gigantescas caem do céu.

– Não há problema.

Estendendo a mão, o Brady procura algo debaixo do bar. Tira um pequeno guarda-chuva dobrado e oferece-mo.

– Não queres ficar ensopada.

– Não quero roubar o teu guarda-chuva.

– Rouba-o, por favor. Está a chover a potes lá fora.

Quase volto a recusar, mas ele é insistente. Tenho a sensação de que não vai aceitar um não como resposta.

– Bem, obrigada.

Ele hesita por um momento.

– Saio daqui a meia hora. Queres ir tomar uma bebida?

Olho para o meu copo vazio.

– Acho que já bebi o suficiente por uma noite. Não estás a tentar embebedar-me, pois não?

– Pronto, pronto… – arqueia uma sobrancelha. – Jantar, então? Conheço um ótimo restaurante grego – sorri. – Podemos pôr a conversa em dia. Será divertido.

Certo. Podemos «pôr a conversa em dia». Ainda que não duvide da diversão.

– Hum – remexo na carteira, apesar de já saber o que vou dizer. – A questão é que estou acordada desde as cinco da manhã.

– Sim, mas pareces tão viva e animada.

– As aparências iludem – lanço-lhe um sorriso apologético enquanto deixo uma nota de dez dólares na mesa. – Além disso, tenho de me levantar cedo amanhã de manhã. Vida de cirurgiã, sabes?

– Não, não sei – suspira e abana tristemente a cabeça. – Mas agradeço por me rejeitares com jeitinho, Nora. Sempre gostei disso em ti.

– Sempre às ordens.

Estarei a cometer um erro? Talvez uma noite com um tipo giro seja exatamente o que preciso. Mas não. Tenho a sensação de que, se passar a noite com ele, não será apenas uma noite. Há nele qualquer coisa…

– Escuta – os seus suaves olhos castanhos mantêm-se fixos nos meus. – Se mudares de ideias, estarei aqui outra meia hora, como disse. E também amanhã à noite. Só para o caso de amanhã acordares profundamente arrependida de não teres saído comigo.

Sinto um sorriso repuxar-me os lábios.

– E se *tu* mudares de ideias?

– Não há hipóteses de isso acontecer – aponta para o guarda-chuva preto que eu tenho na mão direita. – Além disso, tens de voltar para devolver o meu guarda-chuva.

Sustém-me o olhar por mais um instante. Para ser sincera, sinto-me muito tentada a mudar de opinião. Mas há muito que decidi que não é boa ideia. Sei quem sou e aquilo com que consigo lidar. Por isso, levanto-me do banco e deixo o Christopher's. Devolverei o guarda-chuva quando ele não estiver por perto e depois procurarei outro bar para frequentar até que ele arranje outro emprego.

8

Chove a cântaros.

Apesar de o ter tentado recusar, sinto-me intensamente grata pelo guarda-chuva do Brady ao correr para o meu *Camry*. Mesmo com a proteção, o meu pé direito mergulha numa poça enorme e ensopa-me o tamanco até à meia. Não haverá mais paragens a caminho de casa.

Atiro o guarda-chuva para o banco do passageiro e saio para a estrada em direção a casa. Mal posso esperar para regressar e vestir algo quente e seco. Em dias como este, gostaria de ter descoberto como pôr a minha lareira a funcionar. Talvez um dia.

Viro para a estrada secundária que desce até minha casa. Mas, mal deixo a estrada principal, dou conta dos faróis atrás de mim.

Oh, céus. Outra vez não.

O meu coração começa a palpitar-me no peito. Talvez seja só coincidência. Sim, esta estrada está geralmente deserta. Ainda assim, às vezes vejo pessoas nela. E não vi Henry Callahan em lado algum no Christopher's. Iria ele realmente desperdiçar o seu tempo a seguir-me duas noites consecutivas?

É certo que disse à Harper para lhe ligar e o banir do meu consultório. Pode não ter gostado disso.

Após a terceira curva seguida com os faróis a manterem-se demasiado perto, não posso negar que é improvável que seja uma coincidência. Este carro está decididamente a seguir-me.

Ao abrandar num sinal vermelho, olho fixamente para o retrovisor. É um *Dodge* azul que está atrás de mim – tenho a certeza. E a silhueta masculina no lugar do condutor também me parece familiar. Henry Callahan está outra vez a divertir-se um pouco às minhas custas.

Liga os máximos. A luz inunda o meu veículo e, por um momento, fico quase encandeada.

Respiro fundo.

O que faria o meu pai?

Há anos que faço este percurso para casa. Acelero gradualmente pelo caminho estreito, vendo pelo retrovisor como o carro atrás de mim faz o mesmo. Faça eu o que

fizer, mantém-se muito perto. Perigosamente perto.

Podia seguir novamente para a esquadra. Mas não o faço.

Mais uma vez, desvio-me do trajeto que geralmente sigo ao regressar a casa. Em vez disso, vou por um caminho diferente. Um que utilizo muitas vezes ao ir para o hospital e que conheço extremamente bem. É estreito, com muitas curvas. Curvas que são difíceis de ver numa noite escura e tempestuosa.

E, então, meto prego a fundo.

Ao fim de cerca de dois minutos, vejo a curva fechada aproximar-se. Só sei que lá está porque já passei por aqui muitas vezes. Há um sinal, mas é impossível vê-lo às escuras, com a chuva. Mudo suavemente o pé para o travão e viro o volante.

O meu *Camry* desliza pela curva apenas com um ligeiro chiar de pneus. O pequeno *Dodge* não lida tão bem com a situação. E, além disso, não estava à espera.

Oiço a colisão antes de a ver. Um ranger de metal enquanto o *Dodge* se enrola à volta de uma árvore. Retraio-me ao ouvir o som, e depois olho pelo espelho retrovisor. Vejo fumo a erguer-se da colisão. Os faróis desapareceram.

Depois de pôr alguma distância entre mim e o acidente, ativo o sistema *Bluetooth* do meu telemóvel.

– Ligar para o 112 – digo.

Ao fim de alguns momentos, oiço uma voz feminina do outro lado da linha.

– Daqui 112. Qual é a sua emergência?

– Eu… acho que passei por um acidente de viação na estrada atrás de mim – explico, com a quantidade certa de preocupação na voz. – O condutor pode estar ferido.

Antes de desligar, dou à operadora do 112 a localização aproximada do acidente. E depois continuo a conduzir. Não paro. Não verifico se está bem. Não contemplo certamente realizar manobras de reanimação ou qualquer outro suporte básico de vida.

Deixo-o ali.

Sabem, há algo que deviam saber sobre o meu pai, Aaron Nierling.

O meu pai é um homem incrivelmente perigoso, que fez coisas inenarráveis. Cometeu atos perversos, terríveis, sem o mais ínfimo lampejo de remorso. É o tipo de homem com quem não se quereriam cruzar num beco escuro. Ou na rua. Ou em *lado nenhum*.

E, como se diz, quem sai aos seus não degenera.

9

Quando chego a casa, parece que, de algum modo, está ainda mais vazia do que habitualmente. Saio da garagem e entro no saguão, acendendo as luzes.

– Querido, cheguei! – grito.

A minha voz ecoa pelo primeiro andar. Sinto-me grata por não ter comprado uma dessas casas gigantescas que há no mercado, apesar de poder pagá-la (à justa). Qualquer coisa maior do que isto seria assustadora à noite. Não que eu seja fácil de assustar.

Enquanto estou no corredor, pergunto-me se os paramédicos já chegaram a Henry Callahan. Pergunto-me se sobreviveu à colisão.

Sinto um súbito lampejo de culpa. Sim, foi ele o culpado por me ter seguido, e não fui eu que o fiz colidir. Mas sabia o que ia acontecer na curva. Podia ao menos ter voltado atrás para ver se precisava de cuidados médicos.

Mas não o fiz.

Devia ter parado. Sou médica – podia tê-lo ajudado, se estivesse em dificuldades. E optei por não o fazer. É o tipo de coisa que o meu pai teria feito. Não eu. Eu optei por viver a minha vida de forma diferente.

Mas então afasto a culpa. Era *ele* que *me* estava a seguir. O sacana estava a pedi-las.

Seja como for, não vou pensar mais no assunto.

Esta manhã, pus uma carga de roupa na máquina de secar antes de sair de casa, e penso que é melhor ir buscá-la antes de jantar. Odeio quando tenho uma carga de roupa parada na máquina de secar. É como se a pudesse sentir lá dentro, a provocar-me. *Arruma-me, Nora.*

Não é estranho, pois não? Toda a gente ouve a voz da sua roupa, certo?

Abro a porta da cave e acendo as luzes. A minha casa é relativamente velha e a cave veio inacabada. Pensei em arranjá-la, mas tenho espaço que chegue nos dois pisos superiores da casa. Para que preciso eu de uma cave acabada?

Mas, quando cometi o erro de convidar o Philip para uma visita, ele foi categórico em como devia arranjá-la. *Parece uma masmorra aqui em baixo, Nora*.

Ao descer os degraus de betão até à cave, reconheço a verdade das suas palavras. As paredes da cave são feitas de tijolo, e a baça tinta cinzenta que cobre o teto está

gretada. A única luz no espaço vem de uma lâmpada solitária pendurada do teto, que tremula ligeiramente quando entro na divisão.

Esta cave parece exatamente uma masmorra.

Não queres que a tua casa pareça uma masmorra, pois não?, perguntara o Philip. Mas, ao olhar agora para o espaço, pergunto-me se não seria talvez isso mesmo que eu queria quando escolhi esta casa. Afinal, o meu pai construiu uma masmorra na nossa cave. Mas eu fui suficientemente sagaz para comprar uma casa já com uma incluída. Na verdade, é muito parecida com a cave da casa onde passei a minha infância. Até tem uma fechadura na porta, apesar de eu geralmente a manter destrancada.

Respiro fundo e, por um momento, sinto um cheiro a lavanda.

Abano a cabeça para o sacudir e corro para a máquina de lavar. O mais rápido possível, enfio montes de pijamas cirúrgicos lavados no meu cesto da roupa. Depois, volto a correr para o primeiro andar e bato com a porta da cave atrás de mim.

Encosto a testa à porta da cave, respirando pesadamente. Engulo o nó que se alojou na minha garganta. Não sei por que me cheirou a lavanda lá em baixo. Não uso quaisquer produtos de limpeza com lavanda. Deve ter sido imaginação minha. Seja como for, não se parece assim tanto com a cave do meu pai.

Ou parece?

À porta das traseiras, oiço o som familiar da gata a bater com a cabeça contra a porta. Engulo o nó na minha garganta e largo o cesto da roupa no chão. Vou dar de comer à gata e depois arrumar a roupa. A seguir, tenho de comer qualquer coisa. Metade do meu ataque de pânico na cave foi provavelmente devido à hipoglicémia.

Tiro uma lata de comida para gato do armário. Porco, desta vez. Abro a porta das traseiras e a gata está a olhar para mim. Nunca antes cuidei de um ser vivo – nem mesmo de uma planta – e não me desagrada. Alegra-me fazer a gata feliz.

Despejo o conteúdo da lata na tigela e a gata lambe alegremente a comida. Por um momento, hesito; depois passo a mão pelo seu dorso. Tem um pelo tão suave. Para de comer e ergue a cabeça para a encostar à minha mão.

Está frio lá fora esta noite. Talvez devesse deixar a gata ficar em minha casa. Seria bom não estar sozinha aqui dentro, apenas por uma noite…

Não. *Não*. Meu Deus, em que estou eu a pensar? Não posso ter um *gato*. O passado não me ensinou nada?

Afasto a mão do pelo. A gata lança-me um olhar severo – ou pelo menos tão severo quanto possível – mas depois recomeça a comer. Fecho rapidamente a porta das traseiras, tranco-a e vou fazer o jantar.

10

Na manhã seguinte, permito-me acordar a umas luxuriantes sete horas. (Menti ao Brady ontem à noite. Não tenho nenhuma cirurgia esta manhã.) Faço uma paragem num café para comprar infusões de cafeína para mim, a Sheila, a Harper e até o Philip. Põem-me as bebidas escaldantes num daqueles tabuleiros feitos para equilibrar quatro copos, e chego ao trabalho uns impressionantes quinze minutos antes do meu primeiro paciente.

– Café! – anuncio à sala de espera vazia. Sinto-me *bem* esta manhã. Como se pudesse passar os próximos dois dias inteiros sem parar. – Trouxe para todos!

Vejo a Harper e a Sheila na receção. Lembro-me do jantar de ontem da Harper com o Sonny e plasmo um sorriso no rosto.

– Harper! Mostre-me lá esse anel!

Demasiado tarde, vejo a Sheila abanar-me a cabeça. Em seguida, vejo os olhos inchados da Harper. Oh, não. Parece que o jantar de ontem à noite não correu exatamente como planeado.

– Está bem? – pergunto suavemente, enquanto pouso os cafés na secretária.

A Harper ergue o olhar para mim. O branco dos seus olhos azuis está raiado de sangue e o seu nariz de botão está vermelho.

– Ele *deixou-me*.

– Oh, Harper… Lamento muito…

Os seus olhos enchem-se de novas lágrimas.

– Não me levou a um bom restaurante para me pedir em casamento. Levou-me lá para me poder deixar sem que eu pudesse armar uma cena.

– Devia ter armado uma cena de qualquer maneira!

– Para quê? – pergunta ela, abanando a cabeça.

– Para quê? Para o fazer pagar. Para o fazer… – Vejo a expressão no rosto da Harper e entendo que estou a falar com a pessoa errada. – Escute, pode ter qualquer homem que quiser. E agora pode concentrar toda a sua energia nos seus estudos.

– A Nora tem razão – intervém a Sheila. – Harper, querida, tu és linda. És demasiado boa para ele. Ouve o que eu te digo: daqui a um mês, estará a implorar-te que o aceites de volta. E tu vais dizer que nem pensar.

A Harper esboça um sorriso corajoso.

Nesse momento, o Philip entra no consultório, a assobiar baixinho uma pequena melodia. Gosta de assobiar. Até o faz durante as cirurgias. Dá com os enfermeiros instrumentistas em doidos.

– Ei – para bruscamente ao ver-nos todas juntas e a Harper de olhos lacrimosos. – O que se passa aqui? Está tudo bem?

– Conversa de mulheres – atiro.

– Tipo, estão a falar dos vossos períodos…? – pergunta com um sorriso.

Às vezes, era bem capaz de o estrangular.

– *Não*.

– O Sonny acabou comigo – diz subitamente a Harper.

– Oh – o Philip consegue realmente adotar uma expressão muito empática. – Lamento ouvir isso, Harper. Mas estou certo de que encontrará alguém ainda melhor.

Teria sido um sentimento muito bonito, se não estivesse a apontar para o próprio peito ao dizê-lo.

– Queres fazer o favor de sair daqui? – digo-lhe.

Com um revirar de olhos, o Philip segue para o seu gabinete, ainda que não sem primeiro agarrar no seu café. A Harper alcança um lenço de papel para limpar os seus olhos. Felizmente, não estava a usar rímel. Não sei muito bem como consegue fazer com que os seus olhos pareçam tão bonitos sem ele.

– Estou bem, doutora Davis – funga. – Juro que estou bem.

Olho-a com ceticismo. Não parece nada bem. Mas têm todos razão. A Harper era *mesmo* demasiado boa para o Sonny. Foi o melhor que lhe podia ter acontecido. Embora ainda não o saiba.

– Escute – digo. – Na sua hora de almoço, quero que leve o cartão de crédito da clínica e ofereça a si mesma uma excelente refeição. E ainda… que compre um presente para si. Algo decadente.

– Não posso fazer isso – protesta a Harper, rindo por entre as lágrimas.

– Pode e *fará*.

Ao menos, consegui arrancar-lhe um sorriso. Leva o café que lhe comprei e a Sheila faz o mesmo. Agarro no meu próprio copo e dirijo-me ao meu gabinete. Pensava que ia ter quinze minutos de calma para beber o meu café, mas agora tenho menos de cinco para o engolir antes de a Sheila me vir buscar.

Ligo o meu computador para ver análises laboratoriais, mas o sistema está lento no arranque. Enquanto espero, consulto uma página de notícias locais no meu telemóvel. Desço pelo ecrã, lendo as manchetes. Paro quando uma delas me chama a atenção:

Homem Local em Estado Crítico Após Acidente de Viação a Alta Velocidade

Leio rapidamente o artigo. Embora não refira o nome da vítima, confirma o local do acidente. Foi decididamente Callahan. É óbvio que ficou gravemente ferido ao colidir com aquela árvore.

Sinto um nó na garganta. É inteiramente culpa minha. Claro que se não me tivesse seguido e tentado assustar-me…

Talvez devesse ir ver como está. O artigo refere que foi levado para o hospital onde trabalho. Podia levar-lhe umas flores.

Ainda que, se estiver nos Cuidados Intensivos com um tubo enfiado pela garganta, provavelmente não as irá apreciar.

Batem à porta e quase salto da cadeira. Olho para o relógio e praguejo em surdina. Como pode o primeiro paciente estar já num gabinete? Ainda há poucos minutos a sala de espera estava vazia.

– Já vou! – grito.

Segue-se outra batida.

– Doutora Davis? – é a voz da Harper. – Posso entrar?

Bebo outro longo trago de café.

– Sim, entre.

A Harper entreabre ligeiramente a porta e espreita antes de se enfiar pela fresta.

– Hã, doutora Davis, está… hã… está cá a polícia para a ver.

Quase cuspo comicamente o café.

– A *quê?*

– Está um polícia lá fora – a Harper junta e torce os punhos. – Diz que precisa de falar consigo imediatamente.

– Sobre o quê?

Ela limita-se a abanar a cabeça.

Os meus pensamentos voam a mil à hora. Por que está aqui a polícia? Quererão falar comigo sobre o quê? Terá algo a ver com Henry Callahan? Terão localizado a minha chamada para o 112 e culpar-me-ão pelo acidente?

Mas uma coisa eu sei. Não posso recusar.

– Diga-lhe para entrar – instruo.

11

O polícia que entra no meu gabinete está em traje civil – camisa e gravata debaixo do casaco – o que me faz pensar que deve ser algum tipo de detetive. É também consideravelmente mais velho do que os polícias que vejo a percorrer o passeio no exterior. Talvez cinquenta e muitos ou sessenta e poucos anos – quase a idade atual do meu pai. O cabelo curto é maioritariamente grisalho e os botões da camisa retesam-se ligeiramente para conter a barriga.

Tudo o que posso fazer é ficar ali sentada, demasiado petrificada para falar.

– Doutora Davis? – o agente sorri, mas é um sorriso frouxo. Nem sequer se aproxima dos seus olhos negros. – Sou o detetive Ed Barber.

– Olá – consigo responder.

Tenho pavor a polícias. Desde aquele dia em que toda a minha vida mudou, quando tinha onze anos. No entanto, desde essa altura, não tive, de modo geral, más interações com agentes da polícia. Sobretudo desde que mudei de apelido. Depois de me acolher, a minha avó insistiu em que mudasse o meu apelido para o dela. Estava desejosa de o fazer. A última coisa que eu desejava que se soubesse era que eu fosse filha de um monstro. E não é como se Nierling fosse um apelido comum.

– Tem um minuto para conversar, doutora Davis? – pergunta o detetive.

– Não propriamente – o meu riso sai-me estrangulado –, mas sente-se.

Barber não hesita em sentar-se numa das cadeiras em frente à minha secretária. Enquanto estuda o meu diploma na parede, esforço-me ao máximo por aliviar as minhas preocupações. Não tive nada a ver com o acidente de viação de ontem à noite. Isso foi inteiramente culpa de Callahan. Seja o que for que o trouxe aqui, eu não fiz nada de mal.

Talvez tenha vindo para pedir a minha opinião médica em relação a outro caso. É perfeitamente possível. Provavelmente, estou a enervar-me por nada.

– Doutora Davis – diz. – Tem uma paciente chamada Amber Swanson?

Paraliso. Era a última coisa que esperava que me perguntasse.

– O quê?

– Amber Swanson. Operou-a?

Agarro num lápis que tenho na secretária e começo a bater com ele na superfície.

Não compreendo. Vou ser processada? Por que haveria um detetive de me visitar por causa disso?

– O nome soa-me familiar.

– Fez uma apendicectomia.

Começo agora a recordar-me. Há uns meses, estava de serviço nas Urgências e ela deu entrada com dores no quadrante inferior direito. Lembro-me de entrar na sala de exame e de encontrar a pobre Amber em posição fetal. Felizmente, conseguimos levá-la para o bloco operatório antes de o seu apêndice se romper. A cirurgia foi um perfeito sucesso e ela estava animada na sua consulta de pós-operatório.

– Sim – digo cuidadosamente. – Lembro-me dela.

A ruga entre as sobrancelhas de Barber aprofunda-se.

– Infelizmente, a senhora Swanson foi encontrada assassinada por volta das três da manhã.

– Oh! – tapo a boca com a mão. – Oh, meu Deus. Isso é horrível. Tinha apenas… Era muito nova.

– Vinte e cinco anos – confirma. – Uma verdadeira pena. Desapareceu há dois dias e apareceu a flutuar no rio San Joaquin.

– Oh, meu Deus – fecho os olhos à imagem do corpo sem vida de Amber Swanson a flutuar no rio. – É terrível. Mas… – engulo em seco. – Como posso ajudá-lo, detetive?

– Bem – diz. – Perguntava-me apenas quando foi a última vez que viu a Amber.

Abano a cabeça.

– Na consulta de pós-operatório. Foi, provavelmente, há algumas semanas.

– E não voltou a vê-la desde então?

– Não…

Toda esta linha de interrogatório começa a deixar-me muito inquieta. Por que está a perguntar-me isto?

– Onde estava há duas noites, doutora Davis?

– Há duas noites? – repito, franzindo o sobrolho.

– Se pudesse dar-me uma ideia do que fez nessa noite…

Lanço-lhe um olhar fulminante.

– Vai visitar todos os médicos da Amber Swanson e interrogá-los desta maneira?

O detetive Barber fita-me por um momento com os seus astutos olhos negros, muito mais jovens do que as rugas do seu rosto. Deixa-me incrivelmente desconfortável, mas não desvio o olhar. Finalmente, ele chega-se mais perto.

– Eis a questão, doutora Davis – explica. – Quando encontrámos a Amber, tinham-lhe cortado as duas mãos.

Ele sabe. Oh, céus, ele sabe quem eu sou. Nem sequer tem de o dizer – só pode haver uma razão para andar a farejar à minha volta depois de uma revelação assim.

O meu pai tinha um *modus operandi*. Nenhum dos corpos das vítimas encontradas tinha mãos. Ele cortava-as e preservava os ossos numa arca na nossa cave. Foi por isso que lhe deram a alcunha *Mãozinhas*. Em parte por alegar que a cave era a sua oficina, mas também devido às mãos desaparecidas.

Barber tem idade suficiente para provavelmente já ser polícia na altura em que o meu pai foi capturado. Provavelmente lembra-se, embora tenha a certeza de que existem bases de dados que o teriam sinalizado caso não se lembrasse.

– Aaron Nierling está na prisão – digo cautelosamente. – Isto não tem absolutamente nada a ver comigo.

Barber inclina a cabeça para o lado.

– Bem, é seu pai. Portanto, diria que tem um pouco a ver consigo.

Sinto o rosto corar, mas tenho o cuidado de não reagir. É isso que ele quer.

– Se me quiser fazer mais perguntas – afirmo –, terá de ser na presença do meu advogado. Estou certa de que sabe tão bem quanto eu o quão ridículo isto é.

O detetive limita-se a olhar-me fixamente. É como se estivéssemos a jogar ao sério. Sempre tive muito jeito para isso.

– Doutora Davis – diz por fim. – Uma jovem foi mutilada e assassinada. Se pensa que há algo nisso que eu não levo a sério, está completamente enganada.

Dito isto, levanta-se da cadeira com um gemido. Enfia a mão no bolso do casaco e, por um horrível momento, estou certa de que me vai apontar uma arma e dizer-me para pôr as mãos na cabeça. Mas, em vez disso, tira um cartão de visita. Deposita-o na minha secretária.

– Se se lembrar de alguma informação que nos possa ajudar, ligue-me – pede-me. – A qualquer hora, doutora.

– Assim farei – aquiesço.

Observo-o a sair do meu gabinete, e só depois de fechar a porta atrás de si sinto que posso voltar a respirar normalmente. Mas a minha cabeça continua a zumbir. Porque há outra coisa de que me lembrei. Algo que não me atreveria a dizer a este detetive, mas em que é difícil não pensar.

Tiro o telemóvel do bolso. Abro um motor de busca e introduzo o nome Amber Swanson.

Sim, Aaron Nierling tinha um *modus operandi*. Mas tinha também um *tipo*. Mulheres na casa dos vinte, com cabelo escuro e olhos azuis. Quase sempre.

O motor de busca encontra várias Amber Swanson, mas sei de quem ando à procura. Passaram-se várias semanas, mas lembro-me do seu rosto. Só há um pormenor de que não tenho a certeza. No entanto, ao encontrar uma fotografia, a minha memória é reavivada.

É tal como eu recordava. Vinte e cinco anos. Bonita, com uns ondulantes cabelos

negros. Lembrava-me perfeitamente de tudo isso. Mas aquilo de que não estava certa olha-me agora de frente.

Os seus límpidos olhos azuis.

12

26 ANOS ANTES

Durante o almoço, a Tiffany tem a ideia de enrolar pedacinhos brancos de papel e transformá-los em bolas de cuspo. Enfia uma na sua palhinha, franze os pequenos lábios rosados e sopra. A bola voa pelo ar e aterra em cheio na parte de trás do oleoso cabelo castanho de Marjorie Baker.

A Marjorie tateia a nuca, onde a bola de cuspo jaz, húmida e reluzente, entre madeixas de cabelo. Sabe que algo a atingiu, mas não tem a certeza de quê. A Tiffany tapa a boca com a mão e ri. É sempre ela a liderar os ataques à Marjorie nos últimos tempos. Tem uma longa cabeleira loura, sedosa e bonita, e todos os rapazes da turma têm uma paixão secreta por ela. Mas a Tiffany não se interessa pelos rapazes – a única coisa que lhe parece interessar é provocar a Marjorie. É a sua atividade preferida.

– Deixa-me tentar! – pede Amanda Cutraro. Agarra na sua própria palhinha e repete o processo. Pouco depois, uma segunda bola húmida aloja-se no cabelo da Marjorie. Uma terceira ressalta no cabelo e cai para o capuz da sua camisola.

A pior parte é que a Marjorie não parece conseguir encontrar as bolas de cuspo. Vemo-la tatear a nuca, procurando com os dedos, mas não está nem perto. Vira-se para nos lançar um olhar fulminante e a mesa desfaz-se em risinhos.

– Nora, queres tentar? – pergunta a Tiffany.

Abano a cabeça em negação.

– Porque não? – insiste.

– Não me apetece – respondo, com um encolher de ombros.

Se eu fosse outra pessoa, provavelmente a Tiffany ter-me-ia pressionado para me obrigar a fazê-lo. Mas a Tiffany não se mete comigo. Ela e eu temos um entendimento.

Finda a hora de almoço, quando vai despejar o seu tabuleiro no lixo, a Marjorie tem ainda pelo menos uma dúzia de bolas de cuspo no cabelo. Conseguiu tirar algumas, mas a maioria está presa às madeixas como cola. Provavelmente, ficarão lá o dia inteiro.

A seguir ao almoço, há um intervalo. A Marjorie tem o seu livro, como sempre, e vejo-a caminhar (ou *bambolear*) até ao extremo mais afastado do recreio para ler a sós.

As outras raparigas vão jogar à macaca, mas desta vez não me junto a elas. Em vez disso, dirijo-me ao local onde a Marjorie está sentada. Sem esperar que diga algo, sento-me ao seu lado.

– Olá – digo.

A Marjorie ergue o olhar.

– As outras raparigas mandaram-te aqui para gozares comigo?

– Não.

Ela semicerra os seus aquosos olhos castanhos.

– Então o que fazes aqui, Nora?

– Estavas sozinha. Pensei que talvez pudesses querer alguém com quem falar.

A Marjorie resfolega.

– Se falares comigo, as outras raparigas deixarão de ser tuas amigas. Vão pensar que és uma falhada, como eu.

– Não estou muito preocupada com isso – respondo com sinceridade.

Pela primeira vez desde que me sentei, vejo uma pequena semente de esperança no rosto da Marjorie. Desde que a conheço, quando andávamos no primeiro ano, nunca teve um verdadeiro amigo. E, embora eu tenha tido grupos de raparigas com quem convivia, ela sabe que também nunca tive um amigo chegado. Acha que talvez haja algo aqui.

É exatamente isso que eu quero que ela pense.

– Escuta – digo. – Prometi à Tiffany que brincava com elas hoje, mas acho que devíamos passar algum tempo juntas, um dia destes. Se quiseres.

– Hum… – a Marjorie morde o lábio inferior. – Queres mesmo?

Aceno com a cabeça.

– Acho que és simpática. É *tão* injusto que as outras raparigas sejam más para ti.

Um minúsculo sorriso floresce nos lábios da Marjorie.

– Bem, pode ser. Podemos conviver, se quiseres. Quando?

– Que tal hoje depois das aulas? Podemos ir para casa juntas.

Ela faz uma careta.

– Hoje a minha mãe vem buscar-me logo a seguir às aulas. Tenho consulta no dentista.

Tento não deixar que a minha desilusão transpareça.

– Não faz mal. E se for amanhã depois das aulas?

Agora ela está realmente a sorrir.

– Sim, claro!

– Ótimo! – retribuo o sorriso, que parece de plástico nos meus lábios. – Mas eis a questão. Não podes dizer a ninguém que vamos estar juntas.

– Não? – pergunta, franzindo o sobrolho.

– Pensa só – digo. – A nossa amizade tem de ser um segredo. Se disseres a alguém,

a Tiffany vai descobrir e vai tentar convencer-me a não andar contigo. Não quero isso. – Arqueio as sobrancelhas. – *Tu* queres?

– Não… – responde a Marjorie, abanando lentamente a cabeça.

– Provavelmente nem devias dizer aos teus pais – acrescento. – Porque sabes como todos os pais falam uns com os outros.

– Certo – concorda, apesar de não parecer totalmente convencida.

Quem me dera que a Marjorie tivesse aceitado encontrar-se comigo hoje depois da escola. Tornaria as coisas muito mais simples. Não teria de me preocupar com a sua tagarelice.

– Se contares a alguém – digo-lhe –, incluindo os teus pais, não poderemos estar juntas amanhã. Está bem?

– Está bem – acaba por concordar.

Olho-a nos olhos, perguntando-me se posso confiar nela. Acho que sim. Marjorie Baker nunca teve um amigo e quer um. *Desesperadamente*. Quer acreditar que eu quero passar tempo com ela. Quer muito acreditar que estou a fazer isto porque gosto realmente dela, e não porque a Tiffany me convenceu a fazê-lo.

Bem, a Tiffany não me convenceu a fazer isto.

É muito pior.

– Vou chegar tarde da escola amanhã – digo aos meus pais durante o jantar.

– Oh? – a minha mãe leva um pouco de guisado à boca. – A que horas?

– Talvez uma hora mais tarde? Tenho só de pesquisar umas coisas na biblioteca.

– Está bem – concorda a minha mãe. – Liga-me se precisares de boleia para casa.

– Assim farei – só que não, na realidade.

– Linda – o meu pai olha para o prato da minha mãe. – Não vais mesmo comer isso tudo, pois não?

Ela franze o sobrolho.

– Como assim?

A voz do meu pai é calma e regular, como sempre. Mas tem algo de cortante.

– Não é suficientemente mau que tenhas engordado até ficares do tamanho de uma casa? Estás a tentar chegar a um *prédio?*

As maçãs do rosto da minha mãe ruborizam-se.

– Tenho tido muita fome, só isso.

– Mesmo assim – o meu pai bebe um longo trago do seu *Old Fashioned*. É a sua bebida preferida. Toma um todas as noites ao jantar. – É embaraçoso, Linda. Já nem quero sair contigo em público – olha para mim. – Nora, isto é um exemplo do que *não deves* fazer depois de casar.

Ao ouvir estas palavras, a minha mãe levanta-se da mesa e agarra no seu prato. Desaparece na cozinha e a porta fecha-se nas suas costas. Não é a primeira vez que

discutem desta maneira. A minha mãe está provavelmente a acabar o seu guisado lá dentro, onde ele não a pode ver.

Agora que a minha mãe saiu, o meu pai parece ter-se esquecido de que eu estou à mesa. Enfia a comida na boca e bebe o resto do seu *Old Fashioned*. Depois de terminar, levanta-se tão depressa que quase faz cair a cadeira. Tira as chaves do bolso, abre a porta da cave e desaparece no seu interior. Provavelmente, não voltarei a vê-lo esta noite. Vai sempre lá para baixo depois de discutirem.

Só comi metade do meu guisado, mas não estou realmente com fome. Levanto-me discretamente da cadeira e esgueiro-me até à porta da cave. Estendo a mão e tento suavemente rodar o puxador. É claro que ele a trancou.

Encosto o ouvido à porta. Oiço um zunido. Uma espécie de serra mecânica? Quem me dera poder ver o que se passa lá em baixo. Ao encostar ainda mais o ouvido ao espaço entre a porta e o caixilho, o aroma a lavanda torna-se quase avassalador. Mas há algo mais. Um outro cheiro misturado com a lavanda. Parece…

Algo podre.

– Nora.

Quase dou um salto. A minha mãe está à minha frente, segurando uma pilha de três pratos vazios com um copo equilibrado no topo. Afasto-me rapidamente da porta da cave, fingindo que não estava a tentar ouvir o que se passa lá em baixo. A minha mãe vai provavelmente dizer-me para deixar de ser tão metediça em relação à cave.

– Ajuda-me a lavar os pratos – pede em vez disso.

– Está bem – acedo. Cerro as mãos em punhos. – Quando achas que o pai vai acabar de fazer aquela estante?

A minha mãe fica calada por um momento.

– Não sei.

– Mas…

– Já disse que *não sei*, Nora.

Bato os pés enquanto sigo a minha mãe de regresso à cozinha. Simplesmente não percebo o porquê de o meu pai ser tão reservado em relação à sua oficina na cave. Por que não posso ver o que está a fazer lá em baixo?

Afinal, talvez eu pudesse ajudar.

13

PRESENTE

Ainda bem que não tenho cirurgias hoje, pois é impossível concentrar-me depois da visita do detetive Barber. Só consigo pensar em Amber Swanson. E em quem lhe poderia ter feito aquilo.

Talvez seja uma coincidência. Peço a Deus que sim. Mas nunca acreditei realmente em coincidências.

Ainda assim, não pode ter sido o meu pai. Está na *prisão*. Para a vida. Para *dezoito* vidas.

Por volta das cinco horas, retiro-me para a nossa casa de banho para fazer uma pausa. Há uma casa de banho pública no nosso andar, mas temos outra que só nós os quatro utilizamos. Tranco-me lá dentro e borrifo o rosto com água. Ao olhar para o meu reflexo, vejo que os meus olhos negros parecem raiados de sangue.

Fecho os olhos e respiro fundo. Vai ficar tudo bem. Eu não fiz nada de mal.

Abro os olhos e volto a salpicar o rosto com água. Em seguida, esguicho um pouco de sabonete para as mãos. Mas, antes de poder sequer esfregá-las, o perfume do sabonete invade-me as narinas. E dá-me vómitos.

É *lavanda*.

Subitamente furiosa, agarro na embalagem de sabonete. Saio da casa de banho e marcho pelo corredor até ao gabinete do Philip. Bato à porta e abro-a sem esperar uma resposta. Ele está sentado à secretária, a ditar para o seu computador, e arregala os olhos ao ver-me.

– O que é isto? – pergunto, erguendo o frasco de sabonete. Sacudo-o diante do seu rosto.

Ele franze o sobrolho.

– É sabonete?

– Sabonete de *lavanda*!

– E então…? – pergunta, encolhendo os ombros.

– De onde veio?

– Encomendei-o – abana a cabeça na minha direção. – Preci-sávamos de sabonete para a nossa casa de banho. Não compreendo. Qual é o problema?

– Odeio lavanda – respondo, cerrando os dentes. – Já te tinha dito isso.

– Não me lembro de alguma vez me teres dito tal coisa.

– Garantidamente que o fiz.

– Jesus Cristo, Nora – passa uma mão pelo cabelo. – É só *sabonete*. Relaxa.

Atiro a embalagem para o seu caixote do lixo, que estremece com o impacto.

– Compro outro sabonete amanhã. Não voltes a comprar sabonete, se não te consegues lembrar do que não deves comprar. Está bem?

Saio do gabinete, batendo com a porta atrás de mim. Talvez tenha exagerado um pouco. Ou melhor, mais do que um pouco. Mas odeio lavanda acima de tudo. Ainda sinto náuseas do fedor daquele sabonete. Quase sinto que preciso de tomar já um duche para o tirar de mim.

Geralmente, sou a última a sair do consultório, mas hoje termino rapidamente a minha papelada e ponho-me a andar assim que despacho o meu último paciente. Quando chego à sala de espera, a Harper e a Sheila estão ambas a vestir os casacos.

– Ei, Nora – diz a Sheila. – A Harper e eu vamos sair para tomar uns copos e falar do canalha que o Sonny é. Quer juntar-se a nós?

Normalmente, sim, quereria ir com elas. Quero apoiar a Harper e certificar-me de que este pequeno contratempo não a faz tropeçar no seu caminho para a medicina. Mas sentar-me num bar com a Sheila e a Harper a fingir que me interesso por algo tão mundano como *homens*… Simplesmente não sou capaz esta noite.

– Lamento – respondo. – Tenho de ir para casa.

A Harper franze-me o sobrolho.

– Ainda está perturbada por causa daquela paciente? A que morreu.

Naturalmente, depois de o detetive partir, falei-lhes de Amber Swanson. Tinha de o fazer. Mas deixei de fora a parte de eu ser suspeita devido a ter sido mutilada da mesma exata forma que o meu pai assassino em série costumava fazer às *suas* vítimas. Ninguém nesta clínica sabe que eu nasci Nora Nierling. E nunca saberão.

– Estou só cansada – minto. – Mas divirtam-se.

A Sheila e a Harper adotam expressões desiludidas, mas não fazem mais nenhuma tentativa de me convencer a ir com elas. Sou a chefe de ambas, por isso é desconfortável. Além disso, não sou particularmente divertida. Sei ao menos isso a meu respeito. Divertir-se-ão mais sem mim.

Ao entrar no carro, o meu plano é ir para casa, tal como lhes disse. Mas, em vez disso, dou por mim a fazer um desvio. Vou ao Christopher's pela terceira vez em três dias. Só que desta vez não vou à procura de um *Old Fashioned*.

Ao entrar no bar escuro, vejo imediatamente o Brady a preparar bebidas. Está a fazer qualquer coisa com um misturador de *cocktails* e consigo ver os músculos salientes dos seus braços. Sinto um ligeiro arrepio. Há muito que me tenho vindo a

privar, mas preciso disto agora.

Adoro a forma como o seu rosto se ilumina ao ver-me. Acaba de atender o seu cliente e dirige-se imediatamente a mim.

– Outro *Old Fashioned*?

Olho-o nos olhos enquanto faço deslizar sobre o balcão o guarda-chuva que me emprestou.

– Quando sais do trabalho?

Um sorriso surpreendido alastra-se pelo seu rosto.

– Daqui a uma hora.

– Ótimo.

– Então… – arqueia uma sobrancelha. – Vais finalmente deixar que eu te leve a jantar?

– Não – abano a cabeça. – A tua casa.

O seu sorriso vacila ligeiramente. Não sei se me deva sentir magoada ou lisonjeada por ele esperar algo mais de mim além de um encontro de uma noite.

– Oh…

– Não temos de o fazer, se não quiseres.

– Não – responde rapidamente o Brady. – Quero. *Decididamente*. Mas não queres comer qualquer coisa primeiro ou…?

– Não. Quero ir direta para tua casa.

Ele pestaneja algumas vezes.

– Está bem, então. Nesse caso… espera aqui e não te mexas, suponho.

– Durante uma hora – digo.

– Exato. Uma hora. Não saias daí, está bem?

Acabo por deixá-lo preparar-me um *Old Fashioned*, e ele insiste que seja por conta da casa. Passo a hora seguinte a bebericar a minha bebida, fingindo navegar na Internet no meu telemóvel, mas, na realidade, a observar o Brady pelo canto do olho. Não fala muito comigo, pois o bar está movimentado esta noite e tem muitos clientes para atender, mas, a cada poucos minutos, capta o meu olhar e sorri-me.

Lembro-me repentinamente do meu primeiro encontro com o Brady, que parece ter sido há um milhão de anos. Foi um encontro a sério. Apareceu à porta do meu quarto individual com uma impecável camisa branca e, até, de gravata. Parecia nitidamente desconfortável com ela, pelo que, pouco depois de nos sentarmos no restaurante italiano a que me levou, inclinei-me para ele e perguntei:

– Queres tirar a gravata?

– Hã… – os seus dedos voaram automaticamente para o nó. – Há algo de errado com ela?

– Parece simplesmente que a odeias.

– Eu… – deu um puxão na gravata. – Sim. Tens razão. Odeio-a.

– Então por que a puseste?

– Queria impressionar-te – sorriu timidamente. – Não parece que esteja a resultar.

Contudo, o engraçado é que *estava*. O último rapaz com quem tivera um encontro tinha aparecido de *T-shirt* e calças de ganga. Não que houvesse algum mal nisso, mas adorava que o Brady tivesse feito um esforço. Adorava que usasse uma gravata desconfortável por querer impressionar-me. A maioria dos rapazes da universidade não se teriam dado a esse trabalho.

– Acho que está a resultar melhor do que pensas. Mas podes tirá-la na mesma.

– Nem pensar – respondeu. – Se está a resultar, vou continuar com ela.

Era giro. Lembro-me de gostar *muito* dele. Não ao ponto de alguma vez dizer a palavra A ou algo parecido, mas gostava tanto dele quanto me era possível gostar de alguém.

Por que raios o deixei? Não consigo mesmo lembrar-me. Está a dar comigo em doida.

Quando a hora termina e outro *barman* aparece para substituir o Brady, quase salto do meu banco. Ele dirige-se a mim, limpando as mãos às calças de ganga.

– Pronta?

Anuo.

– A que distância vives daqui?

– Dez minutos. Mesmo à saída de El Camino.

Por um segundo, pondero perguntar-lhe se me pode levar até sua casa e trazer-me de volta no fim. Mas não. Quero o meu carro comigo.

– Eu sigo-te – digo.

– Certo – concorda. – Dá-me o teu número de telefone.

– O meu número de telefone? – repito, semicerrando os olhos. – Para quê?

– Devíamos trocar números, para o caso de não conseguires encontrar a minha casa.

Guardo o telemóvel na bolsa e aperto-a contra o peito num gesto protetor.

– Eu encontro-te. Não estou muito preocupada. Não é propriamente uma cirurgia ao cérebro.

– Hum. Imagino que o saberias.

– Saberia, sim – considerei optar pela neurocirurgia como profissão, mas não me agradava tanto cortar o crânio como me agrada cortar o abdómen.

Ele suspira.

– Não queres que tenha o teu número. Compreendo. Mas deixa-me ao menos dar-te o meu. Está bem?

Tudo bem. Tiro o telemóvel da bolsa e deixo-o ditar-me os algarismos do seu número de telefone. Guardo-os sob o seu nome, tendo o cuidado de não marcar

acidentalmente o número, pois nesse caso ele ficaria com o meu. Jamais lhe irei ligar.

Vive dez minutos a sul do Christopher's, mesmo na fronteira de San José. O seu bairro parece tranquilo, mas ligeiramente duvidoso. As casas parecem devolutas, os relvados quase universalmente a precisar de cuidados. Felizmente, não tenho um carro sofisticado como o do Philip, ou estaria preocupada com a possibilidade de ser roubado.

– Podemos estacionar aqui? – pergunto ao Brady, ao sair do meu carro parado atrás do dele.

– Sim. Não te preocupes com isso.

Olho para a pequena casa em frente à qual estacionámos. É uma velha casa esbranquiçada, tão decrépita quanto as outras do quarteirão, com a tinta a descascar e uma das janelas entaipada. As escadas de cimento que sobem até à porta da entrada estão a desfazer-se. No alpendre da frente, está uma cadeira de baloiço a oscilar suavemente. Por um momento, estou certa de que está vazia. Mas, então, consigo distinguir a silhueta de um corpo macilento na cadeira. Cabelos prateados brilham ao luar.

O Brady ergue a mão em cumprimento.

– Olá, senhora Chelmsford.

O esqueleto ergue a mão direita, mas não diz nada. Apesar de não estar assim tanto frio na rua, estremeço.

– A senhora Chelmsford é a dona da casa – explica-me o Brady enquanto nos dirigimos às traseiras. – Mas está um pouco senil, e fiz o contrato de arrendamento através da sobrinha. Limita-se a passar a maior parte do tempo sentada no alpendre. Felizmente, tenho a minha própria entrada.

Não sei por que me inquieta aquela velhota a baloiçar para a frente e para trás no alpendre. Talvez por estar tão quieta e calada. Se não tivesse erguido a mão em saudação, teria tido a certeza de que estava morta.

O Brady abre a porta de rede e introduz a sua chave na fechadura atrás dela. Há umas escadas no interior, e faz-me sinal para o seguir pela escura e estreita escadaria. Não costumo ser claustrofóbica, mas sinto-me aliviada ao chegarmos à porta principal.

O apartamento do Brady é pequeno, o que não é de admirar, tendo em conta a dimensão da casa. Olho em volta, assimilando a minúscula sala de estar com um velho e maltratado sofá e uma poltrona que parece, talvez, ter sido resgatada da berma da estrada. Ele vê a minha expressão.

– Não fiquei com a melhor parte da mobília no divórcio – observa. – Na verdade, não fiquei com nenhuma.

– Não tem importância – digo. E não tem.

– Faço-te uma visita guiada – aponta para a sala de estar. – Ali é a sala de estar.

Obviamente. A cozinha é além. Aquele quarto à direita é o meu quarto. A casa de banho fica mesmo ao lado – resfolega. – E agora talvez estejas a desejar que tivéssemos ido antes para tua casa.

– Não estou, não.

– Certo. Porque então eu saberia onde vives.

Retraio-me, pois acertou em cheio. É um episódio isolado. Não quero que tenha o meu número nem que apareça à minha porta.

– Tudo bem – diz. – A sério.

Aponto para outra porta que parece estar fechada.

– O que é aquela divisão?

Por uma fração de segundo, hesita.

– É o meu escritório. Costumava utilizá-lo quando trabalhava para a *start-up* – pigarreia. – Queres beber alguma coisa? Um pouco de água?

– Não, obrigada.

– Uma cerveja? Ou… – abre o frigorífico e espreita para o interior. – Talvez tenha alguma vodca ou assim.

Dirijo-me à cozinha e ponho-lhe a mão no ombro. Ele interrompe a sua procura por álcool, fecha o frigorífico e vira-se para me fitar. Vejo o seu peito subir e descer por um instante enquanto me olha nos olhos.

Em seguida, inclina-se para me beijar.

14

Era mesmo disto que eu precisava.

Deitada junto ao Brady na sua nodosa cama de casal, com o seu edredão áspero parcialmente estendido sobre nós, sinto que mal consigo recuperar o fôlego. Olho para ele, vendo-o esboçar um sorriso aturdido, e tenho quase a certeza de que o meu parece igualmente atordoado. Estou um pouco zonza de toda a situação.

– Foi bom? – pergunta.

– Muito bom – respondo. – Melhoraste.

– Desde a universidade? – desata a rir. – Espero bem que sim.

Não quero admitir quanto tempo passou desde a minha última vez. Estive com outros homens desde a universidade, mas não muitos. Aproximo-me mais dele, deixando-o envolver-me com o braço e puxar-me para si. Pergunto-me se não terei sido demasiado cautelosa. Talvez não fosse a pior das ideias deixá-lo ter o meu número de telefone. Para uma repetição ou duas. Ou dez.

– Fiquei tão feliz por te ver esta noite – murmura ao meu cabelo. – Tinha a certeza de que nunca mais irias voltar depois da noite de ontem.

– Ainda bem que o fiz – levanto a cabeça para o fitar. A sombra da sua barba está agora muito escura. – Quanto tempo demoraste a reconhecer-me quando cheguei ao Christopher's na outra noite?

– Cerca de dois segundos.

– A sério? – arqueio as sobrancelhas. – Acho que estou muito diferente.

– Não assim tanto. Seja como for, és difícil de esquecer.

Não sei muito bem o que quer dizer com isso. Será um elogio? Deve ser, suponho, tendo em conta que acabámos aqui. Não me agrada a ideia de ser memorável. Fico feliz quando os meus pacientes se lembram de mim, mas a ideia de um tipo que só conheci fugazmente na universidade me reconhecer tão rapidamente deixa-me um pouco desconfortável.

O Brady deve sentir o meu desconforto, pois acrescenta:

– Apenas acho que és a rapariga mais fixe com quem alguma vez namorei.

– A rapariga mais «fixe» com quem alguma vez namoraste? Agora sei que estás a inventar…

– Mas és! – insiste. – Nunca tinha conhecido alguém como tu. Há algo de diferente em ti.

Não há nada de diferente em mim. Pelo menos, nada que tenha divulgado a alguém que conhecesse. Para o Brady, sempre fui simplesmente a Nora Davis. Nunca soube do meu passado. E nunca saberá.

– Além disso – acrescenta –, és a mulher mais bonita com quem alguma vez saí.

– Sim, pois – respondo, a rir.

– És mesmo – aperta-me o ombro. – Tu e a Laurie Strode são as minhas preferidas de sempre.

Laurie Strode? Quem é a Laurie Strode? Nunca ouvi sequer falar em… Oh, não. Lembro-me do motivo pelo qual acabei com o Brady. Deve sentir o meu corpo retesar-se. Toca-me no queixo com os dedos.

– Nora?

Sento-me na cama, apanhando a parte de cima do meu pijama cirúrgico do local onde a abandonei no chão.

– Tenho de ir à casa de banho.

O Brady senta-se também, vendo-me vestir a camisola, a roupa interior e depois as calças. Enquanto aperto o cordão, ele franze o sobrolho.

– Vais-te embora?

– Tenho de me levantar cedo para uma cirurgia amanhã de manhã.

– Sim, mas… – o cobertor cai-lhe do peito musculado e, por um momento, sinto-me tentada a ficar. – Não é assim tão tarde. Fica mais um pouco. Podemos encomendar uma piza ou assim.

– Não me parece.

– Comida chinesa?

– Desculpa – olho o quarto em busca dos meus sapatos; depois lembro-me de os ter deixado junto à porta da frente. – Tenho uma agenda muito ocupada.

Antes que possa protestar novamente, corro para a casa de banho e fecho a porta atrás de mim.

Olho para o puxador e vejo um pequeno trinco. Rodo-o, embora ache altamente improvável que o Brady tente entrar. Estou certa de que ainda está sentado na cama, a dar voltas à cabeça a tentar perceber o que fez de errado. Mas preciso de um momento de absoluta privacidade. Só para mim.

Vejo o meu aspeto ao espelho. Algures entre a cozinha e o quarto, soltei o cabelo do seu puxo, e as madeixas negras estão espalhadas por todo o lado. Felizmente, não estava a usar maquilhagem que pudesse esborratar, mas estou nitidamente em desalinho. Salpico o rosto com água e respiro fundo.

Laurie Strode. Claro.

Laurie Strode, representada por Jamie Lee Curtis, era a rapariga do *Halloween*.

Aquele filme com Michael Myers, sabem, o tipo da máscara branca que tenta matar a ama. Vi esse filme com o Brady na universidade porque ele o adorava. Depois, vimos os outros da série *Halloween*. E *Sexta-Feira 13*. *Pesadelo em Elm Street*. Ele adorava filmes de terror com assassinos.

E eu comecei a adorá-los também. A minha parte preferida do dia era quando me enroscava com o Brady no sofá da área comum do seu apartamento a ver atores serem espancados até à morte. Era provavelmente a melhor relação que alguma vez tinha tido. Nunca antes me tinha sentido tão ligada a alguém.

Lembro-me agora do momento em que deixei de gostar dele.

Era sábado à noite. Tínhamos sido convidados para uma festa de máscaras, mas esperámos até ao último minuto para lidar com a situação dos disfarces. Eu tinha pensado que ia simplesmente vestida de gata *sexy* ou algo nessa linha, mas o Brady insistiu em usarmos algumas máscaras assustadoras que tinha no armário. *De Halloweens passados*, disse-me.

E era verdade, tinha meia dúzia de máscaras escondidas no fundo do seu guarda-roupa. Ri ao vê-lo erguer a máscara de hóquei de Jason. Ou a máscara de Freddy Krueger, que era uma massa de pele cicatrizada. *Já estás assustada?*, provocou-me.

E então tirou outra máscara do monte. Quando a ergueu até ao rosto, um arrepio desceu-me pela espinha. O que era aquilo?

É a minha máscara de Halloween de há uns dez anos, explicou. *Lembras-te daquele assassino em série aqui do Oregon, que matou todas aquelas mulheres e lhes cortou as mãos? O* Mãozinhas*?*

Foi então que tive a certeza do que estava a ver. O Brady tinha uma máscara de Halloween *do rosto do meu pai*. Pois claro, porque estava eu tão surpreendida? Não tínhamos passado todo o nosso relacionamento a ver mulheres serem espancadas até à morte? Era uma versão ficcionada da vida do meu pai.

Ao olhar para aquela velha máscara, senti-me tão doente que tive de inventar uma desculpa para evitar ir à festa. No dia seguinte, deixei-o. E passei o resto do curso a fugir em sentido contrário de cada vez que o via.

Meu Deus, como podia ter-me esquecido? Devo tê-lo bloqueado. Depois de me separar do Brady, nunca mais vi um filme de terror. Deixou de ser o mesmo depois disso.

Pergunto-me se ainda vê filmes de terror com assassinos. Se ainda os adora tanto quanto antes.

Pergunto-me se ainda tem aquela máscara do rosto do meu pai.

Respiro fundo, trémula, e saio da casa de banho. A porta do quarto está fechada – tê-la-ei fechado ao sair? Não me lembro. Ponho a mão no puxador, com a intenção de dizer ao Brady que estou de saída. Devo-lhe ao menos isso. Não é que tenha feito

algo de errado.

Mas o puxador não roda. A porta do quarto está trancada.

Franzo o sobrolho e volto a tentar. Por que se trancou no quarto? É estranho.

– Nora? O que estás a fazer?

Bruscamente, levanto a cabeça. O Brady está ao meu lado, agora com as calças de ganga e a *T-shirt* que trazia antes. Tem as sobrancelhas franzidas.

– Ia apenas voltar para o quarto – respondo.

Ele olha por cima do ombro.

– O quarto é ali. Aí é o meu escritório, lembras-te?

– Oh.

Ele resfolega.

– Acho que és a primeira pessoa a perder-se neste apartamento minúsculo.

– Pois… – olho novamente para a porta fechada, com o estômago subitamente às voltas. – Por que trancas o teu escritório?

Ele encolhe os ombros.

– Tenho alguns documentos financeiros lá dentro. Estou só… a mantê-los seguros.

– Certo…

Não posso deixar de notar como o Brady evita os meus olhos. Estará a mentir-me? Haverá algo mais neste quarto trancado? Algo que não quer que ninguém veja?

Não posso deixar de recordar a porta trancada da cave da velha casa onde cresci. O que se descobriu por detrás dela.

No entanto, isto é totalmente diferente. As pessoas trancam portas de divisões em suas casas, por amor de Deus. Não quer necessariamente dizer que sejam assassinos em série psicóticos. E o Brady parece perfeitamente amigável. Consigo perceber isso.

Inspiro profundamente pelo nariz, tentando detetar o cheiro vagamente familiar a sangue velho e carne apodrecida.

Não. Nada.

Nem mesmo lavanda.

– Enfim – digo, passando pelo Brady em direção à sala de estar. A minha bolsa está onde a deixei, em cima da bancada da cozinha, e os meus tamancos estão caídos na sala. Enfio de novo os pés nos sapatos. – Vou andando.

– Acompanho-te ao carro.

– É desnecessário.

Ele abana a cabeça.

– Não é um bairro lá muito bom. Sentir-me-ei melhor se te acompanhar ao carro.

– Sei tomar conta de mim mesma.

– Há alguma *razão* para não quereres que te acompanhe ao carro?

Interrompo o gesto de vestir o casaco e ergo o olhar para o Brady. Tem uma expressão magoada no rosto. Dou-me conta de que estou a ser uma cabra. Passámos

um bom bocado esta noite e estou a partir de forma bastante brusca. Ele não fez nada para merecer isso. Não foi outra coisa que não simpático comigo. E o que fez no quarto foi…

– Muito bem – acedo. – Vamos.

O Brady recolhe as chaves da bancada da cozinha e enfia-as no bolso. Em seguida, segue-me escadas abaixo e pela porta da frente. Não dizemos uma palavra durante todo esse tempo, mas oiço os seus passos atrás de mim.

Embora já estivesse escuro quando chegámos, parece ainda mais agora. O bairro não é lá muito bem iluminado. Olho para a frente da casa e, inicialmente, parece-me que a velhota ainda está a baloiçar na sua cadeira, mas então percebo que agora está vazia. Deve estar a oscilar devido ao vento.

Por mais que odeie admiti-lo, sinto-me grata por o Brady ter saído para me acompanhar ao carro. Até dá a volta para me abrir a porta do lado do condutor. Apesar de ser o *meu* carro. Alguém o educou com boas maneiras.

Faz-me pensar novamente naquela gravata que usou no nosso primeiro encontro. Em como se esforçou. Quase é o suficiente para me querer fazer ficar.

– Nora – diz.

Deslizo para o lugar do condutor e ergo o olhar.

– Sim?

– Diverti-me muito esta noite – acrescenta.

– Eu também.

Morde o canto do lábio.

– Achas que…? – nem sequer termina a pergunta. Sabe a resposta. – Olha, tens o meu número. Sabes onde trabalho e onde vivo. Por isso… estou aqui, se alguma vez quiseres… tu sabes.

– Sim – murmuro. Ambos sabemos que nunca lhe vou ligar. – Adeus, Brady. Obrigada.

Ele solta um suspiro.

– Pois…

Fecho a porta, ligo o motor e arranco. Não olho para trás, mas quando espreito pelo espelho retrovisor, o Brady continua na rua, onde o deixei.

A observar-me.

15

Vinte minutos depois, entro na minha própria casa vazia pela garagem. Os meus tamancos ecoam pelo espaço a cada passo que dou no soalho de madeira.

– Querido, cheguei! – grito.

Paro no saguão, incapaz de avançar. Fecho os olhos e imagino outro tipo de vida. Uma em que, ao dizer essas palavras, alguém – alguém como o Brady – sairia para me receber. Abraçar-me-ia e diria que manteve o jantar quente no forno.

Ponho as minhas ridículas fantasias de parte e dirijo-me à cozinha. O meu estômago rosna dolorosamente. Talvez devesse ter deixado o Brady encomendar aquela piza, afinal. Que diferença teria feito se eu lá tivesse ficado mais uma hora? Poderia ter sido agradável…

Não. Fiz bem em partir. Não gostava de quem eu era quando estava com ele. *Assustava-me*.

O meu portátil está na bancada da cozinha, onde o deixei ontem à noite. Apesar de estar esfomeada, vou direta ao computador. Abro o ecrã e vou ao motor de busca da Google. E, embora não devesse, introduzo o nome Brady Mitchell.

É um exercício perfeitamente inútil, tendo em conta que nunca mais o voltarei a ver. É um alívio observar que a sua presença nas redes sociais é mínima. Não anda a tuitar coisas loucas sobre querer desatar aos tiros num centro comercial. Não parece sequer ter conta no *Twitter*. Tem apenas uma página no *Facebook*, com uma fotografia de rosto perfeitamente normal e agradável. Mas é só isso que consigo ver porque o perfil é privado.

Faz sentido, pois o Brady é simpático. Talvez tenha cometido um erro enorme ao fugir dali daquela forma. Ainda assim, se quiser, posso ligar-lhe. Portanto, eu não estar a estender a mão para o meu telemóvel é revelador.

Fecho a janela do navegador onde estive a pesquisar o Brady e abro uma nova barra de pesquisa. Desta vez, introduzo um nome diferente: Amber Swanson.

A primeira página a aparecer é uma notícia. *Bancária de vinte e cinco anos encontrada a flutuar no rio San Joaquin.*

Leio rapidamente os pormenores. A maioria é o que o detetive me disse. O corpo

da Amber foi encontrado ao início da manhã por uns adolescentes. Tinha sido vista pela última vez dois dias antes, não comparecendo no emprego desde então. O médico legista comunicou que estava morta há cerca de um dia.

Ou seja, entre o seu desaparecimento e a sua morte foi mantida em cativeiro algures. Viva.

O artigo também menciona o corpo ter sido encontrado com as mãos cortadas. Não refere qualquer ligação a Aaron Nierling. E por que haveria de o fazer? Ele está na prisão. Oito penas perpétuas, sem qualquer possibilidade, certamente, de liberdade condicional.

É uma coincidência. Há muitas pessoas doentias no mundo a fazer coisas doentias.

Fecho os olhos e tento lembrar-me da Amber. Estava bastante fora de si antes da cirurgia, mas foi muito querida na consulta de seguimento. Muito à semelhança de Henry Callahan, agradeceu-me por lhe salvar a vida. *Fez um excelente trabalho, doutora Davis. E a cicatriz é tão pequena! Posso perfeitamente escondê-la debaixo do meu biquíni.*

Tal como com Callahan, decidi fazer uma cirurgia aberta em vez de usar as câmaras. É sempre a minha preferência quando tenho opção.

Abro outra hiperligação, que vai para um dos perfis da Amber nas redes sociais. Há uma fotografia dela em biquíni, sentada na praia, com uns óculos *Ray-Ban* no nariz. Sorri para a câmara. Parece tão jovem e feliz. Tinha tanta vida pela frente.

Espero que apanhem quem lhe fez isto. Espero que essa pessoa vá para a prisão durante muito tempo.

Oiço um baque vindo da porta das traseiras. É outra vez a gata. Fecho o meu portátil e levanto-me para ir buscar uma lata de comida para gato. Carne de vaca, desta vez. Está a ficar tarde – a pobre criatura deve estar esfomeada.

Bum.

– Está bem, já vou! – grito. Não que me consiga entender. Não faço ideia qual o nível de consciência dos gatos, ainda que esta gata específica pareça muito esperta, às vezes.

Puxo a tampa da lata de comida para gato e deito-a ao lixo. Abro a porta das traseiras e…

Nada. A gata não está lá.

Olho para o meu pátio das traseiras, que está imerso em escuridão. Não consigo ver nada. Dou um passo para o exterior, o que supostamente deveria ativar as luzes automáticas, mas não o faz. Ter-se-ão fundido? Não me lembro da última vez que saí para o pátio durante a noite.

Paro na escuridão do meu pátio, à escuta. Não oiço nenhum miado. Não oiço nada.

– Olá? – digo. – Gata?

Não se ouve som algum.

Volto para casa e fecho a porta das traseiras atrás de mim. Depois, tranco-a. Tenho uma trava na porta da frente, mas nada na porta das traseiras. Parece um pouco tolo ter um ferrolho extra na frente quando a porta dos fundos podia praticamente ser aberta com um pontapé. Mas vivo num bairro muito seguro. Não é nada como o sítio onde o Brady vive.

Largo a lata de comida para gato na bancada da cozinha e abraço o meu próprio corpo. Estava frio lá fora. O inverno não tardará a chegar e a temperatura pode descer até aos quatro graus durante a noite.

Era mais frio no Oregon. A cave da nossa casa estava sempre gelada. Se assim não fosse, o cheiro teria sido pior e teríamos reparado mais cedo. Ter-se-ia sobreposto até à lavanda.

Olho para o chão da cozinha e é então que vejo uma carta a poucos centímetros da porta das traseiras. Está caída no chão, como se alguém a tivesse enfiado por baixo da porta. Porque haveria alguém de enfiar uma carta pela minha porta das traseiras?

Baixo-me e apanho a carta. Vejo imediatamente o nome familiar no endereço de retorno:

Aaron Nierling.

Não.

Como é possível? Sim, ele envia-me cartas todas as semanas. Mas essas chegam pelo correio. Deve pô-las na caixa postal da penitenciária e depois são enviadas para mim. Não acabam enfiadas pela minha porta das traseiras. Isso é algo que jamais deveria acontecer. E, apesar de ter um endereço de retorno e um selo, não há qualquer carimbo dos correios no envelope.

Afundo-me numa das cadeiras junto à mesa da cozinha. A mão que segura a carta está a tremer. Isto não faz qualquer sentido.

Claro que posso estar a dar-lhe demasiada importância. Talvez a carta tenha vindo com o meu correio normal. E, ao largar o monte na mesa da cozinha, caiu ao chão. E eu só reparei agora. E talvez, de alguma forma, se tenham esquecido de lhe pôr um carimbo.

É possível. Extremamente improvável, mas possível.

Tenho de acreditar nisso, porque a alternativa é demasiado assustadora para contemplar.

Vou novamente para o meu portátil. De memória, introduzo o endereço da página do Departamento de Prisões – já o digitei muitas vezes. Vou ao menu e seleciono a opção de localizar um recluso federal pelo nome. Tenho as mãos a tremer tanto que preciso de três tentativas para escrever o nome Aaron Nierling.

É um nome suficientemente invulgar para só aparecer uma entrada:

Nome: Aaron Nierling
Idade: 67

Raça: Branca
Sexo: Masculino
Data de Libertação: Nula
Localização: Penitenciária Estadual do Oregon

Segundo o Departamento de Prisões, o meu pai continua preso. Sem data de libertação. Se tivesse fugido ou algo do género, eu saberia, não é verdade? Algo assim estaria em todos os noticiários.

O detetive Barber deu-me o seu cartão. Podia ligar-lhe. Dizer--lhe da carta.

Mas algo me impede de o fazer. Na sua visita anterior, Barber estava a fazer as suas devidas diligências. A investigar uma pista improvável. Não achava realmente que eu tivesse algo a ver com a morte da Amber.

Mas se eu lhe ligar… Se lhe mostrar esta carta… Isso mudará o seu modo de pensar.

Não sei quem matou Amber Swanson, mas não foi o meu pai. O meu pai vai passar o resto da vida na prisão. Estou certa de que esta carta caiu simplesmente ao chão, e por isso estava lá. Nada mais sinistro do que isso. E quanto à pancada na porta, de certeza que a gata ouviu um guaxinim ou algo do género e fugiu antes de eu chegar, assustada. Estou a dar demasiada importância a tudo isto.

Olho fixamente para a carta. Durante mais de vinte e cinco anos, enviou-me uma todas as semanas. Quando a minha avó confessou que as tinha vindo a deitar fora, inicialmente fiquei furiosa com ela. Que direito tinha de fazer algo assim?

É um homem perverso, Nora, disse-me ela. *Já é suficientemente mau que te tenha criado durante onze anos. Não queria que te envenenasse mais.*

A minha avó era a mãe da minha mãe. Acolheu-me quando os meus pais foram presos e ficou comigo depois de o meu pai ter sido condenado e a minha mãe se suicidar. À sua maneira, ambos me abandonaram, mas a minha avó esteve lá para mim.

Ainda assim, sempre tive a sensação de que não confiava inteiramente em mim. Às vezes, apanhava-a a observar-me como se eu lhe causasse medo.

Não era a única.

Nunca houve qualquer dúvida sobre se iria ou não mudar o meu apelido. Já não queria ser Nora Nierling. Era um alívio deixar isso para trás.

Era só isso que eu queria. Deixá-lo para trás.

Olho novamente para a carta. Rasgo-a ao meio. Em seguida, volto a rasgá-la. Seja o que for que tem para me dizer, não quero saber.

16

26 ANOS ANTES

Não consigo dormir.

Tinha começado a adormecer quando me deitei, mas então fui acordada pelo som dos meus pais a discutir. O quarto deles é mesmo ao lado do meu, com uma parede partilhada, pelo que podia ouvir cada palavra. O pior é que estavam a discutir sobre mim. Discutem muito por minha causa.

A Nora precisa de ver um terapeuta, insistia a minha mãe. *Passa-se algo de errado com ela. Não é normal.*

Como sempre, o meu pai defendeu-me. *Ela está ótima. Estás a imaginar coisas, Linda.*

Não está nada *ótima! Estou preocupada com ela. Não tem verdadeiros amigos. E nem sequer* parece *importar-se.*

Linda…

Há simplesmente algum problema, Aaron. Ela não está bem.

Não sabes o que dizes. Está ótima. Confia em mim.

Continuou durante quase uma hora. Finalmente, tive de pôr a minha almofada por cima da cabeça para não os ouvir. Mas não resultou. Continuava a conseguir ouvir cada palavra.

Seja como for, a minha mãe está errada. Tenho amigos. Tipo, estou entusiasmada por ir passar tempo com a Marjorie amanhã. Pensei num jogo fantástico que podemos jogar juntas. Talvez não lhe agrade, de início, mas acho que consigo convencê-la.

Olho para os padrões no teto do meu quarto. Uma das rachas na tinta parece um rosto. Na verdade, parece-se com a Marjorie! Bem, um pouco.

Sinto a boca muito seca. Bebi um copo de água ao jantar, mas agora parece que tenho a boca cheia de areia. Preciso de mais água. Terei de ir lá abaixo buscá-la.

A minha mãe não gosta que eu me levante a meio da noite e «comece a vaguear pela casa». Não sei o que pensa que me vai acontecer na nossa própria casa a meio da noite. Quer dizer, tenho onze anos. Não sou um bebé que vai enfiar o dedo numa tomada elétrica se ninguém me estiver a vigiar. Mas, seja como for, vou só buscar um pouco de água. Não é nada de especial.

Esgueiro-me até à cozinha. Tiro um copo de um dos armários e ponho-o debaixo da torneira. Encho-o quase até à borda com água fresca. Depois, bebo até toda a água ter desaparecido.

Assim está melhor.

Ponho o copo na máquina de lavar loiça e começo novamente a dirigir-me ao meu quarto. Passo pela porta da cave e, tal como no outro dia, oiço um barulho vindo do interior. Um som de batidas.

Estará o meu pai lá dentro a trabalhar? É tão tarde…

Não compreendo. Está sempre na sua oficina, mas, ao fim de todo o tempo que lá passou, produziu apenas duas peças de mobiliário. O que faz ele lá em baixo, então?

Encosto o ouvido à porta, para escutar, enquanto o aroma a lavanda me enche as narinas. Oiço algo abafado. Quase como alguém a falar.

Bruscamente, afasto a cabeça da porta. Olho para o puxador. Ponho-lhe a mão em cima, esperando encontrá-lo trancado, como de todas as vezes que o experimentei desde que me lembro.

Mas, então, o puxador roda sob a minha mão.

17

PRESENTE

Na maior parte dos dias, tenho apenas entre cinco a dez minutos entre cirurgias para comer qualquer coisa. Hoje tenho uma hora inteira, o que é um luxo de que não usufruo há séculos. Alguém deve ter feito asneira no agendamento, mas não me queixo. Aproveito a oportunidade para passar pela farmácia.

Atraio alguns olhares ao deambular pelos corredores da farmácia no meu pijama cirúrgico, mas ao menos desta vez lembrei-me de tirar as botas. Habitualmente compro tudo o que preciso pela Internet, mas depois do colapso nervoso de ontem com o sabonete de lavanda, sinto que o devo substituir hoje mesmo. Caso contrário, o Philip poderia comprar mais lavanda. E então eu poderia realmente passar-me.

O corredor dos sabonetes fica mesmo ao fundo. Há tantas marcas de sabonete que é desconcertante. Nem sequer *vejo* nenhum sabonete de lavanda. Foi mesmo um azar o Philip ter escolhido precisamente o aroma que eu mais odeio. O que ainda me dá voltas ao estômago, mesmo ao fim de tantos anos.

Só de pensar nisso agora, sinto vontade de vomitar.

Acabo por agarrar num frasco de algo que anuncia um aroma a leite e mel. Parece-me perfeito. Qualquer coisa serviria. Prefiro o cheiro a meias sujas ao de lavanda.

Agarro na minha embalagem de sabonete de leite e mel e começo a dirigir-me à fila da caixa. Ao chegar ao fundo do corredor, quase colido com uma mulher mais velha com um carrinho de compras.

A mulher parece-me familiar. Há algo no seu corpo frágil e nos finos cabelos prateados, bem como no vestido esvoaçante que se parece um pouco com uma camisa de dormir. Hesito por um momento, apertando o meu sabonete de leite e mel, até que os seus lábios gretados se abrem e ela diz:

– É a nova namorada do Brady.

Então, lembro-me. É a velhota que estava sentada no alpendre quando lá cheguei. Sra. Chelmsford, chamou-lhe. À luz do dia, parece ainda mais velha e frágil do que quando estava no alpendre ontem à noite.

– Não sou namorada dele – murmuro. – Sou só uma amiga.

A Sra. Chelmsford olha-me de cima a baixo com uns leitosos olhos azuis. Ao longo dos anos, vi muitos idosos confusos e dementes, e esta mulher tem ar disso. Espero que não tente cozinhar nada naquela casa, caso contrário pode pegar fogo ao local. Devia avisar o Brady. Mas, claro, isso implicaria voltar a falar com ele, o que não creio que alguma vez vá acontecer.

– Tem de ter cuidado com o Brady – sibila.

– Desculpe? – respondo, pestanejando.

– Ele é perigoso – baixa um pouco mais a voz. – Oiço gritos vindos do andar de cima durante a noite. Gritos de mulher. A pedir ajuda.

Abro a boca, mas não sai qualquer palavra. Antes de conseguir formular o que dizer, uma mulher de meia-idade surge de outro corredor e agarra no ombro da idosa.

– Tia Ruth! – repreende a mulher mais nova. – Não se afaste dessa maneira! Não conseguia encontrá-la – lança-me um olhar apologético. – Espero que não estivesse a incomodá-la.

Abano mudamente a cabeça.

– Foi visitar o Brady ontem à noite – explica a Sra. Chelmsford à sua sobrinha. – Tinha de a avisar.

– O Brady é meu amigo – digo rapidamente.

– Tia Ruth, pare de incomodar esta pobre enfermeira – a sobrinha sorri. – Lamento muito. Às vezes fica simplesmente muito confusa e mete estas ideias estranhas na cabeça.

– Sim, claro – respondo. – Não se preocupe com isso.

A sobrinha da Sra. Chelmsford leva-a dali, mas eu fico simplesmente parada, agarrada ao meu frasco de sabonete de leite e mel. Tudo o que aquela velhota disse é, naturalmente, ridículo. É uma idosa confusa – já vi muitas na minha carreira. As pessoas com demência estão constantemente a imaginar coisas.

No entanto, as suas palavras perturbaram-me. Sobretudo depois de ter visto aquela porta trancada no apartamento do Brady.

Oiço gritos vindos do andar de cima durante a noite. Gritos de mulher. A pedir ajuda.

Mas não pode ser. Não acredito. A velhota está a alucinar. Talvez o Brady gostasse de filmes de terror com psicopatas e achasse fixe disfarçar-se de assassino em série quando era miúdo, mas não anda agora a trancar mulheres no seu quarto de hóspedes e a torturá-las. É impossível. Conheço-o suficientemente bem para saber que não faria tal coisa.

E, seja como for, não o voltarei a ver. Portanto não adianta pensar nisso.

18

Na semana seguinte, todos os dias verifico cuidadosamente as notícias, à procura de artigos sobre Amber Swanson. Só quero saber que apanharam o responsável. Talvez tenha sido um homem que a convidou para um encontro e que ela rejeitou. Ou algum tarado que a viu a correr ao início da manhã e começou a segui-la.

No entanto, se a polícia prendeu alguém, tal não aparece em nenhuma notícia.

Em todo o caso, o detetive Barber não regressa ao meu consultório. Nem recebo mais nenhuma carta misteriosa de Aaron Nierling. Estou certa de que devo ter deixado cair a carta no chão da cozinha por acidente. É a única explicação que faz sentido.

Algumas vezes, a caminho de casa, senti-me muito tentada a passar pelo Christopher's para um *Old Fashioned*. Mas não podia fazê-lo. Acabaria por me cruzar com o Brady, o que seria desconfortável, tendo em conta que não tenciono voltar a vê-lo. Terei de procurar um novo bar para frequentar, embora odeie fazê-lo. Gosto do Christopher's. E não sou apreciadora de mudanças. Prefiro a minha rotina.

Uma semana depois, chego ao consultório bem cedo, pois não tenho nenhuma cirurgia marcada para esse dia. Contudo, ao chegar, sinto um aperto no coração ao ver o Philip namoriscar com a Harper.

Não que não o faça constantemente. Para o Philip, namoriscar é como respirar. Até o faz com a Sheila, que é cerca de vinte anos mais velha. Namorisca *comigo*, apesar de uma bola de neve ter mais hipóteses no Inferno. Mas, por alguma razão, esta interação específica mexe-me com os nervos. Porque a Harper acaba de se separar do seu namorado de longa data. Está de coração partido e em ressaca emocional.

Vejo o Philip empoleirado na beira da secretária, a pontificar sobre sabe-se lá o quê. A Harper fita-o com os seus grandes olhos azuis, como se ele fosse *Deus*. O que faz sentido, porque, de certo modo, é o que ele acha que é.

– Olá, doutora Davis – diz alegremente a Harper. – A Sheila está a tratar da admissão do seu primeiro paciente.

Olho friamente para o Philip.

– E *tu*, não tens pacientes para receber agora?

– O meu primeiro paciente desmarcou – sorri. – Estava a pensar em dar uma fugida rápida para ir buscar cafés para nós.

Não posso dizer que não o apreciaria. Sobretudo tendo em conta que a minha caneca parece ter desaparecido misteriosamente. Secretamente, desconfio que o Philip a deixou cair, atirou os cacos para o lixo e se esqueceu de mo referir.

– Não é mesmo preciso, doutor Corey – protesta a Harper. Ao menos ainda o trata por Dr. Corey. Se o tratasse por Philip, ficaria realmente preocupada.

– Não me importo – saltando da secretária, estica-se o suficiente para exibir o que são, na verdade, uns bíceps bastante impressionantes. Onde arranja o Philip tempo para fazer exercício? Eu não tenho certamente nenhum. – O que queres, Nora? Café simples?

– Sim.

A Harper estremece.

– Não sei como consegue bebê-lo dessa forma, doutora Davis. O café simples é tão amargo.

– Habituei-me durante o internato complementar – respondo. Tinham sempre uma cafeteira a funcionar na sala dos internos, mas nunca havia leite, natas ou açúcar. Inicialmente, era quase impossível de beber, mas eu obrigava-me a fazê-lo, pois estava demasiado cansada. Agora, ganhei o hábito, e qualquer outra opção que não seja simples tem um sabor estranho para mim.

– Também o costumava beber simples no internato – observa o Philip. – Mas, agora que o podemos beber com natas e açúcar, por que não haverias de o fazer?

Lanço-lhe um olhar.

– Vais buscar-nos café ou criticar o que eu gosto de beber?

Ele ri. Não importa o que lhe diga, nunca fica ofendido. Às vezes, pergunto-me se me leva a sério. Mas deve levar. Esforçou-se ao máximo para me recrutar para trabalhar aqui depois de me formar. Não estava disposto a aceitar um não como resposta.

Volta ao seu gabinete para ir buscar o casaco. Sigo-o, apesar de estar certa de que o meu paciente irá aborrecer-se por o deixar à espera. Mas isto é mais importante.

– O que se passa, Nora? – pergunta-me.

Empurro-o para o interior do gabinete e fecho a porta atrás de nós.

– Lembras-te da conversa que tive contigo quando a Harper começou a trabalhar aqui, sobre não te atirares a ela? Preciso que faças isso agora. Não te atires a ela.

– Nora… – diz, revirando os olhos.

– Não estou a brincar.

Ele desvia o estetoscópio que tem na secretária para poder sentar-se na beira.

– A Harper trabalha aqui há um ano. Por que estás a passar-te com isto agora?

– Porque ela acabou de se separar do Sonny. E está vulnerável.

– Não é tua filha, Nora. Não tens de te preocupar com ela.

Sinto-me ligeiramente ofendida por ele estar a sugerir que uma rapariga apenas dez anos mais nova do que eu é uma figura filial para mim, embora seja possível que tenha acertado em cheio. Como disse ao Brady quando andava na universidade, nunca quis ter filhos. Mas sinto uma espécie de impulso maternal relativamente à Harper. Tem um futuro tão brilhante pela frente, e não está sobrecarregada com toda a história familiar com que eu tive de lidar.

Se o Philip começar a sair com ela, não vai acabar bem. Provavelmente, acabará por se despedir… na melhor das hipóteses.

– Olha – digo. – Podes ter qualquer mulher que queiras…

– Ena, obrigadinho – parece divertido.

Solto um gemido.

– Não é isso que eu quero dizer. O que quero dizer é: escolhe outra pessoa. Não a Harper. Está bem? Mantém-te longe da nossa rececionista, por favor. É só isso que te peço.

– Sabes – diz –, quando ficas aborrecida, esta veiazinha aqui fica saliente. – Toca com o indicador na têmpora. – Um dia, essa coisa vai rebentar, Nora.

– Philip…

– Está bem, está bem! – ergue as mãos em rendição. – Não volto a aproximar-me da Harper. Serei um *perfeito cavalheiro*. Satisfeita?

Anuo, embora não esteja totalmente certa de poder confiar nele. Gostaria de ter também uma conversa com a Harper, mas temo que, quanto mais os tentar manter separados, mais estarei a criar uma situação de amantes malfadados do estilo *Romeu e Julieta*, e acabarei por os encontrar de lábios colados no armazém de material. Talvez seja melhor torcer simplesmente para que ela seja suficientemente esperta para ver para lá das suas tretas. Quer dizer, eu acho que é. Mas sei como são as coisas numa ressaca emocional.

Ou melhor, sei como são para *os outros* as ressacas emocionais. Eu nunca tive esse problema.

Agora que o Philip saiu para ir buscar os cafés, vou receber o meu primeiro paciente do dia. É um homem chamado Timothy Dudley, a quem fiz uma reparação de uma hérnia há três meses. Considero-me uma excelente cirurgiã, com uma taxa de complicações muito baixa, mas essa taxa não é nula. Uma percentagem dos pacientes vai ter infeções nas suas incisões. É um mero facto da vida.

O Sr. Dudley tem uma infeção na sua incisão.

A haver alguma regra no que toca a ser-se cirurgião, é que as complicações surgem sempre nos piores pacientes possíveis. Os que já não confiam inteiramente em nós. E então, quando algo corre mal, isso só reforça a teoria de que todos os cirurgiões são

carniceiros.

Tentei tratar o Sr. Dudley com antibióticos, mas não resultou e acabei por ter de fazer uma lavagem à sua incisão. Mas agora está bem. A infeção desapareceu e está curado. Assim, espero que esta seja uma visita rápida em que eu examino a sua incisão, fingimos gostar um do outro e, depois, mando-o embora e talvez nunca mais o volte a ver.

Mas, assim que entro na sala, sei que não é o que vai acontecer.

Está sentado na marquesa de exame, o grande abdómen saliente debaixo de uma *T-shirt*, a bata que lhe fornecemos abandonada ao seu lado, por usar. Tem os dedos atarracados cruzados sobre a barriga e lança-me um olhar fulminante. Nem sequer vou tentar convencê-lo a vestir aquela bata.

Canalizo o infame carisma do meu pai e lanço-lhe um sorriso que não sinto. Ele não retribui. Nem um bocadinho.

– Como se sente hoje, senhor Dudley? – pergunto.

– Não muito bem, doutora Davis – diz. – Ainda me dói o sítio onde me cortou.

– Lamento ouvir isso.

As suas hirsutas sobrancelhas brancas arqueiam-se.

– Lamenta mesmo?

Anuo solenemente. Às vezes, é-me muito difícil manter a calma durante estes confrontos. Quero gritar à pessoa que, se eu não a tivesse operado, teria sofrido uma encarceração intestinal. E então, em vez de lhe reparar a hérnia, estaria a remover um grande pedaço dos seus intestinos. De certeza que não ficaria mais satisfeito comigo se eu fizesse isso.

– O meu médico de família disse-me que eu não precisava da cirurgia – observa o Sr. Dudley.

– Não é especialista nesta área – contraponho, juntando pacientemente as mãos. – Precisava da cirurgia, garanto-lhe. Caso contrário, não a teria feito.

– Disse-me que ouviu dizer que a doutora é rápida a operar.

De tudo o que me disse até agora, é a primeira coisa que me afeta. *Ouviu dizer que é rápida a operar.* Será essa a reputação que tenho vindo a adquirir? Sim, sou agressiva. Mas sou cirurgiã. É isso que *fazemos*.

– Isso não é verdade – respondo.

– E uma das enfermeiras contou-me – acrescenta – que tem um concurso a decorrer com outro cirurgião para ver quem faz mais operações este ano.

Sinto a boca seca. Tento não perder a compostura, mas é difícil. Que enfermeira disse isso? Quem diria isso sobre mim? É completamente inapropriado. Esse tipo de coisa pode destruir a carreira a alguém.

Se eu descobrir quem o disse, certificar-me-ei de que se arrepende profundamente.

– Juro – digo-lhe baixinho – que jamais faria uma coisa dessas. Que enfermeira lhe disse isso?

– Não me lembro.

Não sei se está a mentir. Provavelmente, cruzou-se com muitas enfermeiras. Não se lembraria necessariamente dos seus nomes. De uma maneira ou de outra, vou descobrir quem foi. O Philip também vai querer saber.

Claro que toda esta situação é provavelmente culpa dele. Nunca falei a ninguém da nossa aposta. Provavelmente, é ele que se anda a gabar às enfermeiras a esse respeito. De como acha que está na dianteira, quando na realidade eu vou muito à frente.

Está bem, pronto. É verdade que opero muito.

– Isto é tudo um jogo para si – rosna o Sr. Dudley. – Quase morri de uma infeção na barriga por sua causa.

– Senhor Dudley…

– Não, oiça bem, doutora Davis – aponta-me o dedo à cara. – A única razão por que vim a esta consulta hoje foi para lhe dizer que vai ter notícias do meu advogado. E queria que soubesse porquê.

Dito isto, salta da marquesa. Dá-me um empurrão ao passar por mim e sai da sala de exame, batendo pesadamente com as botas no chão.

Bem, não foi o melhor início de dia. Mas a realidade é que a maioria dos meus pacientes não são como o Sr. Dudley. A maioria mostra-se muito agradecida para comigo – como Henry Callahan antes de eu me recusar a jantar com ele. E duvido que qualquer tipo de processo que o Sr. Dudley possa instaurar contra mim seja bem-sucedido. Na verdade, aposto que foi por isso que apareceu aqui em primeiro lugar. Sabia que não podia realmente processar-me, por isso o melhor que podia fazer era assustar-me.

Boa tentativa.

Começo a dirigir-me à receção para ver se algum dos meus outros pacientes já chegou, mas, antes de lá conseguir chegar, quase colido com a Harper no corredor. Tem as maçãs do rosto ligeiramente ruborizadas.

– Doutora Davis – diz. – Ia mesmo agora à sua procura.

– Está cá outro paciente?

– Não, mas… – os olhos da Harper dardejam na direção da sala de espera. – Aquele polícia está cá outra vez para a ver.

As ameaças do Sr. Dudley não me assustaram, mas isto sim. Inspiro fundo.

– O mesmo que da última vez?

Ela assente lentamente.

– Sim. O detetive.

Oh, Deus. Terá isto de novo a ver com Amber Swanson? Sei que não descobriram quem a matou. Não podem achar que fui eu, pois não? Mal conhecia a rapariga, além

de lhe ter removido o apêndice infetado.

– Está tudo bem, doutora Davis? – pergunta a Harper, franzindo o sobrolho.

– Absolutamente – digo-o com tanta firmeza que quase acredito. – É sobre aquela pobre rapariga que era paciente aqui e foi… morta. Estão só a tentar descobrir o que lhe aconteceu, e é claro que farei tudo o que puder para ajudar.

Vejo a pergunta estampada no rosto da Harper. *Por que haveria de os poder ajudar a descobrir quem matou aquela rapariga?* Mas não lhe posso dizer a verdade. Não posso dizer a ninguém.

Espero no meu gabinete enquanto a Harper diz ao detetive Barber para entrar. Embora geralmente não a use ao ver pacientes, tiro a minha bata branca do gancho atrás da porta e visto-a. Penso que tudo o que me faça parecer mais profissional é digno de ser feito. Ainda que, infelizmente, a minha bata esteja enrugada. O que é algo desconcertante, tendo em conta que apenas tem estado pendurada na parede. Oh, bem.

O detetive entra no meu gabinete com ar de quem passou metade da noite acordado. Vê-se um resquício de barba grisalha no seu queixo e tem a camisa amarrotada. Não parece mais amigável do que da primeira vez que aqui esteve. Na verdade, desapareceu-lhe do rosto qualquer sinal de sorriso. A sua expressão é mortalmente séria.

– Olá, doutora Davis – diz.

Engulo o nó na minha garganta.

– Detetive, tenho todo o gosto em responder a quaisquer perguntas que tenha, mas preferia que falasse comigo em minha casa, em vez de aparecer aqui com todos os meus pacientes a assistir.

A expressão no rosto de Barber não se altera.

– Lamento por isso, mas infelizmente a doutora é uma pessoa difícil de localizar. E o tempo urge.

Abano a cabeça.

– Não compreendo. A Amber foi morta há uma semana, qual é a urgência?

– Isto não é sobre a Amber.

O meu corpo gela. Não é sobre a Amber?

– Então o que…

– Doutora Davis – diz Barber. – Tem uma paciente chamada Shelby Gillis?

– Eu… – o nome é-me familiar. Já o ouvi antes. – Talvez…

O detetive tira uma fotografia do bolso do casaco escuro e fá-la deslizar sobre a minha secretária. Alcanço-a e olho para o rosto sorridente que me devolve o olhar. É uma fotografia de rosto de uma rapariga bonita com longos cabelos negros e brilhantes olhos azuis.

Cabelo negro e olhos azuis.

– Sim – digo. – Creio que lhe fiz uma lumpectomia com biópsia mamária aberta há um par de meses.

Começo agora a recordar-me de tudo. Shelby Gillis estava ansiosa porque tinha encontrado um nódulo no seio direito. Fiz--lhe uma lumpectomia e fizeram análises patológicas ao tecido que eu retirei. O nódulo era benigno. Coube-me dar-lhe a notícia, e ela ficou tão feliz. Tomou a minha mão nas suas e apertou-me os dedos. *Sinto que recebi uma segunda oportunidade, doutora Davis.*

Pigarreio.

– Ela está… está bem?

Que pergunta estúpida. É óbvio que não está bem. Não tenho um detetive sentado em frente à minha secretária, a fazer perguntas sobre ela, porque está lindamente.

– Foi encontrada morta ontem à noite, doutora – diz. – Por uns caminhantes. Foi esfaqueada até à morte.

Mal consigo encontrar a minha voz. E era esta a segunda oportunidade da Shelby.

– Isso é… é horrível.

– E cortaram-lhe as duas mãos.

Oh, céus. Acho que vou vomitar. Uma paciente minha encontrada morta dessa maneira… poderia ser coincidência, sim. Mas duas? Nem pensar. E o detetive sabe disso.

– Doutora Davis? – a sua voz parece distante. – Sente-se bem?

– Sim – consigo responder. Não posso desmoronar desta forma, não à frente do detetive. Não sei o que se passa, mas entrar em pânico não me vai ajudar. – Estou bem.

O detetive Barber estende o braço e recupera a fotografia que depositou na minha secretária. Vejo que a manuseia com cuidado, tocando apenas nas orlas. Pergunto-me se não me terá mostrado a foto apenas para eu lhe tocar e poder extrair dela as minhas impressões digitais. Ou talvez esteja a ser paranoica. Seja como for, ele que as analise. Nunca cometi um crime. E não vão encontrar as minhas impressões digitais em nada pertencente à Amber ou à Shelby.

– Foi dada como desaparecida há dois dias – diz. – Trabalhava numa galeria de arte e apareceu para trabalhar na segunda-feira de manhã, mas não na terça. Pelo que, obviamente, desapareceu algures entre o momento em que saiu do trabalho, na segunda-feira à noite, e a manhã de terça-feira.

– Certo – murmuro.

– Pode dar conta do seu paradeiro durante esse período?

– Sim – respondo. – Provavelmente, saí do hospital por volta das oito da noite e fui para casa.

– E vive sozinha.

– Sim – aperto os joelhos com as mãos suadas. – O meu pai ainda está na prisão, certo?

– Julgo que saberia se não estivesse – mantém o olhar fixo no meu. – Costuma visitá-lo?

– Não. Nunca.

– Porque não? – pergunta, arqueando uma sobrancelha. – É seu pai, não é?

– É um monstro. É essa a razão.

Vejo a sua expressão. Espera que eu quebre, que cometa um deslize. Mas não tem nada contra mim.

Parte de mim quer falar ao detetive da carta que encontrei na minha cozinha. A carta do meu pai. Talvez tenha algo a ver com tudo isto. Não vou fingir que é tudo uma coincidência louca.

Mas não confio neste detetive. Não gosto da forma como olha para mim. Se lhe disser da carta, vai distorcer tudo de modo a fazer-me parecer culpada. Afinal, o meu pai está na prisão. Não anda a enfiar cartas debaixo da minha porta.

– É muito triste – acabo por dizer. – Lamento imenso pela família da Shelby. É trágico.

Barber passa um dedo pela barba incipiente no seu queixo.

– Sabe – diz. – Ainda me lembro do julgamento do seu pai. Depois de se ter declarado culpado, fez aquele discurso sobre como estava arrependido. Como desejava poder dar a vida para trazer aquelas raparigas de volta. E sabe que mais? Quase parecia que não era uma absoluta treta – arqueia as sobrancelhas na minha direção. – É tão boa a mentir quanto ele?

O meu rosto incendeia-se.

– Detetive, acho que já chega. Vou ter de lhe pedir para sair. E, se quiser voltar a falar comigo, será na presença do meu advogado. Digo-o a sério desta vez.

Agora tenho de arranjar um advogado. Fantástico.

Barber muda de posição na cadeira. Está a tirar-me as medidas, a tentar perceber até que ponto me pode pressionar. Se souber alguma coisa, entenderá que não pode ir muito longe. Lá porque é um detetive, não quer dizer que tenha o direito de me importunar no meu local de trabalho. Finalmente, levanta-se do seu lugar.

– Só queremos descobrir o que aconteceu à Shelby – afirma. – Se se lembrar de alguma informação que possa ser útil, ligue-me.

– Certo – concordo, por entre dentes cerrados.

O detetive lança-me um último longo olhar, virando-se depois para sair do meu gabinete.

Depois de partir, fico simplesmente sentada por um momento, a olhar para a

parede. Não posso acreditar que, há uma hora, o meu maior problema era o Philip fazer-se à Harper. E que, depois disso, o meu maior problema era um paciente que ameaçava processar-me. Isto é muito pior.

Duas das minhas pacientes foram assassinadas no espaço de uma semana. Não há hipótese de isso ser coincidência, pois não?

E, mesmo que fosse, terem cortado as mãos… é uma ligação óbvia a mim. É inegável. E há uma conclusão inequívoca que posso tirar.

Quem quer que esteja a fazer isto sabe quem eu sou.

19

26 ANOS ANTES

A porta da cave range ruidosamente quando a abro.

Está totalmente às escuras. Esperava que o meu pai estivesse a trabalhar aqui em baixo, por causa do barulho. Mas não está obviamente a trabalhar no escuro. Isso seria estranho.

Estendo a mão e acendo as luzes.

Nunca tinha estado na cave da nossa casa. É uma divisão húmida e quadrada com paredes de betão por pintar. Apesar de ter acendido a luz, continua muito escuro aqui em baixo – a luz vem de uma única lâmpada exposta pendurada do teto. Como seria de prever, há uma bancada de trabalho montada ao canto da divisão. Não sei por que esperava ver algo diferente. É um longo banco de madeira e tem algo que se parece um pouco com uma serra a motor, pelo que deduzo ter sido isso que ouvi anteriormente. Há também um martelo. Mas vejo ainda algumas coisas estranhas que não esperaria encontrar num banco de ferramentas.

Como, por exemplo, uma faca. Uma longa faca afiada que brilha à luz ténue da única lâmpada. Além disso, há uma grande garrafa de lixívia em cima da mesa. Por que haveria de precisar de lixívia para fazer móveis?

E há uma grande embalagem de ambientador em *spray* com aroma a lavanda.

Mas o mais estranho de tudo são as manchas na mesa. São todas acastanhadas. Deve ser tinta. Estará, talvez, a pintar tudo de castanho?

Toda a cave tresanda a lavanda. Agarra-se a cada superfície do espaço. Mas o *outro* cheiro é ainda mais forte – o cheiro de algo a apodrecer.

É *horrível*. Como se algo tivesse *morrido* aqui em baixo.

Outro aspeto estranho é que não há um único móvel em que o meu pai esteja a trabalhar. Apesar de ter passado todas as noites desta semana aqui em baixo, não vejo nenhuma cadeira, secretária ou estante em curso. O que estará então, ao certo, a construir aqui em baixo? Quer dizer, *alguma coisa* tem andado a fazer.

Ao olhar fixamente para a bancada do meu pai, oiço um barulho atrás de mim. Dou um salto e viro-me. Mas não está lá nada.

E então oiço-o novamente. Um som abafado. Um som *humano*.

É quando a vejo. Ao canto mais escuro da cave, está uma espécie de caixa ou arca coberta por um lençol. Seja o que for o barulho, é daí que provém.

Discretamente, atravesso o espaço. Os meus passos soam muito altos, mas não deve ter importância. Estou aqui sozinha. Certo?

Ao chegar a trinta centímetros da caixa, paro. Por um momento, fico simplesmente ali parada a contemplá-la. Então, oiço novamente o som abafado. Há algo vivo ali dentro. Um animal? Só que não parecem sons animais.

Respiro fundo e estendo a mão para o lençol. Puxo-o até a orla se erguer do chão. Vejo agora que não se tratava, afinal, de uma caixa. É uma *jaula*. Uma jaula retangular rodeada por grades metálicas. E então capto um lampejo de um olho azul a espreitar por baixo do lençol.

– Olá, Nora.

Liberto o lençol e salto para longe da jaula, com o coração a palpitar. Olho para a escadaria e a silhueta do meu pai enche a porta. Parece ter os olhos a brilhar.

– D-Desculpa – gaguejo. – Eu… a porta estava…

Os passos do meu pai assentam pesadamente nos degraus à medida que os desce. Pensava que os meus passos eram altos, mas os dele parecem tiros.

– Estavas curiosa.

– Sim – respondo, num fio de voz.

Chega ao último degrau, os olhos negros fixos nos meus.

– E então, o que te parece?

Mesmo depois de toda a água que bebi na cozinha, a minha boca continua seca.

– Eu…

– De todas as pessoas no mundo – diz, passando a mão pela madeira do seu banco de ferramentas –, pensei que *tu* irias entender. És como eu, Nora. Vejo-o em ti.

E então compreendo, finalmente. Ele não se esqueceu de trancar a porta da cave. *Queria* que eu descesse. Queria que eu visse isto.

Continua a olhar para mim. Somos muito parecidos, eu e o meu pai. O mesmo cabelo preto. Os mesmos olhos escuros. As pessoas sabem sempre que somos da mesma família.

– Tens tanto a aprender – murmura. – Há tanto que quero ensinar-te.

Lanço um olhar à jaula com a cobertura por cima. Oiço outro som abafado vindo do interior. Quase como um grito.

– Queres aprender, não queres? – pergunta o meu pai.

Aquiesço lentamente.

– Sim – consigo responder.

– Ótimo – olha para o relógio. – Volta para a cama, Nora. Hoje já é demasiado tarde. Mas as nossas lições não tardarão a começar. Prometo.

Sobe comigo os degraus da cave. Ao chegarmos ao topo, fecha a porta atrás de mim. E tranca-a.

20

PRESENTE

Não quero sair do trabalho hoje. A ideia de regressar à minha casa vazia é-me aterradora. Não consigo parar de imaginar o rosto da Shelby. Estava tão cheia de vida na sua última consulta. E agora…

Quem me dera saber porquê. Por que haveria alguém de o fazer? Por outro lado, a resposta a essa pergunta é provavelmente insatisfatória. O meu pai nunca teve um motivo. Bem, tecnicamente, tinha. Fazia-o porque gostava.

Somos muito parecidos um com o outro. Se fosse homem, seria a cara chapada de Aaron Nierling. Mas, felizmente, o meu cromossoma X adicional poupou-me a esse destino. Ainda assim, tenho o seu cabelo castanho, tão escuro que parece preto, e os seus olhos negros. O laivo de uma covinha no queixo. A mesma figura enxuta.

A minha avó costumava detestar o quanto eu me parecia com ele. Às vezes, olhava fixamente para mim e abanava a cabeça em repulsa. *Tens o Diabo em ti, Nora.*

Se ainda fosse viva, provavelmente a minha avó acharia que era eu quem andava a matar aquelas raparigas. Tal como o detetive.

Pensará mesmo isso, porém? Talvez não. As assassinas em série são extremamente raras. Mesmo com a minha genética, sou uma candidata improvável.

Mas não impossível.

Por mais que não queira ir para casa, também não quero ser a última pessoa no consultório. Assim, quando oiço a Harper guardar as suas coisas, agarro na minha bolsa e no meu casaco e junto-me a ela. Sorri ao ver-me, mas os seus olhos dilatam-se ligeiramente ante a minha condição. Devo parecer tão mal quanto me sinto.

– Doutora Davis – diz. – Sente-se bem?

– Estou ótima – respondo rapidamente. Vejo a Harper enfiar o seu livro de biologia debaixo do braço. – Está de saída?

– A minha colega de quarto quer levar-me à discoteca – esclarece.

– Oh – tinha esperança de que pudesse estar livre para ir tomar um copo comigo. – Bem, divirta-se.

– Quer… – ao franzir o sobrolho, as suas covinhas aprofundam-se. – Quer acompanhar-nos?

Quase rio em voz alta. Mesmo quando tinha a idade da Harper, esse tipo de coisa nunca me atraiu.

– Não, mas obrigada pelo convite.

– Certo… – a sua testa franze-se. Nunca lhe disse que perguntas tinha o detetive para me fazer, e a Harper é demasiado educada para perguntar. Mas deve estar curiosa. – Até amanhã, então, suponho.

Sorri, piscando os seus olhos azuis. Uma rapariga bonita de cabelo escuro e olhos azuis. Como Amber Swanson e Shelby Gillis.

– Harper – digo. – Tem… algum tipo de proteção?

– Não – responde –, mas a Becky tem para aí um milhão de preservativos no quarto e de certeza que me empresta um se eu precisar.

Retraio-me.

– Não, não é a isso que eu me refiro. Se alguém a atacasse na rua, teria algo com que se defender?

– Hum… – Harper ajeita a bolsa ao ombro. – Suponho que não…

– Não se mexa.

Corro para o depósito de material. Não sei quem matou aquelas raparigas, mas não quero que nada aconteça à Harper. Encontro montes de gaze, pensos rápidos e compressas com álcool, *kits* de sutura, bem como alguns de remoção de suturas e agrafos. Há toda uma pilha de ligaduras impregnadas em prata, mas não vejo de que forma isso ajudará a Harper se se cruzar com alguém num beco escuro. Finalmente, chego às seringas.

Não é ideal. Mas é melhor do que nada.

Pego na seringa de três mililitros e encaixo-lhe uma agulha de calibre dezoito. Acho que chega para causar alguns estragos graves. É claro que terá de retirar a tampa da agulha, mas é melhor do que estar totalmente desprevenida.

Saio do depósito de material com a agulha a postos. Estendo-a à Harper, que lhe pega cautelosamente, como se não quisesse realmente tocar-lhe. Deixa-a cair na sua bolsa.

– Hã, obrigada?

– Quem me dera ter algo melhor – digo. – Devia comprar gás pimenta ou assim.

A Harper olha para a bolsa e depois novamente para mim.

– De certeza que está bem, doutora Davis?

Não, não estou bem. Nem perto disso. Mas não quero que a Harper saiba a verdade a meu respeito. Ninguém na minha vida pode saber. Nunca mais olhariam para mim da mesma forma. Olhariam para mim da maneira… bem, da maneira como o detetive Barber olha.

Dois cadáveres. Duas pacientes mortas com as mãos removidas. O que significa isso?

– Estou ótima – respondo.

– Parece… – começa, mordendo o lábio inferior. – Desculpe. Não devia dizer nada. Mas é que a doutora parece sempre tão calma, independentemente do que se esteja a passar. Tal como o doutor Corey. E agora parece… Está perturbada por causa daquela outra paciente que foi morta?

– É triste – digo. E é mesmo. Mas não é por isso que me sinto tão abalada com toda a situação. – Só mostra como o mundo é perigoso lá fora.

– Terei cuidado – promete. – Eu e a Becky fizemos um curso de defesa pessoal no ano passado. Vamos ficar bem.

Como se um curso de defesa pessoal a pudesse proteger de alguém como o meu pai. Mas não posso dizer isso.

– Ótimo. E se tiver algum problema, ligue simplesmente para o ١١٢.

– Está bem – concorda, embora eu consiga perceber que acha que estou a ser ridícula.

Logo após a partida da Harper, eu também saio. No entanto, a última coisa que quero é ir para casa. Para a minha casa vazia, onde estou cada vez mais certa de que uma carta do meu pai foi enfiada debaixo da minha porta.

Preciso de arranjar um sistema de alarme. Alarmes e câmaras. Toda a gente diz que é um bairro seguro, mas neste momento não me sinto em segurança.

A caminho de casa, passo pela saída da autoestrada que dá para o Christopher's. Há uma semana inteira que não vou lá – desde aquela noite espetacular com o Brady que terminou comigo a fugir dele. Parece tão injusto que já não o possa frequentar por sua causa. Há anos que o visito, e ele ainda agora começou a trabalhar lá. O Christopher's devia ser meu.

Contrariando o meu próprio discernimento, dou por mim a virar para a saída e a fazer o resto do caminho até ao Christopher's. Vou só espreitar lá para dentro e ver se o Brady está a trabalhar. Se estiver, vou-me embora. Caso contrário, vou tomar um *Old Fashioned*.

Não quero voltar a ver o Brady. Não tem nada a ver com o que aquela velhota disse sobre ele, que, em retrospetiva, parece ainda mais insano do que naquele dia na farmácia. Simplesmente não posso envolver-me com alguém neste momento. E, se passar mais tempo com o Brady, vai ficar com a ideia errada. Não tenho espaço para isso na minha vida atualmente.

Acontece que acertei na sorte grande. Ao espreitar para dentro do bar, vejo outro *barman* a servir as bebidas – outro tipo novo que não reconheço. O Brady não se vê em lado algum. Graças a Deus.

Ainda que a verdade seja que uma pequena parte de mim está desiludida.

Em vez de me dirigir ao balcão, esgueiro-me para uma cabine ao fundo. Uma

empregada aproxima-se e eu peço o meu *Old Fashioned*. Mas não me parece que vá ser suficiente para me fazer sentir melhor em relação ao dia de hoje. Não creio que haja algo capaz de o fazer.

– Nora?

Ergo bruscamente a cabeça ao ouvir o meu nome. Inspiro fundo ao ver o Brady de pé junto a mim. Parece surpreendido, mas não desagradado por me ver.

– Olá – digo. – Não, hã… Não sabia que estavas a trabalhar.

Ele olha para o bar, depois para mim.

– O meu turno acabou agora mesmo.

Uau, o meu sentido de oportunidade não podia ter sido pior.

– Suponho que não queiras companhia? – pergunta o Brady.

Olho para as minhas mãos em cima da mesa.

– Não propriamente. Desculpa.

Nesse momento, a empregada volta com o meu *Old Fashioned*. Pousa a bebida em cima da mesa à minha frente sem grande alarido. Não posso deixar de reparar em como sorri ao Brady, tocando-lhe até no ombro ao dizer olá. Ele é educado, mas não está nitidamente interessado. Não sei por que parece tão concentrado em passar tempo comigo quando podia claramente ter qualquer outra rapariga neste bar.

Estendo a mão para o meu *Old Fashioned* e bebo um trago, ansiosa pela agradável sensação de calor. Mas, em vez disso, quase o cuspo.

– Bah! – digo em voz alta. – Isto é horrível!

A empregada ouviu-me, pois ainda está a rondar por perto, tentando falar com o Brady. Olha para mim e encolhe os ombros.

– Lamento. É assim que o tipo novo os faz.

– É demasiado amargo – empurro o copo para longe de mim. – Fê-lo *mal*.

O Brady esboça um sorriso torto.

– Não te preocupes. Eu preparo-te um novo.

– Não tens de o fazer – diz-lhe a empregada. – O teu turno acabou.

– Não me importo.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, agarra no meu copo e vai para trás do balcão. Vejo-o falar com o *barman*, explicando como preparar a bebida. Pergunto-me onde aprendeu a misturar bebidas. Parece ser bastante bom nisso, tendo em conta que a maior parte da sua carreira foi passada a trabalhar em Silicon Valley.

Passado um minuto, regressa com um novo copo e põe-no diante de mim. Espera um momento enquanto bebo um gole. Naturalmente, está perfeito. Perfeitamente doce e amargo.

Tal como o meu pai costumava beber.

– Muito obrigada – digo.

– Foi um prazer.

Acena-me, virando-se depois para começar a dirigir-se à saída. Mordo o lábio inferior com tanta força que estou certa de que devo estar a sangrar. Sei que estou a cometer um erro, mas chamo-o.

– Brady!

Ele para. Vira-se.

– Sim?

Respiro fundo.

– Na verdade, acho que *gostaria* de ter companhia.

Um sorriso lento espalha-se pelo seu rosto. Sem qualquer hesitação, regressa à cabine e senta-se à minha frente.

– Tinha esperança de que dissesses isso.

Permito-me retribuir o sorriso.

– Para que conste, estou bastante certa de que poderias ir para casa com aquela empregada sempre que quisesses.

– Talvez – mantém os olhos fixos em mim, sem olhar para a empregada. Sabe o que eu quero dizer. – Mas estou muito mais interessado em ti.

– Compreendo… – bebo um gole do meu *Old Fashioned*. Fê-lo ainda melhor do que da última vez. – Gostas de um desafio, então.

– Não. Não é disso que se trata.

– Então é o quê?

Agarra no guardanapo à sua frente e começa a brincar com ele.

– Simplesmente nunca deixei por completo de pensar em ti desde a universidade.

– Oh, vá lá – digo, rindo em voz alta.

– A sério! A que conseguiu escapar e tudo o mais.

– Só namorámos durante três meses.

– Sim, mas… – faz um pequeno rasgão no guardanapo. – Sei que não parecíamos ter muito em comum. Quer dizer, eu era um cromo dos computadores e tu uma enérgica estudante de medicina. Mas sinto simplesmente que tínhamos uma *ligação*. Sei que parece tolo, mas é o que sentia.

Certo, e o que diz *dele* que se sentisse ligado a alguém como eu?

– Nunca me senti realmente assim com mais ninguém depois de nos separarmos – continua, encolhendo um ombro.

– Nunca?

Ele abana a cabeça.

– Então e a tua ex-mulher?

Lança-me um sorriso de esguelha.

– Bem, se me sentisse dessa forma, provavelmente ainda estaríamos casados, não é

verdade?

– Talvez. Talvez não.

– Enfim – diz. – Continuo sem saber por que acabaste tudo comigo. Pensava que as coisas estavam a correr tão bem, e então *bum*, ligas-me a dizer que acabou.

– Desculpa lá isso.

– Alguma hipótese de me poderes dizer porquê? – franze as sobrancelhas. – Só para eu saber, para referência futura?

– Não teve nada a ver contigo. Senti apenas que as coisas estavam a ficar demasiado sérias, e não queria isso. *Continuo* a não querer.

– Certo, mas… – parece que vai dizer mais alguma coisa, mas então muda de ideias. – Muito bem. Suponho que é justo.

Bebo o resto do meu *Old Fashioned*. Antes que possa pensar duas vezes, atiro:

– Queres ir outra vez para tua casa?

– Sim – responde, tão depressa que quase rio. – Dois carros outra vez?

– Sim.

– Posso trazer-te de volta aqui no fim, se…

– Dois carros.

– Muito bem – assente. – Vamos.

21

É ainda melhor do que da última vez. Se continuarmos nesta trajetória, mais um mês e irei provavelmente desmaiar. Mas valerá a pena.

Enquanto me aninho junto ao Brady na sua cama de casal, ele estende a mão para o seu telemóvel e introduz um número.

– A quem estás a ligar? – pergunto-lhe.

– Vou encomendar uma piza – diz. – Não digas que não. Se não quiseres comê-la, como eu o raio da coisa inteira sozinho. Estou faminto. Fizeste-me ficar com apetite.

– Aceito um pouco de piza – respondo. Porque a ideia parece incrivelmente tentadora. E ele também despertou o meu apetite.

– Estou? – diz o Brady para o telefone enquanto eu oiço a conversa. – Sim, queria uma piza grande de queijo. Com… salame… cogumelos… cebola… – dou-lhe uma cotovelada nas costelas. – Não, esqueça isso, sem cebola. Mas com uma salada a acompanhar? – arqueia as sobrancelhas e eu anuo. – Sim, salada a acompanhar. E… batatas fritas? – abano a cabeça. – Não, sem batatas fritas. Só a piza e a salada.

Desliga a chamada e vira-se para mim.

– Temos trinta minutos. Queres repetir?

Espeto-lhe o dedo no ombro.

– Estás mesmo em condições para isso?

– Se tu estiveres, eu estou – responde, com um sorriso.

Penso por um momento, mas depois abano a cabeça. Não me parece que tenha força física para uma repetição. Estou impressionada com a sua energia.

– Que tal um pouco de televisão?

– Os teus desejos são ordens – agarra no comando que está em cima da mesa de cabeceira e para antes de se virar para o pequeno televisor equilibrado na sua cómoda. – Queres ver um filme?

Tenho um laivo de *déjà vu*. O Brady a dizer-me essas exatas palavras. *Queres ver um filme?* E, então, o que quer que escolhêssemos seria incrivelmente violento e sangrento.

– Ainda gostas de filmes de terror com assassinos? – pergunto.

Por um momento, olha para mim como se não fizesse ideia do que estou a falar.

Mas, então, ri.

– Não, Cristo. Não vejo um desses há anos. Ultrapassei isso.

Sinto um súbito alívio. Ultrapassou-o. Foi apenas uma fase. Talvez tenha exagerado ao reagir a toda a situação.

– O que gostas de ver agora, então?

– Tudo o que seja bom. Sou um grande fã de Quentin Tarantino.

Quentin Tarantino! Isso não é melhor do que filmes de terror com assassinos! Pode até ser pior. Bem, não sei exatamente se é *pior*, mas não creio que seja melhor. Esses filmes são incrivelmente violentos. Não havia um com aquela mulher que cortava a cabeça a uns duzentos ninjas?

– Mas podemos ver o que quiseres – diz. – Podemos ver um filme de miúdas, ou assim. Não me importo.

Deve gostar mesmo de mim. Está a ceder-me o controlo da televisão.

– Vejamos só o que está a dar – sugiro.

O Brady liga a televisão, que está no noticiário das dez. Para minha consternação, o jornalista está a falar de Shelby Gillis. Num segmento que provavelmente foi filmado mais cedo, mostram a área do trilho pedestre onde o corpo da Shelby foi encontrado.

– Shelby Gillis, de vinte e seis anos, foi encontrada com múltiplas queimaduras de corda no corpo e facadas no peito – diz o jornalista. – Ambas as suas mãos foram também cortadas antes da morte.

Lanço um olhar ao Brady, para ver a sua expressão. Não parece particularmente surpreendido ou repugnado com toda a situação.

– Assustador – comenta.

– Pois – murmuro eu.

– É um pouco como aquele assassino em série de há uns tempos, não é? – pergunta. – Aaron Nierling. Chamavam-lhe *O Mãozinhas*. Lembras-te? Devíamos ter uns onze ou doze anos nessa altura.

Penso na primeira noite em que vi o Brady no bar e na rapidez com que soube que a resposta à pergunta do concurso era o nome do meu pai.

– Não propriamente – murmuro.

– Tu sabes – dá-me uma cotovelada. – Cortava as mãos a todas as suas vítimas e guardava-as numa grande arca como lembranças ou uma loucura do género.

Sinto a bílis subir-me à garganta.

– Por favor, não fales nisso…

O Brady arregala os olhos.

– Oh, bolas. Desculpa. Estou a fazer-te ficar verde. Não queria perturbar-te. Tenho a vaga memória de que esse tipo de coisas não te incomodava. E és cirurgiã, por isso…

Engulo em seco. É claro que estava à espera que esta história estivesse em todo o lado. Só não quero ouvir falar nisso agora. Por alguns momentos, estava a tentar fingir que não existia. Vasculho o chão em busca da minha roupa.

– Ei – ele senta-se na cama. – Ei, desculpa. Não te vais embora, pois não? – começa a agarrar nas suas calças. – Ei, não podes ir.

Paro a meio de virar a camisola do meu pijama cirúrgico ao contrário. Encaro os olhos castanhos do Brady.

– Não posso porquê?

– Porque, se soubesse que não ias estar aqui, teria pedido cebolas na piza. Pelo que não é mesmo justo.

Os meus ombros relaxam. Não sei por que me estou a deixar enervar. Vim aqui para me esquecer de tudo. Pelo menos por algum tempo.

– Fico para a piza – digo. – Mas não vou ver as notícias.

– Vou procurar algo fantástico para vermos juntos – promete.

Vejo-o encostar-se novamente à almofada, saltando entre os canais de televisão como se da sua missão se tratasse. Apesar de tudo, tenho de sorrir. É realmente giro.

Enquanto o Brady procura algo para vermos, levanto-me para ir à casa de banho. O corredor no exterior do quarto está completamente às escuras, e quase bato com o dedo do pé na ombreira da porta. A casa de banho é à esquerda e mesmo ao lado fica aquele outro quarto. O seu escritório. A porta continua fechada. Presumivelmente trancada.

Mais uma vez, uma agitação inquieta invade-me o peito. Por que haveria ele de manter esse quarto trancado? É algo tão estranho de se fazer. Quer dizer, o apartamento está trancado e ele é o único que cá vive. Por que precisaria, então, de trancar também esse quarto? Não posso deixar de recordar o que a Sra. Chelmsford disse quando estávamos na farmácia.

Oiço gritos vindos do andar de cima durante a noite. Gritos de mulher. A pedir ajuda.

Espreito para o quarto, onde o Brady continua a mudar de canal em canal. Em vez de ir à casa de banho, dou um passo em direção à porta da misteriosa divisão.

É só um escritório. De certeza que está a dizer a verdade. Por que haveria de mentir?

Mas, claro, por que mentiu o meu pai sobre a cave?

Nem todos os homens são assassinos psicóticos, Nora.

O Brady é simpático. Já o era na universidade e continua a sê-lo agora. Este espaço é apenas um escritório. Estou certa de que é exatamente como disse – mantém-no trancado para manter os seus documentos financeiros em segurança. Sobretudo porque este é um mau bairro.

Dou uma última olhadela, para ter a certeza de que o Brady continua ocupado com a televisão, e aproximo-me da porta fechada. Ponho a mão na maçaneta, esperando

encontrá-la trancada, como da última vez. Mas não está. A maçaneta roda sob a minha mão e eu abro a porta.

Fico de boca aberta ao ver o que há dentro do quarto. Não é um escritório. Nem nada que se pareça. Oh, meu Deus.

E, antes que possa dizer uma palavra, sinto a sombra da presença do Brady atrás de mim.

22

Nora – diz o Brady.

Não consigo desviar o olhar. Abano a cabeça.

– Diz-me o que é isto.

Quando me disse que era o seu escritório, esperava ver uma secretária. Um computador. Talvez alguns arquivadores. Mas este alegado escritório não tem nada disso.

Pelo contrário, tem uma cama. Uma cama de casal com uma colcha cor-de-rosa. E animais de peluche alinhados ao longo da parede. A almofada tem uma imagem de um desenho animado que não consigo identificar. E, encostada à outra parede, está uma pequena casa de bonecas cor-de-rosa.

– Nora – o Brady esfrega a nuca. – Lamento. Eu…

– O que é isto?

Ele olha para o quarto ofuscantemente rosa e, depois, de novo para mim, a culpa gravada nas feições.

– É o quarto da minha filha.

– Tens uma *filha*?

– Sim – alterna o seu peso entre os pés descalços. – Desculpa não te ter dito. Simplesmente… não sei. Não me pareceu certo.

Não sei muito bem o que sentir neste momento. Tem estado a *mentir-me*, ainda que em parte por omissão. Bem, não inteiramente. Disse-me que era o seu *escritório*, quando é nitidamente o quarto de uma criança.

– Como se chama? – pergunto.

– Ruby – consegue esboçar um sorriso ténue. – Tem cinco anos. Vive sobretudo com a mãe, mas passa cá o fim de semana a cada quinze dias. Queres ver uma fotografia?

Anuo, ainda que sobretudo para me certificar de que a criança existe mesmo. Não tenho qualquer interesse em arrulhar sobre como a sua filha é fofa, especialmente depois de me ter mentido sobre a sua existência.

Vai buscar o telemóvel ao quarto e abre rapidamente uma fotografia no ecrã. É de uma menina, com o seu nariz e o seu queixo, o cabelo castanho apanhado numas

trancinhas adoráveis. Falta-lhe um dos dentes da frente, o que também é adorável. O Brady observa-me avidamente enquanto examino a foto.

– Gira – digo secamente.

– Hã, obrigado.

Estendo-lhe o telemóvel e ele agarra-o.

– Acho que vou andando – murmuro.

– O quê? – o seu rosto esmorece. – Vá lá, Nora. Não vás. Por favor?

Lanço-lhe um olhar.

– Por que me mentiste sobre teres uma filha?

– Não sei – baixa a cabeça. – Repara, só estou divorciado há um ano e é tudo muito novo para mim… toda esta situação, sabes? Não quero que ela conheça alguém que só vai estar por perto uma semana ou duas. E, sinceramente, na outra noite achei que era apenas um caso isolado. Não queria falar sobre a Ruby.

Planto as mãos nas ancas.

– Basicamente, portanto, não confiaste em mim o suficiente para me dizeres que tinhas uma filha.

– Bem, em abono da justiça, saíste cerca de cinco segundos depois de fazermos sexo.

Resfolego.

– E, olha só para isto, vou fazê-lo *outra vez*.

– Nora…

Mas é demasiado tarde. Empurrando-o, dirijo-me à sala de estar, onde recupero a minha bolsa, o meu casaco e os meus sapatos. O Brady segue-me, de sobrolho franzido. Continua em tronco nu, o que é uma ligeira distração, mas não me impede de atingir o derradeiro objetivo de me pôr a andar daqui para fora.

– Nora, lamento muito – diz. – Ia dizer-te esta noite. Juro.

– Certo. De certeza que sim.

– Olha, isto não *muda* nada, pois não?

Enfio o braço pela manga do meu casaco.

– Não muda nada. Diz-me só o que pensas de mim. Lá se vai a história de eu ser «a que conseguiu escapar», não é? Bela deixa, a propósito. Muito eficaz.

Os seus ombros curvam-se.

– Não era uma deixa. Estava a falar a sério.

Viro-me para encarar o Brady. Parece extremamente infeliz. Estou certa de que lamenta não me ter falado da filha logo de início, mas, em última instância, não importa. Fez bem em não me dizer. Se eu tivesse sabido antes da primeira vez que estivemos juntos, jamais teria dormido com ele em primeiro lugar. Não preciso desse tipo de complicação.

– Adeus, Brady – digo.

– Deixa-me acompanhar-te ao teu carro.

– *Não.*

Por um instante, a tristeza no seu rosto é substituída por um lampejo de raiva.

– Olha, tencionava dizer-te sobre a Ruby. Não é *assim* tão importante. Sinto que estás apenas a usar isto como desculpa para partir. Outra vez.

– Isso não é verdade.

– Não? – pergunta, arqueando uma sobrancelha.

Abano a cabeça. Ele não entende. Há uma razão para nunca me ter falado da filha. É a mesma porque gostava tanto de namorar comigo. Porque eu o assusto. Dou-lhe a mesma adrenalina que obtinha ao ver filmes de terror na universidade. Nem sequer sabe do meu pai, mas sabe que há algo em mim. Sente-o.

Tem medo de mim. Só um pouco. E, por isso, não queria que eu soubesse que tem uma filha.

– Adeus, Brady – repito.

E, quando saio, ele não me segue.

Ao chegar ao exterior, o ar fresco da noite desanuvia-me a cabeça. Não tinha percebido o quão sufocada me sentia naquele minúsculo apartamento até que saí. Olho para a casa e a senhoria do Brady está no alpendre. A baloiçar lentamente para a frente e para trás. Observando-me.

Aperto os braços sobre o peito. Ainda bem que nunca mais cá vou voltar.

23

Na manhã seguinte, a história dos dois homicídios está em todos os noticiários.

Todos mencionam um novo assassino em série na região da Baía de São Francisco. E, claro, lembram-se do *Mãozinhas* devido às óbvias semelhanças. Nos noticiários, observam que o *Mãozinhas* está na prisão há vinte e seis anos e continuará encarcerado até ao dia da sua morte. Quem assassinou estas mulheres é um imitador.

Graças a Deus tenho a cirurgia para me manter ocupada durante toda a manhã. Perco-me a operar e, durante sensivelmente cinco horas, não penso em Amber Swanson, Shelby Gillis e, principalmente, Brady Mitchell.

No entanto, na viagem até à clínica para os meus pacientes da tarde, o homicídio está em todas as estações de rádio. Todas estão fascinadas com ele, como estavam com o *Mãozinhas*. Acabo por ter de desligar o rádio e conduzir em silêncio.

Quando chego ao consultório, vejo que, por milagre, consegui fazê-lo com dez minutos de antecedência em relação ao início das consultas da tarde. O Philip e a Harper estão os dois sentados à secretária desta, de cabeças juntas enquanto comem as suas sanduíches. Já nem tenho energia para me preocupar com a hipótese de o Philip se fazer à Harper, mas pigarreio de forma muito alta.

– Olá, Nora – diz o Philip, como se não tivesse feito absolutamente nada de errado. – Comprámos uma sanduíche a mais para ti, se quiseres. Italiana.

– Não, obrigada – murmuro. Comi um *cheeseburger* na rulote e parece que tenho um monte de pedras no estômago.

A Harper ergue os seus olhos azuis.

– Doutora Davis, as suas duas pacientes estão em todos os noticiários! Sabia?

– E nem sequer referiram a nossa clínica – resmunga o Philip. – Teria sido uma *excelente* publicidade.

Ela revira os olhos, mas de forma afetuosa. Não posso lidar com isto neste momento.

– Sabes que a Harper nunca tinha ouvido falar no *Mãozinhas*? – observa o Philip.

– Ainda não tinha nascido! – protesta ela, rindo.

– Mas tu já, Nora, não é verdade? – o Philip fixa os olhos em mim. – Lembras-te

dele, não lembras?

É claro que me lembro. Tinha onze anos quando a polícia descobriu o que havia na nossa cave.

– Mais ou menos. Foi há muito tempo.

– Matou umas vinte mulheres – diz ele. Na realidade, dezoito confirmadas. Mas provavelmente mais de trinta. – E guardava as mãos como recordação. Que alucinado.

– Hum – digo.

– Acho que era do Oregon – acrescenta o Philip, acariciando pensativamente o queixo. – Tu não és do Oregon, Nora?

– Não.

– Não andaste na Universidade Estadual do Oregon? Lembro-me disso do teu currículo.

Respiro fundo, procurando acalmar-me. Queria ir para uma universidade fora do estado, mas não havia dinheiro. A melhor oferta estava na universidade estadual. Sobretudo porque sabia que ia enfrentar um monte de dívidas quando fosse para a faculdade de medicina.

– Lembras-te mal – replico.

– Como queiras… – responde, arqueando as sobrancelhas.

Claro que seria muito fácil ao Philip descobrir em que universidade andei e confrontar-me com as minhas tretas. Não sei por que não o admiti simplesmente. Não há nada de criminoso em ter vivido no Oregon.

– Vou ver as minhas mensagens – murmuro, antes de deixar a Harper e o Philip a seja lá o que for o que andam a fazer. Não me vou deixar perturbar por isso. Se a Harper estiver com o Philip, ele pode ao menos mantê-la a salvo de quem quer que seja o psicopata que anda a perseguir as minhas pacientes.

No meu gabinete, abro a lista de mensagens no meu computador. São sobretudo de pacientes e consultórios médicos. Algumas a Sheila marcou como tendo sido resolvidas. Mas duas mensagens sobressaem das outras.

Uma é de Brady Mitchell.

Pesquisou-me no *Google* para descobrir onde eu trabalho. E depois ligou para cá, na esperança de conseguir entrar em contacto comigo.

Tudo o que a mensagem diz é para eu lhe ligar. E indica o número de telefone, para o caso de eu o ter apagado do meu telemóvel. Algo que me senti tentada a fazer, mas não fiz. Se quisesse ligar ao Brady, podia fazê-lo. Mas não quero.

A outra mensagem é muito mais inquietante. É do detetive Barber.

À semelhança da do Brady, não tem qualquer verdadeira informação. Diz só para eu lhe ligar. *Imediatamente*.

Por que quer o detetive falar comigo? Já lhe disse tudo o que sei.

Mas não pode ser nada assim tão mau. Quer dizer, se fosse, teria vindo aqui. Ou ido a minha casa. É só um telefonema. Talvez precise de alguma informação médica sobre a Amber ou a Shelby. Se assim for, precisarei de ver um mandado. Não vou simplesmente entregar dados médicos confidenciais, mesmo de uma paciente falecida.

Tenho a agenda cheia esta tarde, sobretudo pacientes em seguimento. Tento não pensar em nenhuma das raparigas mortas ou em onde poderão ter ido parar as suas mãos cortadas. Haverá uma arca na cave de alguém com os seus ossos?

Não posso pensar nisso. É demasiado horrível.

A minha consulta das quatro é com uma nova paciente chamada Gloria Lane. Parece ser uma mulher de cinquenta e oito anos que veio para averiguar uma possível remoção da vesícula biliar. Tiro a ficha da porta, examinando as notas que a Sheila escreveu. Sinto então uma pancadinha no ombro.

– Só para que saiba – diz a Sheila –, há algo um pouco suspeito nesta mulher.

– Suspeito?

Ela anui.

– Indicou o seu médico de família, mas não só não temos um encaminhamento para cirurgia como o médico nunca ouviu falar nela. Um pouco estranho, não lhe parece?

– Sim… – cerro o punho em torno dos papéis na minha mão. – O que acha que se passa, então?

– Na minha sincera opinião? – olha para a porta. – Talvez seja uma jornalista? Não vai conseguir esconder por muito mais tempo que ambas as raparigas que foram mortas vinham a esta clínica.

Faço uma careta.

– O Philip está pronto a ir ele mesmo à estação de televisão. Acha que é boa publicidade.

A expressão da Sheila é pétrea.

– Então é um idiota. Isto *não* é bom para nós. Se for uma jornalista, devíamos tirá-la daqui imediatamente.

Aceno em concordância. Espero que Gloria Lane seja apenas uma paciente normal. Mas o meu instinto diz-me que a Sheila tem razão – ela não é tola nenhuma.

Quando abro a porta, está uma mulher sentada numa das cadeiras, de calças de ganga e camisola. Não fez qualquer tentativa de vestir a bata que lhe fornecemos, o que é por si só um sinal de alarme.

O que não é um sinal de alarme é o aspeto que tem. Não parece uma jornalista à procura de informações. Tem o cabelo grisalho e desgrenhado. Tem olheiras debaixo

dos olhos. Parece uma década mais velha do que a idade que indicou.

– Doutora Davis? – pergunta.

– Sim – franzo o sobrolho. Quero sorrir, mas é difícil, atendendo ao seu aspeto. – Senhora Lane?

Ela ergue os olhos raiados de sangue.

– Na verdade, é senhora Swanson – responde. – Sou a mãe da Amber Swanson.

– Oh… – raios, a Sheila tinha razão. – Senhora Swanson, as minhas condolências pela sua perda.

– Sim, de certeza que lamenta muito – diz, com um sorriso escarninho.

Sinto a boca seca e, de repente, tenho dificuldade em engolir.

– É claro que sim.

– Pare de fingir – lança-me um olhar fulminante e o meu estômago cai-me aos pés. – Sei muito bem quem é, Nora Nierling.

Ante o som do meu nome, faço a única coisa que posso. Fecho a porta da sala de exame para que mais ninguém nos possa ouvir.

24

A mãe da Amber sabe quem sou. Isto não é nada bom.

Fulmina-me com um olhar do mesmo azul que os olhos da Amber tinham. Tem quase a idade certa para poder ter sido uma das vítimas do meu pai noutros tempos. É tudo uma questão de estar no sítio errado à hora errada.

– Senhora Swanson – começo em voz baixa, para que ninguém no exterior me possa ouvir. – Só quero que saiba que não tive absolutamente nada a ver com a morte da sua filha. Não sei o que ouviu, mas…

– Não acha que isto parece tudo uma grande coincidência? – levanta-se, de olhos ainda fixos nos meus. – O seu pai matou todas aquelas mulheres e cortou-lhes as mãos. E agora, de repente, duas pacientes suas acabam da mesma forma.

– Não sei se foi coincidência ou não – admito. – Mas não fui eu. Senhora Swanson, eu jamais seria capaz de fazer algo assim.

– Sim, claro.

– Senhora Swanson – tento usar o meu tom mais afável e delicado. – Sabe certamente que salvei a vida da sua filha. Teria sofrido uma rutura no apêndice se eu não a tivesse operado. É isso que eu faço: salvar pessoas. Jamais mataria alguém.

A sra. Swanson dá um passo na minha direção.

– Tretas. Não acredito numa palavra do que está a dizer.

Tretas? Eu salvei-lhe realmente a vida da filha. É um *facto* – quer ela acredite ou não.

– Oiça bem, *Nora Nierling* – silva-me a mulher. – É óbvio que sabe algo que não contou à polícia.

– Não sei, não – insisto. Mas, ao lembrar-me da carta do meu pai no chão da minha cozinha, hesito por uma mera fração de segundo. E é claro que ela repara.

– Sabe, sim! – os seus olhos enchem-se de lágrimas de fúria. – O que sabe? O que sabe sobre o que aconteceu à minha filha?

– Nada – faço um trabalho admirável ao impedir a minha voz de tremer. – Juro, senhora Swanson…

– Mentirosa – ergue uma bacia da bancada da sala de exame e atira-a ao chão. O som é suficientemente forte para me fazer dar um salto. – Matou-a?

– Não!

Como pode ela pensar isso? Sim, o meu pai era um monstro. E eu sou sua filha. Partilhamos o mesmo sangue, mas isso não significa que eu seja uma assassina como ele. Como pode ela acusar-me de tal coisa? Salvei a vida da sua filha, por amor de Deus.

– Só quero que saiba – diz, com uma voz trémula – que, quando sair daqui, vou direta aos jornalistas. Vou contar-lhes tudo sobre si.

Sinto um nó no estômago. Era a última coisa que queria ouvir. Passei os últimos vinte e seis anos a fugir de ser Nora Nierling. Ninguém fazia ideia de quem eu era, e queria manter as coisas assim. O que farei se o mundo inteiro descobrir quem é Nora Davis? Não posso voltar a mudar de nome. A minha cédula profissional está em nome de Davis.

Claro que esse pode ser o menor dos meus problemas. Pergunto-me sobre o que quererá aquele detetive falar comigo…

– Por favor, não faça isso – suplico. – Juro-lhe que não fui eu quem fez mal à sua filha. Jamais faria algo assim. Se for à comunicação social, vai arruinar a minha vida.

– Bem, ótimo – os seus olhos azuis faíscam. – Porque é o que merece, sua… sua monstruosidade.

Dá outro passo na minha direção, mas não me retraio. É mais baixa do que eu e cerca de vinte anos mais velha. Suponho que é possível que tenha uma arma, mas eu também tenho. Tenho um bisturi no bolso da frente do meu pijama cirúrgico.

Por isso não tenho medo.

Talvez ela o pressinta, pois passa por mim, abre a porta da sala de exame e sai de rompante.

Depois de se retirar, fico simplesmente ali parada, sem saber ao certo o que fazer. Sinto que me resta cerca de um dia antes de todo o meu mundo explodir. O Philip queria publicidade, mas não faz ideia do que vai acontecer quando todos souberem a verdade… porque ele não sabe a verdade. Se soubesse quem eu realmente sou, estaria a fazer todos os possíveis para impedir a informação de sair.

Contudo, agora é demasiado tarde. A sra. Swanson vai falar com a comunicação social, e não há nada que eu possa fazer para a impedir.

25

26 ANOS ANTES

Na manhã seguinte, acordo às seis horas. Todos em casa estão ainda a dormir.

Não que eu tenha dormido grande coisa de ontem para hoje. Passei a maior parte do tempo às voltas. Além disso, tive de ir fazer chichi depois de beber toda aquela água. Mas não foi essa a razão para eu não conseguir dormir.

Ao chegar ao piso de baixo, a primeira coisa que faço é testar a porta da cave. Mas está trancada. Como é habitual.

Olho fixamente para a porta trancada. Talvez tenha sido tudo um sonho. Descer à cave. A jaula ao canto da divisão. Os gritos abafados no interior da jaula. O cheiro a podre que impregnava cada fresta do espaço.

Encosto o ouvido à porta. Não oiço nada. Até o cheiro a podre parece ter desaparecido e agora é, outra vez, apenas lavanda.

Entro na sala de estar e deixo-me cair no sofá. Agarro no comando e ligo a televisão. Geralmente, quando me levanto cedo de manhã, vejo desenhos animados. Mas, desta vez, ponho nas notícias.

Após cerca de vinte minutos, a reportagem aparece. Mandy Johansson, uma jovem de vinte e cinco anos de Seattle, está desaparecida há uma semana e meia. O namorado disse que nunca regressou a casa depois de ter ido correr à noite. Ninguém teve notícias dela desde então, mas as buscas estão em curso.

É quando a fotografia de Mandy Johansson aparece no ecrã. É realmente linda. Tem uma pele branca como leite, com uns grandes olhos azuis e longos cabelos negros. Na fotografia, está a meio de uma gargalhada. Parece uma pessoa simpática.

Fecho os olhos. Ainda consigo ver o olho azul a espreitar quando levantei o lençol daquela jaula na cave.

Não foi um sonho, pois não?

Mandy Johansson está na nossa cave.

– Bom dia, Nora.

A voz do meu pai. Com a mão direita, procuro o controlo remoto e encosto rapidamente o polegar ao botão de desligar, mesmo antes de entrar na sala, vestido

com o pijama cirúrgico azul que usa sempre para ir trabalhar.

– Olá, pai.

– Levantaste-te cedo – diz, passando uma mão pelo meu cabelo, que ainda está despenteado de dormir.

– Sim – murmuro.

Estico o pescoço para o ver pôr o café a fazer na cozinha. Enquanto espera, vem sentar-se ao meu lado no sofá.

– Foi bom ter-te lá em baixo na cave ontem à noite – observa.

As pessoas elogiam sempre o meu pai por ter um tom de voz tão regular. A minha mãe diz que ajuda a acalmar os pacientes quando estão prestes a tirar sangue. Alguém lhe disse uma vez que podia gravar cassetes para adormecer. Nunca ergue a voz, nem mesmo quando está perturbado.

As pessoas dizem o mesmo sobre mim.

– Sim – aquiesço.

– Talvez esta noite queiras ir lá abaixo outra vez – sugere.

– Talvez.

Dá-me uma palmadinha no ombro e levanta-se para ir buscar o seu café. Vejo-o vertê-lo numa caneca. Parece tão normal a fazê-lo. Como se pudesse ser o pai num anúncio ou assim.

Mas o meu pai não é normal.

Tal como eu não sou.

Fico sentada no sofá, a olhar para a televisão desligada, até o meu pai sair para o trabalho. Só depois de partir é que ligo novamente as notícias. Quero ouvir mais sobre Mandy Johansson.

Tenho de saltar entre alguns canais de notícias, mas finalmente encontro outro jornalista a falar sobre a Mandy. Esta estação está a entrevistar a sua família. A mãe, com os mesmos olhos azuis, olha fixamente o ecrã da televisão, implorando pelo regresso da sua filha a casa em segurança. *Amamos tanto a Mandy. Só queremos voltar a vê-la.*

– O que estás a ver, Nora?

A minha mãe entrou na sala de estar com a sua bata, o cabelo castanho espetado em todas as direções. Nem sequer a ouvi entrar. Olha para o ecrã, de olhos semicerrados.

É demasiado tarde para desligar a televisão e fingir que estava a ver desenhos animados.

– São as notícias – respondo. – Há uma rapariga que desapareceu em Seattle. Chama-se Mandy Johansson.

A minha mãe assiste ao programa por um minuto. Olho para o seu rosto, que está gradualmente a ficar verde.

– Oh, meu Deus – murmura, baixinho. Tapa a boca com a mão e corre para o lava-loiça da cozinha.

Consigo ouvi-la a vomitar.

Depois das aulas, encontro-me com a Marjorie atrás da escola.

Parece mais feliz do que alguma vez a vi. O que me faz perceber que não creio alguma vez ter visto a Marjorie com ar feliz. Não posso culpá-la, suponho. Os outros miúdos nunca param de implicar com ela. Nunca ninguém a defende e lhes diz para parar. Nunca houve uma só pessoa que a apoiasse.

Até parece mais bonita hoje. Tem o cabelo mais brilhante, o que me faz interrogar sobre se não costuma escová-lo. E há um pequeno círculo rosado de entusiasmo em cada uma das suas maçãs do rosto. Todo o seu rosto se ilumina ao ver-me.

– Olá, Nora! – diz ela. – Vieste!

– É claro que vim – respondo. – Por que não haveria de o fazer?

A Marjorie não tem resposta para isso.

– Disseste a alguém que te ias encontrar comigo? – pergunto severamente.

É tanta a força com que abana a cabeça que o seu queixo treme.

– Disse só à minha mãe que ia ficar até mais tarde na escola.

Ótimo.

Decidimos ir para casa da Marjorie. Quando começamos a andar, a maioria dos miúdos já deixou o recinto da escola. Duvido que alguém nos esteja a prestar atenção. E não tardamos a virar para uma rua tranquila.

Enquanto caminhamos, a Marjorie não se cala sobre o muito que nos vamos divertir em sua casa. Sei que está entusiasmada, mas é mesmo irritante. Quem me dera que tivesse um botão de silenciar que eu pudesse premir.

– Mal posso esperar que vejas o meu quarto – diz. – Tenho umas oito *Barbies*.

Olho para os meus ténis.

– Não gosto de *Barbies*. São para bebés.

– Oh – o seu rosto esmorece. – Do que gostas então?

Antes que eu consiga pensar numa resposta à sua pergunta, passamos por aquele trilho pedestre junto à estrada principal. Dou um toque à Marjorie com o meu cotovelo enquanto abrando e depois paro.

– Costumas ir lá abaixo?

– A minha mãe não me deixa – responde, abanando a cabeça.

– Oh. Estava a pensar que talvez fosse divertido de explorar. Como um jogo.

A Marjorie olha para o caminho arborizado e depois de novo para mim.

– É melhor não.

Solto um suspiro irritado.

– Portanto, encontro uma coisa divertida que *eu* quero fazer e tu recusas-te.

– É só que… – a Marjorie franze as sobrancelhas. – Não é suposto fazê-lo.

– Não é suposto *sozinha*. Mas não estás sozinha. Estás comigo.

– Eu… continuo a achar que não devia.

Cruzo os braços sobre o peito.

– Bem, eu vou descer o trilho. Se não queres, a escolha é tua. E é uma pena, porque pensei num jogo mesmo divertido que podíamos jogar.

Quase consigo ouvir as rodinhas a girar na cabeça da Marjorie. É a primeira vez que passa tempo com uma amiga, tipo, em toda a sua vida. Não quer estragar tudo.

– Muito bem – suspira. – Podemos descer o trilho. Só por um bocadinho.

– Isso é ótimo – sorrio. – E vais achar este jogo tão divertido.

Ela retribui o sorriso.

– Como se chama?

Olho para a área arborizada, que está completamente deserta até onde consigo ver.

– Chama-se *Caçador e Presa*. Vais adorar.

26

PRESENTE

Como é habitual, sou a última pessoa a sair do consultório.

A Harper apagou todas as luzes na sala de espera, pelo que está tudo totalmente às escuras quando saio do meu gabinete. Preciso de vários minutos às apalpadelas para conseguir encontrar o interruptor, mas temo que, se não o fizer, acabarei por ir contra uma cadeira.

Estou habituada ao espaço movimentado da sala de espera, daí que o seu silêncio à noite seja tão inquietante. A Harper deixou o seu livro de biologia em cima da secretária. Aproximo-me e folheio as páginas, vendo as suas meticulosas notas rabiscadas nas margens. Lembro-me de quando estudava biologia na universidade. Tinha então toda a minha vida pela frente. Era uma oportunidade de deixar o meu passado para trás. *Ninguém precisa de saber quem és*, disse-me a minha avó no dia em que parti para a universidade.

E agora, de algum modo, dei cabo de tudo isso. Mas, para ser justa, a culpa não é minha.

Desço as escadas para o átrio, duas de cada vez. Mal posso esperar por chegar a casa. Tenho a sensação de que esta pode ser a minha última noite de sossego antes de os jornalistas me começarem a bater à porta. Talvez tome um belo duche quente. Ou, melhor ainda, um banho. Quando foi a última vez que tomei um? Pode muito bem ter sido numa década diferente.

No entanto, ao chegar ao átrio, tenho alguém à minha espera.

– Nora?

Retraio-me.

– Brady, o que fazes aqui?

O Brady está no átrio do edifício, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco aberto. Dá alguns passos na minha direção e eu dou um passo atrás.

– Posso falar contigo? – pergunta.

– Não. Receio que não possas.

– Nora…

Franzo o sobrolho.

– Queres falar comigo sobre o quê? Sim, divertimo-nos um pouco. Deixaste os teus sentimentos bem claros. Fiquemos… fiquemos simplesmente por aí.

– Podes dar-me cinco minutos? – ergue a mão, de dedos estendidos. – Cinco minutos. E, se nunca mais me quiseres voltar a ver depois disso, prometo que te deixo em paz para sempre.

Solto um suspiro. Consigo perceber que, se disser não, vai continuar a insistir. Mais vale acabar com isto.

– Muito bem. Cinco minutos.

Olho contundentemente para o meu relógio. Certificando-me de que sabe que os seus cinco minutos começaram oficialmente.

– Eis a questão, portanto – começa, enfiando novamente as mãos nos bolsos do casaco. – O meu divórcio foi uma confusão. A única razão por que casámos em primeiro lugar foi ela ter engravidado. Não fazíamos mais nada a não ser discutir constantemente. E eu só… Quando acabou, não queria voltar a ter outra relação. Era uma daquelas coisas que me tinham amargurado para sempre – franze o sobrolho. – E então vi-te sentada no bar e lembrei-me de como era ser feliz com outra pessoa. E quis começar de novo a namorar. Faz sentido?

Resfolego.

– Não explica o porquê de me teres mentido.

– Vá lá, Nora. Ambos sabemos que odeias crianças.

– Lá porque não quero uma, não quer dizer que as odeie.

São as palavras mais verdadeiras que alguma vez proferi. Gosto de crianças. Mas não posso correr o risco de passar os meus genes a alguém. Não posso correr o risco de criar outro Aaron Nierling. Jamais poderia viver comigo mesma. E, seja como for, a minha carreira é a minha vida. Consome quase todas as minhas horas de vigília. Não há espaço para crianças.

Mas, por Deus, isso não quer dizer que as *odeie*. Se eu fosse outra pessoa, outra que não *a filha dele*, adoraria…

Bem, não vale a pena pensar nisso. As coisas são como são.

– Há algo que eu possa dizer? – pergunta. – Algo que eu possa fazer para te convencer de como lamento? Porque gosto mesmo de ti, Nora.

Encaro os seus olhos castanhos e compreendo o quanto está a falar a sério. Não é que não tenha tido homens a atirarem-se a mim nos últimos dez anos, desde que decidi tornar-me celibatária. Mas a maioria não se importava muito se eu alinhava ou não. O Brady importa-se. Mas ultrapassá-lo-á. Sobretudo quando a história de quem eu sou chegar aos noticiários amanhã.

Alegro-me por não ter de ver a expressão no seu rosto quando vir as notícias.

– Desculpa – respondo. – Além disso, os teus cinco minutos acabaram.

– Está bem – assente com um suspiro. – É justo.

Fico boquiaberta. Esperava pelo menos mais vinte minutos de tentativas para me convencer de que fomos feitos um para o outro.

– Só isso? Vais desistir?

– Eu… – inclina a cabeça. – Disseste-me que não. Por isso… pensei… quer dizer, *não* devia desistir?

Olho para ele, sentindo-me subitamente um pouco confusa. Quererei que continue a tentar? Só sei que, ao vê-lo ceder, senti uma profunda ferroada de desilusão.

– Eu… vou buscar o meu carro.

– Posso ir contigo? – pergunta.

Os nossos olhares encontram-se. Raios, vou acabar por ir outra vez com ele para casa. Quem me dera ter mais autodomínio. Geralmente, sou melhor a dizer não.

Saímos para o parque de estacionamento escuro à entrada do edifício. Há alguns candeeiros, mas vários estão fundidos. Terei de falar com a manutenção sobre isso. O Brady acompanha-me ao carro, e só quando estamos a poucos metros de distância percebo o que aconteceu.

– Alguém me cortou os pneus! – exclamo.

E não se limitaram a abrir-lhes buracos para os esvaziar. Vejo a borracha retalhada em cada uma das rodas. Alguém fez das boas aos meus pneus. Pergunto-me se terá sido a Sra. Swanson. Mas não, já saiu há horas. Não teria feito isto em pleno dia. Embora suponha que poderia ter regressado.

Sinto lágrimas nos olhos, mas afasto-as rapidamente com um pestanejar. Não choro desde que… Nem me lembro da última vez que chorei. Foi há muito, muito tempo.

– Jesus – murmura o Brady. – Que Diabo?

Subitamente, sinto-me muitíssimo grata por ele estar aqui comigo. Se visse isto e estivesse sozinha, teria tido um verdadeiro colapso. Mas a sua presença acalma-me.

– Tenho de o mandar rebocar – olho para o relógio. É ainda mais tarde do que eu pensava. A este ritmo, sabe Deus quando vou chegar a casa. – Que maravilha. Há quinze horas que estou a trabalhar e agora tenho de lidar com isto.

– Deixa-me levar-te a casa – diz rapidamente. – Não tens de lidar com isto agora. Seja como for, todas as oficinas estão fechadas. Podes ligar de manhã e mandá-lo rebocar.

– Não tenho tempo para lidar com isto de manhã – protesto com um gemido.

– Mas eu tenho – diz o Brady, baixando-se para inspecionar os pneus. – Volto cá de manhã e encontro-me com o operador do reboque. Trato disso por ti.

– Devo então confiar em ti para mandar rebocar o meu carro?

Os seus lábios curvam-se para baixo.

– Não confias em mim para isso?

Olho para os pneus retalhados do meu *Camry* e depois novamente para o seu rosto aberto. Suponho que confio, na verdade. Conheço-o há mais de quinze anos e nunca

me deu razões para não o fazer. Sim, mentiu-me sobre a filha. Mas acho que isso foi mais por, a algum nível, *ele* não confiar em *mim*.

– Certo – concordo. – Obrigada – procuro as minhas chaves na bolsa e tiro a do carro do porta-chaves. Entrego-lha. – Fico-te grata.

Ele guarda a minha chave no bolso.

– Anda. Vou levar-te a casa.

Tal como eu, o Brady tem um carro sensato – apesar de mais velho e maltratado que o meu. Subo para o lugar do passageiro e aprecio o interior do carro estar limpo e de ele não ter de atirar umas vinte embalagens e latas de *Coca-Cola* vazias para o banco de trás para eu me poder sentar.

– Gosto que o teu carro não esteja coberto de batatas fritas do McDonald's – comento.

– Oh, estaria certamente, se eu deixasse a Ruby levar a sua avante.

– Aprecio a limpeza.

Ele pisca-me o olho.

– Está próxima da santidade, certo?

Apesar de tudo, sorrio ao ouvir esse velho ditado. Sinto o mesmo. Gosto de tudo limpo e arrumado.

O Brady encaixa o seu telemóvel no painel de instrumentos.

– Qual é a tua morada?

Hesito. Ele lança-me um olhar.

– Nora, compreendo que queiras a tua privacidade, mas é impossível levar-te a casa se não souber onde vives. Juro que só usarei a tua morada desta vez e que nunca a utilizarei para o mal. Está bem?

– Tudo bem – resmungo.

Recito a minha morada, que introduz no GPS do seu telemóvel. Sai para a estrada, e eu aprecio que não acelere ou faça qualquer outra coisa que me faça sentir que está a arriscar as nossas vidas. Claro que, se está habituado a conduzir com uma criança no carro, suponho que saberá como ir com calma.

Espreito para o banco de trás, esperando ver uma cadeira ou assento infantil. Mas não há nada.

– Não é suposto teres uma cadeira para crianças? – pergunto.

Ele sorri.

– Absolutamente verdade. Da última vez, a Ruby informou-me de que é *de longe* demasiado crescida para uma cadeira. E, como habitual, estava certa. Por isso, tirei-a ontem. O assento chega amanhã. E estou incrivelmente entusiasmado por não ter de dar cabo das costas de cada vez que tiver de a prender a ele.

Puxo um fio solto no cordão do meu pijama cirúrgico.

– É um pouco difícil imaginar-te como *pai*. Na minha cabeça, acho que ainda tens vinte anos.

– Às vezes, até na *minha* cabeça ainda tenho vinte anos – vira à direita num sinal vermelho. – Há dias em que a Ruby me pede mais uma bolacha depois de já ter comido demasiadas, e eu fico, tipo, porque não? As bolachas são ótimas. Por que tenho eu de ser o polícia das bolachas?

– Dás-lhe a bolacha, então?

– Às vezes – leva um dedo aos lábios. – Não digas à minha ex-mulher. Estou a tentar conseguir a guarda partilhada e tenho a sensação que é o tipo de coisa que ela usaria contra mim.

– Como foi que não a conseguiste logo à partida? – essa parte surpreende-me. O Brady tem ar de quem seria um pai responsável.

– É… – para num sinal vermelho. – É uma longa história. Não quero aborrecer-te com ela.

Olho pela janela do lado do passageiro, tentando ignorar o aperto que sinto no peito. Não sei quem me cortou os pneus, mas tenho a nítida sensação de que não foi um acontecimento aleatório. Eram os *meus* pneus que queriam cortar. E quando a notícia de quem eu realmente sou se souber, as coisas só vão piorar.

Olho para o Brady, cujos olhos castanhos estão fixos na estrada. Por um momento, olha de relance para mim e sorri. O que
irá dizer quando descobrir? Não prevejo mais boleias para casa no futuro.

Bem, que importa? Eu queria livrar-me dele.

Ao virarmos para a minha rua, consigo ver luzes azuis e vermelhas a piscar por todo o quarteirão. O coração sobe-me à garganta. Estarão em minha casa?

Oh, meu Deus, esqueci-me de ligar ao detetive Barber. Mas, mesmo assim, seria ele capaz de aparecer à minha porta com as luzes ligadas?

– O que se passa ali? – pergunta o Brady, semicerrando os olhos à estrada. – Está um carro da polícia junto à tua casa?

Engulo em seco.

– Talvez devesses simplesmente deixar-me sair aqui…

O Brady continua a conduzir como se não me tivesse ouvido.

– Achas que é por causa dos pneus cortados? Mas como poderiam saber? Não ligaste à polícia, pois não, Nora?

– Deixa-me só sair aqui – repito, desta vez mais alto.

Mas, claro, ele só para ao chegar mesmo em frente à minha casa. E não há margem para dúvidas de que o carro-patrulha está estacionado mesmo junto ao caminho de acesso à minha porta da frente. Tem uma expressão arregalada ao olhar para o carro da polícia e depois para mim.

Salto do carro no segundo em que ele para, ou até alguns segundos antes, para ser sincera. Mas ele é rápido e sai logo atrás de mim. Cerro os dentes, repelindo o impulso de lhe gritar que vá embora. Em sua defesa, provavelmente pensa que está a velar por mim.

– Doutora David – o detetive Barber está encostado ao carro-patrulha, de braços cruzados sobre a barriga saliente. Pergunto-me há quanto tempo está à espera. Pergunto-me durante quanto tempo os meus vizinhos viram este estúpido carro-patrulha com as luzes a piscar em frente à minha casa. – Posso dar-lhe uma palavrinha?

Sinto-me dividida. Gostaria de entrar em casa, para não ter os vizinhos e o Brady a assistir a toda a conversa. Mas, ao mesmo tempo, não quero este detetive em minha casa. É neste momento que preciso de um advogado. Não posso permitir que continue a intimidar-me, ou vou acabar no mesmo exato sítio que o meu pai.

– Doutora Davis? – insiste Barber.

Encontro finalmente a minha voz.

– O que quer?

– Julgo que seria melhor que entrássemos em sua casa – diz. – Não quer que o bairro inteiro oiça isto – olha curiosamente para Brady. – O seu namorado pode ficar, se quiser.

– Já lhe disse – respondo, por entre dentes cerrados – que não quero ter outra discussão consigo sem a presença de um advogado. Respondi a todas as suas perguntas.

– Estava apenas a perguntar-me – diz –, se podia dar uma olhadela rápida a sua casa.

Sinto-me como se todo o ar tivesse sido sugado do meu corpo.

– Dar uma olhadela a minha casa?

– Muito rápida – acrescenta, erguendo as mãos. – Só eu. Só uma vista de olhos.

O que pensa que vai encontrar? Uma rapariga acorrentada na minha cave? Talvez devesse simplesmente deixá-lo procurar. Não tenho nada a esconder.

– Ei – diz o Brady, antes de eu poder responder. O seu tom é respeitoso, mas firme. – A Nora teve um dia muito difícil hoje. Esteve a operar desde as cinco da manhã. E estou certo de que precisa de um mandado para lhe fazer buscas em casa. Portanto, talvez fosse melhor conversarem de manhã, quando ela tiver um advogado presente.

O detetive Barber lança-me um olhar, como que a perguntar: *Este tipo é a sério?* Claro que, se o Brady fizesse alguma ideia do motivo pelo qual estava ali para discutir comigo, poderia não se ter imiscuído. Mas o incrível é que resulta. Barber dá um passo atrás, assentindo com a cabeça.

– Muito bem – diz. – Podemos falar amanhã de manhã com o seu advogado presente. Às dez horas na esquadra, digamos?

– Muito bem – concordo. Agora, só tenho de arranjar um advogado até às dez. E de descobrir que diabos vou fazer em relação às minhas cirurgias da manhã. Não tenho tempo para ser suspeita de homicídio.

É como se não conseguisse respirar até o detetive Barber voltar para o seu carro e arrancar. Mesmo depois de partir, tenho os dedos a tremer tanto que me custa a enfiar a chave na fechadura da porta. É algo invulgar para mim. Sou cirurgiã, por amor de Deus. As minhas mãos nunca tremem.

Finalmente, o Brady tira-me a chave, enfia-a na fechadura e conduz-me ao interior da casa. Põe-me a mão nas costas e guia-me até ao sofá, onde me sento obedientemente. Pousa a mão na minha e dá-lhe um apertão.

– Vou buscar-te um pouco de água, Nora.

Sem palavras, aquiesço.

Oiço-o remexer na minha cozinha durante tanto tempo que quase me sinto tentada a ir lá perguntar se precisa que o ajude a encontrar o lava-loiça. Mas, então, ele volta com um copo de água. Agradecida, agarro-o e bebo metade. Não ajuda. Preciso de algo muito mais forte do que água.

O Brady senta-se ao meu lado no sofá.

– Não vou perguntar. Mas, a menos que estejas à procura de um advogado de divórcio, não te posso ajudar nesse aspeto.

– Certo – olho para as pequenas bolhas na água. – Não é nada de especial.

– Não tens de me dizer. Não tenho nada a ver com isso.

Mas subitamente *quero* dizer-lhe. Quero contar a *alguém* o que se passa. Há muito tempo que sofro com isto sozinha. E não me parece que vá simplesmente desaparecer.

– Aquelas duas mulheres que foram assassinadas – bebo outro trago do copo de água. – As que estão em todos os noticiários, sabes? Aquelas a quem… cortaram as mãos?

– Sim…

– Eram minhas pacientes.

– As duas? – arregala os olhos.

– Sim.

– Oh – coça o cabelo castanho. – Bem, suponho que é uma coincidência estranha. Mas, a sério, por que haveriam de pensar que *tu* tiveste algo a ver com isso? É a coisa mais estúpida que ouvi em toda a minha vida.

– Porque… – esfrego os joelhos. Tenho uma mancha no direito. Provavelmente de comida. Possivelmente de sangue. – Porque, como disse, cortaram-lhes as mãos. Tal como o *Mãozinhas* fazia às suas vítimas.

O Brady inclina a cabeça para o lado.

– Não compreendo.

Podia simplesmente desistir. Guardei este segredo durante vinte e seis anos. Durante vinte e seis anos, fui Nora Davis, cujos pais morreram tragicamente num acidente de viação. A minha avó queria que nunca dissesse a ninguém – até se mudou comigo para escapar às pessoas que sabiam quem eu era. Mas é como se estivesse a viver uma mentira. Como se fosse uma atriz a representar o papel principal na minha própria vida.

Olho para o Brady. A existir alguém capaz de ser bondoso comigo, será ele. Tenho de dizer a *alguém*.

– Porque – afirmo por fim – Aaron Nierling é o meu pai.

Não sei como esperava que o Brady reagisse, mas não contava que desatasse a rir. Ri durante vários segundos, até ver a expressão na minha cara e perceber que estou total e absolutamente a falar a sério. Consigo realmente ver o riso a esvair-se do seu corpo.

– És filha do Aaron Nierling – diz.

– Sim.

– E… – seria quase adorável o seu ar confuso, se não fosse tão horrível. – Mudaste de nome, então, depois de…?

– Tu não o farias?

– Suponho… – esfrega a parte de trás do pescoço. – Então, aquelas duas raparigas com as mãos cortadas… eram ambas tuas pacientes. E o *Mãozinhas* era… teu pai?

– Sim.

– Por que nunca me contaste?

– A sério? – pergunto, tossindo. – Achas que queria que toda a gente soubesse?

– Pois, mas eu não era uma pessoa qualquer. Era o teu namorado.

– Namorámos durante três meses, Brady. Não éramos propriamente casados.

Mantém-se calado durante pelo menos um minuto, a olhar para as mãos. O único som na sala é o meu coração a palpitar.

– Jesus – diz por fim.

– Pois.

– Então… – ergue os olhos para fitar os meus. – Foste tu que…?

Inspiro bruscamente.

– Fui eu que o quê?

A sua maçã de Adão agita-se.

– Mataste-as? Aquelas raparigas?

E é nesse momento que compreendo que o que eu tinha com o Brady Mitchell acabou para sempre. Esperava que dizer-lhe fosse o mais correto a fazer, que fosse catártico, de alguma forma. Gostava tanto de mim que pensei que talvez ficasse do meu lado. Mas estava enganada. Não devia ter dito nada. Claro que iria dar ao mesmo, com a história a chegar às notícias amanhã, pois ele ficaria a saber nessa

altura. Mas ao menos não teria tido de passar pela experiência de o ver a olhar para mim *desta maneira*.

Nem sequer me posso enfurecer por causa disso. É exatamente aquilo com que contava. Mas tinha esperanças…

– Não matei ninguém – digo baixinho. – Eu não sou como ele.

– Mas és *cirurgiã*. A tua profissão é cortar pessoas – Céus, é como se estivesse a invocar todas as coisas que as pessoas vão dizer a meu respeito amanhã. Todas as razões por que devo ser uma assassina psicótica, tal como o meu pai. Tem ao menos a decência de parecer embaraçado. – Desculpa.

Um músculo contrai-se no meu maxilar.

– Acho que é melhor ires.

Por uma vez, quero que discuta comigo e me implore que o deixe ficar, como geralmente faz. Mas, em vez disso, concorda.

– Também me parece que sim.

E está feito. O Brady levanta-se e sai de minha casa – mal consegue olhar para mim a caminho da saída. E, ao chegar à porta da frente, vai direito ao seu carro. Não olha para trás antes de entrar e arrancar.

27

Bem, foi uma bela amostra do que vai a ser a minha vida de agora em diante. Se o homem que aparentemente passou a última década e meia apaixonado por mim não consegue sequer assimilar o meu passado, como irá o resto do mundo reagir?

Depois de o Brady partir, fico durante muito tempo sentada no sofá. Parece que não me consigo obrigar a mexer. Mas então oiço um baque junto à porta das traseiras. É outra vez a gata. Provavelmente com uma fome desesperada.

Ainda que, da última vez que a tentei alimentar, ela não apareceu.

Finalmente, levanto-me do sofá e dirijo-me à porta das traseiras. Sustenho a respiração enquanto encosto o ouvido à porta. E então oiço-o. Um ligeiro miado.

É a maldita gata. Graças a Deus.

Vou ao armário e tiro uma lata de comida para gato. Abro a porta das traseiras e a gata preta está lá à minha espera, a olhar esperançosamente para o meu rosto. Bem, *ela* ao menos não me vai julgar. Não faz ideia de quem é Aaron Nierling. E não lhe podia interessar menos.

Maravilhoso. A minha única amiga é uma gata vadia.

Tiro a tampa da lata e despejo-a na tigela. Ela lambe avidamente a comida. Os gatos têm tanta sorte. Tudo o que lhes interessa é de onde virá a sua próxima refeição. Não têm de se preocupar com coisas estúpidas como a sua carreira ou o único tipo de quem gostaram na última década ter agora medo deles.

Estendo a mão e passo-a pelo seu pelo negro. É reconfortante.

A gata ergue a cabeça da tigela e esfrega-a contra a minha mão, como faz por vezes. Coço-a debaixo do queixo e ela ronrona. Então, para minha absoluta surpresa, passa por mim e corre para o interior da casa.

– Ei! – grito. – Não podes entrar aqui!

Só que a gata não quer saber se não pode entrar aqui. Corre pela minha cozinha, entrando em seguida na sala de estar e saltando para cima do meu sofá. Então, enrosca-se alegremente numa bola em cima da almofada.

– Ei! – grito outra vez. – Gata!

Fantástico. Esta gata estúpida provavelmente tem pulgas pelo corpo todo, e agora

vou ficar com pulgas no meu sofá. Poderia esta noite piorar?

Atravesso a sala de estar até ao sítio onde a gata se enroscou. Juro por Deus, é melhor que não faça chichi no meu sofá. Olho-a fixamente, com o seu ar perfeitamente confortável e de quem não planeia ir a lado nenhum nos próximos tempos. Pois, quanto a isso, veremos.

Estendo as mãos para a agarrar, com a intenção de a levar e deixar no exterior. Contudo, ao fechar os dedos sobre o seu torso, sinto os ossos da sua caixa torácica sob as minhas mãos. São tão frágeis quando comparados às costelas humanas.

Seriam tão fáceis de partir.

O meu estômago revolve-se. Tiro as mãos e afasto-me da gata, com a cabeça a andar à roda. Olho fixamente para ela, pedindo a Deus para a fazer simplesmente sair de minha casa. Não posso ter uma gata. Não é seguro fazê-lo. Esta gata precisa de sair daqui *imediatamente.*

O que devo fazer? Não posso agarrá-la e pô-la na rua. De cada vez que penso nisso, tenho novamente a mesma sensação doentia. Devo ligar para o controlo de animais? Não se irão apenas rir de mim por aparentemente ser incapaz de me livrar de uma pequena gata vadia?

Tiro o telemóvel do bolso do meu pijama cirúrgico. Percorro os meus contactos, que são quase exclusivamente colegas de trabalho. O hospital, o consultório, todos os médicos com quem tenho relações profissionais. Como chegou a minha vida ao ponto de ter zero amigos? Não costumava ser assim.

Ou talvez fosse. Talvez eu sempre tenha sido assim.

O meu polegar paira sobre o nome Philip Corey. Sim, é um colega de trabalho, mas também é um amigo. Mais ou menos. Próximo disso. Conheço-o certamente há tempo suficiente.

Antes que possa mudar de ideias, carrego no nome do Philip. Há pelo menos oitenta por cento de hipóteses de estar com uma rapariga neste exato momento. Espero que não seja a Harper.

Ao fim de alguns toques, oiço a voz familiar do outro lado.

– Nora? O que se passa? Estás bem?

– Estou ótima – franzo o sobrolho ao telemóvel. – Até parece que achas que estou prestes a morrer.

– Tens de admitir – diz –, nunca me ligas a não ser que tenhas algum tipo de emergência terrível.

– Isso não é verdade – é absolutamente verdade.

– O que se passa, então?

– Eu… – pigarreio. – Estás ocupado?

– Já estive mais. Porquê?

– Bem… – olho para o corpo negro e peludo no meu sofá. – Preciso da tua ajuda

com uma coisa.

– Com o quê?

– Está… está uma gata em minha casa e não me consigo livrar dela.

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– *O quê?*

– Simplesmente entrou pela minha porta dos fundos! – respondo num impulso. Deve parecer-lhe que perdi completamente o juízo. Este comportamento não é nada típico de mim. – E agora não consigo pô-la fora. Podes vir ajudar-me?

Ele ri.

– Nora, se queres que vá aí para darmos umas voltas, é só dizeres. Não precisas de inventar uma história ridícula sobre uma gata.

Retraio-me. Cometi um erro ao ligar-lhe.

– Esquece.

– Estou a brincar! Olha, passo aí em breve. Tenho só de acabar uma coisa e depois vou direto para aí e ajudo-te a livrares-te da gata.

Agarro-me ao telemóvel.

– Obrigada, Philip.

– Ei, para que servem os sócios?

Não creio que alguém pudesse alegar que o propósito de um sócio numa clínica cirúrgica é desembaraçar-se de um gato vadio que nos entrou em casa, mas está a ser simpático e eu não estou prestes a armar-me em sarcástica.

O Philip vive a pelo menos vinte minutos de carro de mim, mas cerca de dez minutos depois, oiço alguém bater-me à porta. Inicialmente, estou certa de que deve ser outra vez a polícia, e uma pequena e estúpida parte de mim tem esperanças de que possa ser o Brady. Mas não, é o Philip.

– Fizeste o caminho todo a cento e sessenta quilómetros por hora? – pergunto.

– Ei, parecia que estavas a ter uma verdadeira emergência – entrando no átrio, o Philip observa a minha casa. – Tem bom aspeto, este sítio. Um pouco despido, mas nada mau.

Recuo para lhe dar espaço para entrar. Traz o casaco vestido, com uma camisola e umas calças de ganga por baixo. Geralmente, só vejo o Philip de pijama cirúrgico (a maior parte das vezes) ou de camisa e gravata. Fica-lhe bem a roupa casual. Na verdade, fica incrivelmente atraente em qualquer traje que escolha. Já ouvi enfermeiras no hospital chamarem-lhe Dr. McBrasa. Tem agora quarenta e poucos anos e, tanto quanto consigo perceber, está no auge da sua atratividade.

E sabe-o. Quando ele não está a ouvir, a Sheila chama-lhe «dádiva de Deus ao mundo», o que me faz sempre rir entredentes.

Fiquei surpreendida quando o Philip decidiu casar, mas parecia dedicado à mulher, na altura. E disse que estava finalmente pronto para assentar e ter filhos. Mas,

aparentemente, não estava absolutamente nada pronto, pois, passados poucos anos, andava novamente enrolado com as enfermeiras do hospital. *Enfermeiras* – plural. Todos sabiam, e depois a mulher descobriu. Foi um divórcio realmente mau.

Resumindo e concluindo, portanto, o Philip é horrível nas relações. Não parece conseguir mantê-lo nas calças. Mas, ao mesmo tempo, tenho um respeito dos diabos por ele enquanto cirurgião. É bom no que faz e sempre me apoiou.

– Onde está então essa gata traiçoeira? – pergunta.

Sinto o rosto corar. Recuo e aponto para o sofá.

– Ali está ela.

– Ainda bem que me chamaste. Parece aterradora.

– Vais ajudar-me ou não? – fulmino-o com o olhar.

Ele abre-me um sorriso que revela todos os seus dentes.

– Relaxa. Observa o encantador de gatos em ação.

Dirige-se ao local onde a maldita gata continua esparramada no sofá. Estende as mãos para a agarrar, mas desta vez ela solta um forte miado, salta do sofá e foge.

– Escapou-me – diz. Olha para a sala. A gata desapareceu. Só posso esperar que tenha saído pela porta das traseiras e não esteja na minha cama, deitada na minha almofada. – Hum. De certeza que não queres ter uma gata como animal de estimação? Acho que ela gostaria de ser o teu animal de estimação.

– Não posso ter um animal de estimação! – exclamo. – Que parte da minha vida te leva a pensar que posso tomar conta de um *gato*?

– Nora… – começa o Philip, pestanejando.

No entanto, é demasiado tarde. Tudo o que passei nas últimas duas semanas atinge-me de repente como um murro no estômago. As duas raparigas mortas. As mãos desaparecidas. O detetive. O *Brady*.

E, subitamente, estou a soluçar. Acho que não chorava desde a escola primária, no dia em que soube que o meu pai tinha sido preso. Nem sequer chorei quando descobri que a minha mãe se tinha suicidado. Lembro-me de quando a minha avó me deu a notícia e eu fiquei simplesmente sentada na cama, sem sentir nada. Sabia que a minha avó me estava a observar, à espera que eu espremesse algumas lágrimas, e quando não o fiz, isso confirmou o que ela sempre pensara a meu respeito.

– Nora – sinto o braço do Philip envolver-me os ombros. – Nora, está tudo bem. Eu encontro a gata, se quiseres. Tem de estar algures por aqui.

– Não te preocupes com isso – a gata é o menor dos meus problemas. – Foi só… Foi um longo dia.

Ele dá-me um aperto.

– Queres falar sobre isso?

Não. Não quero nada. Já falei com o Brady e veja-se só no que deu. Não suporto a

ideia de o Philip também olhar para mim dessa maneira.

– Não. Mas obrigada.

– Há alguma coisa que eu possa fazer? – esboça um sorriso. – Um abraço? Um copo de água? Uma bebida forte?

Não quero um abraço do Philip. Não sou de abraços, apesar de ter gostado de sentir os braços do Brady a envolver-me. *Isso* nunca mais voltará a acontecer.

– Na verdade, há uma coisa.

– Claro, o que quiseres.

– Tens o nome de um bom advogado?

As suas sobrancelhas arqueiam-se bruscamente, quase desaparecendo sob o seu couro cabeludo.

– Vais ser processada?

– Não, um advogado de direito penal.

Oiço-o inspirar fundo.

– Nora, que Diabos se passa? Tem alguma coisa a ver com aquelas duas raparigas que foram mortas?

Limito-me a abanar a cabeça.

– Não posso falar sobre isso. Conheces alguém ou não?

– Sim, conheço – morde o lábio. – Mas, se estás com problemas graves, tens de falar comigo sobre isso. Quer dizer, somos sócios.

– Está tudo bem. Eu estou bem.

Franze os lábios. Não parece acreditar em mim, mas temos pena.

– Além disso – continuo –, estou de serviço às urgências de trauma amanhã de manhã depois das seis, mas preciso de sair do hospital entre as nove e meia e as onze e tal. Podes substituir-me?

Ele pensa por um minuto.

– Sim, posso.

Graças a Deus. Não sabia como ia resolver isso e chegar à esquadra. Claro que agora tenho a complicação adicional de não ter carro, pois os meus pneus foram cortados. E calculo que o Brady já não estará disposto a tratar disso por mim. Amaldiçoo-me por me ter esquecido de lhe pedir as minhas chaves do carro de volta.

– Não costuma haver muita agitação de manhã. Provavelmente nem vais ser chamado.

– Pois… – o seu maxilar contrai-se. – A sério, Nora. Podes, por favor, dizer-me o que se passa?

Respiro fundo, mas sai-me de forma trémula. Ainda não consegui tirar a expressão no rosto do Brady da minha cabeça. Não posso dizer a mais ninguém sobre o meu pai. Seria a minha ruína.

– Não é nada de especial – digo. – Só um estúpido mal- -entendido. Juro.

Ele suspira, mas deixa passar. Porque a verdade é que eu e o Philip não somos amigos. Somos sócios e nada mais. E ele prefere não se envolver em seja o que for que se esteja a passar comigo.

– Então e a gata? – olha em volta. – Não a vejo. Queres que a procure?

Agora que está longe da vista, não me sinto tão ansiosa por ter de lidar com ela. Provavelmente, acabará por sair, de qualquer modo. Uma gata assim não quererá estar confinada a esta casa. E, seja como for, provavelmente sentirá o meu mal e quererá partir. Os animais têm jeito para isso.

– Deixa estar – respondo. – Eu só… só a queria fora do meu sofá.

O Philip fita-me de olhos semicerrados.

– Estás a ter um esgotamento nervoso, Nora? Deveria ficar preocupado?

– Estou bem – ergo o queixo, tentando sentir a confiança nas minhas palavras. Só preciso de arranjar um advogado e vai ficar tudo bem. Não fiz nada de mal. Tenho de me lembrar disso. – Obrigada por teres vindo, mas…

– Queres que me vá embora – esboça um sorriso de esguelha. – Eu percebo.

– Mas obrigada por teres vindo.

Ele suspira e levanta-se do sofá.

– Se quiseres falar comigo, liga-me a qualquer hora. A sério.

O Philip pode ser um cretino por vezes, e provavelmente acha mesmo que é a dádiva de Deus ao mundo, mas também pode ser simpático. Foi por isso que o escolhi como meu sócio. E proteger-me-á tanto quanto for humanamente possível. Sei que sim.

Acompanho-o à porta e ele faz-me uma ligeira continência ao sair, o que me faz sorrir um pouco. Vejo-o entrar no seu *Tesla* e desaparecer praticamente numa nuvem de fumo. Ele adora aquele carro, isso é certo.

Agora que partiu, viro-me e enfrento a minha casa vazia. Onde raio se meteu a gata?

Os meus olhos voltam-se para a escadaria de acesso ao segundo andar. Terá ido lá para cima? Estará agora mesmo no meu guarda-roupa, a urinar em todos os meus sapatos? Porque esse seria mesmo o final perfeito para este dia.

Mas então vejo que a porta da cave está ligeiramente entreaberta. Bingo.

Dirijo-me à porta da cave e abro-a por completo. O interruptor está logo à entrada, e eu primo-o. Nada. Fantástico – a lâmpada deve ter-se fundido. Levo a mão ao bolso e tiro o meu telemóvel, ativando a função de lanterna. Tal como em qualquer masmorra, não tenho rede de telemóvel aqui em baixo, mas ao menos a lanterna funciona.

A luz é suficientemente forte para iluminar as escadas, de modo a eu não tropeçar e partir uma anca. Ao chegar sensivelmente a meio dos degraus, oiço o rumorejar de pequenas patas e um ligeiro miado. Estava certa. A gata desceu para aqui.

Aponto a minha lanterna ao espaço, procurando o pelo preto. Finalmente, localizo-a ao fundo da cave, ao canto, a lamber uma poça de água.

– Vá lá, gata – digo baixinho. – Não queres viver aqui comigo.

A gata ergue o olhar, pensativa, antes de voltar para a poça.

– Não sou lá muito divertida – continuo. – Estou sempre a trabalhar. E não sou muito simpática. Costumava fazer coisas terríveis quando era nova. Mas já não faço. Pelo menos, acho que não. Mas nunca se sabe. Provavelmente, ficas mais segura noutro lado… em qualquer outro lugar.

A gata ignora-me por completo. O que não é de admirar, porque é uma maldita *gata* que não entende uma palavra do que eu estou a dizer.

Aproximo-me um pouco mais, bichanando. Mantenho a lanterna firme, pensando que talvez a siga. Os gatos não gostam de perseguir luzes?

Só a poucos passos de distância é que reparo.

Quando entrei na cave, presumi que a gata estava a lamber uma poça de água. Agora que estou mais perto, vejo que não é água. A poça é vermelho-escura.

Olho para a lâmpada por cima de mim. Céus, quem me dera que houvesse mais luz aqui dentro – como pude deixá-la fundir-se assim? Aponto a minha luz diretamente à poça. É definitivamente vermelha. Não é terra nem nada do género.

Agacho-me para ver mais de perto. Com as mãos trémulas, passo o indicador pelo líquido vermelho. Aproximo o dedo do rosto para ver melhor.

Oh, meu Deus, acho que é sangue.

Por um momento, tenho a certeza de que vou vomitar. Debruço-me, engolindo a bílis que me sobe à garganta. Se tivesse comido algo ao jantar, estaria quase de certeza a vê-lo agora mesmo fazer o caminho contrário.

Ao fim de alguns minutos de tonturas, consigo recompor-me. Olho para os meus dedos, ainda manchados de carmesim. Sangue. Tenho a certeza agora. Já vi sangue suficiente para o reconhecer.

Mas por que está na minha cave?

Ocorre-me um pensamento horrível. Se tivesse cedido e deixado o detetive Barber dar uma olhadela à minha casa, teria descoberto este sangue. E eu provavelmente estaria agora mesmo na prisão. Graças a Deus que o Brady sabia o suficiente para o impedir de entrar.

Será por isso que o sangue está aqui? Alguém o pôs na minha cave para me incriminar? Será o sangue de Amber Swanson ou Shelby Gillis?

Ou terá algo horrível acontecido nesta cave desde a última vez que cá estive?

A ter acontecido algo aqui em baixo, terá sido recentemente. O sangue não teve oportunidade de secar.

Olho para a gata, que continua a lamber a poça de sangue. Enxoto-a.

– Afasta-te daí!

Desta vez, dá-me ouvidos. Afasta-se da poça, e consigo ouvir os seus passos a subir as escadas. Fantástico – provavelmente vai encher-me o chão de rastos de sangue.

Não sei o que fazer. Ou melhor, *sei* o que fazer. Devia ligar ao detetive e contar-lhe tudo. Ainda tenho o seu cartão de visita, e estou certa de que atenderia a minha chamada. Mas também sei o quanto isto parece terrível para mim. Devo supostamente dizer-lhe que uma poça de sangue apareceu magicamente na minha cave? Há alguma hipótese de acreditar nisso, sabendo quem é o meu pai?

Não, se eu lhe falar nisto, passarei a ser a sua principal suspeita. Se é que não o sou já. Provavelmente, acabarei a sair de casa algemada.

A minha melhor hipótese é limpar isto antes que mais alguém o possa ver. E, assim que tratar do meu carro inutilizado e acabar de falar com o detetive amanhã, vou arranjar um sistema de alarme para a minha casa. Ninguém voltará a entrar aqui sem a minha autorização. Nem mesmo um gato.

28

26 ANOS ANTES

Caçador e Presa? – a Marjorie olha-me com ceticismo. – Nunca ouvi falar. Que tipo de jogo é esse?

Suspiro.

– Céus, Marjorie, não sabes nada?

– Suponho que nunca ouvi falar… – responde, de sobrolho franzido.

Olho para o escuro caminho arborizado e depois novamente para a Marjorie.

– Então, é assim que se joga. Um dos miúdos é o caçador e o outro é a presa. Uma vez que nunca jogaste antes, serás tu a presa e eu vou caçar-te. Basicamente, tens de evitar que eu te apanhe.

– Certo…

– É muito divertido – asseguro-lhe.

A Marjorie não parece pensar que vai ser divertido. E, para ser justa, provavelmente tem razão. Não vai ser divertido. Para *ela*.

– Além disso – acrescento –, tens de tirar os sapatos.

Olhando para os seus ténis maltratados, ela arregala os olhos.

– Tirar os sapatos?

Solto outro suspiro.

– Achas que os animais selvagens na floresta andam de ténis? É *óbvio* que tens de tirar os sapatos. Vamos só deixá-los aqui.

Observo o rosto da Marjorie, perguntando-me se irá alinhar. Tem o lábio inferior a tremer.

– Podemos jogar a outra coisa, Nora?

– A quê? Com *Barbies*? – reviro os olhos. – Não vou brincar a um jogo para bebés, Marjorie. É a isto que todos os miúdos jogam – encaro-a diretamente nos olhos. – Mas, se não queres, tudo bem. Vou simplesmente para casa.

Momento da verdade. Até que ponto quer a Marjorie uma amiga?

– Muito bem – cede. – Suponho que podemos tentar uma vez.

Sorrio.

– Ótimo. Não te vais arrepender.

Vejo a Marjorie sentar-se no chão e descalçar os ténis. As suas meias têm um cheiro horrível, e há um buraco no dedo grande da esquerda.

– Tira também as meias – digo.

Por um momento, parece que vai protestar. Mas não o faz.

Finalmente, acaba de tirar as meias e os sapatos. Ergue-se à minha frente, ligeiramente cambaleante. Não parece feliz. Tem ar de quem deseja poder desmarcar tudo, mas é demasiado tarde para isso.

– Vou dar-te um avanço de sessenta segundos – digo. – Depois, vou caçar-te.

– Nora…

Ignoro os protestos e olho para o meu relógio.

– Os teus sessenta segundos começam… agora! Vai!

Há algo na minha voz, pois os olhos da Marjorie ficam esbugalhados. E começa a correr.

Mas é patético. Como a Tiffany disse, ela *bamboleia-se*. E, sem sapatos nem meias, tem dificuldade em equilibrar-se no terreno. O solo está cheio de galhos e pedras, que devem estar a cravar-se nas solas macias e pastosas dos seus pés. Dei-lhe sessenta segundos de avanço, mas, a este ritmo, só precisarei de quinze para a alcançar.

Caramba, nem sequer é um *desafio*. Talvez lhe dê mais sessenta segundos. Isso tornará as coisas mais divertidas.

Enquanto espero que o tempo se esgote, tateio o interior da minha mochila. Afasto todos os lápis e canetas até os meus dedos alcançarem o seu destino.

O canivete que o meu pai me ofereceu.

Tiro-o, examinando a lâmina. Levo a ponta ao indicador e uma gota de sangue brota – está afiada. Volto a pôr a mochila às costas, mas mantenho o canivete na mão.

Afinal, se vou caçar, tenho de ter uma arma.

29

PRESENTE

Sinto-me estranhamente alerta esta manhã.

Provavelmente não devia, atendendo ao pouco que dormi. Passei quase uma hora a limpar o sangue do chão, mas ficou para trás uma muito visível mancha carmesim. Se alguém revistar a minha cave, estou acabada – preciso de arranjar produtos de limpeza específicos para manchas de sangue.

Tentei também trocar a lâmpada, mas afinal não estava fundida. Precisava só de ser enroscada. Em seguida, depois de terminar na cave, procurei a chave da porta no meu chaveiro.

E tranquei-a.

Custou-me muito a adormecer ontem à noite. Não parava de pensar no Barber a obter um mandado de busca para a minha casa e a ver a poça de sangue no chão. Se isso acontecer, bem, nem quero imaginar.

Mas, depois de chegar ao hospital às cinco e meia, tomei rapidamente duas chávenas de café, e agora estou com uma espécie de energia hiperativa. Mal terminei a minha primeira cirurgia da manhã, liguei à advogada que o Philip me recomendou, Patricia Holstein. Parecia muito ocupada, mas quando lhe disse a verdade sobre quem sou, conseguiu miraculosamente abrir algum espaço na sua agenda. Encontrar-nos-emos à porta da esquadra da polícia dez minutos antes da hora a que é suposto eu chegar.

Com sorte, não precisarei de um advogado. Mas receio que, depois do que vi na minha cave, seja apenas uma questão de tempo.

Consulto obsessivamente as notícias no meu telemóvel, mas ainda não vi nada sobre mim. Presumi que, por esta altura, já toda a gente saberia quem realmente sou. Mas, apesar de Aaron Nierling estar nas notícias, Nora Nierling não está. O meu segredo ainda está seguro.

Por agora.

Enquanto estou sentada na sala dos cirurgiões, a beber a minha terceira chávena de café da manhã, recebo um SOS das Urgências. Agarro o telefone mais próximo e devolvo a chamada.

– Doutora Davis, cirurgia de trauma.

– Doutora Davis – a voz do outro lado da linha está sem fôlego. – Daqui fala a doutora Danfield, das Urgências. Temos uma mulher de vinte e sete anos, Kayla Ramirez, que esteve envolvida num acidente de viação com colisão frontal. Tínhamo-la na sala de TAC e perdeu os sentidos. Não conseguimos medir-lhe a pressão arterial. Introduzimos-lhe duas ligações intravenosas de grande calibre e acabámos de a entubar. A TAC parece mostrar uma laceração no baço.

Antes mesmo de terminar a descrição da paciente, já eu estou de pé.

– Preparem-na e levem-na imediatamente para o bloco operatório. E peçam uma tipificação para duas unidades de sangue.

Ainda bem que tomei aquela terceira chávena de café, porque agora estou cheia de energia. Vou direta ao bloco operatório, visto que se eu não descobrir depressa de onde está esta mulher a sangrar, morrerá.

A paciente está a sair dos elevadores quando chego ao bloco operatório. Dou-lhes instruções para a levarem para a primeira sala disponível e a prepararem, enquanto me vou equipar. Sou muito rápida a fazê-lo. Ainda me lembro de como, nos meus tempos de estudante, o Philip costumava gozar comigo por causa do tempo que demorava. Na faculdade de medicina, ensinam-nos a esfregar individualmente cada lado de cada dedo dez vezes. Devem fazê-lo para nos torturar. Nunca vi nenhum profissional preparar-se dessa forma.

Quando chego à Sala de Operações Número 6, Kayla Ramirez está deitada na mesa de operações, a barriga coberta e preparada. A sala está em silêncio, salvo os suaves murmúrios de ansiosa discussão sobre a paciente instável. Alguns cirurgiões ouvem música enquanto operam, mas eu prefiro não o fazer, a menos que o anestesiologista o peça. Gosto de trabalhar em silêncio. Quero concentrar-me por inteiro no que tenho à frente.

A enfermeira instrumentista está pronta para me vestir a bata e as luvas, e enquanto as luvas azuis me deslizam para as mãos, sinto o habitual sobressalto de antecipação. Mesmo ao fim de tantos anos, continuo a sentir o mesmo pico de adrenalina sempre que sei que vou cortar alguém.

Devia ser assim que o meu pai se sentia. Mas isto é totalmente diferente. Ele matou aquelas raparigas. Eu vou *salvar* esta mulher.

Ou, pelo menos, espero que sim.

– Bisturi – peço, estendendo a mão direita.

A enfermeira instrumentista passa-me o bisturi. Olho para o abdómen de Kayla Ramirez, que está amarelo do *Betadine*. Tem uma pele suave e perfeita – sem incisões cirúrgicas que eu consiga ver, nem mesmo de uma apendicectomia. Serei eu a fazer o corte inaugural na sua barriga. São os melhores. É muito menos prazeroso cortar tecido cicatricial.

Desço verticalmente o bisturi pela extensão do seu abdómen, a lâmina a cortar-lhe a carne como manteiga. Inicialmente, o sangue exsuda, mas, depois de atravessar a linha branca, dou por mim confrontada com uma poça de sangue a encher-lhe todo o interior da cavidade abdominal. A enfermeira instrumentista aspira-o rapidamente, mas volta a encher-se quase de imediato.

– Merda – murmuro.

A tomografia abdominal estava correta. Tem uma laceração no baço, e agora está a sangrar de um dos vasos. E, se eu não descobrir e tapar rapidamente o que está a sangrar, não irá sobreviver a esta cirurgia.

– Pinça – peço.

Tateio o abdómen às cegas. Conheço tão bem a anatomia abdominal. Sempre disse que a conhecia de olhos fechados, e eis a minha oportunidade de o provar. Tenho de bloquear o fluxo sanguíneo que vai para o baço, e tenho de o fazer com uma barriga cheia de sangue a obstruir-me a visão.

– Quer que volte a aspirar? – pergunta-me a enfermeira instrumentista.

Abano a cabeça. A pressão do sangue no abdómen é provavelmente o que está a impedir que mais sangue jorre. Se aspirarmos, essa pressão desaparecerá. Não tenho alternativa a não ser trabalhar às cegas.

Sustenho a respiração enquanto tateio, reconhecendo as orlas do baço, orientando-me pela anatomia. Todos na sala me observam, sustendo coletivamente a respiração. Onde estão as duas unidades de sangue que pedi, raios? Esta rapariga vai precisar delas.

Então, encontro o vaso sanguíneo que procuro. Ponho-lhe a pinça, cruzando mentalmente os dedos. Ergo o olhar para a enfermeira instrumentista.

– Sucção – digo.

A enfermeira aspira-lhe a barriga. Mordo o lábio com tanta força que verto algum do meu próprio sangue, mas ninguém vê, pois tenho a máscara posta. Vejo o carmesim esvair-se do abdómen de Kayla Ramirez e…

Consegui. Travei a hemorragia.

A sala irrompe em aplausos. Consegui, salvei a vida desta jovem.

Termino a esplenectomia, que decorre sem grandes sobressaltos depois disso. Fecho a barriga de Kayla, deixando para trás um rasto de agrafos a desfigurar a sua pele anteriormente perfeita. Todos me dão palmadinhas nas costas no fim. *Excelente trabalho, doutora Davis.*

Pergunto-me o que diriam se soubessem das duas raparigas mortas.

30

Às nove horas entrego o bipe do serviço de trauma ao Philip, depois tenho que apanhar um *Uber* para a esquadra, pois o meu carro continua no parque de estacionamento da clínica com os pneus cortados. Lembro-me da noite em que guiei até essa mesma esquadra de polícia para fugir a Henry Callahan. Antes de ele ter ido demasiado longe e eu…

Bem, eu não lhe fiz nada. Teve um acidente devido à sua própria estupidez.

Pergunto-me como estará…

Patricia Holstein está à minha espera no parque de estacionamento da esquadra, como prometido. Reconheço-a imediatamente da fotografia no seu *site*, com o seu cabelo louro-platinado curto e o seu olhar penetrante com uma teia de rugas por baixo. É cerca de uma década mais velha do que eu, mas tem ar de quem faz este trabalho há cem anos. Pergunto-me como a conhecerá o Philip.

– Doutora Davis? – pergunta, contemplando o meu pijama cirúrgico azul. Não houve tempo algum para mudar de roupa depois de terminar com Kayla Ramirez. Já foi uma sorte ter conseguido chegar aqui.

– Sim – mudo de posição. – Patricia Holstein?

Ela anui vigorosamente.

– Patricia é suficiente. Vamos conversar no meu carro antes de entrarmos.

Patricia Holstein tem um *BMW* que parece adequar-se ao seu nível de sucesso. Ao deslizar para o banco do passageiro, com o seu cabedal macio, sinto-me cada vez mais desconfortável no meu pijama cirúrgico, que não se compara ao seu fato dispendioso. Usa o tipo de fato que nos faz querer estender a mão e sentir o tecido.

Depois de entrarmos as duas no veículo, Patricia vira-se para mim. Fita algo na perna das minhas calças, e eu sigo-lhe o olhar. É uma mancha de sangue. Cortesia de Kayla Ramirez, que estava estável quando saí do hospital. Vai sobreviver.

– Acabo de sair de uma cirurgia – explico.

– Não é o melhor dos trajes para se ser interrogada acerca de um homicídio.

Encolho os ombros, impotente.

– Foi uma cirurgia bastante intensa.

– Tudo bem. Não há muito que possamos fazer agora em relação a isso – olha de

relance para a esquadra e novamente para mim. – Enfim, tenho muita dificuldade em entender por que persistem em persegui-la. É uma cirurgiã respeitada, não tinha qualquer relação pessoal com aquelas raparigas e não há razões para crer que pudesse ser suspeita. Além, claro, da sua história familiar. Mas algo assim seria motivo de chacota em tribunal.

– Certo – sinto uma centelha de esperança. – Parece de loucos.

– A não ser que haja algo que não sabemos – o seu olhar penetrante percorre-me o rosto. – Ou algo que *eu* não sei.

– Não… não creio – não lhe posso dizer do sangue na minha cave. De cada vez que as palavras me afloram aos lábios, oiço como soam na minha cabeça. Soam como se eu fosse culpada. O sangue não aparece simplesmente por magia. E, seja como for, Barber não sabe. E *nunca* saberá, se eu o puder evitar.

– Oiça bem, doutora Davis – não há qualquer laivo de sorriso nos seus lábios. – Independentemente do que tenha ou não feito, o meu trabalho é defendê-la. No entanto, se não me disser tudo o que eu preciso de saber, não posso fazer o meu trabalho. Por isso, diga-me. Há algo que eu deva saber?

Engulo em seco.

– Não. Nada.

Ela lança-me um longo olhar. Não consigo perceber se acredita ou não em mim, mas acaba por destrancar as portas do carro.

– Vamos.

A esquadra é um edifício de dois andares em tijolo castanho, com meia dúzia de carros-patrulha estacionados à porta. Patricia dirige-se resolutamente à entrada, como se já cá tivesse estado dúzias de vezes, o que suponho ser possível. Eu, porém, não me sinto enquadrada aqui. Sinto-me confiante quando estou na sala de operações – não aqui.

Há uma secretária à entrada, e Patricia assume o comando ao dizer à rececionista que eu cheguei e que o detetive Barber está à nossa espera. A rececionista manda-nos sentar, e eu começo imediatamente a olhar para o relógio. Não tenho tempo para isto. Não percebem que sou *cirurgiã*? Salvei a vida a uma mulher esta manhã, e esta gente…

Bem, suponho que também salvam vidas, de vez em quando. Mas mesmo assim.

Após vinte minutos a dar comigo em doida, o detetive Barber sai ao nosso encontro. Tenho as pernas a tremer tanto que preciso de duas tentativas para me conseguir levantar da cadeira. Patricia, porém, salta imediatamente do seu lugar e estende a mão ao detetive para que a aperte. Tenho de agradecer ao Philip por me a ter enviado. Sinto-me em mãos muito capazes.

– Obrigado por ter vindo, doutora Davis – o tom de Barber é educado, mas os seus

olhos negros examinam-me como que ao microscópio. Retraio-me sob o seu olhar. – Por aqui, minhas senhoras.

Barber guia-nos por um longo corredor até uma sala tenuemente iluminada com uma mesa desdobrável e cadeiras montadas. Deve ser uma sala de interrogatório. Estou numa *sala de interrogatório*. Isto não é nada bom.

Pergunto-me se o meu pai alguma vez esteve numa sala destas. Ou se apenas o atiraram diretamente para uma cela. Qual é o protocolo quando se descobre um cadáver e uma arca cheia de ossos na cave de um homem?

Talvez eu não queira saber.

– Provavelmente pergunta-se por que razão lhe pedi para vir aqui – diz-me Barber.

– Sim – assente Patricia. – Interrogamo-nos *realmente* sobre isso.

O detetive centra a sua atenção em mim, enquanto a ruga entre as suas hirsutas sobrancelhas grisalhas se aprofunda.

– Queria apenas obter uma ideia mais clara da sua relação com Shelby Gillis.

Engulo em seco.

– Era minha paciente. O que mais quer saber?

– Conhecia-a fora do contexto hospitalar?

Olho para Patricia, que assente de forma quase impercetível.

– Vi-a na minha clínica ambulatória. Numa consulta de pós-
-operatório.

– Mais alguma coisa?

– Não… – respondo, franzindo o sobrolho.

– De certeza?

Patricia inclina-se para a frente e intervém bruscamente.

– Ela já lhe disse que não.

– Certo – Barber esfrega as mãos. – Mas eis a questão. Encon-trámos uma caneca na bancada da cozinha em casa de Shelby Gillis com as suas impressões digitais. E um dos vizinhos disse que viu um *Camry* verde estacionado à porta na noite em que desapareceu. É o carro que conduz, não é, Nora?

Não me escapa ter-me tratado por Nora em vez de Dra. Davis. Em circunstâncias normais, corrigi-lo-ia, mas fiquei sem palavras. Um *Camry* verde à porta não tem qualquer significado. Há milhões de carros iguais ao meu por aí. Mas as minhas impressões digitais *no interior da casa*? Como poderia isso ter acontecido?

– Portanto, pergunto-lhe novamente – diz. – Qual é a sua relação com Shelby Gillis?

Olho para Patricia em busca de ajuda.

– Mesmo que a doutora Davis tenha estado no apartamento da vítima – intervém –, isso não a torna suspeita de homicídio. Isto é absolutamente ridículo. A única

razão por que a está a visar é por o pai dela ser quem é.

Quero concordar com ela, mas tenho medo de falar. Espero que seja só isso que têm contra mim. Um par de impressões digitais numa chávena e um carro verde nas proximidades da casa de Shelby Gillis.

– Portanto, diga-nos se tem algo mais substancial – conclui Patricia. – Ou está só a desperdiçar o tempo da minha cliente?

Observo o rosto de Barber. Não faço ideia do que tem contra mim. Lembro-me da forma como a mãe de Amber Swanson me fitou. Parecia estar tão certa de que eu tivera algo a ver com a morte da filha. Será só por causa do meu pai? Ou haverá algo mais? Terá ele um vídeo de mim a entrar em casa da Shelby? Uma testemunha ocular que me viu cortar-lhe as mãos?

O que tem contra mim?

– É tudo – acaba o detetive por dizer.

Patricia abana a cabeça em desagrado.

– Nesse caso, estamos de saída agora. Doutora Davis, espero que não tenha sido um grande inconveniente para si.

Sigo o exemplo da minha advogada e levanto-me da cadeira desdobrável. Ainda sinto as pernas a tremer, mas menos do que quando cheguei. A polícia não tem nada contra mim. Andam só à pesca, a tentar intimidar-me. Não tenho nada com que me preocupar.

Mas então viro-me e encaro o detetive Barber. Pode não ter verdadeiras provas, mas consigo ver-lhe nos olhos que acha que fui eu que matei aquelas raparigas. E, enquanto acreditar nisso, vai continuar a escavar até que o verdadeiro assassino venha à tona.

31

Passo o resto do dia no hospital. Tenho cirurgias programadas durante toda a tarde, apesar de o bipe do serviço de trauma se manter, felizmente, em silêncio. Mesmo depois de terminadas as minhas cirurgias, tenho de sair em busca de um espaço tranquilo para ditar os relatórios operatórios. Foi um dia atarefado – estou a ganhar terreno na minha competição com o Philip.

Quando finalmente termino o meu trabalho, começo a dirigir-me à garagem do hospital, e é então que me lembro de que o meu carro continua inutilizado no parque de estacionamento da clínica. Como pude esquecer-me? Devia ter ligado à Harper para tratar disso. Amanhã mando-o rebocar. Mas não posso lidar com isso neste momento.

Acabo por chamar outro *Uber* para ir para casa, adormecendo em seguida no banco de trás. O motorista tem de chamar o meu nome – possivelmente várias vezes – para me acordar. Foi um longo dia.

Quando finalmente entro em casa, parece que passaram cinco dias desde que acordei esta manhã. Mal posso esperar por um jantar tranquilo e por me arrastar para a minha cama. Acendo as luzes e a sala torna-se visível.

– Querido, cheguei! – grito.

Mas, em vez do habitual silêncio, a minha entrada é recebida com um forte miado.

Ah, pois. A gata.

A gata preta está aos meus pés, a olhar para mim. Veem? Nenhuma boa ação fica impune. Estava só a tentar ser boa pessoa e alimentar um gato faminto, e agora tenho uma hóspede indesejada. Preciso de tirar esta gata de minha casa. *Já*.

Só que isto, ao menos, parece gerível. Em primeiro lugar, preciso de me livrar da gata. Depois, preciso de tratar do meu carro. Em seguida, preciso de ligar a uma empresa para instalar alarmes em todas as minhas portas. E câmaras. Na verdade, talvez devesse tratar disso primeiro. Mas livrar-me da gata parece algo que posso fazer agora mesmo, em vez de esperar pelo horário de expediente.

– Muito bem – digo à gata. – Hora de ir lá para fora.

A gata limita-se a olhar para mim. Raios.

Estou a pensar numa forma de a convencer a sair de minha casa quando oiço a

campainha tocar. Olho para o relógio – são quase nove horas. Quem poderia estar a tocar à minha campainha tão tarde?

Oh, meu Deus, será outra vez a polícia? Terão encontrado outra prova a ligar-me aos homicídios? Tenho de pôr a Patricia em marcação rápida.

Corro para a porta da frente e espreito pelo óculo. Dou um passo atrás ao ver quem lá está. É o *Brady*. Que Diabo? Estava certa de que nunca mais o ia voltar a ver. Solto o trinco e entreabro a porta.

– Olá, Nora – os seus suaves olhos castanhos encontram os meus por um instante antes de se desviarem. – Como estás?

– Já estive melhor – puxo a gola da parte de cima do meu pijama cirúrgico, desejando estar a usar algo mais atraente. – O que fazes aqui?

Ele ergue uma chave.

– Mandei arranjar o teu carro.

– Mandaste? – espreito por cima do seu ombro e, efetivamente, lá está o meu *Camry*, estacionado na rua. Quero beijar-lhe os pés. – *Muito* obrigada. Não era preciso…

– Sem problemas – diz, encolhendo os ombros. – Tinha tempo hoje, por isso…

Espero que me sorria e peça para entrar, mas mostra-se surpreendentemente seco.

– Quanto te devo?

Ele não hesita.

– Setecentos e cinquenta dólares.

– Deixa-me ir buscar o livro de cheques – paro, de mão na porta. – Queres entrar ou…?

Vejo-o mudar o peso de um pé para o outro.

– Acho… acho que vou simplesmente ficar aqui fora.

– Claro. Com certeza.

É como uma bofetada, depois da forma como agia dantes quando estava comigo, mas tento não o demonstrar. Compreendo o que deve estar a sentir. É por isso que sempre tive demasiado medo de dizer a alguém quem realmente sou. Se ficasse numa relação durante tempo suficiente, teria de dizer a verdade à outra pessoa. E então começaria a olhar para mim como ele está a olhar agora.

Vou buscar o meu livro de cheques e passo-lhe um. Enquanto rabisco a minha assinatura, ocorre-me que esta pode muito bem ser a última vez que o vejo. Nunca mais voltarei ao Christopher's. E tenho a sensação de que ele também não vai voltar cá. E esse pensamento… deixa-me mais triste do que poderia ter imaginado. Gostaria…

Bem, não há nada que pudesse ter feito de forma diferente. A minha vida é o que é. Mas, às vezes, gostaria de ter uma vida diferente. Pais diferentes. De ser um tipo de

pessoa diferente. Alguém capaz de passar anos enroscada no sofá com o Brady, a ver filmes de terror, porque era *divertido* e não por ser uma sociopata a precisar de terapia. Gostaria de ser o tipo de pessoa capaz de passar a noite em sua casa uma só maldita vez.

Volto à porta com o cheque. Estendo-lho.

– Aqui tens. Obrigada, mais uma vez.

Ao agarrar no pedaço de papel, as pontas dos seus dedos roçam ligeiramente nos meus. Os meus dedos formigam ante o seu toque.

Por um instante, ficamos assim, a olhar fixamente um para o outro. Temos uma ligação. O Brady sabe-o tão bem quanto eu. Não quero que esta seja a última vez que o vejo. Não quero mesmo, mesmo nada.

– Nora – falha-lhe ligeiramente a voz. – Ouve, eu não posso fazer isto. Não posso envolver-me com… Quer dizer, a minha filha…

– Não, tudo bem.

– Desculpa…

– Já disse que está tudo *bem*.

Só que não está. Não sei por que Diabos esta rejeição dói tanto. Eu rejeitei-o primeiro. Fui eu quem fugiu do seu apartamento, duas vezes.

Pigarreio.

– Precisas de boleia? Quer dizer, presumo que vieste até aqui no meu carro.

– Já chamei uma – aponta com a cabeça para um SUV branco que acaba de encostar na berma. – Por isso, vou andando.

– Está bem – cerro os punhos. – Boa noite, Brady.

– Boa noite, Nora.

Mas o que ele quer dizer é adeus.

Fecho a porta nas suas costas antes mesmo de ele chegar ao fundo do caminho de acesso. Respiro fundo, trémula, banindo da minha mente quaisquer pensamentos sobre Brady Mitchell.

É melhor assim. Sim, era um tipo simpático, e realmente bom na cama, mas não preciso dessa complicação. Não preciso.

A sério.

Agora que o Brady partiu, a gata parece querer exercer o seu domínio. Esfrega-se contra a minha perna e mia alto. Tem fome. Felizmente, tenho montes de comida para gato. Posso ao menos fazer alguém feliz.

Ao agarrar na lata de comida para gato, ocorre-me que é a oportunidade perfeita para me livrar da gata. Basta-me pôr a tigela lá fora e fechar rapidamente a porta. É impossível que esta gata seja capaz de resistir à comida na sua tigela, por mais que (por algum motivo) queira ficar nesta casa. Não entendo por que quer tanto ficar aqui. Mais ninguém parece ter muita vontade de estar perto de mim.

Dirijo-me à porta das traseiras com a lata de comida para gato e abro-a. Ponho a tigela do lado de fora, despejando-lhe em seguida o conteúdo da lata. A gata demora-se à porta, fitando-me com os seus olhos amarelos.

– Vá lá, gata! – digo.

Ela não se mexe. Gata estúpida.

Agacho-me junto dela, suficientemente perto para sentir o cheiro a comida para gato no seu hálito.

– Escuta – digo. – Continuarei a alimentar-te. Prometo. Mas não podes ficar aqui.

Ela mia. O que é basicamente o que mereço por tentar argumentar com uma gata.

Da minha posição agachada, vejo um envelope branco no chão. Está ligeiramente encostado à parede, razão pela qual inicialmente me escapou. Estendo a mão na sua direção, com um aperto no peito ao ver o nome no endereço de retorno:

Aaron Nierling.

Mais uma vez, não tem carimbo dos correios. Não posso enganar-me com a ideia de que esta carta resultou de outra série de incidentes. A única forma de poder ter vindo parar a minha casa é alguém tê-la enfiado por baixo da porta das traseiras. Ou pior, tê-la deixado no chão depois de acabar de plantar aquele sangue na minha cave.

Quem me dera que as empresas de segurança estivessem abertas agora. Preciso de alarmes em todas as portas e janelas desta casa. Amanhã de manhã. Bem cedo.

Levanto-me tropegamente. Rasguei todas as cartas que o meu pai me enviou, mas essas eram as que ele enviava pelo correio. Não chegavam pela minha porta dos fundos.

Tenho de ver o que esta diz.

Deixo-me cair numa cadeira à mesa da cozinha. Olho para a escrita no envelope. Ao longo dos anos, aprendi a reconhecer a letra do meu pai devido a estas cartas semanais. É a sua caligrafia. Ou, a ser uma falsificação, é excelente. Mas acho que veio do meu pai.

Sinto as mãos a tremer ao abrir o envelope.

É uma única folha. Dobrada em três. Cuidadosamente, desdobro-a e olho para a única frase escrita no papel:

Vem ver-me, Nora.

E, por baixo, está assinado «Pai».

Quero fazer o mesmo que fiz a todas as outras cartas que me enviou: rasgá-la em pedaços. Mas não sei se posso continuar a ignorá-lo. Se quero descobrir quem matou aquelas raparigas, só há uma forma de o fazer.

Pela primeira vez em vinte e seis anos, vou visitar o meu pai.

32

Quando era pequena, depois de o meu pai ser preso e posteriormente condenado, queria ir visitá-lo à prisão. Por essa altura, a minha mãe já se tinha suicidado e ele era o único progenitor que me restava. Queria desesperadamente vê-lo.

– Nem pensar nisso – dizia a minha avó sempre que eu abordava o assunto.

– Mas porque não? – queixava-me. – Não é como se me pudesse fazer mal.

– Porque é um homem perverso e eu não te quero perto dele.

– Mas é meu *pai*.

– Não é pai de ninguém – respondia. – Esse homem é o Diabo. E nenhum bem poderia resultar de falar com o Diabo.

– Mas, avó…

– Não vai acontecer – e virava costas, indicando que a conversa terminara. Sobretudo em comparação com a minha mãe, a minha avó não era uma pessoa calorosa. Ainda que às vezes me pergunte se não teria sido mais calorosa com outra neta, uma que não fosse filha do mais famigerado assassino em série do Oregon. – Quando tiveres dezoito anos, Nora, podes ir lá e ser a sua melhor amiga. No entanto, enquanto estiveres a viver sob o meu teto, não verás esse homem.

Aos dezoito anos, porém, já eu era muito mais esperta. Sabia o que significava ser filha de Aaron Nierling. Entendia o pleno impacto do que ele tinha feito. E, para meu próprio bem, sabia que era melhor manter a distância. A minha avó estava certa. Nenhum bem podia resultar de falar com *esse homem*.

E agora, ao fim de todos estes anos, ele arranjou maneira de me convencer a fazê-lo.

Consigo um lugar num voo do aeroporto de São Francisco para Portland, logo de manhã cedo. Em Portland, terei de alugar um carro e conduzir até Salem, onde se situa a prisão. O voo será de cerca de uma hora e meia, seguida de outra hora de carro. Tudo somado, a viagem deverá demorar aproximadamente três horas.

E então verei o meu pai.

Ligo de antemão para garantir que não vou fazer uma viagem inútil. Parte de mim espera que haja alguma barreira intransponível à minha visita, mas o pessoal da Penitenciária Estadual do Oregon informa-me de que o meu nome está na lista de

visitantes aprovados de Aaron Nierling. Ainda que a mulher com quem falo ao telefone pareça pouco impressionada com a minha intenção de o visitar.

– Aaron Nierling? – a sua voz enche-se de indisfarçada repulsa. – De certeza que quer vê-lo, querida?

As palavras causam-me um calafrio no corpo. Imagino um momento no futuro em que alguém fará a mesma exata pergunta sobre mim. O Brady pôs-se certamente a andar daqui bem depressa. Se eu fosse parar à prisão, não consigo pensar numa única pessoa que me fosse visitar.

– Tenho só algumas perguntas para lhe fazer – digo. – Ele, hã, recebe muitas visitas?

Ela resfolega.

– Ouvi dizer que, quando cá chegou, havia todo o tipo de anormais a tentar entrar para o ver. E jornalistas, claro. Mas ele recusava-se a vê-los. E agora… bem, suponho que o entusiasmo esmoreceu – interrompe-se, pensativa. – Ainda que agora haja aquele assassino imitador à solta, não é verdade?

Mal posso esperar para desligar a chamada depois disso.

O meu passo seguinte é algo que nunca, mesmo nunca, faço. Em todos os meus anos como cirurgiã, nunca faltei ao trabalho por doença. Preferia arrastar-me para lá quase morta a tirar um dia de baixa. O Philip sente o mesmo. Mas hoje, é o que vou fazer. Graças a Deus, não tenho nenhuma cirurgia agendada.

A Harper pode mudar algumas das minhas consultas, mas isto vai exigir uma chamada direta ao Philip.

Envio-lhe uma mensagem de texto a pedir para me ligar de imediato. Passados menos de cinco minutos, o meu telemóvel está a vibrar.

– Nora – diz. – Estás bem? O que se passa?

Já lhe pedi para me substituir esta manhã. Odeio pedir outra vez. Mas tenho de fazer isto. Há alguém a tentar incriminar-me por homicídio, e preciso de saber porquê.

– Não me sinto lá muito bem hoje. Passei a manhã inteira a vomitar. Achas que podes ver alguns dos meus pacientes por mim? Vou pedir à Harper para reagendar a maioria.

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– Estás mesmo doente ou passa-se mais alguma coisa?

– Estou doente – respondo, por entre dentes cerrados.

– Porque, no outro dia, perguntaste-me por um advogado de direito penal…

– Vais substituir-me ou não?

– É claro que vou – hesita. – Deveria preocupar-me contigo, Nora?

– Estou bem. Provavelmente é só um daqueles vírus de vinte e quatro horas. Amanhã estarei de volta.

– Sim – murmura. – Como queiras.

Parece que não acredita em mim, mas não importa. O que vou fazer hoje não tem nada a ver com o Philip. É melhor que não saiba.

Não levo mais nada comigo na viagem além da minha bolsa, pois não vou passar lá a noite. Vou visitar o meu pai, falar com ele sobre o que me tem acontecido e depois volto imediatamente para casa. Está fora de questão passar mais uma noite no Oregon. Já tenho o meu voo de regresso marcado.

Três horas depois de o avião descolar, chego à Penitenciária Estadual do Oregon. Nunca estive numa prisão, muito menos numa de segurança máxima. O edifício é de um amarelo-pálido, assemelhando-se mais a uma escola do que a uma prisão. Há um ominoso sinal de paragem junto à entrada que me avisa para não ir mais longe sem autorização.

Fico ali parada, no meu carro alugado, a apertar o volante com tanta força que os meus nós dos dedos ficam brancos. Estava demasiado nervosa para sequer pôr música enquanto conduzia. Viajei em silêncio, interrompido apenas pela voz britânica das indicações do meu GPS. Pela centésima vez neste dia, pergunto-me se isto não será um erro.

Nenhum bem poderia resultar de falar com o Diabo.

Quem me dera que a minha avó ainda fosse viva. Depois de me mudar o apelido e sairmos de onde vivíamos, passou a ser a única pessoa que sabia o meu segredo. Era a única que me poderia ter dado conselhos.

Só que tenho a sensação de que sei o que a minha avó teria dito. Ter-me-ia dito para não vir. Que é exatamente isto que ele quer e eu estou a fazer o seu jogo.

– Posso ajudá-la, minha senhora?

Ao ouvir as palavras, ergo bruscamente os olhos do volante. Vejo um homem junto ao meu carro com um uniforme de guarda, uma camisa cinzenta de manga curta com as palavras Penitenciária Estadual do Oregon bordadas no peito. As mangas são suficientemente curtas para exibir uns bíceps bastante aterradores.

– Olá – tento manter o tremor afastado da voz. – Vim visitar um dos reclusos.

O guarda fita-me de olhos semicerrados. Finalmente, anui e dá-me instruções para estacionar. À medida que me aproximo da prisão, a sensação de náusea no meu estômago intensifica-se.

Isto é um erro.

Volta para trás enquanto ainda podes.

Apraz-me ver que levam a segurança muito a sério na penitenciária. Tenho de passar por um detetor de metais, mas além disso também sou revistada. Pedem-me até para tirar os sapatos. Uma vez totalmente convencido de que não levo uma arma, o guarda autoriza-me a prosseguir.

– Irá vê-lo através do vidro – explica. – Agarra no telefone do seu lado e ele agarrará no dele e conseguirá ouvi-la.

– Certo – digo.

O guarda lança-me um longo olhar.

– Por que quer ver aquele canalha?

Não posso dizer-lhe a verdade. O que pensariam de mim se eu dissesse que era a filha daquele monstro? Pensava que, por esta altura, a minha identidade já estaria espalhada por toda a Internet, mas, de alguma forma, o meu segredo manteve-se guardado.

– Tenho só algumas perguntas para lhe fazer. É… pessoal.

O guarda resmunga, mas não me questiona mais.

Conduz-me a uma pequena e estreita sala com uma fila de bancos dispostos diante de divisórias de vidro numeradas. Cada uma tem um telefone associado. Está um guarda a vigiar a sala, a assistir a todas as interações. Inquieta-me perceber que o guarda irá provavelmente ouvir tudo o que eu tenho para dizer. Terei de ter cuidado.

É-me atribuída a quarta cabine. Sento-me, tamborilando os dedos na mesa à minha frente. Não posso acreditar que estou prestes a ver o meu pai. Ao fim de vinte e seis anos. Parece surreal.

Ainda podia dar meia-volta e partir. Isto não tem de acontecer.

Mas sei que vou ficar.

Antes de fazer esta viagem, procurei na Internet fotografias atuais do meu pai. Infelizmente, não consegui encontrar uma única com menos de vinte anos. Pelo que não faço ideia do aspeto que terá. Da última vez que o vi, era um homem grande, com cabelo preto como o meu, um rosto vagamente atraente e um olhar penetrante.

Presumo que já não tenha esse aspeto. Mesmo que não tivesse passado todos estes anos enclausurado na prisão, continuaria a parecer vinte e seis anos mais velho do que quando eu era pequena. Imagino que continuaria a ter as mesmas feições atraentes, ainda que com mais rugas no rosto. Talvez alguns cabelos grisalhos. A mesma figura forte e as mesmas mãos poderosas. É assim que surge na minha cabeça sempre que imagino que aspeto deverá ter agora.

E então um guarda leva-o para a sala.

Tiro um segundo para olhar, estarrecida, o homem que o meu pai se tornou. Está agora na casa dos sessenta, mas não deixa de ser, de certo modo, uma surpresa que o seu outrora denso cabelo preto se tenha tornado completamente grisalho – além de esparso no topo da cabeça e com uma zona calva na parte de trás. Parece também ter encolhido. Lembro-me sempre de ele ser muito alto, mas agora está curvado e arrasta-se ao andar, ainda que isso se deva provavelmente aos grilhões nos seus pés. Não parece alguém capaz de matar trinta mulheres. Parece um velho decrépito. Facilmente poderia ter oitenta anos.

O guarda ao seu lado aponta para mim, mas não era necessário. Imediatamente, o seu olhar fixa-se no meu. É algo que não mudou nada – os seus olhos negros, da mesma cor dos meus. Não envelheceram de todo.

Os seus olhos nunca deixam os meus ao sentar-se no banco à minha frente. Tem a pele coberta de rugas profundas, além de uma velha cicatriz a atravessar-lhe o maxilar direito e outra a dividir-lhe a sobrancelha esquerda ao meio. Ouvi dizer que as pessoas que cometem crimes verdadeiramente hediondos são severamente espancadas na prisão. Em todo o caso, as cicatrizes já sararam há muito. Ninguém anda a bater neste velho.

O meu pai agarra no telefone do seu lado ao mesmo tempo que eu agarro no meu. Um sorriso fantasmal aflora-lhe aos lábios ao debruçar-se para a frente.

– Olá, Nora.

A sua voz soa diferente, mais áspera do que costumava ser, mas dolorosamente familiar, ainda assim. Continua a ter o mesmo tom sereno e regular. Nunca perdia a calma comigo. Às vezes, a minha mãe ficava histérica quando eu fazia algo de errado, mas ele não. Nunca parecia ficar perturbado. Costumava gostar disso nele.

– Olá – digo, tossindo.

Ele respira fundo enquanto os seus olhos me percorrem, como se estivesse a inalar-me.

– Há quanto tempo, não é verdade?

– Sim…

– Estás linda, Nora.

Não sei o que responder a isso.

– Obrigada – murmuro.

– E ouvi dizer que te formaste como cirurgiã – acrescenta. – Muito impressionante. Sempre soube que eras capaz.

Apesar de tudo o que aconteceu nos últimos anos, sinto um acesso de orgulho. *O meu pai tem orgulho em mim.* Sei que é um monstro e que não me devia importar com o que pensa, mas todos queremos que os nossos pais se orgulhem de nós. Mesmo que esse pai tenha assassinado trinta pessoas.

E ele sabe-o. Está a manipular-me, como fez com as raparigas que matou. Não posso deixar que me faça isso. Caso contrário, vou acabar a fazer-lhe companhia na prisão.

– Estou tão feliz por teres finalmente decidido visitar-me – diz. – Tenho estado à espera de te ver. Pensei que te tinhas esquecido por completo do teu velho pai.

– Jamais poderia esquecer-me – os meus lábios estão quase encostados ao telefone. Não quero que o guarda me oiça. – Li a tua carta.

– Leste? – tem uma expressão divertida no rosto. – Só foram precisas umas quinhentas.

Inspiro bruscamente.

– Quem pôs aquela carta debaixo da minha porta, Aaron?

– Aaron? – ri. Tinha-me esquecido de como soava o riso do meu pai. Nunca pensei muito nisso em criança, mas agora parece-me um som particularmente vazio e sem alma. – É assim que me vais chamar? Costumavas tratar-me por papá.

Sinto uma veia a latejar na minha têmpora direita.

– Quem pôs aquela carta debaixo da minha porta?

– O carteiro, claro. Quem mais?

– Estava debaixo da minha porta *dos fundos*. E não tinha carimbo dos correios.

– Por favor, não me responsabilizes pelas travessuras do teu carteiro, Nora.

Respiro fundo, de forma entrecortada, tentando controlar o meu temperamento. Aaron Nierling tornou-se um velho, mas continua a ser a mesma pessoa que sempre foi. Se alguma vez o deixassem sair daqui, faria exatamente o mesmo. Continua a ser puro mal – um monstro.

Fito os seus olhos negros, recusando-me a pestanejar.

– Quem matou aquelas raparigas, Aaron?

– Sabes, Nora… – brinca com o telefone na sua mão. – Fiquei muito triste por nunca me teres visitado em todos estes anos. Quer dizer, sou o teu *pai*. É graças a mim que estás viva em primeiro lugar. E que agradecimento recebo?

– Quem matou aquelas raparigas?

– Podia entender quando eras pequena e a bruxa da minha sogra não o permitia – o seu olho esquerdo contrai-se. – Mas, depois disso, podias ter vindo. Só uma vez. Por *respeito* ao homem que te deu a vida.

A minha mão direita – a que não está a segurar o telefone – cerra-se num punho. Sinto-me capaz de esmurrar o vidro até lhe chegar ao rosto.

– Quem matou aquelas raparigas? *Diz-me.*

O meu pai pisca-me os seus olhos negros.

– Tu. Foste tu que as mataste – arqueia as sobrancelhas. – Não foste?

33

26 ANOS ANTES

Olho novamente para o relógio. Dois minutos. O tempo acabou.

Preparada ou não, aqui vou eu, Marjorie.

Seguro o canivete na mão direita enquanto desço o caminho que a Marjorie seguiu há um minuto. Ainda consigo ouvir os seus passos à minha frente. *Tum tum tum.* Parecem sincronizados com o bater do meu coração.

Seria mais divertido fazer isto à noite, com uma lanterna. Ou com visão noturna. Se ao menos eu tivesse um par daqueles óculos de infravermelhos. Mas tenho de trabalhar com o que tenho. Isto terá de bastar.

Sigo o som dos seus passos por mais alguns minutos. Mas então param repentinamente com um forte baque.

Hum.

Avanço mais rapidamente em direção ao ruído forte, os meus ténis a esmagar ramos e folhas. Tenho o coração acelerado. Ao fim de mais alguns segundos, encontro-a.

A Marjorie está no chão, agarrada ao tornozelo esquerdo. Tem terra nas pernas das calças e nas palmas das mãos, provavelmente da queda. O seu rosto redondo está vermelho-vivo e tem lágrimas nos olhos e a escorrer-lhe pelas maçãs do rosto.

– Torci o tornozelo! – soluça.

A presa está ferida. Uau, quase tornou as coisas demasiado fáceis.

Aperto mais o canivete na minha mão direita. Aproximo-me mais da Marjorie, até o meu corpo projetar uma sombra sobre ela. Está a chorar, mas então, ao ver a faca na minha mão, os soluços param bruscamente. Olha para mim, com o queixo a tremer.

– Nora? – pergunta. – Por que tens uma faca?

Ao ver-me avançar mais um passo, a dor no rosto da Marjorie dissolve-se em medo. Consigo vê-lo nos seus olhos. Sabe o que está prestes a acontecer.

Lembro-me do olho azul a espreitar por baixo daquele lençol na oficina do meu pai na cave. Tinha a mesma exata expressão.

– Nora? – a sua voz está trémula. – O que estás a fazer?

É tanta a força com que aperto o cabo do canivete que os meus dedos começam a formigar. A Marjorie nem se consegue mexer. Se tentasse fugir, não conseguiria fazê-

lo. Isto vai ser tão fácil. Tão fácil. *Demasiado fácil.*

– Nora – sussurra.

Fito-a, o meu coração agora a palpitar com tanta força que me deixa zonza. É este o momento que imaginei ontem à noite quando não conseguia dormir. A expressão no seu rosto. O peso da faca na minha mão. Parece tão assustada. Mas, agora que estou aqui, a ver-lhe o medo no olhar, eu…

Não consigo…

Deixo cair a faca ao longo do corpo.

– Perdeste – digo.

– Oh – a Marjorie solta uma risada trémula. – Por um momento, assustaste-me. Pensei que talvez fosses…

– Não sejas palerma – resmungo. Olho para o seu tornozelo inchado. – Consegues andar?

Ela tenta levantar-se e apoiar o peso no tornozelo esquerdo, mas solta um grito.

– Dói demasiado!

Enfio o canivete no bolso.

– Vamos, apoia-te em mim enquanto andas.

Refazemos o percurso pelo mesmo trilho por onde viemos, com a Marjorie a apoiar-se pesadamente em mim. Assim que regressamos à estrada principal, sinto uma vaga de alívio. Ajudo-a a fazer o resto do caminho para casa e a subir os degraus até à sua porta da frente. Mal ela entra em casa, ponho-me imediatamente a andar dali para fora.

Não discutimos a hipótese de nos voltarmos a encontrar.

Regresso a minha casa, arrastando os pés a cada passo. Durante todo o caminho, sinto uma náusea no estômago. Há algo que preciso de fazer, mas tenho medo. É tempo, porém, de deixar de sentir temor.

Só espero que não seja demasiado tarde.

34

PRESENTE

As palavras do meu pai atingem-me como uma bofetada. E não é só o que está a dizer. Mas também a forma *como* o diz. Parece acreditar nisso.

Tu. Foste tu que as mataste.

Olho para o guarda atrás de mim. Não pode ter ouvido o que o meu pai disse. Mas, mesmo assim, sinto uma sensação de náusea na boca do estômago.

– Não fui eu – digo baixinho. – Eu nunca…

– Não? – o sorriso divertido está de regresso aos seus lábios. – És minha filha, e sempre me lembraste tanto de mim próprio. Lembras-te do que costumavas fazer quando eras pequena? Todos aqueles animais que a tua mãe estava sempre a encontrar mortos – ri novamente. – Costumava passar a vida a falar-me em arranjar-te ajuda psicológica. Sabias disso?

Cerro os maxilares. Tinha bloqueado todas essas conversas que os meus pais costumavam ter sobre mim no quarto, quando pensavam que eu não os podia ouvir. A minha mãe acreditava realmente que eu era bastante perturbada.

– Sim – respondo, em voz baixa.

– E vê só com quem estava casada durante todo esse tempo! – ri. – Isso é que é alheamento. Não é de admirar que se tenha matado.

Sinto o rosto a arder. Sempre guardei rancor à minha mãe por ter tirado a própria vida. Podia ter ido a julgamento e, se fosse inocente e saísse em liberdade, podia ter estado lá para mim. Mas, em vez disso, enforcou-se na sua cela da prisão. O que me leva a pensar que não era tão inocente quanto fingia ser. Ou, talvez, simplesmente não se importasse o suficiente comigo. *Precisava* dela, e ela deixou-me sozinha no mundo.

– Eu não sou como tu – afirmo.

– Oh, a sério? – mostra-me os dentes. Costumavam ser brancos e perfeitos, mas agora estão amarelos e há um a apodrecer na frente. – Então por que te tornaste cirurgiã? Não foi porque adoras cortar pessoas? Não obténs nenhuma satisfação ao arrancar-lhes as entranhas? Nunca fantasias sobre…

Antes que possa dizer mais uma palavra, pouso o telefone com força. Não posso

ouvir isto. Ele está enganado. Eu não sou como ele. *Não sou*.

Quer dizer, sim. Há elementos da sua personalidade na minha. E, claro, somos parecidos. Mas é só isso. Eu sou *diferente*. Não sou um monstro como ele. Eu nunca…

O meu pai bate com o punho no vidro. Aponta para o telefone. Abano a cabeça. Não vou jogar mais a este jogo. Nunca deveria ter vindo. O meu instinto inicial estava certo.

Nora. Vejo-o dizer o meu nome. O nome que escolheu para mim. É a única coisa que mantive da minha antiga vida.

Abano de novo a cabeça. *Não.*

Vou-me embora. E não tenciono voltar nunca mais.

Cerca de quatro horas depois, estou de volta ao aeroporto de São Francisco. Nunca me senti tão feliz por voltar a casa. Seria capaz de beijar o chão, se não estivesse pegajoso e nojento.

São quase onze da noite e estou acordada desde as cinco da manhã, mas não me sinto minimamente cansada. Estou elétrica de adrenalina – podia passar as próximas vinte e quatro horas acordada.

Mas, realisticamente, sei que tenho de ir para casa e dormir um pouco.

Vou buscar o meu carro ao parque de estacionamento do aeroporto. Só ao sentar-me ao volante é que uma vaga de exaustão me atinge. Começo a fantasiar sobre a minha confortável e macia cama. Sobre como seria agradável enfiar-me entre os lençóis. Mas não tarda estarei em casa. Bem, dentro de uma hora, talvez menos. Em breve.

Ao entrar na autoestrada, começo a imaginar outra vida, uma em que não tivesse sido filha de Aaron Nierling. Uma vida em que poderia ter tido uma relação que durasse mais de três meses. Ou até ter casado, talvez. Neste momento, poderia ir a caminho de casa e ter o meu marido à minha espera na cama.

Estranhamente, quando imagino esse universo paralelo, o homem à minha espera na cama é o Brady. Apesar de a realidade ser que ele provavelmente nunca mais voltará a falar comigo. E é normal. Completamente previsível, atendendo às circunstâncias.

Só ao fim de vários minutos a conduzir é que reparo no cheiro.

Não consigo propriamente identificá-lo. É uma mistura de ovos e couves podres. Pergunto-me se não terei deixado algumas coisas no carro da última vez que fui às compras. Talvez um ovo tenha rebolado do meu saco e esteja agora a empestar a mala do carro. Terei de livrar-me dele assim que chegar a casa. E de manter as janelas abertas por algum tempo para arejar o veículo.

Dez minutos depois, tenho de abrir todas as janelas, da frente e de trás. O cheiro tornou-se insuportável. Tanto que, ao fim de outros dez minutos, não o consigo tolerar nem mais um instante. Tenho de sair da autoestrada.

Há uma estação de serviço mesmo junto à saída. Está vazia, mas há uma luz acesa na loja adjacente. É um daqueles minimercados abertos vinte e quatro horas por dia. Paro diante de uma das bombas. Já que estou aqui, mais vale aproveitar para encher o depósito.

Um empregado sai da loja, a limpar as mãos às calças de ganga. É um rapaz de vinte e tal anos com o cabelo pintado de verde. Acena-me.

– Precisa de ajuda, minha senhora?

Como se este dia não pudesse piorar, agora tratam-me por *minha senhora*.

– Sim, pode encher-me o depósito, por favor?

Entrego o meu cartão de crédito ao rapaz e abro o depósito. Ele começa a enchê-lo de gasolina e eu saio do carro o mais rápido possível. O cheiro não é tão mau no exterior do veículo, mas, dado que as janelas estão abertas, continua a ser bastante desagradável. Dentro do carro, é sufocante. Aquele ovo deve ter-se transformado durante o dia de hoje, evoluindo para algo mutante.

– Precisa de mais alguma coisa? – pergunta o empregado.

– Na verdade – respondo –, há um cheiro estranho no meu carro. Julgo que talvez possa ter deixado cair umas compras algures. Um ovo ou talvez umas carnes frias.

O empregado inclina-se para a janela. Fareja e franze o nariz.

– Sim, raios. Parece que morreu alguém ali atrás.

– Eu sei! Devo ter… – a minha voz esmorece a meio da frase quando compreendo realmente a sua afirmação. *Parece que morreu alguém ali atrás.*

Não. Oh, meu Deus, não.

Lanço um olhar ao empregado para ter a certeza de que está ocupado com o meu depósito. Abro a mala do carro, pedindo a Deus para que encontre apenas um ovo podre. Assim que a mala se abre, o cheiro aumenta exponencialmente. Seja o que for que esteja a apodrecer, é na minha mala que está.

E sinto um outro cheiro.

Lavanda.

– Caramba! – o empregado agita uma mão à frente do rosto. – O que tem aí dentro, minha senhora?

Solto um riso estrangulado.

– É como pensava. Deixei umas compras aqui dentro. Que tola.

Ele aponta para o contentor ao lado da loja.

– Temos um caixote do lixo ali, se quiser deitá-las fora.

Fecho a mala com força. Nem pensar que vou vasculhá-la à procura da origem do cheiro com este tipo a respirar-me para cima.

– Deixe estar. Trato disto quando chegar a casa.

– Tem a certeza? – pergunta, arqueando as sobrancelhas. – É um cheiro bastante

fétido. Eu não quereria viajar até casa com isso.

Forço um sorriso.

– Não é assim tão mau. E não vivo muito longe daqui.

Só a cerca de meia hora. Terei de manter as janelas abertas e de respirar pela boca.

35

O cheiro é para lá de nauseabundo, mas não me atrevo a parar a caminho de casa. Mesmo que considere estar num sítio seguro e tranquilo, não posso correr esse risco. Se alguém me vir, estou acabada. Só depois de entrar na minha garagem e a porta se fechar atrás de mim é que me atrevo a sair do carro e a abrir a mala.

O fedor não fez mais do que multiplicar-se nos últimos trinta minutos. É tão repugnante que me faz tapar a boca e quase vomitar. Li que os cheiros estão fortemente ligados ao centro da memória do cérebro, e este fedor horrível misturado com lavanda lembra-me outro cheiro muito familiar. Um que jamais serei capaz de esquecer.

Embora saiba Deus o quanto tentei.

Infelizmente, a minha mala está uma confusão. Tenho pelo menos meia dúzia de pijamas cirúrgicos lá atrás, além de duas camisolas polares, um monte de notas impressas sobre pacientes que deviam ter sido destruídas e vários óleos para automóvel e líquidos para o limpa-para-brisas. Tendo a atirar tudo aquilo com que não consigo lidar ou que quero guardar para mais tarde para dentro da minha mala.

Vejo já manchas de sangue no tecido dos meus pijamas cirúrgicos. Vagamente, compreendo que devia calçar um par de luvas para examinar a minha mala, mas luvas são a única coisa que não tenho aqui atrás, e não posso esperar mais. Assim, continuo a vasculhar os meus pertences à procura da origem do fedor.

Passado um minuto, encontro-a.

Afasto-me da mala, quase dominada por uma sensação de vertigem. Viro a cabeça para o lado e vomito em seco até ficar com os olhos a lacrimejar. Não. *Não.* Não pode ser. *Não pode*.

É uma mão cortada.

Não é claro se pertence a Shelby Gillis ou a Amber Swanson, mas estou certa de que uma análise policial mo poderia dizer. Só tenho de chamar a polícia e dir-me-ão exatamente a quem pertencia esta mão, logo depois de me porem umas algemas nos pulsos e me levarem para a prisão para cumprir duas penas perpétuas.

Ninguém pode saber disto.

Claro que a questão mais inquietante é como veio parar à minha mala. É óbvio que

aconteceu hoje, enquanto o meu carro estava parado no parque de estacionamento do aeroporto de São Francisco. Alguém entrou no meu carro e deixou isto para mim. Tal como quando entraram em minha casa e deixaram o sangue na minha cave.

Chega de brincadeiras. Amanhã, por esta altura, terei a minha casa guardada como uma fortaleza.

Entretanto, tenho de descobrir o que fazer em relação a esta prova. Deixá-la na mala não é opção. Respirando pela boca, recolho a mão, utilizando alguns dos pijamas cirúrgicos ensanguentados e estragados. Em seguida, entro em casa.

A primeira coisa que faço é acender as luzes. A casa parece tranquila – quase demasiado tranquila.

– Querido, cheguei – sussurro.

Paro por um momento, à escuta. Se entraram no meu carro, podem estar agora mesmo em minha casa. E então oiço algo. Serão passos? É decididamente qualquer coisa.

Depois, oiço um miado lamuriante.

Graças a Deus, é só a gata.

Passado um segundo, a gata entra no saguão. Preparei-lhe uma caixa de areia improvisada esta manhã, feita de caixas de cereais e fita adesiva, pelo que espero que não tenha andado a fazer as necessidades por toda a casa. Convencê-la a partir parece fora de questão – adquiri uma hóspede permanente. Pois que seja. Não tenho tempo para lidar com isto.

Encosta-se à minha perna, ronronando suavemente. Depois, olha para mim e tenta cheirar os pijamas cirúrgicos ensanguentados que tenho na mão direita. Bate-lhes com a pata.

– Para, por favor, gata – murmuro. – Isto não é para ti.

Vou à cozinha e tiro um dos sacos de plástico que tenho debaixo do lava-loiça. Atiro os pijamas cirúrgicos lá para dentro, dou-lhe um nó e enfio-o dentro de outro saco. E esse dentro de outro. Agora, tenho três camadas de sacos. E uma de pijamas cirúrgicos. Mas, se a polícia revistar a minha casa, não demorará mais de dois segundos a ultrapassá-las.

O que posso fazer, porém?

Não posso deitar isto no meu caixote do lixo. Amanhã é sexta-feira e o dia da recolha é só na segunda. Não quero uma mão a apodrecer no meu lixo durante o fim de semana inteiro, sobretudo com aquele detetive a farejar por aqui. Sobretudo com as minhas impressões digitais espalhadas pelos pijamas cirúrgicos. E se Barber conseguisse um mandado para fazer buscas em minha casa? Estaria acabada.

Suponho que podia acender a lareira e eliminá-la dessa forma, mas nunca a utilizei realmente desde que vivo aqui. Se fizesse algo que de algum modo atraísse os bombeiros, ficaria em grandes sarilhos. E sabe-se lá quanto tempo permaneceriam os

vestígios de osso na minha lareira.

Olho para o saco de plástico na minha bancada da cozinha. Começo a sentir que devia ter ligado ao detetive desde o início. Podia ter-lhe contado tudo. Podia ter-lhe dito das cartas do meu pai e que acho que alguém está a tentar incriminar-me. Se o detetive encontrar as provas em minha casa por si só, será muito mais difícil de explicar do que se as entregasse eu mesma.

Mas não confio inteiramente em Barber. Sempre que olha para mim, vejo a sua desconfiança. Sou a filha de um homem que assassinou inúmeras mulheres. Sou uma cirurgiã, que corta diariamente pessoas. A ligação entre mim e as duas raparigas mortas só se tem vindo a tornar mais forte. Não quero dar-lhe uma desculpa para me prender. E, se lhe disser do sangue que limpei do chão da minha cave, é quase certo que o fará. Mesmo que não consiga fazer com que as acusações colem, os danos à minha carreira profissional podem ser irreparáveis.

Não, tive a ideia certa. Tenho de me livrar desta mão. *Já.*

Visto novamente o casaco e saio para a garagem com o saco de plástico. O carro continua a ter um cheiro horrível, e tenho de manter todas as janelas abertas enquanto saio para a rua, apesar de o vento me fustigar o rosto. Sigo para sul por El Camino Real, sem saber muito bem para onde vou. Tenho de encontrar um contentor do lixo. Algo sem qualquer ligação a mim.

Após cerca de vinte minutos a conduzir, deparo com um Carl's Jr. à beira da estrada. Não me lembro da última coisa que comi, mas a ideia de um desses gordurosos hambúrgueres de comida rápida com molho cremoso a gotejar dá-me a volta ao estômago. Estico o pescoço e vejo que as luzes estão apagadas no interior do restaurante – fechado.

Entro no parque de estacionamento, que está vazio. O pessoal parece já ter saído há muito. Tal como os clientes. De certeza que há um contentor atrás do restaurante, e não haverá lá mais ninguém além de mim.

Durante vários minutos, fico sentada no meu carro, a ganhar coragem para sair. Pergunto-me se era assim que o meu pai se sentia quando tinha de se livrar de uma das suas vítimas. Teria medo? Preocupar-se-ia com a possibilidade de ser apanhado? Ou estava apenas absorto na euforia de toda a situação?

Isto não é empolgante. Nem um bocadinho.

Cerro os punhos sobre o volante, dirigindo uma palavra de ânimo a mim mesma. Vai correr tudo bem. Ninguém me verá. Não está aqui ninguém. Só eu.

É seguro.

Saio do carro com o saco de plástico apertado na mão. Quero enfiá-lo dentro do casaco, mas a ideia de ter *aquela coisa* perto do meu corpo é simplesmente demasiado repugnante. Avisto o contentor mesmo atrás do restaurante – o caixote verde em metal está já cheio quase até à borda de sacos do lixo. Provavelmente, será esvaziado

amanhã. E então a mão irá parar a um monte de lixo num aterro, onde nunca ninguém a encontrará ou ligará a mim.

Dirijo-me rapidamente ao contentor. Os cheiros a gordura e a lixo misturam-se à medida que me aproximo. Ao menos é melhor do que lavanda. A tampa está erguida e há sacos enfiados no caixote, mas ainda há espaço para o meu pequeno saco de plástico. Introduzo-o num pequeno intervalo entre dois sacos maiores.

Dou um passo atrás, examinando o contentor do lixo. À primeira vista, não se vê o saco de plástico. Foi assimilado pelo resto do lixo fedorento. E amanhã tudo terá desaparecido – para o aterro local. Solto um suspiro e estou prestes a afastar-me quando oiço uma voz brusca atrás de mim:

– O que está a *fazer?*

36

Os meus joelhos quase cedem sob o meu peso.

Pensava que estava sozinha. Pensava que já todos tinham partido por hoje. Estava enganada. E agora…

Oh, meu Deus.

Viro-me na direção da voz. É um homem – um rapaz, na verdade, ainda que mais alto do que eu – e usa uma *T-shirt* vermelho-vivo com uma estrela amarela. Tem os braços quase glabros cruzados sobre o peito e é tão magro que os meus dedos lhe poderiam rodear inteiramente os bíceps. É um empregado, provavelmente a fechar tudo para a noite. Não sei por que não está o seu carro no parque de estacionamento à porta, mas não interessa. Ele está aqui.

A questão é: quanto viu? Ter-me-á visto deitar fora o saco ou viu-me só aqui parada?

Olho para o seu rosto liso, manchado de acne nas maçãs do rosto e na testa. Não parece desconfiado. Tem mais ar de quem está curioso.

Endireito os ombros. Aaron Nierling era um mentiroso incrível – escondeu os seus crimes de todos os que o conheciam, incluindo as pessoas que viviam com ele. E eu sou sua filha. Pelo que, se não pudesse enganar um adolescente magricela a trabalhar num restaurante de comida rápida, seria uma desgraça.

– Estive cá a comer há pouco – explico. – Perdi os meus óculos de sol. Por isso, pensei em voltar para os procurar.

As sobrancelhas do rapaz sobem-lhe até à linha do cabelo.

– No *contentor do lixo*?

– Esperanças vãs, suponho. Ninguém entregou uns óculos?

Ele abana a cabeça, pensativo.

– Não. Estive cá toda a noite e não vi nenhuns.

– Oh, bem – solto um suspiro triste. – Suponho que desapareceram para sempre.

Sustenho a respiração enquanto lhe observo o rosto, vendo as rodas girar no seu cérebro. Acreditará em mim? Está a pensar no assunto. Consigo perceber pela forma como os seus olhos se desviam para cima e para o lado.

– Sabe o que eu acho? – pergunta.

Engulo em seco.

– O quê?

– Aposto que alguém os roubou – diz, chegando-se suficientemente perto para eu conseguir ver os poros gordurosos na sua pele, mesmo ao luar.

Enfio as mãos nos bolsos para não ver como tremem.

– Acha que sim?

– Sem dúvida – assente o rapaz. – Uns belos óculos de sol… Aposto que alguém os meteu ao bolso e saiu com eles.

– Foi… Provavelmente foi isso mesmo que aconteceu.

Ele lança-me um olhar compassivo.

– Quer deixar-me o seu número para o caso de aparecerem?

Pondero dar-lhe um número falso, mas temo que possa tentar ligar-me e perceba que eu estava a mentir.

– Deixe estar. Podem ter-me caído do bolso quando estava a meter gasolina no carro há pouco. Vou verificar na estação de serviço.

O rapaz deseja-me sorte e eu apresso-me a regressar ao carro. Uma vez no interior, ligo o motor o mais rapidamente que posso e ponho-me a andar dali para fora. Não quero que ele se ponha com ideias de começar a procurar os meus óculos de sol. Ou de anotar a minha matrícula para o caso de aparecerem.

Sinto um zumbido na cabeça durante todo o caminho para casa. Podia ter corrido pior, mas também podia ter corrido muito melhor. O rapaz pareceu acreditar na minha história, mas quem sabe? E se começar a vasculhar o lixo depois de eu partir, tentando ser o herói ao encontrar os meus óculos de sol perdidos? Para depois encontrar o saco de plástico e…

Não, isso não vai acontecer. O miúdo ganha o salário mínimo. Não vai remexer no lixo para ajudar uma cliente.

Quase tenho medo de regressar a casa. Sabe Deus que outros horrores tenho à minha espera. Um cadáver no meu quarto? Sangue a escorrer pelas paredes? Nada me surpreenderia, chegada a este ponto. Mas, ao entrar pela porta, nada parece deslocado. E o único som é a gata a pedir comida.

Posso ao menos fazer a gata feliz.

Enquanto tiro uma lata de comida para gato do armário, ocorre-me que provavelmente também preciso de me alimentar. Acho que não comi nada nas últimas dez horas. Previsivelmente, o meu estômago solta um rosnido grave. Não tenho qualquer desejo de comer, mas talvez tenha de o fazer para manter o meu corpo funcional.

Procuro no frigorífico e tiro meia sanduíche de frango que comprei no hospital. Não estou inteiramente certa de quando o fiz, mas cheiro-a e não parece estar estragada. Enfio-a no micro-ondas e vejo o pouco apelativo monte de comida rodar enquanto aquece.

Ponho a sanduíche de frango num prato, mas não a quero comer. O cheiro daquela mão em decomposição ainda está agarrado às minhas roupas. É a única coisa que consigo cheirar. A única coisa em que consigo pensar.

E não é o pior. O pior é a ligeira sugestão de lavanda. Sempre que capto um bafejo, apetece-me vomitar.

Afasto a sanduíche e agarro o meu telemóvel. Preciso de comer, mas a outra coisa que preciso de fazer é começar a procurar sistemas de segurança domiciliários. Há alguns alarmes antirroubo de automontagem, mas a triste verdade é que não creio que pudesse instalar um nem que a minha vida dependesse disso. Quero que um profissional venha cá e torne a minha casa segura. E quero que o faça o mais cedo possível. Amanhã.

Mordisco a sanduíche enquanto ligo a algumas das empresas. Claro que, a esta hora, estão todas fechadas. Deixo mensagens a três delas, calculando que alguma será capaz de vir amanhã. Não estou disposta a esperar nem mais um dia.

Quando estou a deixar uma última mensagem, oiço o toque da campainha.

Olho para o relógio – quem passaria por aqui tão tarde? Poderá ser o Brady?

O meu coração dá um salto ao pensar nisso. Ontem à noite, parecia nunca mais querer voltar a ver-me. Estava a tentar aceitá-lo bem, mas a verdade é que daria tudo para o ver neste momento. Foi um dos piores dias da minha vida, e não há nada que deseje mais do que deitar-me nos seus braços e esquecer tudo. Pode muito bem ser o único capaz de me fazer sentir melhor neste momento.

Espero realmente que seja ele.

Atiro o telemóvel para a mesa da cozinha e saio para a sala de estar. Ao dirigir-me à porta da frente, invade-me um mal-estar. Não é o Brady à porta – apostaria a minha vida nisso. Espreito pelo óculo e confirmo os meus piores receios. É o detetive Barber.

Paraliso, sem saber o que fazer. A Patricia garantiu-me que ele não tem nada contra mim. Mas, nesse caso, por que está aqui?

Oh, céus, ter-me-á visto no Carl's Jr.? Será possível? Se assim fosse, não me teria travado ali mesmo?

A não ser que…

Talvez me estivesse a vigiar de um local que eu não conseguia ver. Talvez, depois da minha partida, se tenha dirigido ao contentor. Talvez o tenha revistado e encontrado o que eu deitei fora. E agora está aqui para me levar algemada.

Não quero abrir a porta.

O seu punho bate contra ela, com mais firmeza desta vez.

– Doutora Davis?

Respiro fundo e destranco a porta. Não posso propriamente fingir que não estou em casa. Provavelmente viu-me pelas janelas. Abro a porta e canalizo o incrível

carisma do meu pai.

Por favor, que ele não tenha encontrado aquela mão…

– Olá, detetive – digo.

– Doutora Davis – bate num chapéu invisível. – Desculpe incomodá-la tão tarde…

– Posso ajudá-lo?

Olho-o fixamente, à espera de que tire um par de algemas. *Nora Davis, está detida.* Em vez disso, porém, sorri-me, formando rugas na pele em torno dos seus olhos.

– Na verdade, agora que a sua advogada não está por perto, queria só pedir-lhe desculpa.

Fico sem fôlego.

– Pedir-me desculpa?

Será isto um truque? Mas não, se me tivesse visto no Carl's Jr., não precisaria de me enganar. Teria tudo o que precisa para me prender.

– Sim – coça o cabelo grisalho cortado à escovinha. – Sabe, sou apaixonado por aquilo que faço. Seria de pensar que, enquanto cirurgiã, a doutora Davis entenderia isso. E só quero encontrar o sacana que matou aquelas raparigas. Entende o que quero dizer?

Anuo.

– De qualquer modo – continua –, foi errado da minha parte tirar ilações sobre si com base no seu pai. Não merece isso. Portanto, queria dizer que lamento, não devia tê-lo feito, mas o meu coração estava no sítio certo.

– Sim, bem… – os meus joelhos quase cedem de alívio. – Aceito as suas desculpas. E também espero que descubra quem cometeu este ato terrível.

Nem imagina o quanto espero isso.

– Pois… – sorri novamente. – Mais uma vez, lamento incomodá-la tão tarde. Passei pelo seu consultório, mas disseram-me que estava em casa, doente. Mas depois vim aqui e também não estava.

– Devia estar a dormir lá em cima – respondo.

– Certo, mas o seu carro não estava na garagem. Vi que estava vazia pela janela lateral.

Franzo o sobrolho. Este detetive é um mentiroso imundo. Não veio aqui para pedir desculpa. Veio para descobrir onde raio estive o dia inteiro. E não posso propriamente dizer-lhe que fui visitar o meu pai. Ainda que, se as coisas chegarem a esse ponto, seja relativamente fácil descobrir o meu voo. Mas não lhe vou servir essa informação numa bandeja de prata.

Ao menos não me viu junto ao contentor do lixo.

– Fui buscar canja de galinha – acabo por responder.

Mentir torna-se mais fácil de cada vez que o faço.

– Oh – assente. – Bem, faz sentido. Sente-se melhor, doutora?

– Muito melhor. Obrigada.

E agora estamos apenas a olhar fixamente um para o outro. Outro jogo do sério. Por esta altura, já devia saber que não me vai vencer.

– Enfim… – Barber bate com o punho no caixilho da porta. – Já disse o que tinha a dizer, por isso vou deixá-la descansar. Espero que se sinta melhor.

– Obrigada.

Desce os degraus da minha entrada e afasta-se em direção ao seu veículo descaracterizado. Vejo-o entrar e partir. Mas, mesmo depois de o ter feito, os meus joelhos continuam a tremer. Pode ter partido por agora, mas vai regressar. É melhor que esteja preparada.

Não sei quem anda a matar aquelas raparigas, ou por que decidiu tentar arruinar a minha vida. Mas não vou deixar que continue a safar-se com isso.

37

No dia seguinte, felizmente, tenho uma manhã cheia de cirurgias para me distrair. Esperava passar a tarde a fazer calmamente as rondas no hospital e a terminar os meus relatórios orais, mas, em vez disso, tenho de correr para a clínica para ver alguns dos pacientes que a Harper reagendou para hoje. Vai ser um dia muito longo, mas alegro-me por isso.

Após a minha primeira cirurgia da manhã, enquanto estou a ditar o meu relatório operatório na sala dos cirurgiões, recebo uma chamada de uma das empresas de segurança. Está uma mulher alegre do outro lado da linha.

– Olá, Nora! Seria um gosto falar consigo sobre opções de segurança doméstica!

– Ótimo – murmuro. Olho para a sala, que felizmente está vazia. – Gostaria de mandar instalar um sistema de segurança domiciliário o mais cedo possível.

– Com certeza!

A mulher interroga-me sobre o número de portas e janelas no primeiro andar de minha casa, bem como sobre a área aproximada.

– O nosso sistema é muito fácil de utilizar – diz. – Terá um simples teclado onde introduzir o código para desativar o alarme, e poderá monitorizá-lo do seu telemóvel onde quer que esteja.

– Quando podem instalá-lo? – pergunto.

– Que tal segunda-feira de manhã?

Demasiado tarde. A ideia de passar o fim de semana inteiro sem um sistema de alarme faz-me o coração palpitar.

– E se fosse hoje?

– Lamento. Temos a agenda preenchida.

Aperto o telefone com mais força.

– Há alguma maneira de poderem enviar alguém esta noite, depois do horário de trabalho?

– Lamento, mas nós não…

– Pago mais por isso. O que quiserem.

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– Espere um segundo. Deixe-me verificar.

A mulher põe-me em espera e eu fico sentada a ouvir uma enlouquecedora música

de elevador. Enquanto espero, o Philip entra na sala, ainda com a sua touca cirúrgica. Ao ver-me, sorri e tira a touca, que lhe deixou um sulco horizontal na testa.

– Já passou o vírus estomacal? – pergunta. Há um ligeiro tom sarcástico na sua voz. – Estávamos todos a torcer por ti. Acho que a Harper te fez uma sopa.

Aceno com o telemóvel na mão.

– Estou em espera.

– Ah, sim? Com *quem?*

Lanço-lhe um olhar venenoso e não respondo.

– Com a tua advogada? – insiste.

Antes que eu tenha oportunidade de lhe dizer que não tem nada a ver com isso, a mulher regressa à linha.

– Temos um técnico que pode ir esta noite às oito horas – informa-me. – Terá uma sobretaxa de duzentos dólares. Está bem para si?

Nesta altura, estaria disposta a pagar um milhão para levar lá alguém esta noite, pelo que duzentos dólares parece-me uma pechincha.

– Está ótimo. E podem instalar o alarme, o teclado e tudo o resto esta noite?

– Correto.

Solto um suspiro.

– Muito obrigada.

O Philip senta-se ao meu lado e observa-me curiosamente enquanto ela regista o resto dos meus dados. Nem consigo imaginar o que estará a pensar. Ainda que, chegada a este ponto, não tenha a certeza de que isso me importe.

– O que raios se passa contigo, Nora? – pergunta, quando finalmente desligo. – Espero que não te importes que o diga, mas tens andado a agir de forma muito estranha nos últimos tempos.

– Tirar um dia de baixa é um comportamento estranho?

– Para ti? Sim, sem dúvida – aponta para o meu telemóvel. – E o que foi tudo *isso?* Por que vais instalar um milhão de alarmes e câmaras em tua casa? Vives num bairro ridiculamente seguro e aborrecido.

– Mais vale prevenir do que remediar.

– Podes, por favor, dizer-me o que se passa? – pede, franzindo o sobrolho. – Sei que às vezes me achas um cretino, mas podes confiar em mim. Conhecemo-nos desde sempre.

Olho para as feições atraentes do Philip. Quando o conheci, achei que era só mais um cirurgião arrogante, mas aprendi a respeitá-lo ao longo dos últimos anos. É muito bom cirurgião. Talvez até melhor do que eu, para ser sincera, apesar de andar nisto há mais tempo. E também acho que é um ser humano decente. Ainda que a sua ex-mulher discorde veementemente disso.

Mas não é uma questão de confiança. Se lhe disser quem é o meu pai, vai olhar para

mim de forma diferente. Como o Brady fez. E se lhe contar do sangue na minha cave ou da mão apodrecida na minha mala… Bem, há uma probabilidade muito razoável de chamar a polícia. Não posso correr esse risco.

– Estou bem – acabo por responder. – Juro.

– Não me vais dizer, então – observa.

Encolho os ombros.

Soltando um longo suspiro, cruza os braços musculados.

– Muito bem, não te vou *obrigar*. Mas, se quiseres falar, estou aqui para ti. Ou uma treta sensível do género.

Dito isto, levanta-se e sai da sala, provavelmente a caminho da sua próxima cirurgia. Mordo o lábio, perguntando-me se lhe deveria ter dito a verdade. Mas não. Guardo este segredo há vinte e seis anos e não estou prestes a revelá-lo a mais ninguém.

38

Tudo o que consegui manter no estômago esta manhã foram duas chávenas de café; assim, quando tenho um intervalo entre cirurgias às dez horas, dirijo-me à rulote junto à entrada das Urgências para comprar um folhado doce. Em circunstâncias normais, poderia preocupar-me com as calorias, mas, ao ritmo que levo, vou chegar ao fim do mês subnutrida. Fazia-me bem um folhado neste momento.

Felizmente, a rulote não tem quaisquer produtos com carne durante a manhã. Não creio que pudesse suportar o cheiro a salsichas ou a *bacon*. Talvez tenha de me tornar vegetariana num futuro próximo.

Está um belo dia hoje. O sol da Califórnia brilha, e está calor suficiente para me sentir perfeitamente confortável com a parte de cima do meu pijama cirúrgico, que é de manga curta. É uma pena ir passar a manhã a operar e depois a tarde na clínica. Claro que não é como se tivesse alguém com quem passar o dia se assim não fosse. Em todo o caso, estou ao menos a apanhar um pouco de ar fresco agora mesmo.

Enquanto espero pacientemente que a pessoa à minha frente decida que tipo de bolo quer para o pequeno-almoço, tenho a sensação familiar de que alguém me observa. Uma sensação rastejante na parte de trás do meu pescoço, que me faz desejar que a mulher diante de mim se decida de uma vez sobre o que quer comer.

E então oiço a voz familiar nas minhas costas. Uma voz que faz o meu estômago contrair-se.

– Doutora Davis?

Viro-me lentamente. Inspiro fundo ao ver quem falou.

É Henry Callahan. O homem que se armou em fresco comigo naquela noite no bar. Que me seguiu duas noites seguidas no seu *Dodge* azul. Que guiei à curva perigosa, resultando na colisão do seu carro contra uma árvore.

Seria de esperar que ainda estivesse no hospital. Ainda nos Cuidados Intensivos. Mas, de alguma forma, está agora à minha frente, com um ar perfeitamente incólume.

– Senhor Callahan – consigo dizer. Dou um passo atrás, as mãos cerradas em punhos. Nada pode acontecer. Há testemunhas.

Mas talvez isso seja mau.

– O que faz aqui? – pergunto-lhe.

– Eu… vim buscar um amigo às Urgências e vi-a na fila – pisca-me os olhos. Nenhuma da raiva gravada no seu rosto naquela noite no bar está hoje presente. Parece quase acanhado. – Só queria dizer-lhe…

Pigarreio.

– Não me parece que…

– Queria pedir-lhe desculpa.

– Perdão?

– Queria pedir-lhe desculpa pela outra noite no bar – baixa a cabeça. – Compreendo por que mandou a sua assistente ligar-me a dizer que não posso voltar a vê-la. Fui um idiota consigo. Tinha bebido uns copos a mais e não posso acreditar em como fui grosseiro. É uma excelente cirurgiã, uma verdadeira profissional, e não merecia isso. Sinto-me terrivelmente por tê-lo feito.

Então por que me seguiu duas noites seguidas?

– Oh – murmuro.

– Enfim, como disse, queria apenas pedir desculpa – enfia as mãos atarracadas nos bolsos das suas puídas calças de ganga azuis. – Prometo que não a voltarei a incomodar. Vou… vou procurar o meu amigo.

Ao contrário do pedido de desculpa do detetive Barber, este parece genuíno. Mas ainda não acredito que não seja uma farsa – tem de estar furioso comigo. Por minha causa, destruiu o carro. Como poderia não estar furioso com isso?

– Lamento pelo seu acidente – acabo por dizer.

– Acidente? – repete, de sobrolho franzido.

– O seu acidente de viação – perscruto o seu rosto, observando a reação. – Parece estar bem.

– Hã, sim – o rosto de Callahan enche-se de confusão. – *Estou* bem, mas há anos que não tenho um acidente de viação. Nem uma amolgadela. Sou um excelente condutor – acrescenta, orgulhoso.

O meu pai pode ter sido um mentiroso formidável, mas aposto que Henry Callahan não é. Parece estar a dizer a verdade. E é difícil negar que não tem ar de alguém que ainda há uma semana estava em estado crítico – parece perfeitamente saudável, sem um único arranhão.

– Julgava… que tinha lido sobre isso no jornal. Conduz um *Dodge* azul, certo?

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Conduzo um *Ford* azul. Talvez tenha sido sobre outro Henry Callahan que leu?

Só que o artigo não incluía um nome. Parti do princípio de que era ele, pois julgava tê-lo visto entrar no *Dodge* azul e era esse o carro que me seguia. Mas estava

dentro do bar, pelo que não vi nitidamente o carro. Talvez o *Dodge* azul fosse de outra pessoa.

Contudo, se não era Henry Callahan, quem Diabos estava a seguir-me na semana passada?

– Sente-se bem, doutora? – pergunta, de olhos semicerrados. – Está com um ar um pouco adoentado – ri de si mesmo. – Embora saiba mais disso do que eu, não é verdade?

– Com licença – consigo dizer.

Abro caminho por entre as outras pessoas na fila dos bolos, deixando Callahan para trás com uma expressão perplexa no rosto. O meu escasso apetite desapareceu.

Vou direta à sala dos cirurgiões e entro num dos dois computadores. Enquanto espero que carregue o meu perfil, não consigo parar de pensar no que Henry Callahan acaba de me dizer. Não era ele que estava a conduzir o *Dodge* azul. Não era ele que estava a seguir-me. Era outra pessoa.

E essa pessoa bateu com o carro e foi trazida para este hospital em estado crítico.

Assim que consigo entrar no sistema eletrónico de registos médicos, a primeira coisa que faço é procurar por Henry Callahan. Não me surpreende minimamente que a sua história se confirme. O seu último internamento hospitalar foi quando a sua hérnia foi reparada com sucesso, cortesia da Dra. Nora Davis.

Olho para o ecrã do computador, roendo a unha do polegar. Ia *alguém* no carro a seguir-me. *Alguém* foi trazido para o hospital depois daquele acidente. Era o que dizia no jornal.

Carrego no censo da unidade de Cuidados Intensivos Cirúrgicos. Se alguém estivesse em estado crítico na sequência de um acidente de viação, o mais provável seria que lá fosse parar. Abro a lista de nomes no ecrã para ver se algum deles me parece familiar. Não reconheço nenhum.

Portanto, verifico uma outra coisa. Vejo os internados que deram entrada na noite do acidente.

Só há um.

William Bennett Jr. Trinta e cinco anos. Internado com politraumatismos na mesma noite em que o *Dodge* azul colidiu com aquela árvore. Está na cama doze da unidade de Cuidados Intensivos Cirúrgicos.

O nome não me soa minimamente familiar. Apesar de ser altamente antiético, abro a sua ficha. Leio o historial e a avaliação física, os meus olhos a dardejar rapidamente pela página. Esteve num acidente de viação, carro contra árvore. Sem álcool envolvido. Fraturas no úmero direito, na clavícula esquerda, no fémur esquerdo, na tíbia e fíbula esquerdas. Fratura craniana com um pequeno hematoma subdural. Múltiplas costelas partidas, com um pneumotórax exigindo dreno torácico, e falência

respiratória, agora com pneumonia associada ao ventilador. O homem está doente. Continua entubado. Pode não sobreviver.

Olho para o meu relógio. Ainda tenho dez minutos antes de ter de voltar para o bloco operatório.

Preciso de o ver.

39

Os Cuidados Intensivos Cirúrgicos do nosso hospital são uma unidade de vinte camas, mas só cerca de metade costumam estar ocupadas. Há alguns quartos particulares, mas são sobretudo camas individuais, separadas apenas por cortinas, na sua maioria corridas para o lado. Quando entro no espaço, tudo está em silêncio, exceto os apitos dos monitores e o silvo dos ventiladores.

Ao ver-me demorar junto à entrada, uma enfermeira de vinte e tal anos, de pijama cirúrgico, touca cirúrgica verde e demasiado rímel, apressa-se a vir ao meu encontro. Reconheço-a, mas, como habitual, o seu nome não me vem de imediato à cabeça. Olho para o seu crachá de identificação, que felizmente está virado para o lado certo.

Meagan.

– Olá, doutora Davis! – chilreia. – Quem veio ver hoje?

É frequente eu ter pacientes na unidade de Cuidados Intensivos Cirúrgicos, mas de momento não tenho cá nenhum. O que me deixa poucos pretextos para estar aqui. E não é como se pudesse dizer a verdade à Meagan.

Quero dar uma olhadela ao William Bennett para ver se o reconheço.

Não, isso não ia correr bem. Felizmente, fabriquei uma desculpa enquanto subia. E a Meagan não tem razões para duvidar dela.

– O doutor Corey pediu-me para fazer a ronda aos seus pacientes daqui – explico. Ela sabe que o Philip é meu sócio e que cobrimos os pacientes um do outro. – Mas, claro, esqueceu-se de me dizer quais são.

Lanço-lhe um olhar cúmplice. *Não é mesmo típico do doutor Corey? Pedir a alguém para ver os seus pacientes e não lhe dar um registo apropriado?* Ela sorri, compreensiva – de certeza que já teve muitas interações com o Philip.

– Alguma hipótese de poder consultar o censo no computador e dizer-me quais são os seus pacientes? – peço-lhe.

A Meagan assente, ansiosa por ajudar. É uma jovem enfermeira, pelo que está disposta a fazer o que eu digo sem questionar que eu poderia perfeitamente entrar num computador e procurar pessoalmente a mesma informação.

Enquanto ela regressa ao seu posto de trabalho, olho para os números das camas, pendurados aos pés destas. Nove, dez, onze…

Doze.

Consigo vê-la de onde estou. Olho de novo para a Meagan, que continua ao computador. Não me está a prestar atenção e, mesmo que estivesse, não tem razões para desconfiar. Afasto-me do posto das enfermeiras em direção à cama doze.

O homem deitado na cama doze está em mau estado. Tem hematomas em torno de ambos os olhos e o tubo endotraqueal colado à boca, enviando-lhe ar para os pulmões para o manter vivo. O tornozelo esquerdo está envolto em gesso branco, e tem o braço direito ao peito. Os seus olhos estão ligeiramente entreabertos, mas está nitidamente sob o efeito de fortes sedativos. Olho para o cabelo preto oleoso e para a curva do seu maxilar, coberto por uma barba escura.

Parece-me familiar. Já vi este homem antes.

Mas não faço ideia onde.

– Doutora Davis?

Afasto-me da cama doze, virando a cabeça para que a Meagan não veja o que eu estava a fazer. Está atrás de mim, a fitar-me com ar curioso.

– Oh – digo rapidamente. – Pensei… que este era um dos doentes do doutor Corey. Pareceu-me familiar.

Ela lança-me um olhar estranho.

– Verifiquei no computador e o doutor Corey não tem nenhum paciente na unidade neste momento.

– Não tem? – engulo em seco.

– Não – responde a Meagan, abanando a cabeça. – Não teve cá nenhum paciente nas últimas semanas.

– Típico – solto o que espero parecer um suspiro exasperado e olho para o relógio. Estou atrasada para a minha cirurgia. – Melhor assim. Já devia estar no bloco há cinco minutos.

Sorrio à Meagan, que não me retribui o sorriso. Mas não importa o que ela pensa. A Meagan é o menor dos meus problemas. O homem deitado na cama doze seguiu-me durante duas noites consecutivas e eu não faço ideia porquê.

Jã não me pode fazer mal – está praticamente por um fio.

Mas não estava a trabalhar sozinho.

40

O fedor a carne podre mantém-se colado ao meu carro durante a viagem entre o hospital e a clínica ambulatória. Tenho de conduzir com todas as janelas abertas, mas não faz diferença. Continua a ser avassalador. Passo a maior parte da viagem a tentar não vomitar. Não vou certamente comer um *burrito* no meu carro nos próximos tempos.

O resto da minha manhã foi caótico depois de sair da unidade de Cuidados Intensivos Cirúrgicos. Cheguei com dez minutos de atraso ao bloco para a minha cirurgia, que acabou por se prolongar. E passei o resto da manhã a lutar contra o tempo. Mas foi-me impossível concentrar-me da forma como habitualmente faço.

Andava alguém a seguir-me. Alguém plantou sangue na minha cave. Alguém plantou uma mão cortada no meu carro.

E não faço ideia porquê.

Ao estacionar no parque à entrada do prédio, penso em deixar as janelas abertas. Mas então lembro-me de que, da última vez que estacionei aqui, alguém me cortou os pneus. Não quero facilitar a ninguém o acesso ao meu veículo. Pelo que as janelas terão de ser fechadas. Voltarei a arejar o carro hoje à noite.

Quando chego à sala de espera no andar de cima, antes mesmo de alcançar a receção, uma mulher levanta-se de um salto para me falar. Parece-me familiar, mas demoro alguns segundos a situá-la.

– Senhora Kellogg – digo. – Como está?

A mulher mais velha sorri. O hematoma sob o seu olho esquerdo esmaeceu desde a última vez que a vi, quando lhe passei aquela nota a perguntar se estava bem. Parece que um peso lhe foi retirado dos ombros.

– Estou bem, doutora Davis – diz ela. – Vim cá porque queria que soubesse que… bem, que o Arnold faleceu.

Subitamente, fico com a boca seca. Não é o tipo de notícia de que preciso neste momento.

– Ah, sim?

– No início da semana – diz num tom suave. – Morreu tranquilamente enquanto dormia. De ataque cardíaco.

Os meus ombros descaem. Um ataque cardíaco. Um silencioso ataque cardíaco na

cama. Não foi assassinado nem lhe cortaram as mãos. Morreu tão tranquilamente quanto se poderia esperar.

– Lamento muito ouvir isso.

– Sim – suspira. – Enfim, queria só agradecer-lhe pelos excelentes cuidados que lhe prestou. Obviamente, o ataque cardíaco nada teve a ver com a cirurgia que fez. É só uma daquelas coisas, sabe?

– Certo – murmuro. Embora não possa deixar de pensar que, com tudo o que me está a acontecer, até perder um paciente por algo que não teve absolutamente nada a ver comigo ou com a cirurgia a que foi sujeito é mau.

A Sra. Kellogg dá-me um aperto de mão. Depois, no último segundo, puxa-me para um abraço. Embora o tenha negado quando lho perguntei, nunca acreditei que não tivesse sido o marido a causar-lhe aquele olho negro. Aposto que está feliz por ele ter partido.

Dirijo-me à receção da clínica, onde a Harper está absorta num telefonema. Os seus olhos erguem-se bruscamente ao ver-me, e lança-me um olhar preocupado. Assim que desliga a chamada, levanta-se.

– Doutora Davis, está bem?

Forço um sorriso.

– Sim, estou ótima agora. Foi só um daqueles vírus de vinte e quatro horas.

Franzindo o sobrolho, ela pega num *Tupperware* cheio de um líquido âmbar com fios de massa.

– Fiz-lhe uma canja de galinha…

– Obrigada, mas estou bem. A sério – hesito, querendo perguntar-lhe algo, mas sem ter a certeza se devia. – Ei, Harper, consegue fazer uma pesquisa na lista de pacientes?

– É claro que sim.

– Por que parâmetros?

Ela agarra no rato e clica no ecrã.

– Pelos que quiser. Nome, número de registo médico…

– Pode pesquisar pela idade?

– Pela idade? – repete, franzindo os lábios.

– Sim… – limpo as mãos subitamente suadas às calças do meu pijama cirúrgico. – Pode pesquisar, digamos, todos os pacientes do sexo feminino abaixo dos trinta anos?

– Sim – a Harper lança-me um olhar curioso. – Acho que sim. Porquê?

Porque duas das minhas pacientes abaixo dos trinta anos foram assassinadas nas últimas duas semanas. E temo que não vá ficar por aí.

A maioria dos meus pacientes são mais velhos. A minha lista de pacientes jovens do sexo feminino não pode ser muito longa. Se ligasse a cada uma delas e, de alguma forma… Não sei. Suponho que pareceria louca se as avisasse de que as suas vidas

podiam estar em perigo. É o tipo de comportamento que podia acabar por me custar a cédula profissional. Podia tentar dar a lista ao detetive Barber, mas isso seria uma violação de privacidade. Pelo que não há muito que possa fazer com a lista, na verdade.

– Esqueça – murmuro.

– Tem a certeza de que está bem, doutora Davis?

– Ótima. Sinto-me lindamente.

Afasto-me à pressa, aceitando com relutância a sopa da Harper e guardando-a no frigorífico, só para a fazer feliz. Antes de conseguir chegar à sala de exame, a Sheila apanha-me no corredor. Enfia o braço no meu e lança-me um olhar severo.

– Nora – diz. – Sente-se bem?

– Oh, meu Deus – gemo. – Foi só um ligeiro vírus estomacal. Estou ótima.

Ela olha-me diretamente nos olhos.

– O Philip disse que está com problemas legais.

A minha mão direita cerra-se num punho.

– Ele *disse-lhe* isso?

– Está só preocupado consigo – confirma.

– Mas não lhe competia a ele dizer a toda a gente – sinto as maçãs do rosto a arder. – Seja como for, não é verdade.

Ela arqueia uma sobrancelha.

– Não é! – ou, pelo menos, não terei problemas legais a não ser que alguém descubra os resquícios de sangue no chão da minha cave. Aí, poderei estar metida em alguns sarilhos. – Confie em mim. Está tudo bem. Foi só uma semana difícil.

– Muito bem – assente a Sheila. – Mas há outra coisa de que é melhor que eu a avise. Desde que o Sonny se foi, a Harper e o Philip têm ficado muito íntimos.

Retraio-me.

– Fantástico.

– Falei com ele sobre isso, fingindo-se de inocente, mas não me convence. Anda decididamente a fazer-se a ela.

Não consigo lidar com isto neste momento. Se o Philip quer ser o tarado mais velho que se atira à sua rececionista de vinte e cinco anos, terei simplesmente de o deixar acontecer.

41

A Harper fez todos os possíveis por reagendar toda a gente para a próxima semana, mas, mesmo assim, parece que tenho um milhão de pacientes para ver hoje. Quando o último sai da sala de exame, são quase sete horas.

Sinto-me culpada por isso, mas a Harper insiste em ficar para me ajudar. Depois de mandar embora o último paciente, porém, saio para lhe dizer que vá imediatamente para casa. Tanto quanto sei, tem um grande exame para que estudar este fim de semana. Não quero que os meus dramas sejam a razão pela qual não entra na faculdade de medicina.

Quando chego à secretária, a Harper está a guardar as suas coisas. Sorri ao ver-me.

– Ia agora mesmo sair, a não ser que precise de mais alguma coisa?

– Céus, não. Vá para casa, por favor.

– Obrigada.

Observo-a por um momento, percebendo, não pela primeira vez, de como é bonita. Os longos cabelos negros. E, quando me fita, os seus olhos tão azuis.

Como os de Shelby Gillis e Amber Swanson.

E Mandy Johansson.

Engulo em seco e olho para o meu relógio.

– Está bastante escuro lá fora. Quer que chame a segurança para a acompanhar ao seu carro?

– Não, deixe estar.

– A sério, não devia sair sozinha. Não é seguro.

A Harper morde a unha do polegar.

– Na verdade, não vou sair sozinha.

– Não vai?

– O Philip esperou por mim.

Sinto um aperto no estômago. Ela chamou-lhe *Philip*. Fantástico.

Como que em resposta à deixa, o Philip emerge das traseiras. Trocou o pijama cirúrgico por um belo conjunto de camisa e calças, e está devastadoramente atraente. A Harper lança-lhe um olhar e eu consigo senti-la desfalecer um pouco.

Perfeito.

– A Harper e eu vamos só tomar uma bebida rápida – diz-me o Philip, sorrindo. –

Podes juntar-te a nós, Nora, se já estiveres curada do teu vírus estomacal.

Não aprecio o laivo de sarcasmo na sua voz ao dizer «vírus estomacal». Sinto-me tentada a acompanhá-los, só para garantir que não se passa nada de duvidoso. Mas tenho demasiado trabalho para pôr em dia e vou encontrar-me com o homem da empresa de segurança daqui a apenas uma hora. Por isso, abano a cabeça.

– Divirtam-se – murmuro.

– Assim faremos – responde-me o Philip, piscando-me o olho.

Por mais que me enfureça o Philip ir sair com a Harper, apesar de eu o ter avisado *repetidamente* para não o fazer, ao menos sei que ela está segura. O Philip pode ser um cretino, às vezes, mas não deixará que nada lhe aconteça. Se estiver com ele, não andará a vaguear pelas ruas à noite completamente sozinha. Ele fará questão de a deixar diretamente à porta de casa.

Regresso ao meu gabinete para tratar da parte do trabalho que menos me agrada: a papelada. Tenho montes à minha espera. Aposto que, há cinquenta anos, os cirurgiões não tinham de passar por esta treta. Limitavam-se a cortar as pessoas e a solucionar o problema, rabiscando depois uma curta nota do tipo «apêndice removido» e pronto. Agora, espera-se que documentemos *tudo*. É um emprego por si só.

Enquanto trabalho na documentação, sinto a minha mente vaguear. Não paro de pensar, sobretudo, na casa vazia a que vou regressar. Mesmo com o sistema de segurança instalado, assusta-me. Por uma vez na vida, não quero estar sozinha.

E talvez não seja inteiramente só por estar assustada.

Agarro no telemóvel e procuro o número do Brady. Nunca lhe liguei, porque, se o fizesse, ele passaria a ter o meu número. E isso seria abrir uma caixa de Pandora. Mas, por outro lado, ele tem sido mais cuidadoso desde que eu lhe fiz a minha revelação. Talvez pudesse enviar-lhe uma rápida mensagem de texto. Não que haja grandes probabilidades de ele responder sequer. Mas nunca se sabe.

Abro a caixa de mensagens. E escrevo: **Olá.**

Hesito por uma fração de segundo. Em seguida, carrego em enviar.

Por que estou eu a fazer isto? Por que o estou a incomodar, numa noite de sexta-feira, quando ele basicamente já me disse que não quer ter nada a ver comigo? Por que será que, de cada vez que me sinto péssima, o meu primeiro instinto é recorrer a ele?

E não está a responder, o que não deveria ser uma surpresa. Portanto, assunto arrumado.

Mas, então, uma mensagem aparece no meu ecrã: **Nora?**

Oh, certo, ele não sabia quem era, pois não tinha o meu número. Mas descobriu com bastante facilidade.

Sim, sou eu.

Quase espero que não volte a responder, mas, depois de os três pontos se manterem no ecrã durante o que me parece um período interminável, ele responde: **Está tudo bem?**

Sim. Claro que não é verdade. É óbvio que não está tudo bem. Mas sinto que preciso de me explicar. **Só quero que saibas que eu não sou como o meu pai. Espero que não penses isso. Ele é um monstro.**

Ao olhar para os olhos do meu pai ontem, da mesma cor dos meus, senti a diferença entre nós. Ele é um assassino cruel. Mesmo ao fim de todos estes anos na prisão, não mudou. Eu não sou assim. Apesar do que me disse.

Segue-se uma longa espera enquanto o Brady escreve. Sustenho a respiração, perguntando-me o que irá dizer. Finalmente, a sua resposta aparece no ecrã:

Eu sei.

Olho para o relógio. Tenho de ir para casa para me encontrar com o técnico de segurança. Não devia ter estado a conversar com o Brady. Devia ter acabado o meu trabalho, mas é demasiado tarde para isso agora. Tenho de ir para casa. Terei de acabar a minha documentação mais tarde, provavelmente na cozinha com uma refeição pré-preparada.

Chego a casa poucos minutos depois das oito. Espero ver a carrinha do técnico de segurança à minha espera, mas, em vez disso, a rua à porta de minha casa está vazia.

Fico no carro. Nem sequer quero entrar em casa até ter o sistema de segurança instalado. Só Deus sabe o que lá encontrarei hoje.

Só que passam outros quinze minutos e não há sinal do homem que supostamente deveria instalar o meu sistema de segurança. Recebi um *e-mail* de confirmação durante o dia, por isso abro-o para ver se me enganei na hora. Mas, ao abrir o *e-mail*, vejo outra mensagem da empresa de segurança:

Lamentamos que tenha cancelado a sua marcação! Esta é uma confirmação de que a reagendámos para segunda-feira às oito da manhã.

Olho fixamente para o *e-mail*, de cabeça à roda. Será algum tipo de brincadeira? Eu não reagendei a marcação! Por que haveria de o fazer depois de estar tão desesperada por conseguir que o tipo viesse esta noite?

Tento ligar para o número da empresa, mas, claro, não são horas de expediente, por isso ninguém atende. Maravilhoso.

Olho para a minha casa. Para as janelas escuras. Não quero entrar ali sozinha.

Assim, vou antes às minhas mensagens de texto. E envio uma ao Brady: **Alguma hipótese de eu poder passar por aí agora?**

A sua resposta é quase instantânea:

Claro.

42

Não sei ao certo o que espero enquanto conduzo até ao apartamento do Brady. Só sei que não quero estar sozinha neste momento. Não quando quem matou aquelas raparigas pode entrar em minha casa. Talvez o Brady me deixe passar a noite com ele. Depois, arranjarei um hotel para o resto do fim de semana.

Não é só uma questão de querer companhia. Quero o *Brady* por companhia. Não estou ansiosa por regressar àquele minúsculo e atafulhado apartamento, mas sempre que penso em enfiar-me com ele na cama e passar a noite nos seus braços, sinto uma agradável sensação de calor. Melhor ainda do que a que obtenho de um *Old Fashioned*.

Possivelmente gosto mesmo deste tipo. É claro que não pode ir a lado algum. Mas posso aproveitar o momento.

Quando estaciono em frente à velha casa devoluta cujo segundo andar o Brady arrendou, a sua senhoria, a Sra. Chelmsford, está no alpendre, como sempre, com uma longa camisa de noite branca. Mas desta vez não está sozinha. A mulher de meia-idade da farmácia – a sua sobrinha – está a falar com ela. A Sra. Chelmsford está de pé, a chorar e a gritar qualquer coisa que eu não consigo perceber por ela estar tão histérica. Mesmo daqui, consigo ver gotas de saliva a voar-lhe da boca.

A última coisa que quero é envolver-me nesta confusão, mas, antes que possa esgueirar-me pelas traseiras para o apartamento do Brady, já a sobrinha desceu os degraus a correr, começando a dirigir-se a mim. Dou um passo atrás, desejando poder regressar ao carro, partir e voltar mais tarde. Mas é demasiado tarde.

– Olá – a sobrinha da Sra. Chelmsford esboça um sorriso desconfortável. – Lamento muito por esta agitação aqui. É a amiga do Brady, certo?

– Certo – respondo rigidamente.

–Vê, tia Ruth? – diz a sobrinha à sua tia idosa. – É a amiga do Brady e está ótima! Ele não está a magoar ninguém ali dentro!

No entanto, a Sra. Chelmsford recusa-se a acreditar nisso. Ergue-se no alpendre, as mãos esqueléticas cerradas em punhos.

– Eu sei o que ouvi!

– O quê? – pergunto, com uma inalação brusca.

A sobrinha resfolega.

– Lamento imenso. A minha tia tem esta ideia maluca na cabeça em relação ao Brady. Não para de insistir que ouve gritos vindos do seu apartamento. Eu acho que tem alucinações durante a noite. É algo que acontece aos idosos.

Cerro os maxilares.

– Talvez já não devesse viver sozinha?

– É bem possível que tenha razão – a mulher abana a cabeça. – Isto é tudo muito novo. Nunca ficou assim tão enervada com o último inquilino. Suponho que esteja a piorar da demência.

– Passo a noite inteira a ouvir gritos! – brada a Sra. Chelmsford do alpendre. Tem o cabelo branco desgrenhado. – Está a torturar alguém ali dentro! Alguma pobre rapariga.

De repente, sinto os joelhos trémulos. Mas não sei porquê. A Sra. Chelmsford está muito debilitada. Já antes tive pacientes com demência, sei que inventam as mais tresloucadas fantasias. Nada do que diz é fiável. E a sobrinha também não parece acreditar.

– Talvez seja a filha do Brady que ela ouve – sugiro.

A sobrinha inclina a cabeça para o lado.

– O quê?

– Quando está de visita, quero eu dizer – acrescento. – Prova-velmente a filha do Brady faz muito barulho e talvez a sua tia pense que são gritos.

Ela lança-me um olhar estranho.

– O Brady não tem nenhuma filha.

Ele… *o quê?*

– Enfim – continua. – Lamento muito o alvoroço. Vou levar a minha tia para dentro e ficarei com ela até se acalmar. Não se preocupe. Não voltará a incomodá-la.

Enquanto vejo a sobrinha da Sra. Chelmsford subir novamente as escadas e convencer a tia a regressar a casa, sinto um nó formar-se lentamente no meu estômago. *O Brady não tem nenhuma filha.*

Subitamente, ocorrem-me várias coisas.

O Brady apareceu na minha vida na mesma exata altura em que os homicídios começaram. Por coincidência – ou assim me pareceu. Estava a trabalhar como *barman*, apesar de, dadas as suas competências informáticas na universidade e a sua licenciatura, parecer improvável que não conseguisse arranjar emprego em Silicon Valley.

O Brady *devorava* filmes de terror quando andávamos na universidade. Lembro-me do fascínio no seu rosto ao ver aquelas raparigas serem espancadas até à morte. Adorava-os tanto quanto eu. Admirava tanto o meu pai que tinha uma máscara no

seu roupeiro com o rosto de Aaron Nierling.

O homem que me seguiu depois de eu ter saído do bar – o que teve aquele terrível acidente. Devia ser conhecido do Brady, que o avisou da minha chegada. Disse-lhe para me seguir e descobrir onde eu vivia.

A chávena com as minhas impressões digitais no apartamento da Shelby. Que dificuldade poderia o Brady ter tido em conseguir um copo com as minhas impressões digitais, depois de todas as bebidas que me serviu?

Fartei-me de dar voltas ao cérebro para tentar perceber como podia alguém ter entrado no meu carro e deixado aquela mão em decomposição na minha mala. Mas não é mistério algum. Dei as chaves do carro ao Brady. Que dificuldade teria em esconder aquela mão cortada na minha mala?

E o quarto da «filha»… Trancado na primeira noite em que lá fui. Terá tudo isso sido também uma encenação? Para me fazer pensar que era um homem bom com uma filha, quando na realidade esse quarto é a sua masmorra? Tinha uma história muito conveniente sobre o porquê de não ter uma cadeira para crianças no carro. E consigo ver agora mesmo o veículo, *ainda* sem cadeira nenhuma.

O Brady não tem nenhuma filha.

Oh, meu Deus, ele enganou-me. E eu aqui, a ir direitinha ao seu colo. Mesmo onde ele me quer.

Tenho de sair daqui.

– Nora?

O meu coração dá um salto ante o som da voz do Brady. Uma expressão de medo invade o rosto da senhoria, que se apressa a regressar ao interior da casa, seguida de perto pela sua sobrinha, e a porta fecha-se atrás de ambas. O Brady vem a contornar a lateral da casa, os pés sem meias enfiados nuns ténis, um casaco aberto por cima da sua *T-shirt*.

E eu estou sozinha nesta rua vazia.

– Olá – dou um passo atrás. – Aí estás tu.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Tudo bem? Julguei que tocasses à campainha. Estou nas traseiras, sabes disso.

– Certo – recuo novamente e choco contra o capô do meu carro. – Na verdade, acho que afinal não vou entrar.

O rosto do Brady esmorece à medida que se aproxima.

– Não vais?

– Não. Eu… acho que vou simplesmente para casa.

– Bem, isso é uma grande desilusão – inclina a cabeça para o lado. – De certeza que estás bem? Pareces estranha.

– Estou… estou ótima – gaguejo.

Ele dá um passo na minha direção e o coração salta-me no peito.

– Por que não sobes pelo menos por um minuto? Vou buscar-te um copo de água.

Está agora muito perto de mim. Se eu tentar fugir pela lateral do meu carro para entrar, facilmente me poderá agarrar. Nessa situação, seria de esperar que a senhoria metediça ou um vizinho chamassem a polícia, mas não tenho a certeza. Ainda assim, sei que, se ele me tocar, desato aos gritos. Não vou cair sem dar luta.

– Nora – a sua mão está agora no meu ombro. – Vá lá. Vem lá acima. Só por alguns minutos.

Está a torturar alguém ali dentro. Alguma pobre rapariga.

Conto mentalmente até três. Depois, com todas as minhas forças, empurro-o para longe de mim. Ele recua aos tropeções, os olhos castanhos muito abertos.

– Que raio, Nora?

– Fica longe de mim! – grito. – Ou chamo a polícia!

– A polícia? Estás a *falar* de quê? Foste *tu* que pediste para vir cá!

Carrego no botão da minha chave para destrancar a porta. O Brady está a contornar o meu veículo, tendo recuperado do empurrão. Devia ter-lhe dado uma joelhada nos genitais. Bem, não é demasiado tarde.

– Nora! – grita. – Por amor de Deus, Nora! Que Diabos se passa contigo?

Abro a porta do carro. Ele tenta agarrar-me o braço, mas eu sacudo-o com brusquidão. Bato a porta com força e ativo o fecho centralizado. Só depois de o carro estar trancado é que consigo voltar a respirar.

– Nora! – bate na janela com o punho. – Vá lá!

Quando ligo o motor, percebe que estou a falar a sério. Afasta-se do carro e eu arranco, deixando-o para trás no meio do pó.

43

Foi o Brady. O Brady, que me encontrou ao fim de todos estes anos. Foi o Brady que matou aquelas raparigas e me provocou com isso, tentando atirar com as culpas de tudo para cima de mim. De alguma forma, descobriu por si só a minha identidade e entrou em contacto com o meu pai.

O meu pai sempre quis um protegido. Sempre se sentiu desiludido por não ter sido eu. Parece que finalmente encontrou alguém.

Durante o regresso a casa, tento decidir o que fazer a seguir. Devia ligar ao detetive Barber. Dizer-lhe o que sei. Talvez deixando de fora a parte sobre os restos humanos no meu carro. Só que, sem isso, as minhas provas são manifestamente fracas. Acreditará sequer em mim? O máximo que fará é interrogar o Brady, que naturalmente agirá como um perfeito inocente. É um excelente mentiroso.

Meu Deus, o que hei de fazer?

Vou toda a viagem de regresso a olhar pelo espelho retrovisor, para me certificar de que o Brady não me está a seguir. Claro que não precisa de o fazer. Sabe exatamente onde vivo. Sabia-o antes mesmo de eu lhe mostrar. Lembro-me de como fingiu não saber a minha morada naquele dia em que me levou a casa, depois de me ter cortado os pneus. Conveniente como apareceu precisamente na altura certa.

Uau, planeou tudo tão incrivelmente bem. Quase fico impressionada. Enganou-me por completo.

Até me conseguiu fazer pensar que se importava comigo.

Seja como for, não posso ficar em minha casa. Não sem aquele sistema de segurança instalado – serei um alvo fácil. Vou a casa buscar algumas coisas e depois vou para um hotel durante o fim de semana. E, assim que estiver em segurança, ligarei ao detetive e descobrirei exatamente como o vou convencer do que sei ser verdade. É tempo de contar tudo a Barber. Preciso de limpar o meu nome e de me certificar de que o monstro responsável pela morte daquelas duas raparigas acaba atrás das grades.

Sinto-me relutante em entrar pela garagem escura, por isso estaciono na rua e entro em minha casa pela porta principal.

A primeira coisa que faço ao entrar é correr a trava atrás de mim. Enfio também uma cadeira sob o puxador da porta das traseiras. Não sei se é suficiente para o impedir de

entrar, mas terá de servir. Não estarei aqui muito tempo. E mal oiça algo suspeito, ligo para a polícia. Estará a fazer-me um favor, se tentar forçar a entrada.

O meu estômago ronca ruidosamente. Quando foi a última vez que comi alguma coisa? Estou faminta, e basicamente não há provisões no meu frigorífico. Tudo o que tenho é a patética sopa que a Harper me fez, guardada na minha bolsa. Miraculosamente, o *Tupperware* não verteu, por isso enfio-o no micro-ondas. Deixo-o aquecer durante dois minutos e só depois como. Não é propriamente um jantar nutritivo, mas é melhor do que nada.

Ao fim de algumas colheradas de canja, recebo uma mensagem do Brady no meu telemóvel: **Por que estás tão perturbada? Está tudo bem?**

Olho para a cadeira enfiada sob o puxador da porta das traseiras. Espero que se aguente. Se ao menos aquele técnico de segurança tivesse aparecido… Por esta altura, já eu estaria trancada e a salvo. Mas, obviamente, o Brady deve ter cancelado essa marcação.

O que não compreendo, porém, é como sequer sabia que eu a tinha feito. Como sabia para onde ligar para cancelar? A única pessoa que também sabia da marcação era…

O Philip.

Engulo uma colherada de canja, sentindo uma inquietação na barriga vazia. O Philip era o único que sabia da marcação. E tinha também acesso a outra informação que o Brady não tinha: podia pesquisar a minha lista de pacientes. Com alguns cliques do rato, podia descobrir todas as minhas pacientes da faixa etária certa.

E ocorre-me então outro pensamento:

A minha caneca do trabalho que desapareceu – será a mesma que acabou no apartamento de Shelby Gillis?

Afasto o recipiente da canja, perdido por completo o meu apetite. Philip. Oh, meu Deus. Será possível? Conheço-o há tantos anos. Respeito o homem. Ele nunca, jamais… Ou será que sim?

Após a conclusão do meu internato complementar, ele procurou-me. Ao fim de tantos anos, encontrou-me e fez todos os possíveis para me tentar convencer a juntar-me à sua clínica. Parecia disposto a oferecer-me o que quer que fosse. Senti-me lisonjeada, tendo em conta que nem estava certa de que ele se lembrasse de mim. Disse que tinha ouvido coisas boas a meu respeito. Mas talvez essa não fosse a única razão para me querer na sua clínica.

Cerrando os olhos com força, lembro-me da forma como o Philip estava a olhar para a Harper quando saíram do consultório. Harper, com os seus longos cabelos negros e olhos azuis. Pensei que estaria a salvo com ele. Pensei que ele a protegeria.

Oh, não.

Sinto-me quase como se estivesse a sufocar. A Harper tem de estar bem. O Philip não lhe faria mal. Não posso crer que fosse capaz. Simplesmente não posso. Eu *conheço-o.*

Agarro no telemóvel e ligo para o número da Harper. Vai diretamente para o correio de voz.

Em seguida, tento o número do Philip.

Por favor, atende. Por favor.

Novamente o correio de voz. Nenhum deles atende. Claro que há um milhão de explicações para isso. Podem estar num bar movimentado, onde não conseguem ouvir os seus telemóveis. Podem estar a fazer sexo. Espero realmente que estejam a fazer sexo neste momento.

Foi o Brady quem matou aquelas mulheres. É ele que tem andado a atormentar-me. De certeza. Faz sentido que seja o Brady.

Agarro novamente no telemóvel e pesquiso o nome «Brady Mitchell». O seu perfil no *Facebook* volta a aparecer, mas desta vez tenho um pedido de amizade à minha espera. Carrego em aceitar, o seu perfil abre-se e…

Oh, meu Deus.

Estava enganada. Completamente enganada. O Brady não é nenhum psicopata solitário a perseguir-me, isso é certo. Tem definitivamente uma filha. Há múltiplas fotografias dele com aquela miúda fofa que me mostrou no telemóvel. Fotos a sorrir para a câmara com a menina e os pais num parque qualquer. Uma festa de cinco anos com uma dúzia de miúdos. Seria impossível fingir isto. A senhoria é louca, tal como ele disse.

O Brady é genuíno. Aquele quarto trancado era realmente o quarto da filha, não uma câmara de tortura. O que significa…

Fecho o *Facebook* e ligo novamente para o número da Harper. Não sei ao certo o que lhe vou dizer se a conseguir contactar. *O tipo com quem estás a ter um encontro pode ser um psicopata. Talvez queiras ir para casa mais cedo.* Pensará que perdi o juízo. Mas tenho de tentar. Quero ao menos ouvir a sua voz e saber que está bem.

Mas ninguém atende.

Que se lixe. Vou ao apartamento da Harper ver se está bem. Se não a encontrar lá, monto acampamento em frente à casa do Philip.

Levanto-me e agarro na bolsa. Abro a porta da frente e estou prestes a sair quando oiço um baque vindo da cave.

A gata.

Fechei-a na cave esta manhã, juntamente com uma caixa de areia improvisada e a sua tigela de comida. Não parece disposta a deixar a minha casa, mas ao menos desce à cave. Se quiser viver lá, tudo bem. Podemos coexistir nesta casa.

Em todo o caso, devia provavelmente dar-lhe de comer antes de sair. E talvez deixar-lhe alguma comida para o fim de semana, já que vou estar fora. Não sei qual é o protocolo para deixar um animal quando nos ausentamos por alguns dias. Não quero que a pobrezinha morra de fome. Talvez devesse pesquisar no *Google* o que fazer.

Encho os bolsos com latas de comida para gato do armário. Dar-lhe-ei uma agora e abrirei mais umas quantas. Preocupa-me que suje tudo lá em baixo, mas não há muito que possa fazer a esse respeito. Lidarei com isso na segunda-feira – é o menor dos meus problemas.

Ao rodar o puxador da cave, os meus dedos paralisam. Julgava que tinha trancado a porta depois de pôr a gata lá em baixo. Tinha a *certeza* disso. Mas agora o puxador roda facilmente sob a minha mão.

Talvez não a tenha trancado… não é impossível que me tenha esquecido. Tenho muito em que pensar…

Acabo de rodar o puxador e abro a porta. Além de me esquecer de a trancar, parece que também deixei a luz acesa lá em baixo. A única lâmpada tremeluz no teto, mal proporcionando luz suficiente para ver. Não a suficiente, decerto, para avistar uma gata preta escondida nas sombras.

Começo a descer as escadas, que rangem sob o meu peso.

– Gata?

Devia dar-lhe um nome ou assim. Talvez noutra altura.

– Gata? – chamo novamente.

Só ao chegar ao último degrau é que oiço um som. Esperava um miado, mas isto é algo diferente. Não é um som felino. É humano. Um gemido grave e horrível.

Olho para a esquerda, atrás das escadas. Por entre a escuridão, consigo vislumbrar um corpo amarrado a uma cadeira de madeira. Um corpo coberto de sangue, que escorreu em torno da cadeira, formando uma poça considerável no chão. Tapo a boca com a mão, os joelhos a tremer sob o meu peso, incapaz de compreender o que estou a ver. Mal tenho perceção da arma apontada ao meu peito.

Devia ter chamado a polícia quando tive oportunidade. E agora é demasiado tarde.

44

26 ANOS ANTES

A Marjorie está novamente de costas para a nossa mesa na cafetaria. Seria de esperar que, por esta altura, já tivesse aprendido.

Não dissemos uma palavra uma à outra durante o dia de hoje. Nem sequer olhou para mim ao entrar na sala esta manhã, como se o que aconteceu ontem tivesse sido apagado da sua memória. O que provavelmente é bom.

– Tem um cabelo tão nojento – comenta a Tiffany. – Pergunto-me se o lava sequer.

Segue-se uma discussão sobre se a Marjorie lava ou não o cabelo. Pareceu-me suficientemente limpo quando íamos a caminhar juntas.

A Tiffany tira a palhinha da sua bebida e começa a moldar um pedaço de guardanapo noutra bola de cuspo.

– Aposto que – diz –, se eu lhe atirar uma bola de cuspo para o cabelo, vai ficar lá toda a tarde. Talvez toda a semana!

Vejo-a enfiar o guardanapo na boca para o humedecer.

– Ei – digo.

– Queres fazer as honras, Nora? – pergunta, sorrindo.

Não lhe retribuo o sorriso.

– Acho que devias deixar a Marjorie em paz. Já chega.

– A sério? – a Tiffany revira os olhos. – A Marjorie merece. É tão nojenta.

– Não merece, não – cruzo os braços sobre o peito. – O que estás a fazer é muito cruel. Tens de parar.

– Ah, sim? – os bonitos olhos verdes da Tiffany cruzam-se com os meus do outro lado da mesa. – E se não o fizer?

– Nesse caso – respondo baixinho –, vais arrepender-te.

Durante pelo menos um minuto, a Tiffany e eu limitamo-nos a olhar uma para a outra. É o derradeiro jogo do sério. É ela a primeira a pestanejar.

– Tudo bem – atira a palhinha de novo para o tabuleiro. – Como queiras. Também já começava a tornar-se aborrecido gozar com a Marjorie. É demasiado fácil.

Espero que seja o fim da perseguição. Espero que, de hoje em diante, estas raparigas deixem de gozar com a Marjorie de vez. Mas nunca irei descobrir. Pois,

nesse momento, o altifalante soa:

– Nora Nierling, é favor comparecer no gabinete da diretora!

As outras raparigas soltam risinhos e exclamações. Agarro no meu tabuleiro e levo-o até ao caixote do lixo para despejar o resto do almoço. Sei que não vou regressar.

Ao chegar ao gabinete da diretora, paro por alguns segundos à porta. Assim que lá entrar, toda a minha vida passará a ser diferente. Não há nada que possa fazer quanto a isso, mas quero só esperar um pouco mais. Quero agarrar-me à minha antiga vida só por mais um bocadinho.

Quando entro no gabinete da diretora, a Sra. O'Leary está sentada à sua secretária. Há para aí um zilhão de anos que é a diretora, mas aposto que nunca se deparou com esta situação específica. Além disso, tem um polícia ao seu lado. Têm ambos o mesmo semblante carregado. É o tipo de expressão com que os adultos ficam quando têm notícias muito más para dar.

Nora, os teus pais morreram num horrível acidente de viação.

Nora, a tua casa ardeu por completo.

Nora, há um meteoro a caminho da Terra e resta-nos a todos cerca de uma hora de vida.

– Nora – diz a Sra. O'Leary. – O agente Varallo gostaria de te dar uma palavrinha. Podes sentar-te?

Sento-me na pequena cadeira de madeira em frente à secretária da diretora. É a primeira vez que aqui estou. Nunca estive realmente em nenhum tipo de sarilhos durante a minha passagem pela escola primária.

Olho para o polícia, com um uniforme azul e um distintivo ao peito. Ao contrário da diretora, parece muito jovem. Tipo, mais novo do que os meus pais ou qualquer um dos meus professores. Suponho que lhe impingiram o trabalho de vir falar comigo.

– Nora – diz. – Temo que os teus pais estejam com alguns problemas.

– Que problemas? – pergunto.

– Eles… – coça o pescoço. – Tivemos de os levar aos dois para a prisão, infelizmente. E poderá demorar algum tempo até voltarem a sair.

– A tua avó vem buscar-te – acrescenta rapidamente a Sra. O'Leary.

Olho para as mãos. Tenho as unhas roídas quase até ao sabugo. Nem me lembro de as roer. Costumava ter sempre umas unhas bonitas.

– Nora? – diz a Sra. O'Leary. – Estás bem, minha querida?

– Sim – respondo.

A Sra. O'Leary lança-me um olhar estranho. Provavelmente acha que eu devia estar mais perturbada do que estou. Ou a perguntar por que foram os meus pais atirados para a prisão. Não teria uma criança normal perguntas? Logo, não devo ser uma criança normal. Já está a psicanalisar-me. *A filha daquele monstro também não tem*

coração. Nem sequer chorou ao saber do que aconteceu! Ficou simplesmente ali sentada, como se nem se importasse.

Não é culpa minha que eu não seja como todos os outros. Mas isso não quer dizer que sou como *ele*.

– De certeza que estás bem, Nora? – insiste.

Pigarreio, tentando ganhar coragem para fazer a pergunta em que passei a manhã inteira a pensar. Tenho de perguntar. Não consigo parar de imaginar aquele assustado olho azul a fitar-me. Preciso de saber.

– A Mandy Johansson ainda está viva? – atiro bruscamente.

O agente Varallo parece surpreendido com a minha pergunta. É provavelmente a última coisa que esperava que eu fosse perguntar. Coça novamente o pescoço e baixa os olhos.

– Não – responde.

Está morta. Cheguei demasiado tarde.

E então desato a chorar.

45

PRESENTE

Nora…

A voz parece muito distante. A única coisa em que me consigo concentrar é no corpo do Philip, amarrado à cadeira com corda. Está curvado para a frente, inconsciente. Ou morto. Mas não, eu ouvi aquele gemido. Deve estar vivo.

Além disso, a sua mão esquerda foi cortada.

– Nora…

De algum modo, consigo afastar os olhos do que tenho à minha frente. Desvio o olhar e ali está ela. Não está morta algures. Não está amarrada ou a sangrar. Está ótima. Melhor do que isso. Tem uma arma na mão direita e está apontada a mim.

– Harper – digo. Sinto-me como se estivesse a sufocar. – O que está a fazer?

Ela ri. Os seus olhos são de um azul intenso, mas neste momento parecem muito escuros.

– O que achas que estou a fazer? É bastante óbvio, não é?

– Mas… – sinto a cabeça à roda. Uma sensação de vertigem invade-me e, por um momento, sinto que as minhas pernas poderão ceder sob o meu peso. Preciso de todas as minhas forças para me manter de pé. – Pensei que gostava do Philip…

– *Gostava?* – lança-me um olhar mordaz. – Por favor. O Philip é um cretino arrogante. O único homem que me importa, o único com quem alguma vez me importei, é o Sonny. E tu trataste dele, não foi?

– Tratei de… – abano a cabeça, o que faz com que as tonturas piorem ainda mais. – Está a falar de quê? Eu mal conheço o Sonny.

A Harper sacode a arma na minha direção.

– O Sonny está nos Cuidados Intensivos por tua causa! Por que achas que eu estava a chorar naquele dia? Ele *jamais* teria acabado comigo. Estava a tentar *ajudar-me*. Pedi-lhe que te mantivesse ocupada para eu conseguir entrar em tua casa.

É então que me lembro de uma pequena informação que a Harper referiu sobre o namorado – tinha o mesmo nome do pai. Por isso, para evitar confusões, todos o tratavam por Sonny.

O nome do homem nos Cuidados Intensivos: William Bennett *Jr*.

Pestanejo, ajustando o olhar à escuridão.

– Mas… não compreendo. Porquê?

– Porquê? – repete com escárnio. – Ainda não sabes porquê?

Abro a boca, mas não sai nenhum som.

– Na verdade – diz –, não esperava que viesses cá abaixo. Esperava acabar com este… – atinge-o na perna com a sua bota de salto alto e o Philip solta um gemido grave mesmo no seu estado alterado de consciência. – E depois deixar uma pequena dica à polícia a informá-los do que estava na tua cave. Não foi isso que fizeste ao teu querido pai?

Sinto um nó na garganta a dificultar-me a respiração.

– Como sabe disso?

A polícia prometeu-me que ninguém saberia – que diriam ter sido uma denúncia anónima. Não queria que o meu pai soubesse que tinha sido eu a dizer à polícia da sua pequena oficina na cave. Queria tentar salvar Mandy Johansson. Mas foi demasiado tarde. Quando lá chegaram, já ela estava morta.

Falhei.

– Ele disse-me – silva a Harper. – Achas que não sabia o que fizeste? Confiava em ti e tu *traíste-o*. Ele sabia. E nunca esquecerá.

Procuro algo a que me agarrar para não cair, mas a minha mão toca apenas em ar.

– Quem sabia? Quem lhe disse?

Ela pisca-me os olhos.

– O nosso pai.

– O nosso… – abano a cabeça, mas foi um erro. Subitamente, sinto-me tão zonza que caio de joelhos. – Oh, meu Deus.

A Harper inclina-se para mim, sorrindo. Baixa ligeiramente a arma, provavelmente por não achar que eu seja uma ameaça.

– Vejo que comeste a canja que eu te preparei. Não tinha a certeza se o farias. Isso tornará tudo *muito* mais fácil para mim.

A canja. Deve ter-lhe deitado alguma coisa. Não é de admirar que eu me sinta subitamente tão desorientada. De algum modo, esse conhecimento faz-me sentir melhor – que há uma razão para as minhas tonturas.

Invoco todas as minhas forças para me pôr novamente de pé.

– Está a falar de quê, Harper? – pergunto. – Por que se refere a esse homem como «nosso pai»?

Ela parece divertida.

– Porque é o que ele é. É o nosso pai. Teu e meu.

– Eu… eu não tenho nenhuma irmã – o meu pai não poderia ter engravidado ninguém na prisão, pois não?

– Oh, mas tens – a Harper sorri. – Suponho que nunca ninguém te disse que a

nossa mãe estava grávida de cinco meses quando denunciaste o nosso pai à polícia. Foi por isso que se matou, sabes? Depois de descobrir a verdade, não queria ter mais nenhum filho dele. Mas, infelizmente para ela, eu sobrevivi. E ela não.

Inspiro fundo. A minha mãe sempre teve excesso de peso. Pareceria maior nessa altura? Não me lembro. É possível. Lembro-me nitidamente de a ver vomitar depois de me ter apanhado a ver a reportagem sobre Mandy Johansson – seriam enjoos matinais?

Mas, se estava grávida, por que não me disse? Tinha onze anos. Idade suficiente para saber uma coisa dessas.

Seria por ter medo de mim?

– A nossa avó recusou-se a acolher-me como fez contigo – diz a Harper, com um sorriso escarninho. – Queria fingir que eu não existia. Por isso, fui dada para adoção. Uma adoção selada, em que supostamente nunca deveria saber quem eram os meus verdadeiros pais. Mas eu descobri – pisca-me o olho. – Sou muito engenhosa.

Não voltes a cair. Mantém-te de pé, Nora. É a tua única hipótese.

– E foi assim que conheci o nosso pai – continua. – Fui vê-lo à prisão e ele contou-me tudo. Criámos uma verdadeira ligação. Foi como encontrar a peça que faltava no quebra-cabeças. E devo dizer que sou *muito* melhor filha do que tu. Jamais faria o que tu fizeste. És uma traidora. Disse-me que te escrevia todas as semanas e tu nunca o foste sequer visitar.

– Porque ele é perverso! – cuspo. – Matou umas trinta mulheres! Amarrou-as e fez-lhes coisas terríveis!

– Sim – o sorriso perturbador permanece nos seus lábios. – É certo que o fez. Ensinou-me tanto. Sabias, por exemplo, que uma faca Kukri consegue cortar osso? – aponta para o braço esquerdo do Philip, pendendo sem vida da lateral da cadeira. – Ele não vai ficar nada satisfeito com isso quando acordar.

Tapo a boca, engolindo uma nova vaga de tonturas.

– Não tens de ir avante com isto.

– Mas quero – os seus olhos azuis estão fixos nos meus. – Tudo prenunciava este momento. Encontrei-te e arranjei emprego a trabalhar para ti, para te poder ver todos os dias. A grande e importante cirurgiã. A salvar vidas, apesar de eu saber o que realmente querias fazer àquelas pessoas. Ao menos o nosso pai e eu somos fiéis a nós mesmos.

– És doentia – consigo dizer.

Ela sorri com malícia.

– Engraçado, porque é isso que vão dizer sobre ti quando descobrirem tudo isto – acena com a mão livre na direção da cave. – A masmorra que criaste, igualzinha à do teu pai, onde a polícia descobrirá que mantiveste tanto a Amber como a Shelby

prisioneiras antes das suas mortes. E tornaste tudo tão *fácil*. As chaves de reserva da tua casa e do teu carro estavam na gaveta da tua secretária no consultório. Embora tenha sido uma sorte o Philip ter falado em como tinhas contratado uma empresa de segurança para vir cá esta noite. Isso teria realmente arruinado os meus planos.

A Harper é perversa. Tão perversa quanto o nosso pai. Não posso crer que, ainda há quinze minutos, temia que a sua vida estivesse em perigo. Estava aterrorizada. Porque tem olhos azuis e cabelo negro, pelo que acreditei que seria um alvo.

Mas agora tudo faz sentido. A razão por que a Harper tem olhos azuis e cabelo negro é porque o meu pai adora olhos azuis e cabelo negro – e a Harper herdou-os da nossa *mãe*. Nunca me passou sequer pela cabeça, mas ela é muito parecida com a nossa mãe quando era mais nova. Até nas covinhas.

Sempre culpei a minha mãe por se ter suicidado e me abandonar. Mas agora entendo o porquê de ela ter sentido que tinha de o fazer.

– Sabes o que é triste? – observa a Harper. – Passaste a tua vida inteira a impedir-te de seguir os teus instintos naturais. Vejo-o nos teus olhos. E agora vais na mesma para a prisão por eles. Irónico, não é?

Respiro lentamente, de forma controlada, afastando a sensação de vertigem.

– Quem te disse que eu nunca segui os meus instintos naturais?

Ela resfolega.

– Por favor. És demasiado boazinha.

– Certo. É o que todos pensam, não é? – aponto para o outro lado da cave. – Nunca deste uma olhadela por aqui, pois não?

– Estás a falar de quê? – pergunta, fitando-me de olhos semicerrados.

– Nunca viste o que guardo naquela arca ali – aponto para a caixa de madeira encostada ao canto atrás dela. – Se tivesses visto, não dirias essas coisas sobre mim.

Fito os seus olhos azuis. Outro jogo do sério – a minha especialidade. A Harper é a primeira a desviar os olhos dos meus e a voltá-los para a arca.

– O que tens ali dentro?

– Por que não dás uma olhadela?

Ela cerra os dentes.

– Por que não me dizes simplesmente?

– Restos – respondo.

Um sorriso curioso aflora-lhe aos lábios.

– Restos?

Encolho modestamente os ombros.

– Acho que fiz um bom trabalho a preservá-los. Inspirei-me no que o meu pai fazia. O *nosso* pai – arqueio as sobrancelhas. – Pena que nunca me tenhas dito quem eras. Podíamo-nos ter divertido juntas.

A Harper está agora a olhar para a arca. A curiosidade começa a levar-lhe a melhor. Dá um passo atrás, ainda de arma em riste.

– Claro – acrescento – que não consegui um resultado perfeito. Os ossos foram tornando-se um pouco quebradiços com o passar dos anos. Talvez tenhas algumas dicas para mim.

– O que usas? – pergunta.

– Ácido para tirar a pele. Lixívia para conservar os ossos.

Ela assente em aprovação. Dá outro passo atrás e apoia a mão esquerda na lateral da arca. Começa a incliná-la para a abrir. Sei que tenho apenas alguns segundos até que perceba que a caixa não contém mais nada além de uns cinquenta rolos de papel higiénico extra suave. É a minha oportunidade.

Atiro-me a ela.

Cai para trás, e oiço um estalido satisfatório quando a sua cabeça embate na parte de trás da arca. Posso estar drogada, mas a Harper não é tão fisicamente imponente quanto o meu pai era. Tenho uma hipótese de a derrubar. Tenho ao menos de tentar.

Mas, apesar de não ser tão grande quanto o nosso pai, ela é *forte*. Inesperadamente forte. Apesar de eu começar em vantagem, ela luta como uma harpia. Talvez a pudesse vencer, mesmo assim, mas o que quer que esteja a circular na minha corrente sanguínea dificulta-me a luta. Vagas de tontura invadem-me, e começo a sentir-me como se os meus membros se estivessem a mover através de melaço. Ao fim de um minuto de luta, ela prende-me ao chão, com o joelho a pressionar-me o peito. Não parece humanamente possível eu conseguir voltar a levantar-me.

– Boa tentativa – diz, escarnecendo. – Tens mais garra do que eu pensava. Ainda bem que, daqui a poucos minutos, ficarás inconsciente.

Não faço ideia do que pôs na canja, mas começa a atingir-me com força. Apesar da descarga de adrenalina, tenho dificuldade em agarrar-me à consciência. Acabou. Ela conseguiu levar a melhor. Não consegui salvar Mandy Johansson do meu pai e não consigo salvar-me da Harper.

É o fim.

Mas então oiço um silvo. Passado um segundo, a Harper grita e a pressão sobre o meu corpo afrouxa. Por um momento, não faço ideia do que se passa. E então vejo um rasgo de pelo preto. É a *gata*. A gata atacou a Harper.

É a minha única oportunidade. Ergo-me do chão e salto-lhe para cima. Desta vez, a arma foge-lhe da mão direita. Desliza pelo chão da cave enquanto eu apoio todo o meu peso sobre a Harper. Enfio o joelho sob o seu pescoço e fecho as mãos em torno dos seus pulsos. Ela gorgoleja, tentando sorver ar.

Vejo como o seu rosto começa lentamente a ficar púrpura. E não alivio nem um pouco a pressão.

– Que Diabos se passa aqui?

Ao contrário da Harper, não afasto o meu corpo nem um milímetro ante o som da distração. Enquanto cirurgiã, a minha concentração é excelente. Mas, com tanta coisa a acontecer, não me tinha apercebido da entrada de mais alguém na cave. Pestanejo no espaço escuro e, ao fim de um segundo, a imagem do Brady torna-se visível.

Demora alguns segundos a compreender o que se passa. Ao ver o Philip na cadeira com a mão esquerda em falta, o rosto do Brady fica verde. Talvez gostasse de filmes de terror com assassinos, mas é diferente na vida real. Eu sei disso, mas talvez ele não soubesse.

– Oh, Cristo – arqueja. Respira fundo um par de vezes, obviamente a tentar não vomitar o almoço.

– Brady… – percebo agora o que isto deve parecer. Parece exatamente o que a Harper queria. Está um homem amarrado a uma cadeira na minha cave, com uma mão em falta, e sou eu quem está a estrangular uma rapariga no chão.

Vendo a arma no chão, ele agarra-a. Tenho a sensação de que nunca usou uma arma na vida, a julgar pela forma como se atrapalha com ela, mas acredito que seria capaz de a disparar, se quisesse.

E agora tem-na apontada a mim.

– Levanta-te – ordena.

Faço o que ele diz. Mas o que quer que a Harper me tenha dado está a afetar-me seriamente. Sinto que as minhas pernas não conseguem realmente suportar-me. Preciso de três tentativas para me pôr de pé.

– Graças a Deus que veio! – diz a Harper, tossindo e soluçando agarrada à garganta. – Ela é louca! Ia matar-nos aos dois!

Parece tão credível. E ele já tem as suas dúvidas a meu respeito. Vai pensar que eu tinha a Harper e o Philip prisioneiros aqui em baixo. É isso que vai dizer à polícia quando chegarem.

– Brady – a minha voz treme. Acho que as palavras me podem estar a sair arrastadas. Já nem consigo perceber. – Foi ela que fez isto. Amarrou-o aqui em baixo e… e *drogou-me* – a voz falha-me. – Tens de acreditar em mim. Tu conheces-me. Eu nunca…

Vejo a hesitação no seu rosto. Há tantas outras coisas que quero dizer, mas não sei se há alguma hipótese de acreditar em mim. E sinto o cérebro em papa. Quero continuar a lutar, mas não sei bem se consigo.

Mas então o Brady vira a arma e aponta-a à Harper.

– Volte para o chão.

– Eu? – grita. – Mas foi a Nora que…

– Eu disse para se *deitar* – sacode a arma na sua direção e o rosto da Harper

empalidece. – Já chamei a polícia e devem chegar a qualquer momento.

A Harper deita-se no chão e eu faço o mesmo, pois as minhas pernas já não me sustentam. Deixo-me cair de quatro, a visão a oscilar entre a nitidez e a turvação.

– Brady – murmuro.

E, antes de conseguir dizer mais uma palavra, perco os sentidos.

46

Ao acordar, estou sozinha num ofuscantemente branco quarto de hospital. Sinto a cabeça a latejar e a boca como se tivesse andado a lamber lixa. Exige-me algum esforço conseguir abrir os olhos. Vejo que tenho uma cânula no braço esquerdo, a lançar o conteúdo de uma bolsa de soro fisiológico para a minha veia.

Vejo também que não estou algemada. Não tenho a perna presa à cama. Algo que interpreto como um sinal positivo.

Perscruto a minha cama à procura de algum tipo de botão de chamada. Quero saber o que se passa. O que aconteceu depois de eu ter desmaiado na cave? Onde está a Harper?

Olho para o relógio a tiquetaquear na parede. Diz que são duas horas. Atendendo à escuridão lá fora, presumo que isso signifique que são duas da manhã.

Com o polegar, pressiono firmemente o botão de chamada e espero que uma enfermeira apareça. Tento sentar-me na cama, mas o latejar na minha cabeça intensifica-se. Meu Deus, sinto-me pessimamente.

Passados poucos minutos, entra no meu quarto uma mulher com um pijama cirúrgico às flores. Tem um crachá de identificação pendurado ao pescoço, com o nome Paula escrito em grandes letras negras. Esboça um sorriso breve.

– Já acordou, então, doutora Davis?

Agradeço a cortesia profissional, mas neste momento não quero ser Dra. Davis.

– Nora – corrijo.

– Nora – repete.

– Estou… – engulo em seco, apesar de me doer. – Estou detida?

– Não, acho que não. Deveria estar?

– Eu… – abano a cabeça, o que faz com que o latejar se intensifique. – Estou a ter dificuldades em lembrar-me do que aconteceu. Como cheguei aqui?

– Bem – diz Paula –, tanto quanto sei, foi drogada de forma bastante significativa e trazida de ambulância para as Urgências, onde lhe deram medicamentos para reverter os efeitos do sedativo que encontraram na sua corrente sanguínea. Mas talvez o seu amigo tenha mais informações do que eu.

– Amigo?

Ela arqueia uma sobrancelha.

– Ou será seu namorado? Não o deixámos entrar, mas se o quiser ver, vou buscá-lo. Disse que se chamava Brady. De certeza que ficará aliviado ao saber que está bem.

Lambo os lábios, que me parecem secos e gretados.

– Está à espera lá fora?

– Está cá desde que chegou. Há cerca de três horas.

Anuo, desencadeando outra estocada de dor.

– Deixe-o entrar.

Apesar da dor de cabeça e de preferir estar sozinha, sinto-me desesperada por ver o Brady. Só depois de Paula partir é que começo a preocupar-me com a minha aparência. Se estiver minimamente parecida com a forma como me sinto, não sei se me entusiasma muito a ideia de ele me ver. Mas, por outro lado, se está à espera há mais de três horas, seria cruel não o deixar entrar.

Ao fim de alguns minutos, a porta do meu quarto entreabre-se. Digo-lhe que entre e, passado um segundo, o Brady desliza pela porta. Tem o aspeto que seria de esperar ao fim de três horas sentado numa sala de espera. O cabelo castanho está desgrenhado e tem olheiras debaixo dos olhos. Mas consegue esboçar um sorriso.

– Estás bem – diz-me.

– Graças a ti – saliento.

Ele resfolega.

– Parecias estar a sair-te bastante bem.

Relembro o momento em que consegui imobilizar a Harper e fazê-la soltar aquela arma. Parecia estar em vantagem. Mas tinha muita medicação no meu sistema. Não sei durante quanto tempo teria conseguido aguentar. Se o Brady não tivesse aparecido…

– Como soubeste que tinhas de ir lá abaixo? – pergunto.

Ele esfrega os olhos ligeiramente raiados de sangue.

– Parecias tão assustada. Fiquei preocupado. Por isso, passei por tua casa e a porta da frente estava destrancada.

Certo. Estava prestes a sair quando ouvi o barulho na cave.

– Tive um pressentimento de que algo se passava – murmura. – Mas, Cristo, jamais teria imaginado…

– Pois – assinto, num sussurro. – Eu… lamento ter-me passado em tua casa. A sobrinha da senhora Chelmsford disse-me que não tinhas nenhuma filha, e eu pensei…

Ele baixa a cabeça.

– Oh… bem, não te vou mentir… neste momento, as coisas estão um pouco apertadas para mim a nível financeiro, e se eu lhe dissesse que a Ruby ia ficar comigo, isso implicaria pagar mais de renda. Por isso, não fui inteiramente sincero

com ela.

Claro, faz todo o sentido. Quem me dera ter-lhe dado uma oportunidade de se explicar. Mas estava demasiado assustada.

Subitamente, ocorre-me um pensamento.

– Philip. Ele está bem? O tipo amarrado à cadeira…

O Brady fica calado durante tempo suficiente para me fazer temer que a resposta seja não.

– Está vivo – acaba finalmente por dizer. – Mas consta que não está em bom estado. Felizmente para ti, recuperou o suficiente para dizer à polícia que não foste tu a fazer-lhe aquilo.

Cerro o punho sobre o cobertor. Pobre Philip. Tem de sobreviver. Foi por minha culpa que isto lhe aconteceu.

Mas ao menos tem uma hipótese. Se eu não tivesse descido à cave, a Harper tê-lo-ia matado de certeza.

– Então e a Harper? – pergunto.

– A rapariga está presa – responde. – Assim que o teu sócio a denunciou, confessou tudo. A morte daquelas duas mulheres. Ouvi uma parte. Parecia orgulhar-se disso.

Aposto que sim. Mas, se as circunstâncias fossem outras, teria todo o prazer em deixar-me arcar com as consequências de tudo o que fez.

O Brady fita-me com uma expressão imperscrutável no rosto. Sinto uma súbita vaga de afeto.

– Obrigada – digo de repente.

– Por quê? – pergunta, franzindo o sobrolho.

– Por… – lembro-me de quando o Brady apareceu na cave e agarrou a arma. Estava certa de que ia pensar que era eu a assassina. Mas, em vez disso, apontou a arma à Harper. – Por acreditares em mim quando te disse que não tinha sido eu.

Ele senta-se na beira da minha cama.

– Passei muito tempo a pensar nisso durante os últimos dias, e eu *conheço-te.* És boa pessoa, Nora. Não me interessa quem é o teu pai. Sabia que serias incapaz de fazer algo assim.

Agarro-lhe a mão. Passei os últimos vinte e seis anos aterrorizada com o que as pessoas iriam pensar se descobrissem o meu segredo. Mas ele sabe e continua a respeitar-me. Continua a gostar de mim.

– Obrigada.

– Além do mais… – aperta a minha mão. – A Harper tinha um facalhão preso à barriga da perna. Tinha-o numa bainha, como se fosse um pirata ou um samurai.

– Oh – como me escapou isso? Bem, a cave estava escura. – Mesmo assim. Agradeço.

Fica ali sentado à beira da cama, a segurar-me a mão. Da primeira vez que vi o

Brady, quando andávamos na universidade, achei que era um tipo simpático. Alguém de quem podia realmente gostar. Mas tinha medo de o conhecer melhor. Medo de ter um relacionamento, devido ao que pensava que poderia originar.

Talvez, ao fim de vinte e seis anos, seja tempo de deixar de ter medo.

Epílogo

UM ANO DEPOIS

(NORA)

Então isto é que é uma feira agrícola – digo. – Hum.

Está uma bela manhã de sábado na região da Baía de São Francisco, e o Brady arrastou-me para a feira agrícola local. Nunca tinha estado numa feira agrícola. Tanto quanto consigo ver, consiste em filas de vendedores a comercializar produtos cerca de cinco vezes mais caros do que aqueles que eu compro no supermercado.

– Isto é muito melhor do que o que há no supermercado – diz. – Garanto-te.

– Hum – respondo novamente. – E estas pessoas a vender vegetais são mesmo *agricultores* ou…?

Ele espeta-me um dedo no braço.

– Não podes desfrutar apenas de um pouco de ar fresco, para variar?

O Brady é tão estranho. Gosta de coisas tipo ar fresco. Sobretudo agora que arranjou outro emprego em Silicon Valley e passa outra vez o dia inteiro plantado em frente ao computador. Todos os fins de semana quer sair para fazer coisas. *Ao ar livre*. Muito mais disto e as injeções de vitamina D que tomo passarão a ser inúteis.

Mas há uma razão muito específica para eu ter querido vir à feira agrícola de hoje. Ontem, olhei para a lista de vendedores e houve um nome que se destacou como familiar.

– Oh, olha! – digo. – Aquela mulher ali está a vender pequenos fantoches! A Ruby ia adorar.

– Hum – responde o Brady.

Ao fim de sensivelmente três meses de namoro, ele apresentou-me à filha. Que é fofa de morrer. Sobretudo porque lhe faltavam os dois dentes da frente, o que a fazia assobiar sempre que falava. (Entretanto, cresceram. Mas continua a ser muito fofa.)

Até a deixei escolher o nome da minha gata. Começava a ficar farta de lhe chamar apenas Gata. Sobretudo porque dorme na minha cama todas as noites, às vezes em cima da minha cara. Outras em cima da do Brady. Suponho que, depois de me salvar

a vida, pode fazer o que quiser. Mas, graças à Ruby, levou com o nome de *Meowsie*. Tive pena da gata, mas não podia dizer não à Ruby. Seja como for, a gata tem uma vida bastante boa.

E parece que, afinal, não odeio crianças.

– Tens de parar de comprar tantos presentes à Ruby – diz o Brady. – A sério. Vais estragá-la com mimos.

– Tudo bem – resmungo. – Vamos comprar uns nabos para o almoço ou assim.

O Brady entrelaça os dedos nos meus e aperta-me a mão. Dou--lhe também um aperto e sorrio. Está um belo dia ao ar livre. Em dias como este, consigo esquecer tudo o que aconteceu há um ano. Parece que tudo ficou finalmente para trás.

A Harper, tal como o nosso pai, declarou-se culpada dos homicídios daquelas duas raparigas. Homicídio qualificado. Irá cumprir duas penas perpétuas, enquanto o seu namorado, William «Sonny» Bennett Jr., recuperou dos seus ferimentos e cumprirá vinte anos de prisão pela sua participação nos crimes. Não fui à leitura da sentença da Harper. E não respondi a nenhuma das cartas que ela me enviou no último ano. Rasgo-as todas as semanas.

É triste, porque sempre quis ter uma irmã. Costumava fantasiar com isso em pequena. E, mal descobri que tinha uma, perdi-a. Teria ficado melhor como filha única.

A minha mãe sabia o que estava a fazer quando se suicidou. Já não a culpo por isso.

O Philip passou algum tempo em mau estado depois do que aconteceu. Os cirurgiões tentaram recolocar-lhe a mão esquerda, mas falharam. Deixou de poder operar e teve de se retirar da cirurgia. Passou algum tempo a sentir-se miserável, mas tentei estar lá para ele o mais possível. Certa noite, até lhe fui deixar um monte de álcool a casa. Mas agora está bem. Começou a dar aulas na faculdade de medicina local – anatomia. Não é a vida que imaginava para si, mas está relativamente feliz. Até começou recentemente a sair com alguém, e disse-me que está a ficar sério. Talvez agora que teve uma experiência potencialmente fatal, seja capaz de assentar realmente. Apesar de me ter dito que ainda tem pesadelos.

Também eu ainda os tenho. Acordo durante a noite aos gritos, e o Brady envolve-me nos seus braços e fala-me baixinho até eu me acalmar.

– Olha! – digo. – Xarope de ácer. Devíamos comprar algum. Posso fazer panquecas para a Ruby.

Ele olha para mim, surpreendido.

– *Tu* vais fazer panquecas?

– O que tem? Por que não posso eu fazer panquecas?

– Poder, *podes*. Só que nunca te vi sequer ligar o fogão. Não estou inteiramente certo de que saibas fazê-lo.

Espeto-lhe o dedo no ombro. Ainda que possa estar certo. Mas acho que consigo descobrir como ligar o fogão. Não é uma cirurgia ao cérebro.

– Bem, vou começar a cozinhar. Todos os fins de semana, vou fazer panquecas para nós.

Ele ri.

– Muito bem. Vou escrever isso nos nossos votos de casamento.

Não posso deixar de sorrir. O Brady pediu-me em casamento há um mês, e ainda estou a habituar-me à ideia. O meu *noivo*. Pensei que nunca me casaria, mas pareceu-me simplesmente certo. Perguntei-lhe se estava pronto para isso apenas dois anos após o seu divórcio, e ele respondeu-me que estava certamente pronto.

Começámos também a procurar casa. Não podia voltar para a minha antiga casa depois do que lá aconteceu, por isso pu-la à venda e tenho estado a viver num apartamento arrendado desde então. Há alguns dias, fizemos uma proposta por uma bonita casa nova com um grande jardim nas traseiras e um belo e espaçoso quarto para a Ruby, mas há um aspeto específico que me agrada particularmente nela:

Não tem cave.

O Brady afasta-se para provar uns queijos enquanto eu me dirijo à banca do xarope de ácer. A mesa inclui xarope de ácer de todas as variedades e tamanhos. Caseiro, ao que parece. A banca é gerida por uma mulher de aspeto simpático, com o cabelo castanho apanhado num coque atrás da cabeça e um avental aos quadrados.

– Olá – diz a mulher. – Posso oferecer-lhe uma amostra de xarope de ácer *Baker's*?

– Claro – respondo.

Enquanto verte um pouco de xarope de ácer para um copo de amostra, a mulher vai trauteando para consigo. Semicerro os olhos, tentando reconhecer a rapariga de onze anos que encontrei agachada naquele trilho pedestre a caminho de sua casa, agarrada ao tornozelo torcido.

– Marjorie? – digo baixinho.

Mas ela está demasiado concentrada na sua tarefa e não me ouve. Não importa. Eu sei quem é.

– Ora, prove lá – diz-me, passando-me um pequeno copo de líquido âmbar.

Inclino o copo para trás e engulo o conteúdo. É delicioso. A medida ideal de doçura.

– É realmente bom – observo. – É você que o faz?

Ela anui.

– O meu marido e eu temos uma quinta. Perfuramos os nossos áceres e recolhemos pessoalmente esta seiva em baldes. Fazemos o processo todo sozinhos – solta um risinho. – Até os meus filhos ajudam a encher os frascos.

– Parece simpático – murmuro. – Vou… vou levar dois frascos.

– Claro ou escuro?

Engulo em seco.

– Hum, que tal um de cada?

Tiro as notas da carteira enquanto a Marjorie guarda os dois frascos de xarope de ácer num saco de papel pardo. Estende-me o saco, mas, mesmo antes de eu o agarrar, os seus olhos semicerram-se.

– Nós… – franze o sobrolho. – Conhecemo-nos?

Debato-me sob o seu olhar. Não quero que saiba quem sou. Não quero que me reconheça como Nora Nierling. Pela parte que me toca, essa pessoa morreu. Só queria saber se a Marjorie era feliz.

Não pude salvar Mandy Johansson, mas ao menos salvei a Marjorie.

– Tenho simplesmente um desses rostos – digo-lhe.

A Marjorie anui. Não parece desconfiar de mim. Nem deveria. Não tem o tipo de vida em que se materializam cadáveres na sua cave. Tem uma boa vida. O tipo de vida que eu quero ter. O tipo que vou tentar ter doravante.

Por isso, agarro no meu saco de papel com os dois frascos de xarope de ácer *Baker's* e vou juntar-me ao meu noivo.

(HARPER)

A minha irmã, Nora.

Que desgraça.

Quando descobri que tinha uma irmã, fiquei *feliz*. Durante toda a minha infância, sempre soube que era diferente de todos os outros e nunca entendi o porquê. Os meus pais adotivos não me compreendiam – tinham pavor de mim. E então fiz dezoito anos, descobri quem realmente era e tudo começou finalmente a fazer sentido.

Observei-a durante algum tempo. Admirava-a, reconheço. A minha irmã – uma *cirurgiã*. Queria aproximar-me dela, mas sentia-me demasiado intimidada.

Então, conheci o nosso pai. E ele disse-me a verdade. Que tinha sido a Nora a entregá-lo há todos aqueles anos. A ir à polícia contar tudo sobre a sua oficina. Se não fosse por ela, ele seria um homem livre. E eu ainda estaria com a minha família. *A Nora traiu-nos. Ela não é como nós.*

Mas o nosso pai está enganado sobre ela. Não faz a mínima ideia.

Vi-a fazer coisas. Lembro-me de quando aquele homem, Arnold Kellogg, apareceu com a mulher depois da sua cirurgia à hérnia. A mulher tinha um olho negro, e era tão óbvio que tinha sido ele a provocá-lo. No dia seguinte, a mulher regressou e eu ouvi-a falar com a Nora no seu gabinete. Ouvi-a chorar, dizendo que jamais o poderia deixar, que ele a encontraria e a mataria. Estava desesperada.

Então, a Nora saiu do gabinete. Vi-a tirar uma ampola do gluconato de cálcio que

tínhamos no depósito de material, e também uma seringa. Segui-a de volta ao gabinete e colei o ouvido à porta.

Injete-lhe isto enquanto estiver a dormir. Todos pensarão que foi um ataque cardíaco. Não voltará a acordar.

E então, uma semana depois, a Sra. Kellogg regressou para nos dizer que o marido tinha morrido de ataque cardíaco.

Sei o que a Nora fez. Matou aquele homem. Ou, pelo menos, é responsável pela sua morte. E não a incomodou minimamente. Nem um bocadinho.

Por isso, é como veem. É mais parecida connosco do que alguém imagina.

Nunca contei à polícia o que sabia sobre Arnold Kellogg. Guardei o seu segredo. Afinal de contas, é minha irmã.

E nunca se sabe quando uma informação dessas pode ser útil.

FIM

Agradecimentos

Há alguns meses, recebi uma queixa do meu pai sobre os pais das protagonistas dos meus livros.

– Porque é que, nos teus livros, os pais têm sempre um papel tão pequeno? – resmungou.

– Bem, vais ficar feliz por saber que, no meu próximo livro, o pai da protagonista desempenha um GRANDE papel.

Hum, pode não ter corrido exatamente como ele esperava. Mas, para que conste, Aaron Nierling não foi inspirado no meu pai. O meu pai nunca me comprou um rato de estimação nem é flebotomista. Podem estar certos de que essas partes são inteiramente fictícias.

Muito bem, passemos agora à parte de agradecer às pessoas…

Obrigada à minha mãe, por continuar a ler este livro, mesmo apesar de a ter assustado. Obrigada à Jen, pela crítica meticulosa, como sempre. Obrigada à Kate, pelas ótimas sugestões e pela deteção de gralhas. Obrigada à Rebecca, pelos conselhos fantásticos. Obrigada ao Ken, pelos conselhos perspicazes. Obrigada ao meu grupo de escrita, pelas excelentes ideias sobre os primeiros capítulos. Obrigada à Rhona, por estar sempre por perto quando preciso de uma opinião. Obrigada à Nelle, pelos seus olhos de águia!

E, como sempre, obrigada ao resto da minha família. Sem o vosso incentivo, nada disto seria possível.

Gostou de ler *A Porta Trancada*?

Se sim, por favor, envie-me um *e-mail* para fizzziatrist@gmail.com. Adoraria ter notícias suas. Ou pondere deixar uma crítica na Amazon!

Visite a minha página pessoal em: www.freidamcfadden.com/